



LISBOA, 12 DE JUNHO DE 1879

O nosso titulo não tem pretenções a epigrama: representa antes de tudo um symbolo. *Antonio Maria*, meus senhores e minhas senhoras, intenta ser a synthese do bom senso nacional tocado por um raio alegre d'esse bom sol peninsular que n'este momento nos illumina a todos.

Fará todas as diligencias para ter razão, empregando ao mesmo tempo esforços titanicos para, de quando em quando, ter graça.

Possuido d'estas duas ambições, claro está que *Antonio Maria* não tem outro remedio, na maioria dos casos, senão ser opposição declarada e franca aos governos, e opposição aberta e systematica ás *opposições*, o que não o impossibilita de ser amavel uns dias por outros, e cheio de cortezia em todos os numeros.

Como *Antonio Maria* não é um romantico, por varias razões, entre outras por não se chamar Arthur, claro está que não encherá as suas columnas de versos para piano, nem cultivará o necrologio com extrema predilecção; entretanto deve confessar que não vem possuido do extremo desejo de derribar as instituições vigentes ainda este mez, não só por que isso faria algum transtorno ás referidas instituições, mas tambem por que lhe faz conta que ellas assignem primeiro.

Muito menos o domina o espirito monopolizador que tanto caracteriza o commercio das letras. *Antonio Maria* abre os braços a todos os confrades que saibam ler e escrever, ou que tenham a sciencia de assignar de cruz, pedindo-lhes a honra de o fazerem depositario dos segredos do seu espirito.

Impõe-lhes só a condição de se darem ao trabalho de estarem como se deve estar diante de senhoras e, sobretudo—isto é que *Antonio*, o justo, e *Maria*, a immaculada, lhes recommendam—que tenham alguma graça! É uma coisa que de mais a mais não custa nada!...

Faremos todos juntos, em prosa e verso, á penna e a carvão, a *silhouette* da sociedade portugueza no ultimo quartel do seculo dezenove.





N'este logar dançará sempre ao rufo do tambor, bem alto para que todos o vejam, o acontecimento capital do dia, quer esse acontecimento seja a queda d'um ministério das alturas do poder, quer a escorregadela d'um gato das eminências d'uma agua furtada.

Tratar-se-ha aqui, com a maior imparcialidade, do ultimo discurso proferido no seio do parlamento, da ultima navalhada vibrada nas entranhas d'Alfama, ou da ultima trova desferida sob os laranjaes em flor, uma vez que essa voz, essa navalhada, e esse cantico representem uma nota qualquer do monotono concerto politico, social e religioso em que uma orchestra de cinco milhões de habitantes, sentada á beira-mar, executa ha uns poucos de seculos a mesma musica patriótica, alternando uma vez por outra os *Lusiadas* com o *hymno da Carta*.

Pedir-se-ha com bons modos aos referidos acontecimentos, que, desde que S. Ex.^{as} tenham de se apresentar aqui á hilaridade publica, se patenteiem com toda a verdade do seu caracter e da sua physionomia, sendo conveniente que dispam as suas sobrecasacas e as suas quizenas, envergando os trajas dos *clowns*, pondo franqueza nos gestos e farinha na cara, de manaira que a transfiguração dê o perfil exacto de sua personalidade real.

Á corda bamba, meus senhores, á corda bamba!



GOVERNO n'este momento de crise, resolveu fazer um leilão de toda a mobilia dos ministerios e comprar outra para seu uso.

A venda consta de:

Um lote de governadores civis com as molas pouco seguras.

Varios directores geraes de mogno para sala de jantar.

Alguns deputados e alcatifas.

Generaes de brigada retocados.

Um commissario de policia com algumas deteriorações.

Um par do reino de coiro com o fundo um pouco usado.

E o competente serviço de cosinha, composto de caçarolas, amanuenses, panellas, chefes de repartição, frigideiras, moços fidalgos, barris do lixo, economias, etc.

Entre outros objectos comprados, notam-se alguns muito luxuosos, taes como:

Um presidente de conselho transparente.

Um ministro das obras publicas de carvalho.

Um bispo de brocatel de seda cõr de *perola*.

Um piano pharmacopo-politico-musical, com a corda partida.

Um orador de *biscuit* para banquinha de cabeceira.

Algumas parellhas de administradores de raça apurada.

E varias outras coisas, entre ellas a *machina eleitoral* e a *machina d'emigração espontanea*.



CAMARA municipal de Lisboa encarregou o seu presidente de declarar á commissão instituida para levantar um monumento ao Marquez de Sá, que a praça de D. Luiz I, escolhida pela mesma commis-

são para o indicado fim, não possui, no entender da camara, as condições estheticas necessarias.

O presidente, recebendo o recado, foi para casa repetindo sempre, pela rua do Ouro acima, para se não esquecer:—condições *esthaticas*, condições *esthaticas*, condições *esthaticas*.

Ao deitar-se, no seu quarto de dormir, repetiu ainda comsigo:—Ora Deus queira que eu não me esqueça até amanhã: condições... *esthaticas*... condições *esthaticas*...

De noite ergueu-se sobresaltado, pensando que se teria esquecido; mas, felizmente, pondo o dedo na fronte e



passeando d'um lado para o outro, repetiu ainda sem se lhe embulhar a lingua:—Condições... *esthaticas*, condições *esthaticas*, condições *esthaticas*...

E deitou-se.

Telegrapharam ao *Diario Popular* que no dia da queda do governo regenerador, morrera em Barcellos um homem que ha tempo declarara não poder sobreviver ao governo transacto.

Quando o sr. Fontes o soube, derramou uma lagrima d'enternecimento no seio d'Antonio Rodrigues, que lhe disse para o consolar:

—Não desanimemos, homem; pôde ser que a maioria tome o exemplo. O Jayme Pinto e o Pavão iam agora para os lados da muralha de S. Pedro d'Alcantara...

—Vão talvez ver o repucho, Rodrigues!...

E levou aos olhos uma aba da sobrecasaca do mestre.

JOÃO RIALTO.



(BILHETE DE COMPRIMENTOS A' IMPRENSA)

Nós cá estamos, bons amigos,
Toquem sempre n'estes ossos...
Off'recemos à *Nação*
Bem rezados Padre-Nossos.

Ante o visconde *Illustrado*
Nós sentimo-nos ufanos;
Trazemos nas algibeiras
Um kilo de festas d'annos.

Ao da *Manhã* nós brindamos
Com champagne ou vinho tinto,
Visto não podermos dar-lhe
Os pretos do Serpa Pinto.

Beijando o joven *Noticias*,
Fazemos profunda venia.
A sua falta de côr
É candidez—não é tenia.

Saudamos a *Rev'lução*
Que unir poude em fins de maio,
A lanceta do Belem
E o varapau do Sampaio.

As infantis *Novidades*
Beijaremos prazenteiros;
Mas... pequenina, cautella!
É bom mudar de coeiros!...

Ao da *Noite* aconselhamos
Que retempere a existencia
D'estes dias adversos,
Na charada e na *paciencia*.

Ao bom *Jornal do Commercio*
Fique o azeite, o vinho, o *milho*.
A sua especialidade
É a fava... e o Carrilho.

Ao *Popular*, que subiu,
Dois abraços que recordem
Que os figles da Marselheza
Tocam hoje—*Carta e ordem*.

Ao *Commercio de Lisboa*
Um *shake-hands* fraternal,
Que lhe console o seu pranto
De primeiro official.

Ao *Progresso* os parabens
E um aperto de mão franco.
Via o ceu hontem vermelho,
Vê-o hoje azul e branco.

Depomos no *Portugal*,
Grande regenerador,
Uma c'roa de perpetuas
No seu passado incolor...

Democracia, mil venias...
Tu que ao nome nada deves!
Conhecemos uma preta...
Clara Branca das Neves.

Ao *Diario do Commercio*
Fazemos pedido vasto;
Menos despeza em papel,
Dando ás idéas mais gasto.

Salvé, *Crença Liberal*,
Donzella magra e lymphatica...
Constancia e fé tens bastante,
O que te falta é grammatica!

RIGOLETO.

Variações



ARIANNA de Benguella, a mais recente preta adquirida pela Sociedade de geographia, declarou no *Commercio de Lisboa*, seu órgão na imprensa, que se acha extremamente envergonhada no meio d'esta civilização, com a singela *toilette* que lhe fizeram as modistas do Bihé.

Ha idéa de, ainda n'esta sessão legislativa, inscrever no orçamento do estado a verba necessaria para lhe comprar no Chiado uma tanga da ultima moda, não ob-

O ANTONIO MARIA

A PROCISSÃO POLITICA

12 de Junho de 1879



Sobre o immenso casacão marcham procissionalmente todos os corpos do estado. O casacão vae transpondo já os humbraes da posteridade e os restos das abas ainda sahem da Sé. Para maior clareza, confrontar os homens e os acontecimentos com as diversas vinhetas.

tante alguns geographos, sequiosos de pompa scientifica, desejarem que ella se apresente nas ruas da cidade com os seus trajes de viagem.

Estes trajes, conforme referiu o *Commercio de Lisboa*, consistem n'uma esteira muito bem atada e posta... á cabeça.

Vai haver uma lóteria extraordinaria, sendo o primeiro premio o logar de contador geral da Junta do Credito Publico.

Ha cautellas de seis e de vinte e cinco, no ministerio da Fazenda e no cambista Fonseca.

Não se sabe ainda quando anda a roda.



O ministerio da marinha convidou Ruy Barbo, redactor do *Pimpão* de papel, a ir ao dique do arsenal dar a sua opinião sobre o modo de debelar o marisco que de continuo se accumula no fundo do *Pimpão* de folha de Flandres.

Dizem que Ruy Barbo aconselhou ao governo que deitasse no fundo d'aquelle vazo de guerra alguma pimenta e summo de limão, mandando-o depois fundear no *Restaurant Club*, porque elle se promptificaria a defender a barra mais eficazmente com algumas bombas em verso.



Os pretinhos do Bihé
Que ha dias chegaram d'Africa,
Passaram todos o pé
As bandeiras da geographica.

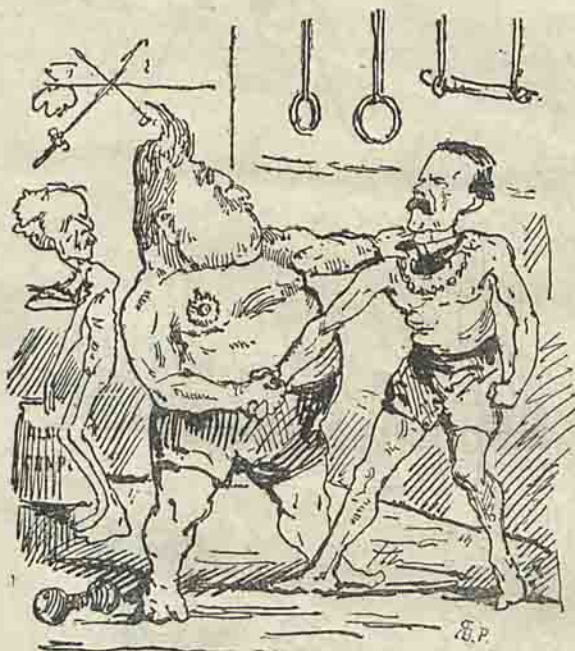
A causa—é bom que o digamos:—
Quizeram, com certo fim,
Cantar um *Te Deum Laudamus*
Na rua do Alecrim.

Oppoz-se a isso Pequito,
Não prestando as suas salas,
Que estão que nem um palmito,
Ao batuque das sanzalas.

De fôrma que elles, os pretos,
Chocados por tal acinte,
Foram todos filiar-se
No Centro constituinte.

ENSAIOS GYMNASTICO-POLITICOS

«O partido regenerador vae retemperar-se na lucha para os futuros commettimentos da governação do estado. (Vidè os jornaes orgãos do partido.)»



Elles a retemperarem-se e os adversarios á espera.



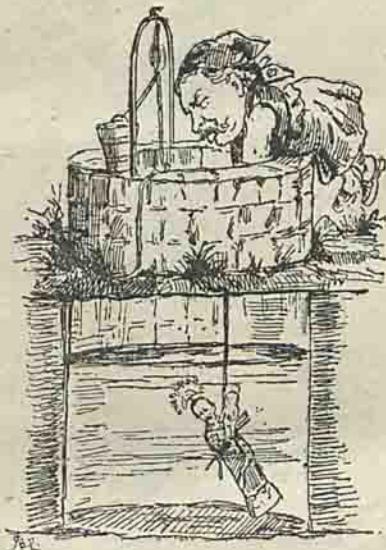
Depois de retemperados. Estado d'uns e estado d'outros.

SANTO ANTONIO DE LISBOA

I

Luiza, a bella pastora,
Temendo o negro demonio,
Uniu-se a Nossa Senhora,
Pegou-se com Santo Antonio.

Entregou sua alma, em summa,
N'aquellas mãos piedosas,
D'onde cahem, a uma e uma,
Na vida as primeiras rosas.



Era dada aos devaneios,
Tinha sonhos e visões,
Comprimido a medo os seios,
Em mil gratas illusões.

E um dia, ó ceus! que fez ella?
Cheia de santo alvoroço,
Pegou no santo á cautella,
Mettendo-o dentro d'um poço!

II

Passam perto d'outo annos,
Passam dias sobre dias,
E a nuvem dos desenganos
Vae tornando as noites frias.

Da bella pastora a face
Perde a rubra cõr d'out'ora.
Quem assim a encontrasse,
Diria:— Por que é que chora?



Em milagres não crê nada,
Não crê já nos anjos loiros;
Vê sempre mais desenhada
A arca dos seus thesoiros!

Até que o sonho desfeito,
Das illusões morta a sede,
Pega no santo com geito...
E parte-o n'uma parede!



Os theatros! Oh minhas ricas senhoras da provincia, que magico enleio não tem esta palavra, theatros!

E todavia, eu hoje o que lhes posso dizer n'este capitulo? Simplesmente posso dizer-lhes que os theatros de Lisboa estão n'este momento cheios de phenomenos, minhas senhoras!

—No GYMNASIO, depois da *rainha dos ares*, surgiu uma collareja franceza, disfarçada em espiritista, annunciando-se agora a apparição de um novo Paganini preto, de quem se esperam prodigios, o que não admira, porque a época realmente corre propicia para os pretos.

Já ninguem admite que um homem possa ser dotado de carapinha, sem ter qualquer cousa de extraordinario, ou ser Paganini, ou vir do Bihé.

—Nos RECREIOS apresentou-se tambem um phenomeno, que faz com os pés o que a maioria dos mortaes costuma fazer ás vezes com as mãos, tocando rebeca com os *membros locomotores*.

—Espera-se que, d'um momento para o outro, no theatro do PRINCIPE REAL, se annuncie alguma celebridade maneta, tentando eclipsar a gloria do seu rival dos *Recreios*, porque realmente é impossivel que muitos curiosos nacionaes se não convençam da desvantagem dos braços nos diversos usos da vida.

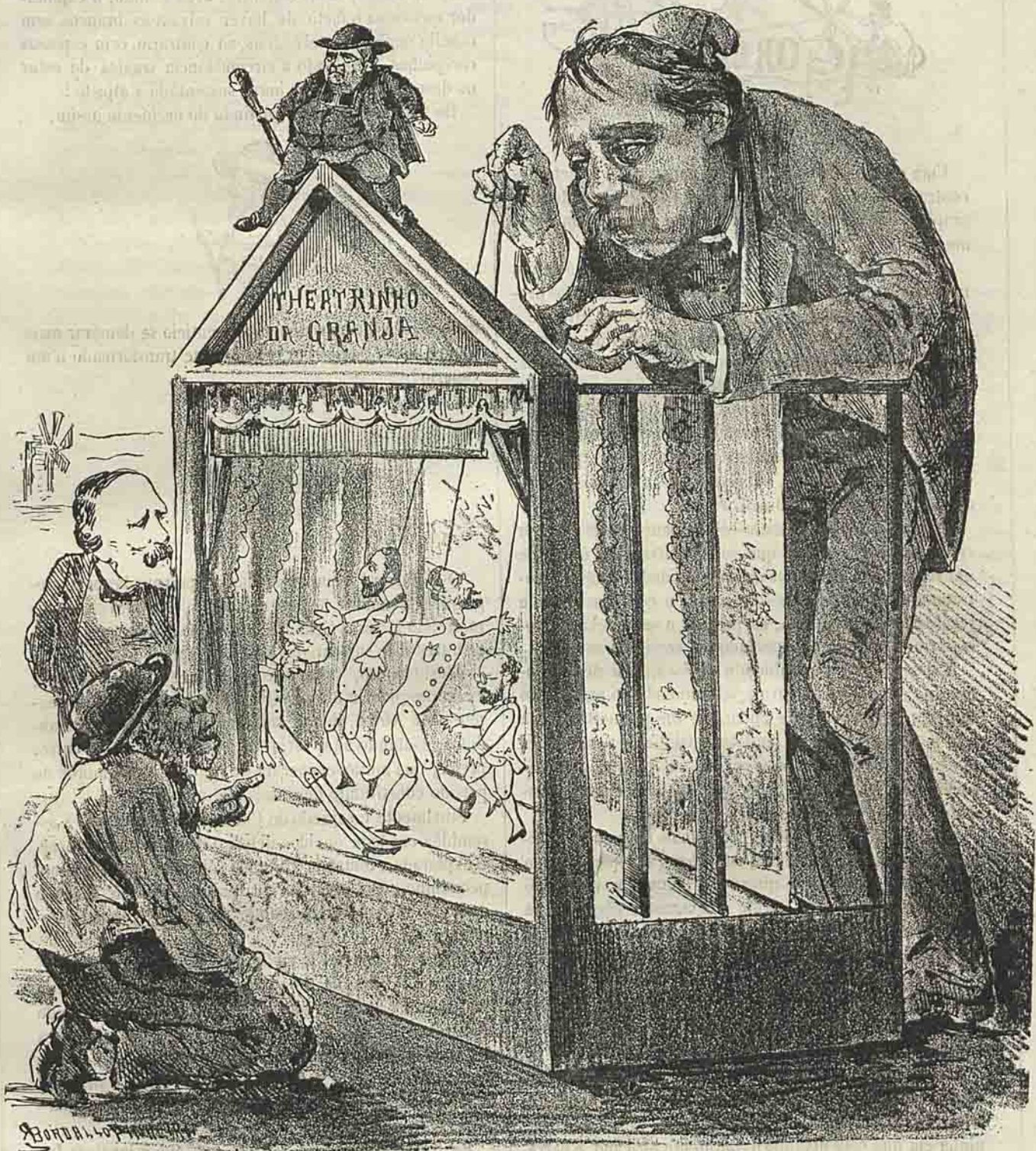
—Na TRINDADE continua a cantar egualmente uma companhia de phenomenos, que na sua especialidade vale tanto como o dos *Recreios*, pois ao passo que este toca rebeca sem braços, aquelles cantam operetas sem voz, o que ainda é mais digno d'admiração.

SCENAS PARLAMENTARES



Sermão de paixão financeira no dia 2 de junho de 1879.

SCENAS POLITICAS



Entra povo, corre ufano
Ao teatro a que dás culto.
Levantou agora o panno
O grande poder occulto.

Por tres vintens (isto á parte)
Contempla, sem que lhe toques,
Como isto se faz, por arte
De berliques e berloques.

Elle, por traz da cortina,
Olhando assim pela sonsa,
Cuidadoso se reclina
Em cima da geringonça.

E depois, devagarinho,
Pedindo que te aquietes,
Ao puxar os cordelinhos,
Faz dançar os marionnettes.



CAVACO NO SALÃO DA TRINDADE

Uma excellente casa. Á porta nem um só bilhete. Os contractadores offereciam diplomás da sociedade de geographia em troca de senhas, e não conseguiram obter uma só!

O aspecto da sala é deslumbrante. Ao fundo vê-se um mappa africano pintado por curiosos: á esquerda os pretos do Bihé e o ministerio; á direita o preto Catraio e a corôa. A assembléa conserva o respeito devido ás casas que veste; as senhoras preparam os seus binoculos.

Ninguem espirra, por consideração para com o poder moderador.

Pouco depois da hora marcada, eil-o que surge, sendo recebido com provas d'entusiasmo eguaes ás que o publico dispensou ha dias, no Gymnasio, a Antonio Pedro, quando elle voltou do Brasil.

Os pretos do Bihé acham-se um pouco enleitados por ser esta a vez primeira que se encontram em frente de um rei que não usa tanga nas solemnidades publicas: entretanto o explorador dá-lhes coragem com um olhar, e recobrando todos animo, os pretos, o monarcha, o secretario Pequito e os espectadores, começa a sessão.

A assembléa está realmente anciosa. Ella deseja sobretudo ouvir aquella revelação tremenda do segredo do Cubango, que o viajante audacioso lhe promettera para este momento solemne, tendo-o patriótica e terminantemente negado a todos os *reporters* e a todas as corporações scientificas estrangeiras, que ha dois mezes lho andam exigindo a troco de saccos de oirol!

É armado d'um ponteiro, pouco mais ou menos do tamanho do salão, que o viajante começa a percorrer o mappa. De quando em quando o monarcha, receiando ser victima de algum carolo irreverente, afasta a sua real frente, sendo sempre o Catraio quem, com toda a dedicação, apanha o carolo destinado a sua magestade.

—O segredo do Cubango deve estar perto,— dizem alguns espectadores aos geographos visinhos, que se dispõem a passar pelo somno, reclinados nos hombros de suas esposas.

Entretanto o explorador prosegue. Elle conta como no interior d'Africa descobriu tribus que usam panela e tribus que a não usam. Explica as diversas castas de carapinha em que está dividido o continente africano, e narra como em hora e meia descobriu setenta e duas cataractas, ou, tanto seja, quasi uma cataracta por minuto!

O Mascaró, que assiste á conferencia, explica a um visinho que não é inverosimil esta affirmção do viajante.

—E o segredo terrivel do Cubango?

Já lá vamos, meus senhores. Proseguindo, o explorador menciona o facto de haver selvagens brancos sem cabello nenhum, e selvagens, ao contrario, com espessas carapinhas, revelando a circumstancia tragica de estar no deserto cento e tres horas sustentado a alpiste!

De maneira que elle, partindo do occidente assim,



dado o caso d'este regimen alimenticio se demorar mais alguns dias, podia chegar ao oriente transformado n'um canario!



Que horror! Algumas senhoras apaixonadas pela geographia levam os lenços aos olhos, commovidas, promettendo a Nossa Senhora, em acção de graças, passar tres dias sustentadas a milho painço!

N'este ponto, Pinto arroga uma censura ao Catraio, em consequencia d'este selvagem fiel, enquanto elle explorava a Africa, lhe ir *explorando* as barricadas de mandioca, contando aqui varios rasgos de dedicação d'outros pretos, que muito encheram de orgulho os membros do partido constituinte que assistiam á conferencia.

Finalmente o segredo de Cubango ia revelar-se. A assembléa era toda ouvidos debaixo das gravatas brancas. O explorador, tomando attitudes solemnes, puchou d'um pequenino papel dobrado em quatro e abriu-o. Todo o auditorio estremeceu, assoando-se primeiro convenientemente.

O segredo terrivel ia enfim revelar-se! O explorador, ao atravessar um dia uma floresta virgem, deparou com um preto trajando de alferes de cavallaria 4. Admirado do encontro, muito natural no Passeio publico, mas para extranhar no seio do continente africano, passou a *explorar* as algibeiras da farda do selvagem, encontrando-lhe uma carta d'amores que principiava assim: *Ver-te e amar-te foi obra d'um momento.*

Eis o famoso segredo do Cubango, que a invejosa Inglaterra nos queria arrancar!

Sim, eis o segredo do Cubango!

A carta era datada de Lisboa. Como foi ella parar ao sertão? Fica ao cuidado da sociedade geographica averi-

guar este ponto. O que é certo é que sua magestade n'este momento ruborisou-se um pouco, pois que elle assistindo todas as quintas feiras á leitura de muitas cartas de lei, nunca em verdade tinha assistido á leitura d'uma carta de namoro!

Este episodio bastou para conquistar uma justa ovação ao orador, e foi n'este momento solemne que sua magestade fidelissima e commovida lançou ao pescoço do viajante a medalha de Pernambuco, que elle recebeu de joelhos, como se recebe a Jarreteira, beijando Pernambuco nas costas da regia mão.

N'este momento, Catraio, o *explorador* da mandioca, chorava de enternecimento; elle que tanto arrojo tinha mostrado durante a viagem, atravessando os sertões sempre de mala, como sua magestade o imperador do Brasil!...



Findo o discurso, o orador tornou a ajoelhar, quasi de cócoras, defronte de sua magestade, e a beijar-lhe em pessoa as mãos que ha mais de um mez lhe havia beijado por telegramma, enquanto as senhoras que haviam assistido á sessão, um pouco desconfiadas, passavam a certificar-se se a preta que fizera parte da expedição era authentica, ou se por ventura seria uma preta de chocolate.

O segredo do Cubango fizerá nascer a duvida nos seus espiritos!

JOÃO RIALTO.



Segundo nos participou o telegrapho, o governo francez exonerou o seu representante em Lisboa das funcções diplomaticas que exercia.

O telegrapho não explica as razões que motivaram este acto de rigor, mas ha quem supponha que o ministro dos estrangeiros da republica teria conhecimento, pelo *Diario da Manhã*, do soneto *acrostico* feito pelo sr. Lahoulaye por occasião da ultima recita de amadores no Paço da Ajuda.

Sendo assim, foi um acto de justiça. Um representante da França é realmente incompativel com o *acrostico*, genero que aliás pôde vantajosamente ser cultivado pelo sr. Mendes Leal, representante da sr.^a Canuto e do *Almanach das Senhoras* no estrangeiro, mas que em todo o caso é inadmissivel n'um representante do espirito francez.

Acrostico, e de mais a mais detestavel! é na verdade ir muito longe!...



ADAME Rattazzi chegou a Lisboa ante-hontem ao romper da aurora, alojando-se com a sua comitiva no hotel *Gibraltar*.

Parece que s. ex.^a ao escolher este hotel, de nome symbolico, teve uma intenção reservada. Quiz dar a entender aos que dão demasiado credito ás chronicas parisienses, que tambem, uma vez por outra, não lhe desagradada ser *inconquistavel*.

Metteu-se pois em *Gibraltar*.

O segundo secretario da sociedade de geographia enviou a Luciano Cordeiro, em viagem pelo oceano atlantico, o seguinte telegramma expedido pelo cabo submarino depois da conferencia no salão da Trindade.

—Conferencia triumpho. Segredo Cubango nada. Ordenadas nada. Commendador Serpapinto *nhilista*.

PAQUITO.

POLITICA.— O bando ministerial distribuindo

o programma da funcção



Antonio Maria

Amanhã, tantos de tal,
Quer faça calma quer não,
No circo ministerial
Haverá grande funcção.

Nosso programma, eil-o aqui!
—Queremos, povo, que digas
Que não poupamos por ti
Nem excessos, nem fadigas.—

Inscrições postas ao par,
Aos pares—póstas também,
As portas de par em par.
Dando o que as pastas contêm.

E, mais dia
Nós prometemos, senhores,
Dissolver a maioria
No sangue dos regedores,

Jurando por nossa fé
—E não juramos em vão—
Dar-te conegos da Sé,
Um dia sim outro não.

Has de ver, com alegria,
A troco d'alguns tostões,
Trabalhar de noite e dia
A machina das eleições.

E quando o dente primeiro
Nos doer, no fim do anno,
Em vez d'irmos ao Guerreiro,
Iremos ao Marianno.



M jornal de Paris fez saber á França e ao mundo que o novo ministerio portuguez se achava assim composto:

Joseph Barramcam
Lucian Mastro
Saraiva de Cascalhó

Marques de Saragoça
Adriane Rachado
Burros-Comes.

Risostomo d'Abrão e Cosa

D'esta simples noticia podemos concluir que a idéa que a Europa culta faz das pessoas dos nossos ministros deve ser extremamente pittoresca, não podendo nós deixar de a completar pelo desenho; em consequencia do que apresentamos o retrato do poder executivo portuguez tal qual a noção que o mundo civilisado deve ter d'elle n'este momento. Eil-o:



Joseph Barramcam



Burros Comos



Lucian Mastro



Saraiva de Cascalhó



Risostomo d'Abrão e Cosa



Marques de Saragoça



Adriane Rachado

A ANTONIO ENNES

NOVO E ESFORÇADO CAVALLEIRO DE S. THIAGO

Eis-te armado cavalleiro
De ponto em branco e de pé!
Eis o baptismo primeiro
Que leva, nobre guerreiro,
Á ordem de Salué!

Pódes sorrir prazenteiro
Á gloria que além te chama!
És parceiro do Pequito,
És um confrade contracto
Do Belem e do Bolama.

És a melhor das conquistas
Do poder moderador,
Com quem jogavas as cristas
No tempo dos Lazaristas,
Altivo batalhador!

Se hoje intentas, demudado,
Ganhar mais bello thesoiro,
Faze um drama moderado,
Em seis actos — bem pesado,
Que mereça caiza d'oiro.

E orgulhoso então, feliz,
Vendo o mundo tal qual é,
Rejubila o teu nariz,
E ao Luiz de Campos diz:
— Collega, toma rapé?

Gu. Vaz.



A quem tenha censurado ao governo que o reverendo Prior da Lapa accumule as suas funcções parochiaes com o cargo de secretario do ministro Adriano, deixando de ministrar ostias aos enfermos para ministrar obreias ás portarias.

A censura é mal cabida. O facto do sr. Fontes ter já morrido duas vezes de repente, sem extrema unção, obrigou o ministerio a prevenir-se para a hora extrema, que ninguem sabe quando virá, tendo sempre um prior á mão.

Dialogo em que Luciano Cordeiro procura convencer Serpa Pinto a que lhe dê a loiça trazida dos sertões d'Africa, e de como o viajor satisfaz aos desejos de Luciano.

—Se eu fosse Deus, o Perfeito, Dava-te o mundo... esta bóia; Dava-te os meus *dós de peito*, Sendo o Gaspar da viola;

Se eu fosse rei ou rainha, Dava-te a corôa e meus povos; Se eu foisse pata ou gallinha, Por ti só punha os meus ovos;

Se eu fosse o bom Carlos Bento, Dava a minha gentileza; Cosinheiro d'espavento, Sendo Rattazzi, a princeza;

Se eu fosse nobre Valladas, Eu dava-te a cabelleira; Todas as minhas balladas, Sendo o Flôrencio Ferreira;

Sendo Arrobas ou Tarujo, Dava o meu pé delicado; E sendo o Rosa Araujo... Os meus pasteis de folhado.

Sim, meu Deus, n'este momento, Para abrandar tons rigores, Meltia *requerimento*, Sendo o Peixoto das Flores!

Tudo por ti, bom amigo! Mas, em tão triste viver, N'este momento só digo: —A loiça... depois morrer.—

Serpa Pinto, o viajero, Meltendo as mãos no bahu, Disse chorando:—Cordeiro, Meu Cordeiro, ah! tens tu!

Deu-lhe a loiça que trazia, Do melhor barro que existe, Da Vista-Alegre de dia, De noite... da *vista-triste!*

E foi com ar bem magano E ao mesmo tempo com medo, Que nas mãos de Luciano Poz esta prenda em segredo!

RICOLITO.



Antonio Maria, remette a Fernando Caldeira um ramo de camélias e um lenço. O ramo de camélias é pelo exito dos *Missionarios*—até ao meio; o lenço é para alguma lagrima que os maldizentes lhe tenham feito derramar do meio em diante.

Parece que não lhe póde dispensar maior testemunho de sympathia!

E aproveita a occasião para lhe propôr um alvitre. Se d'ora avante os dramas lhe continuarem a sahir bons só até ao meio, em lugar de fazer as peças em cinco actos, póde fazel-as em dez. Divide-as depois em duas partes com uma tesoiira, fazendo representar só a primeira metadé, e atirando com a outra para as profundidades do Theodorico. O triumpho é certo!

Não ha nada mais simples. Experimenta, amigo Fernando.

—M.^{me} Amann, não achando sufficiente para captar as sympathias geraes da cidade, os seus bonitos concertos, acompanhados dos formosos cabellos loiros de M.^{lle} Elisa, addicionou-lhe agora cerveja de *Bilson* de Vienna d'Austria.

As symphonias custam um tostão, os *bocks* cincoenta réis. O paraizo completo por sete e meio!

É uma pena, entretanto, que a cerveja não seja, como a musica, servida aos freguezes por outras mãos!



Em vista d'isto Antonio Maria, propõe que a madamo Amann, director do botiquim, se sirva, conjunctamente com os *bocks*, importar de Vienna algumas mãos proprias para os servirem.

As que lá tem agora podem depois aproveitar-se para carregar os barris.

DESCOBERTAS GEOGRAPHICAS. — Serpa Pinto depennando avestruzes no desempenho da sua missão scientifica



Cara do explorador ao depennar o pato. — As pennas para sua magestade a rainha, os ossos para a sociedade de geographia.



Cara actual do explorador, depois do pato depennado no salão da Trindade



O explorador, armado d'um ponteiro que atravessa o salão d'um lado ao outro, desenha uma cataracta que parece um saca-rolhas

ESBOÇOS DIPLOMATICOS



Como le gusta el *pandero*
á este conde-embajador,
hará en España furor
con la *gente de salero*.

Fué acertada la eleccion :
y entre el *jaleo* y la *gracia*
vereis como en *diplomacia*
deslumbra nuestra nacion.



A QUESTÃO DO ROUBO LITTERARIO

No *Reporter*, folha periodica do Rio de Janeiro, lemos n'este momento o seguinte:

HAMLET

«As pessoas que desejarem animar as letras, venham hoje ao nosso escriptorio buscar um exemplar do HAMLET, traducção de Sua Magestade o Senhor D. Luiz de Portugal.»

Este aviso animaria, por exemplo, um jornal chamado o *Pick-Pocket*, a publicar um convite redigido pouco mais ou menos nos seguintes termos:

LENÇOS DE ASSOAR

«As pessoas que desejarem animar as artes, venham ao nosso escriptorio buscar um lenço de linho da melhor qualidade, comprado na rua do Ouvidor por um cavalheiro desconhecido, e subtrahido da algibeira d'este pelo abaixo assignado.»

Com relação á propriedade litteraria, os editores brasileiros inverteram, para seu uso especial, o aphorismo de Prudhon, bradando: *o roubo é a propriedade*, ao apanharem qualquer livro, que reproduzido possa dar dinheiro.

Este procedimento dos editores brasileiros, tratando-se d'um fardo de mandioca, valia-lhes, innegavelmente, a glorificação da grilheta: tratando-se d'um producto do espirito humano, vale-lhes, quando muito, algumas maldições, cousa com que elles pouco se importam, desejando muito ao contrario que as repetidas maldições sejam escriptas em estylo ameno, de fôrma a captivarem o espirito do leitor, que é para elles as mandarem logo reimprimir em edição barata.

Antonio Maria não pôde deixar de juntar a sua voz ao côro geral que, n'este momento, pede aos editores, *nosos queridos irmãos d'além mar*, que tenham a bondade de não nos metter as mãos nos bolsos, como acabam de



fazer a Sua Magestade El-rei. É certo, sim, que elles levam a sua amabilidade até ao ponto de não esfaquearem os escriptores depois de os despojarem dos livros que lhes encontram; mas tambem é verdade que o monarcha portuguez n'estes tempos calamitosos que vão correndo, preferia dar uma gota do seu sangue, a vêr-se apregoado co-

mo rei dos ilheus, na rua da Quitanda, a 1:000 réis fracos por volume, com abatimento para revender!



Oh! de certo não foi para esta gloria ephemera,—sim, consinta a molecagem que lh'o digamos,— não foi para esta ephemera gloria que Sua Magestade passou noites e noites no seu throno, meditando nos primores do grande poeta inglez, para o transportar fielmente para a nossa lingua, offerecendo-o depois aos seus collegas nos thronos e nas letras.



Oh! se elle adivinhasse semelhante emboscada, de fôrma alguma encetaria tão ardua tarefa, desde que seu tio, o Sr. D. Pedro d'Alcantara, se não obrigasse, expressamente, por um tratado, a escrever uma opera-comica propria para ser representada no theatro Lisbonense, inaugurado na feira das Amoreiras, ou que o proprio Shakes-



peare não lhe promettesse, como justa compensação de

tal dissabor, traduzir em inglez vernaculo a Carta Constitucional da Monarchia!

Seja como fôr, os editores brasileiros já que não podem incorrer na penalidade da lei, incorrerão na penalidade da excommunhão que d'aqui d'este canto do mundo lhe enviamos como agradecimento aos seus repetidos favores.

Entretanto continuem os moleques a tripudiar sobre as letras lusas espoliadas! Só nos consola uma coisa: os *nosso*s queridos irmãos hão de folhear e tornar a folhear o *Hamlet*, desesperados, acabando por lhe bater um murro em cima, bradando cheios de indignação:

Qui mássô! «Primo Bazílio» era mais agradave. Já viu?

JOÃO RIALTO.

À MESA DE MADAME RATTAZZI

A postos, que na cosinha
Da princeza litterata,
Fervem canjas de gallinha,
Folga o *purée* de batata.

As costelletas felizes
Sobre as grelhas, palpitantes,
Dançam juntas co as perdizes
Uma dança de bacchantes.

Os espargos perfilados,
Quaes fidalgos dos mais finos,
Lançam olhos enfadados
As alfaces e aos pepinos.

Petisqueira que se préze,
Dança um cancan á franceza,
Emquanto que a *mayonaise*
Canta alegre a «Marselheza».

O *roast-beef* mui contente,
Por ter na festa um lugar,
Um *hornpipe* estridente
Começa a sapatear.

Na cabeceira da mesa
Vê-se, com graça, voltado
Para os labios da princeza...
Um famoso linguado.

Segue-se a carne cosida
Com arroz semsaborão,
Ensaçando divertida
O hymno da Restauração.

Umás iscas, entretanto,
N'um prato um pouco rachado,
Tocam guitarra a um canto,
E batem todas o fado.

As empadas com refolhos
Namoram certos guisados,
Apparecem alguns môlhos
Sobre bellos estufados.

Pulam dentro dos crystaes
Scintillantes os bons vinhos,
E dá suspiros e ais
A multidão dos *pãesinhos*.

O champagne já nos côpos
Faz discursos e massadas!
Que fadiga!... *fervet opus*...
Té as sodas são chamadas.

Bellos cachos de bananas,
Do mais fino e bom sabor,
Fazem brindes — que maganas!
Em honra de *imperador*.

E perdida, embriagada,
O seu czarismo olvidando,
Eu vejo, pobre emigrada,
Charlotte russe dançando.

N'este jantar festival,
Onde é tudo assim á farta,
Arroz doce, o nacional,
Dá vivas ao rei e á Carta!

RIGOLETO.



O Passeio Publico, segundo annunciam os jornaes, está sendo frequentado pelo que ha de mais selecto na sociedade lisbonense.

O *Diario Popular*, em abono d'esta asserção, e para que no espirito das familias maismeticulosas não ficasse restando a menor duvida, ainda na segunda-feira dizia o seguinte:

«Tendo havido alguns roubos no Passeio Publico do Rocio, parece que a sr.^a Amann vae requisitar para alli alguns policias. O Antunes e o Castello Branco já hontem fizeram bom serviço!»

Caspite! Passeio Publico, a que alturas tu subiste! Tal qual o que ha cousa de cinco ou seis mezes aconteceu nas salas da Ajuda!...

Os Recreios agora é que não devem ficar atraz do seu rival, e esperamos, d'um momento para o outro, ler o seguinte aviso nos jornaes, como réplica ás pretensões de bom tom do Passeio:

«Hontem a esplanada foi concorrida pelo que ha de mais distincto na nossa sociedade. Cerca d'uma duzia de senhoras ficou sem brincos nas orelhas, e ao pé do coreto foi assassinado e roubado um sujeito, do qual por enquanto se ignora o nome.

«A noite estava muito amena. Aos Recreios, pois.»

Desde que no porto de Lisboa apparece um navio conduzindo um carregamento de febre amarella, póde ter-se a certeza de que o zelo das auctoridades sanitarias se desenvolverá a ponto de transportar para terra, perfeitamente bem acondicionados, dois ou tres casos fataes, como acaba de acontecer em Pedrouços.

THEATROLOGIA POLITICA

HAMLET

Acto III — Scena I



O ANTONIO MARIA

Hamlet e Ophelia

Ophelia. — Como tem passado nos últimos dias, meu senhor?

Hamlet. — Muito bem; muito obrigado.

Ophelia. — Trago aqui as prendas que encontrei e que desejo restituir-vos.

Hamlet. — Para que as quero eu?

Ophelia. — Meu senhor bem sabe que não me servem para nada. Votaram-me uma moção de censura, e portanto tornaram-se incompatíveis com o gabinete.

Hamlet. — Muito bem, então vamos à dissolução.

(Versão livre de Antonio Maria, o último traductor nacional de Shakspeare, na ordem chronologica.)

Feito isto, o governo dá as mais terminantes ordens para os defuntos e suas familias serem abertos no Lazareto, e na cidade corre então o boato de que o conselho de saude acaba de se reunir para pensar no caso, tornando-se o terrivel flagello o assumpto de animadas conversações durante o chá, tanto no Martinho, como no seio das familias.

O que se vê é que o Lazareto está sendo um paiol, aonde o vomito negro se vae accumulando todos os dias: basta chegar-lhe uma mecha para ir tudo pelos ares.

É bom que o governo trate de lhe pôr, quanto antes, um pára-raios mais effizaz do que o inspector demittido.



OS PRETOS do Bihé tomaram evidentemente posse da sociedade portugueza! Depois de terem roncado com a maior impudencia diante de Sua Magestade Fidelissima no salão da Trindade, foram ha dias presos dois d'elles no Aterro, pela circumstancia de praticarem varios excessos, entre os quaes o menor foi o de marrarem na municipal!

Recolhidos á casa da guarda, o Catraio e a preta sua companheira, levaram a audacia até ao ponto de executarem uma dança do Cubango em face dos sustentaculos da ordem!

É de mais para a innocência das praças de pret!...



ADAME Rattazzi vae patentear-se ás provincias do Norte, que a reclamam sequiosas da viuva... Clicot d'um grande estadista.

A digressão da brilhante e amavel princesa será curta. Couvidará o Mondego a brindal-a com um calix de Champagne, o que n'esta quadra de seccura será um grande beneficio, para aquelle ameno e poetico rio, demorando-se em Coimbra apenas o tempo necessario para atrelar seis doutores de borla e capello ao seu carro de triumpho. Depois offerecerá uma

soirée litteraria ao Douro, brindando a rua das Congostas com um exemplar do seu ultimo livro, voltando a Lisboa depois de convidar a Torre dos Clerigos para sua *dame de compagnie*.

A viagem está calculada, com despezas d'ida e volta em quarenta duzias de garrafas de Champagne.

Todas as notabilidades das terras atravessadas pela linha ferrea do norte foram prevenidas telegraphicamente para se apresentarem nas estações, á hora aprazada, de casaca e em jejum.

O Antonio Maria tenciona acompanhar a illustre viajante como *reporter* para depois fazer a descripção da viagem.



Procurando ser agradaveis aos leitores, enviámos um correspondente especial ao Passeio Publico, encarregando-o de tirar um *croquis* do natural, em face da grande *marche aux flambeaux*, que n'aquelle recinto teve logar no ultimo domingo.

A *grande marche aux flambeaux* não teve tempo de percorrer o passeio todo, porque, no momento em que ia a meio caminho, o toque de fogo nos Paulistas, obrigou-a a debandar na direcção da casa das bombas.

A pressa com que fugiu, só pôde ser igualada ao entusiasmo com que rompeu ao som das bombas de dynamite.

Ainda assim houve tempo de tirar um esboço para ficar archivado devidamente.



O banquete da exploração

(NO HOTEL DE BRAGANÇA)



Sala esplendida. A meza ornamentada com tudo que a sociedade de geographia tem de mais cheiroso. Muito appetite, alguma eloquencia e azias variadas.

Menu composto de tudo o que ha mais glorioso na Praça da Figueira e na historia de Portugal. Eil-o exposto á voracidade dos leitores:



Potage à l'infante D. Henrique Filet de chevreuil à La Vasco da Gama Coteletes de soles au mandioca à La Serpa Pinto Croutes d'ananás à La Bartholomeu Dias

Até aqui o que foi possível, tratando-se d'um menu a 6:000 réis por cabeça.

Antonio Maria, reconhecendo todavia o appetite que concorre na maior parte dos sabios nacionaes, ousa offerecer-lhes ainda alguns pratos supplementares, pelos quaes exige, quando muito, o preço de uma assignatura. Elles ahi vão:



Secrétaire roti à la géographique



Paon truffé à la Bolama



Podim de explorador com batatas

Parece que na freguezia da Lapa havia o costume invertebrado de tomar os ultimos Sacramentos da igreja, sem necessidade d'elles. Os parochianos tomavam a extrema-unção, exactamente como quem toma uma chavena de café: para se confortarem.

O reverendo pastor que n'este momento parochia na secretaria da justiça, acaba de pôr cobro a estas gulodices, ordenando que d'ora ávante ninguem seja sacramentado sem apresentar préviamente na sachristia, attestado do facultativo em que prove achar-se no caso de receber este beneficio da igreja.

Se isto não é uma grande petta inventada pelos jornaes regeneradores, o venerando prior comprehendeu perfectamente o lemma inscripto na bandeira do seu partido, ampliando-a até ao extremo:—*Economia nos dinheiros publicos e nas ostias.*

Depois d'isto ninguem poderá com bons fundamentos accusar o governo de clerical.

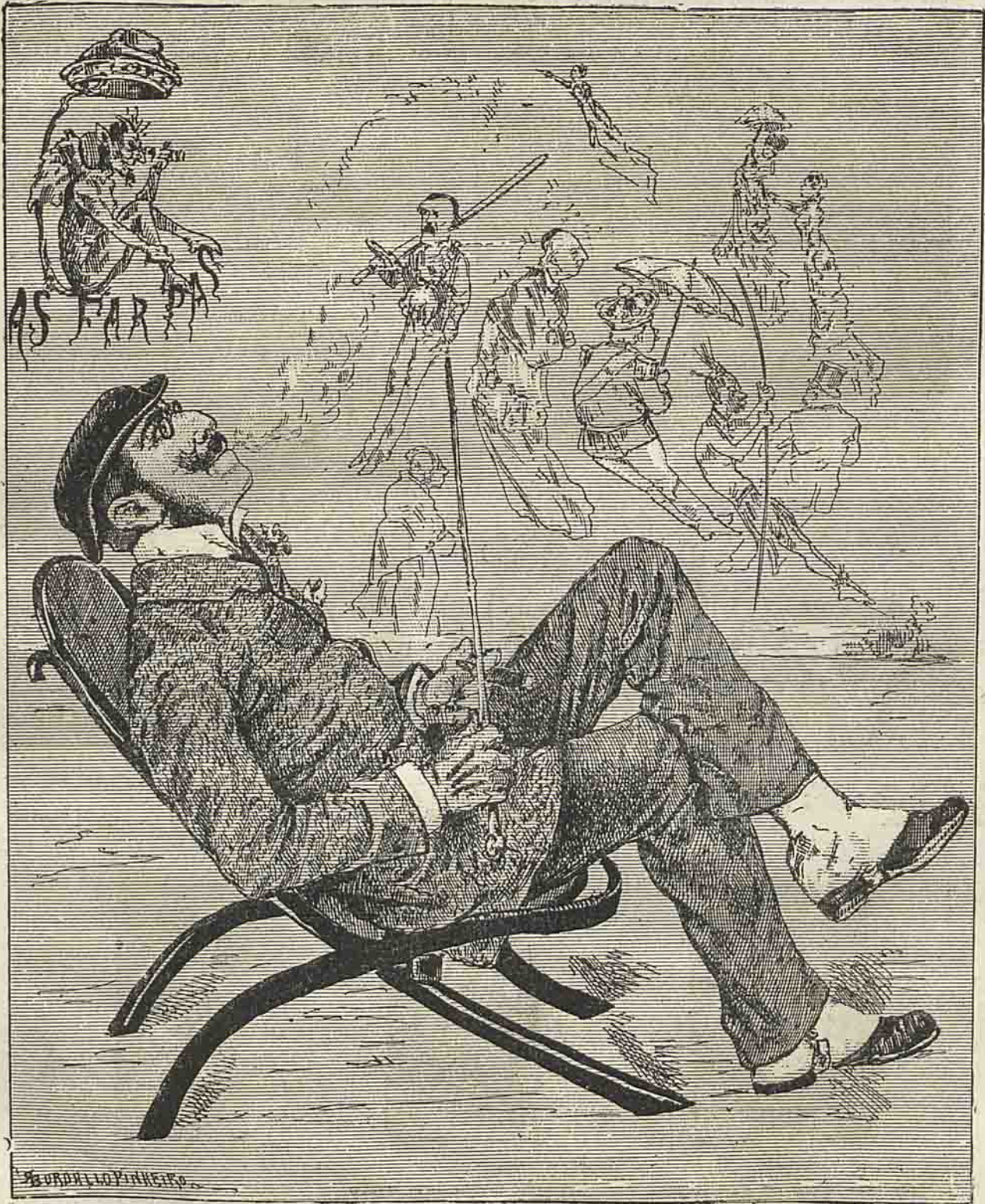


LLUSTRE amigo *Diario Illustrado*: Isto de nos fazer uma referencia sem nos citar o nome parece um pouco exquisito! O senhor tenha a bondade de annunciar que recebeu o primeiro numero d'um jornal chamado o *Antonio Maria*, como lhe ordenam as boas praes, desde que lhe remettemos a nosso folha. De resto póde dizer do *Antonio Maria*, papel, o que o actual governo dizia n'outros tempos de Antonio Maria, papelão, que em nada nos offende e apenas nos faz justiça. Aliás obriga-nos a extremas medidas de rigor, a primeira das quaes não poderá deixar de produzir os seguintes funestos resultados:

Termos de gastar dez réis, quando nos quizermos rir com a sua prosa, e o nosso estimavel inimigo ter de dispendir sessenta, quando desejar entristecer com a nossa. Diferença contra os interesses do partido—50 réis.



Reaparição das Farpas.



Ramalho Ortigão, sentado commodamente, sem fazer a travessia d'Africa, descobre no mundo do espirito regiões inexploradas, e cataractas infinitas, com que muita gente ainda não deu, não obstante trazel-as nos olhos. Antonio Maria pede ao menos um par de ferros por mez — no cachaço da semsaboria publica.

As Farpas, no seu ultimo numero, pegam em nós pelo braço e transportam-nos ao paço da Ajuda, fazendo-nos assistir á investidura do Tosão d'Oiro, na pessoa do sr. Fontes Pereira de Mello. O espectáculo é interessantissimo como o que ha de melhor na opera buffa, pelo character phantasioso dos personagens e pelo aspecto comico do ceremonial. São divertidissimas as coisas que lá se vêem, conforme a descripção a paginas 32 e seguintes:



«Mavorcios coroneis de presilhas retezas e bigodes rispídos, similhando uma azeitona trazida no bico por um pardal:



O alto clero, para o fim de representar condignamente a egreja luzitana, extrahе com zelo fervoroso do seu nariz primacial o rapé dos exercicios findos,



e colloca rapé novo em abundancia proporcional á grandeza do assumpto.

Foi depois de se ter ouvido ao longe uma voz horteloa bradando ao povo:— *Ha lá circo mólhos d'agriões...*



que na sala do throno se ouviu a voz augusta d'El-rei, annunciando á corte que o noviço se achava velando as armas na capella interior do real alcaçar.



Mas para armar um cavalleiro,— sabem-o os menos versados em livros de cavallaria— é indispensavel fazer ao noviço as seguintes operações: primeira despil-o;



Segunda: laval-o bem lavado em uma piscina;



Terceira: vestir-lhe uma camisa de seda bordada a oiro, um justilho de pelle de bufalo e uma cota d'armas;



Quarta: tomar-lhe o juramento de que ha de fazer a guerra aos infieis;



Quinta e ultima: calçar-lhe as esporas, e bater-lhe no hombro as tres pancadas do rito

Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.



CANÇÃO DOS AMANUENSES

Corriam serenamente
Nossos bellos devaneios...
Eis que surgem de repente
Os mais amargos enleios.

Iamos, felizes, gosando
As venturas do bolsinho,
Podiamos, de vez em quando,
Ir tomar chá no Martinho.

As fadigas não sulcavam
As nossas faces de rugas,
Os nossos pés já calçavam
Por mez... um par de piugas.

Tinhamos certa jactancia
D'um viver oriental,
Tomando—que extravagancia!—
Em julho um banho geral.

Já fumavamos cigarros
Em maços de quatro e meio,
E apanhavamos catarros,
Aos domingos, no Passeio.

Bellos *dandys* nós andavamos...
O nosso fato era um brinco!...
Algumas vezes compravamos
Cautellas de vinte e cinco.

Nós fomos a toda a parte,
Segundo a moda marcou,
E protegemos a arte
No *normal* e no *Dallot*.

Hoje o traje dos leões
Eil-o no prego—que zanga!
Sem mais gratificações
A cova iremos... de *tanga*.

RIGOLETO.

O CASO DA FEBRE AMARELLA
(Viajantes illustres)



A febre amarella chega a Belem comprimentando o municipio na pessoa do que é seu presidente e seu pharmaceutico.

O presidente do municipio de Lisboa lamenta-se da febre amarella não vir á capital afim d'elle a poder visitar com os seus trajes de gala.

O ministerio corre a Pedrouços afim de a comprimentar e dar as providencias para que ella seja recebida condignamente, offerecendo-lhe os coches da casa real, se tanto for preciso.

O grande philantropo da ilha das Flores corre tambem a Pedrouços e não podendo pedir mais nada, pede ao menos dois casos para o hospital da referida ilha.



O mesmo philantropo sabendo que um vapor vae em perseguição do navio que conduz a illustre viajante aos Açores, corre a embargar o passo ao vapor, afim de que este não obste a que o hospital da ilha seja dotado com mais este melhoramento.

O ministro da fazenda, aproximando-se da febre amarella, convida-a a entrar nos cofres do thesouro, que se acham extremamente necessitados d'esta molestia.

Namora-a com o fim de a ter como auxiliar na resolução dos problemas financeiros, e para a seduzir offerece-lhe um amanuense em flor, afim de que ella se compadeça d'esta classe desgraçada.

Afinal, dando ouvidos aos que affirmavam que esta febre era uma epidemia de primeira ordem,

beneficia-se a povoação de Pedrouços com oito dias de Lazareto, ouvindo-se a estas horas os lamentos dos beneficiados que pela bocca do sacristão dizem que era apenas uma pontinha de febre.

Moralidade.—No Rio de Janeiro e no Ganges, é ella que corre atraz de nós, aqui somos nós que corremos atraz d'ella.



Faz parte da comissão portugueza no congresso litterario um cavalheiro cujos trabalhos ninguem conhece nem de vista.

Na sua vida de homem de letras, apenas ha quem tenha noticia dos seus annuncios no *Diario de Noticias*, relativamente ao seu estabelecimento de machinas de costura.

Bem disse Ramalho Ortigão que nós tinhamos sabios de exportação e sabios para uso interno!

Antonio Maria lembra d'aqui ao governo o favor de mandar aggregar á illustre e erudita comissão litteraria o Catarro, que tem excellente córte de casacas, o Serra, que satisfaz os mais caprichosos pésinhos aristocraticos, o Roxo, que vende chapheus de primeira qualidade, assim como o sr. Correia Leite vendia machinas das mais aperfeiçoadas. Junte-se tambem a Maria Vicencia, que vende muito boa fructa.



Os PRETOS do Bihé voltaram ás terras onde o sr. Serpa Pinto descobriu o segredo do Cubango e a carta de namoro do alferes de cavallaria 4.

Ao despedirem-se, verteram algumas lagrimas sobre os seus numerosos admiradores, e sobre os socios da geographica, especialmente nos que teem carta de exame de geographia em qualquer lyceu de primeira classe.

A preta Marianna, esquecendo a incredulidade d'algumas senhoras, que não a suppunham, como a gente, de carne e osso e nariz á frente, levando o auge da sua desconfiança a ponto de a apalparem, enviou-lhes um beijo de despedida, pedindo desculpa de não poder, por falta de tempo, fazer o mesmo aos cavalheiros.

E, reconhecida pela affabilidade com que Luciano Cordeiro a recebeu, vestindo-a, limpando-a e dando-lhe de comer, desde já promette a S. Ex.^a todo o seu empenho junto do ministro, na primeira vacatura no ministerio do reino, para *primeiro official*.

Tem soffrido varios ataques de mau genio o *Diario do Governo*, sympathico filho do poder executivo.

Ultimamente ia esborrachando n'uma das suas furias a vocação litteraria do sr. Ribeiro de Sá.

Os encarregados do parecer sobre os originaes do normal, parece-nos que teem no sangue enxerto de M.^{me} Angot.

Era bem feito que o escriptor sentenciado agarrasse n'uma chinella, n'uma d'aquellas chinellas que S. Ex.^a bórda a matiz com a mesma mão com que matiza os seus dramas, e a assentasse na região que a comissão referida guarda sob as abas da sobrecasaca!

Como julgamos terem-se mudado as scenas... vamos á Praça da Figueira ouvir a critica.

Contaram varios jornaes o caso pitoresco e original de Sua Eminencia o sr. cardeal patriarcha ir aos domingos de tarde arrastar as vestes roçagantes para o Passeio da Estrella, entretendo-se com Frei José da Pureza e com varias praças de pret e amas de meninos, frequentadoras de tão aprazivel recinto, em doce e amena conversação.



Desde que tal constou, aquelle passeio tem sido immensamente concorrido, e Sua Eminencia, sem dar por tal, não tem feito outra cousa senão substituir o *leão da Estrella!*

Que vergonha para o cabido patriarchal!

D'aqui a pouco o vereador do pelouro dos jardins é capaz de convidar o sr. D. Ignacio a entrar na jaula!





Os theatros despedem-se dos seus numerosos espectadores.

O *normal* vae para o campo, em perigo de vida. Sofrendo as terriveis consequencias d'uma *hernanite* aguda e d'uma *calixtice* chronica nos pulmões: parece que não haverá medicina que o salve.

Applicaram-lhe *Fourchambault* e *Danicheff* por todo o corpo, ventosas d'*Asmodeu*, fomentações de *Engeitados*, mas o doente não experimentou melhoras. Ultimamente ia morrendo suffocado com um *Nó* que se lhe formou no repertorio e que lhe augmentou a inflammação na caixa forte.

Sem esperanças algumas de se salvar, chamou os *Missionarios*, para morrer como bom christão.



O *Gymnasio* recorreu, emfim, ao rabequista preto para lhe fortalecer o peito com algumas variações; mas, como os pretos ainda não estão no poder, de nada lhe valeu.

Brindis de Salas tem, entretanto, continuado a fazer prodigios com o seu violino maravilhoso, do qual tira as arcadas mais imprevisas, sendo-lhe facil executar com a mão esquerda as symphonias que multos outros artistas nunca executariam com a direita.

A *Trindade* vae mandar fazer á fabrica do Burnay algumas vozes de soprano, de tenor e de baixo, visto a tolice do publico lhe exigir que as operas-comicas sejam cantadas.

Herminia partiu para o Brasil, abandonando aquelle templo da arte e do Francisco Palha.

Fez leilão. Entre os objectos arrematados havia diversos lotes de corações esphacelados, ramos de violetas

em identicas circumstancias, corças de *bagas* de ouro feitas com *bagas* da mesma qualidade, declarações d'amor d'opera comica, etc.

Que Deus e os brasileiros a protejam!

Os *Recreios* e o *Passeio Publico* são actualmente os unicos pontos de reunião do calor indigena.

O Soares, *estreitinho* com a sua perseverança, Josephine Amann, com a execução da sua orchestra e com a pyrothchnia de José Rodriques, tem feito mover a capital.

O mais indolente não resiste á bichinha de rabiari, que lhe fascina o espirito, e deixando-se levar nas azas de Eolo transformadas em carros americanos a tres vintens por cabeça.

Tem havido completa enchente nos dois jardins. Virmos o *pouvoir du monde*, applaudindo a *Zambra* e a *polka dos Terços* em que a Fuente Santa e o Justino nos mostram, atravez das gazes, as suas fôrmas voluptuosas.

Annuncia-se para breve a reaparição da *senorita Romualda Moriones*. Reapparecerá quasi ao mesmo tempo no theatro Apollo e no *Antonio Maria*, admirador de todas as celebridades, especialmente d'aquellas que, como a sr.^a Romualda, possuem a estimavel prenda de não desafinarem pelo simples facto de não saberem cantar.

A *senorita Moriones* é quasi uma instituição nacional, e não será de admirar que d'aqui a pouco, em circumstancias extraordinarias, a colloquem por exemplo, no ministerio da justiça, collocando o sr. Adriano Machado nos *Recreios*.

É verdade que o sr. Adriano é menos *saleroso* um pouco.

BILHETE DE COMPRIMENTOS

A BORDALLO PINHEIRO

Fez uma entrada d'estallo
o teu Antonio Maria.
Se era teu, quem não previa,
que fosse assim, meu Bordallo!

Deve ser muito feliz
Co'a Maria o teu Antonio,
elle é fino, ella é um demonio
e põe-lhe os pontos nos ii!

A Maria é um cherubim!
que grande paciencia a sua
se escreves, ella accentua
pra elle varrer no fim.

Foi lembrança bem pillhada
aquella do justo Antonio
que fez o seu matrimonio
co'a Maria a *immaculada*.

Tiveste fina lembrança,
f. i uma idéa d'estallo,
Sem seres padre, meu Bordallo,
fazer tão justa alliança! ..

E já que te dei, emfim,
os parabens da chegada,
vou me, emfim, pela callada,
de mansinho, como vim.

AFONSO CORLEO.

Acabamos de saber a triste noticia do fallecimento da sogra do nosso collega e excellentissimo amigo Raphael Bordallo Pinheiro. Enviando-lhe, e igualmente a sua excellentissima esposa, o nosso pesame, compartilhamos o luto que os envolve.

THEATROLOGIA POLITICA

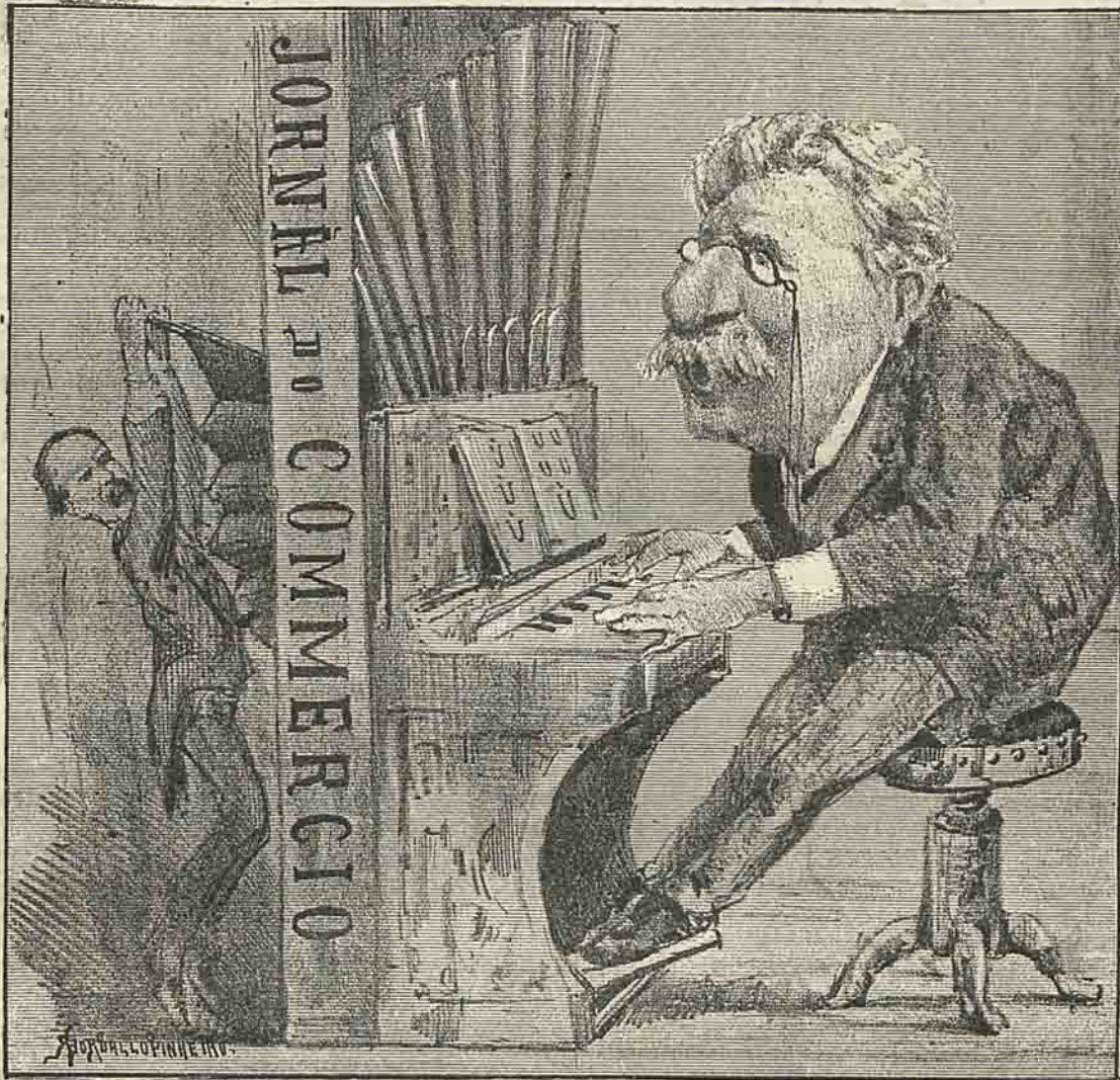
O Paganini «Preto» da situação



BORDALO PINHEIRO

O Vaz Brindis Preto das Salas, afim de seduzir o governo que lhe nega deputados e governadores civis, executa no seu violino em chefe algumas variações sobre o *ultimo pensamento* dos Constituintes, acompanhado ao piano pelo primeiro artista da sua companhia. O governo, para fingir que gosta e que o não ouve, resona.

SCENAS POLITICAS



O novo tocador da velha santrona commercial, feito mestre de capella, executa com voz de falsete diversas arias sobre o livre cambio e outros motivos, musica do maestro Corvo

FOLHETIM

Em testemunho da consideração que nos merece o novo órgão COMMERCIO DE PORTUGAL, damos hoje em folhetim o seu principal redactor, visto ser tão comprido como um romance de Ponson du Terrail.



(Continúa.)



O baile infantil, uma das nossas mais florescentes instituições de recreio, logo depois da Carta Constitucional, foi ha poucos dias aggreddido cruelmente por duas das mais conspicuas folhas lisboenses que ousaram discutil-o com tal severidade que se diria ser o referido baile complice nos esbanjamentos da penitenciaria, ou culpado da receita do estado não chegar para as despesas... dos estadistas.

Fallemos serenamente. Encaremos a questão sob o aspecto choreographico e philosophico nas sus multiplices relações com a mazurka e com a moral. Incitar as multidões á revolta, agora que para resolver tão momentoso assumpto se requer mais do que nunca um sangue frio excepcional, seria uma imprudencia, e além d'uma imprudencia um crime!

O que é o baile infantil, d'onde vem, e para onde vae?

O baile infantil é principalmente um symptoma. É o indicio exterior da sede de celebridade barata que á ultima hora accommetteu a decrepitude da nossa sociedade. Os paes desejam que sobre elles recaia a munificencia regia com todo o peso dos baronatos e das commendas, da mesma fórma que as suas *tenras vergonteas* aspiram ao elogio dos contemporaneos traduzido n'uma palavra de louvor nos noticiarios ou n'um premio no Passeio Publico.

Os exames das meninas no lyceu, no que respeita a portuguez, e nos Recreios no que respeita a polkas, são filhos da mesma aspiração moral.

E a infancia, applaudida pelos progenitores, deita-se tarde, não estuda, adquire attitudes deshonestas, perde a pouco e pouco a delicada noção do pudor, abysmando-se no turbilhão das valsas, d'onde podem sahir excellentes archanjos para os bailes do Club ou para a missa do Loreto, mas nunca verdadeiras mulheres para a religião domestica!

Pelo baile infantil pôde fazer-se mais facilmente caminho para o Dá Fundo ou para Carriche, do que para o lar e para a familia.

Entretanto, quem será o culpado de tal desordem?

Para o verdadeiro pensador o sr. Justino Soares, creando os bailes da infancia, e o sr. Thomaz Ribeiro produzindo as *Flores d'Alma*, obedeceram a impulsos parallelos: foram simplesmente artistas do seu meio, e sobretudo do seu tempo, sendo ambos inconscientemente complices do mesmo peccado.

Porque, diga-se a verdade; combater o baile infantil no Passeio publico, e deixar de pé na capital e na provincia, com todos os seus resultados moraes as *Flores* a que me reportei, seria um acto de manifesta injustiça; contra o qual todos os homens de intenções rectas que não recitam ao pianno, deveriam immediatamente protestar.

Os jornaes em questão, em vez de combaterem pois o symptoma, devem empenhar todos os seus esforços para combater a causa, procurando antes de tudo remediar a profunda desorganisação mental da sociedade portugueza.

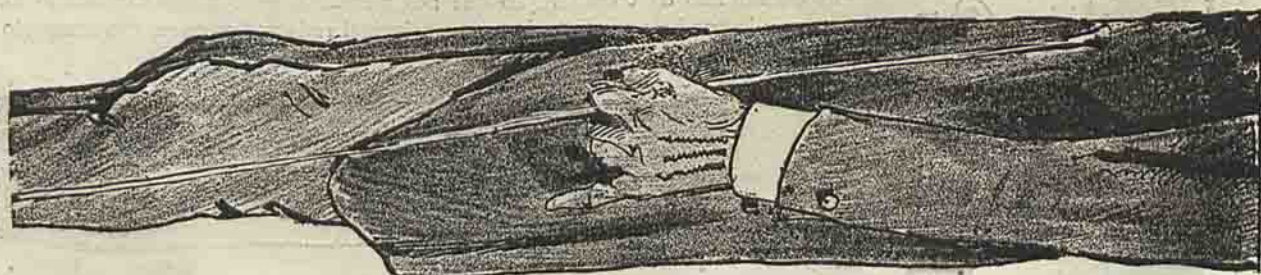
Entrando n'este caminho o baile infantil extingue-se por si, como os *Sons que passam*, e o sr. Thomaz Ribeiro e o sr. Justino Soares, em vez de nascerem de futuro predestinados e *nazarenos*, nascem e morrem como quaesquer outros cidadãos, dando ao progresso humano qualquer outro obulo que não sejam *varsovianas* ou *anceios d'alma*,

As virgens e a pasta das colonias não hão de morrer por isso, mas perecerá a mazurka e os seus correlativos na moral e no Passeio Publico.

JOÃO RIALTO.



O *Illustrado*, transcrevendo o *enigma* recitado em S. Carlos, por occasião da récita com que o corpo de policia lisboense festejou as melhoras de Sua Magestade a rainha, declarou que as estrophes do referido *enigma* eram formosissimas, caprichosamente metrificadas, opulentas na idéa e elegantes na fórma, explicando mais que o auctor, o sr. Ulpio Veiga tem *perfeito conhecimento da*



(Continúa.)

lingua em que escreve, não lhe sendo desconhecidos os segredos da poesia.

Perfeitamente d'accordo, nem é d'admirar que tal succeda sendo o sr. Veiga um dos mais zelosos funcionarios do corpo policial.

N'esta posição, como poeta, qualquer outro faria o mesmo. Para que servem o Antunes e o Castello Branco?

Eu, por exemplo, sou commissario de policia; mas não sei os segredos da poesia: o que faço então?

Digo simplesmente:—Pst, ó seu Antunes, faz favor de se disfarçar á paizana e ir saber immediatamente o que ha a respeito da poesia!... Muito segredo, hein!...

—O seu Castello Branco, ponha umas barbas postiças e vá ver pela baixa o que temos hoje a respeito da lingua. O que souber venha-m'o dizer d'aqui a pedaço, porque tenho de dar uma participação em verso para S. Carlos.—

Querendo lançar mão d'este recurso, estamos perfeitamente convencidos de que o sr. Daniel de Lima Trindade é tão bom poeta como o sr. Veiga, muito embora tenhamos razões particulares para o considerar desde já superior, pelo simples motivo de não ter escripto o enigma em questão.



A FESTA POLICIAL

Havia um luxo asiatico
Em redor de toda a sala,
Todo o corpo diplomatico
Vestia de grande gala.

A multidão enluyada
Era alegre e festival,
Dizendo toda apumada:
—Que enchente... por um real.

Muitas damas inclinadas
No peitoril das bocetas,
Davam leves gargalhadas,
Assestavam as lunetas,

Faziam nascer amores
Com seus trajos elegantes,
E em seus hombros tentadores
Tinham ossós e brilhantes.

A tribuna era adornada,
Como se leu nos diarios;
Muito gaz, loiça affamada,
Grinaldas e commissarios

Muitas jarras off'recidas,
Do mais formoso matiz,
Todas ellas guarnecidas
D'alguns policias civis.

O Antunes celebrado
Em jasmim pode brilhar,
Junto ao Trindade enlaçado,
Como rosa de tocar.

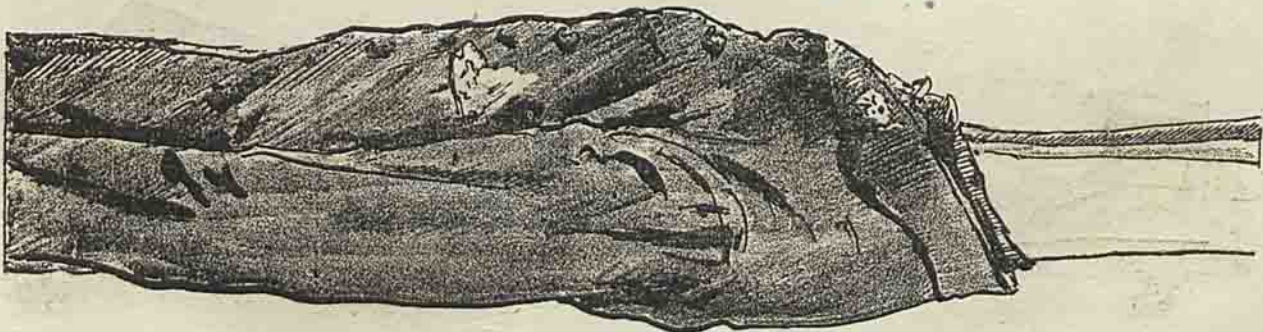
Ulpio Veiga, o poetastro,
Das musas fraca edição,
N'um vasinho d'alabastro
Fez de rosa do Japão.

Ao Valmor,—todo enfeitado,
Entre todos o primeiro
Diz o bom do Segurado:
—Ai, Jesus que rico cheiro!

E como altivo e luzente
O Cam'ra Leme alli fosse,
Fez, em taça transparente,
De peixinho d'agua doce.

.....
Cá fóra havia a noticia
De ser a festa, em geral,
Armadilha da policia
P'ra o roubador do punhal.

RIGOLETO.

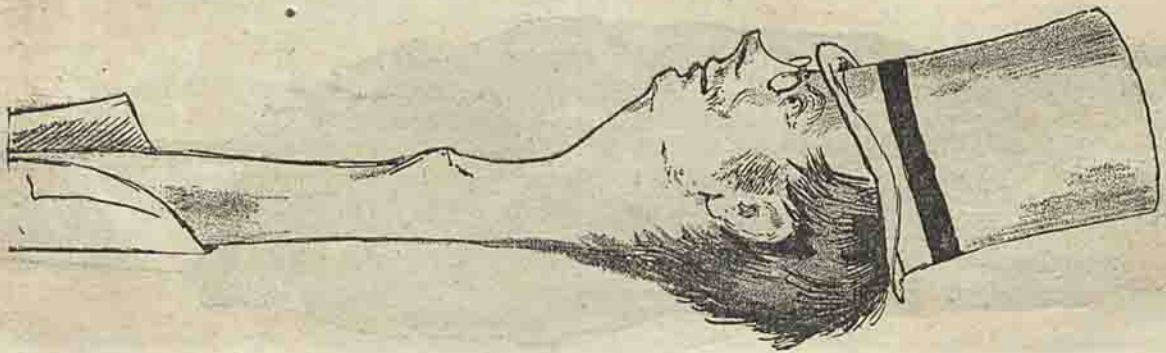


(Continúa.)

SCENAS POLITICAS



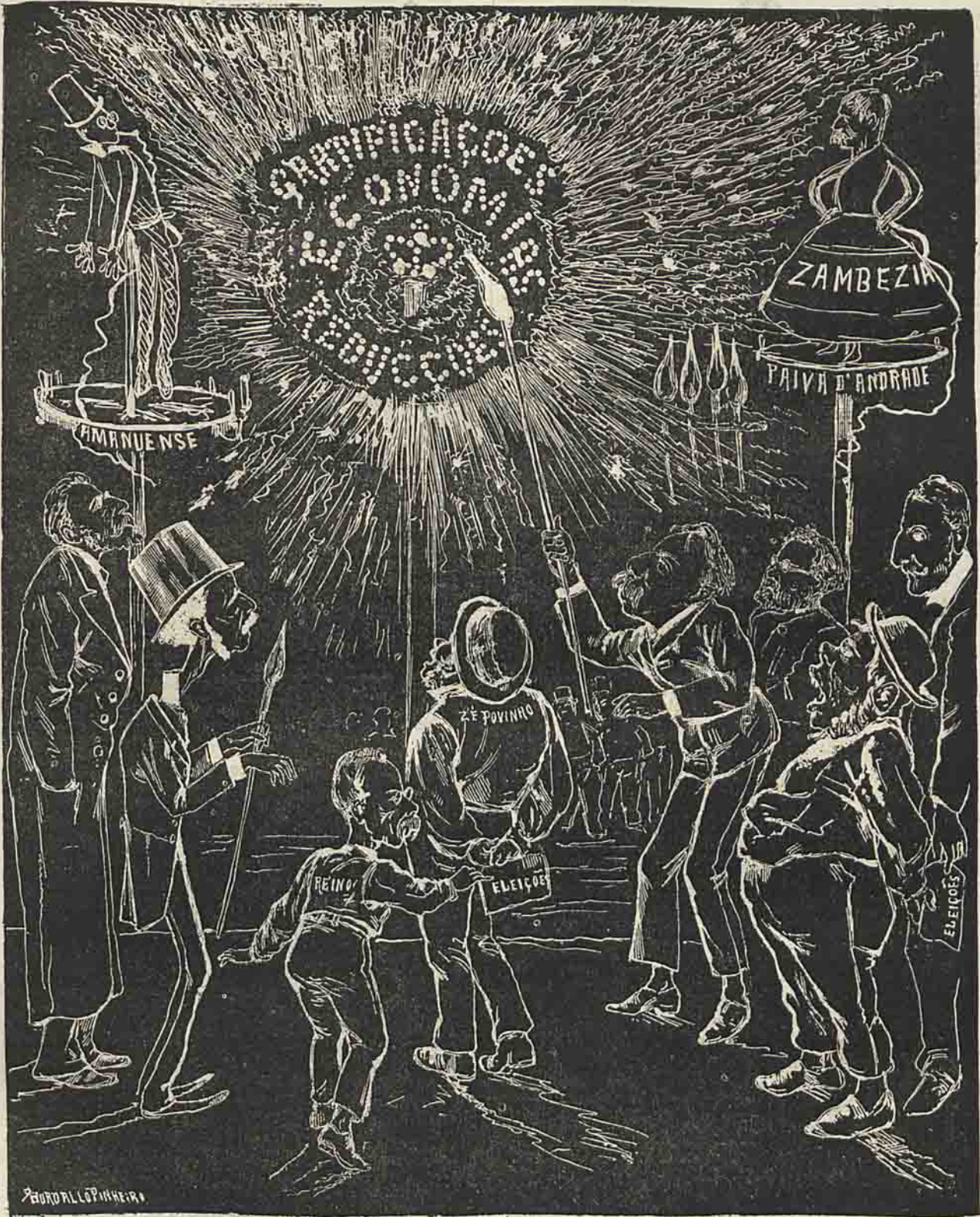
Serénata eleitoral dada no bairro Alto, á porta do céntró da rua do Norte,
pela *estudiantina* que ha pouco deixou os bancos... do poder



Fim.

(Trad. de BORDALLO PINHEIRO.)

FOGACHOS ELEITORAES



O governo, para entreter o Zé Povinho, vai deitando fogo de vistas no *Diário do Governo*, preparando-se para lhe escamotear o voto



Da *Saudação*, poesia recitada por occasião do concerto das auctoridades policiaes em S. Carlos, extrahimos a seguinte judiciosa charada.

Ó rosa purpurina, ó flôr louçã,
Vem cá, brando perfume, vem e atesta, 1
Se por ventura alguma tua irmã
Já resistiu ao estuar da sesta,
Ou muito além d'uma veloz manhã. 2

CONCEITO

Porém imite-a, ou muito embora eguale-a,
Em tudo quanto nos exalça a mente
A mencionada flor, a flor idalia,
Na duração differe infelizmente
Da flor punicea da famosa Italia.

Antonio Maria, offerece em premio, ao primeiro dos leitores que decifrar esta charada do digno commissario da 3.ª divisão, o sr. commissario da 1.ª, Lima Trindade. Será remettido franco de porte pelo correio.



stro da adversidade, especialmente na politica, é um grande estímulo para nos reconciliar com os pequeninos do mundo!

O sr. Fontes descalçou o cothurno que já lhe estava fazendo doer os callos, depoz a clamyde nas mãos da sua cosinheira, e veio á rua do Norte dar dois dedos de cavaco aos vermes do partido, incitando-os ao combate.

Os referidos vermes, em numero de sessenta e tantos, prometteram levantar a luva eleitoral arremessada pelo governo, e o grande homem houve por bem estender-lhes a mão de traz do solio de pinho, pedindo-lhes que confiassem na victoria, e retirando-se em seguida para o Olympo, entre as lagrimas de jubilo da visinhança, contente de o ver partir n'uma tipoia vulgar, em vez de o ver subir n'uma nuvem de fogo.

Renasce, pois, a alegria e a animação na rua do Norte! Bem dita adversidade que fez com que um semi-deus descesse feito homem ao centro do Bairro Alto!



VELHO pamphletario Sampaio, na opposição é Bayard floreando a espada ao sol dos combates; no governo é tão sómente um panal de palha, deixando-se *comer* pelos directores geraes, pelos collegas, e por todos quantos sentem appetite d'este manjar adstricto ao poder executivo na redondeza do notavel publicista.

Voltamos hoje outra vez áquella phase em que o antigo jornalista deixa de ser forragem para tornar a ser heroe, como se póde ver das *lambadas* de fundo publicadas quotidianamente na *Revolução*.

Que extraordinaria dualidade! Dir-se-hia que dá ás luctas politicas o espirito, e aos conselhos da corôa unicamente a barriga!

Tambem os conselhos da corôa não merecem na verdade outra cousa: ou, por outra, se merecem é exactamente o contrario...

O *Commercio de Lisboa* declarou que o acto do sr. Serpa Pinto ajoelhar defronte do sr. D. Luiz I, no salão da Trindade, se explica perfeitamente pela circumstancia de Sua Magestade ter presenteado o *nosso explorador* com uma excellente espingarda que em muitas occasiões o livrou de ser devorado pelas feras.

Muito bem: aceitamos a explicação. Mas tendo-se dado muitas vezes o caso do sr. Pequito dever ao chapéu de chuva que usa no inverno o não ter já apanhado uma molha, que lhe teria produzido um ataque de rheumatismo agudo, uma pneumonia e *quicá* a morte, emprazamol-o a ajoelhar todas as vezes que passar pela rua nova do Almada, diante do sombreireiro que lhe forneceu aquelle utensilio, sob pena de não tomarmos a sério os seus sentimentos democraticos.



ACADEMIA offereceu a M.^{ma} Rattazzi, por occasião da sua visita a Coimbra, um *pic-nic* no Choupal, á beira do Mondego.

Ó poeticas e doces tradições da *Lusa Athenas!*— como ainda hoje vos chamam alguns jornalistas da provincia— que offensa aos legendarios encantos que durante tantos annos constituiram a vossa gloria e a vossa fama em Portugal e no estrangeiro!...

Antigamente os bardos coimbrões, quando desejavam obsequiar algum forasteiro illustre, reuniam-se cheios de illusões, despidos de farnel, na quinta das Lagrimas, ou na Lapa dos Esteios, de arrabil debaixo do braço, toucados de giestas, e ahi cada qual puxava unicamente do que havia de mais mimoso nas suas provisões poeticas. Este

depunha uma ode na mesa do festim, aquelle um epicidio, aquell'outro um solau, este outro um soneto, serviam-se á sobremesa alguns favos de mel do Hymetho, bebia-se uma tarraçada d'agua d'Hypocrene, e os convivas retiravam *saudosos, memorando*, conjunctamente com as nymphas do Mondego, aquella merenda litteraria que entre outras virtudes tinha a de não fazer mal ao estomago.

Como os tempos mudaram! Hoje a mocidade academica reune-se no Choupal em obsequio a uma dama scismadora, considerada a decima musa pelo *Almanach das Senhoras*, e quando se espera ver cada um puxar da virtualha que melhor sabe a uma organização sensivel; vê-se uma cousa bem diversa. O bardo que devera apresentar no banquete um solau, apresenta uma perna de carneiro; o que deve apresentar um soneto, apresenta uma talhada de presunto; o que deve tirar do bolso um papelicio de quintilhas, tira um embrulhinho de almondegas de bacalhau; saca d'um pato de recheio o que devia tão sómente puxar d'um epithalamio, correndo-se por fim em volta da mesa, uma borracha d'agua de Castalia que mais parece vinho!

Oh! que M.^{me} Rattazzi não conte do Mondego, no seu proximo livro, este festim *impressionista*. que marca perfeitamente a distancia que vae da escola de Castilho á de Zola!...

A illustre viajante enganou-se na epocha. Em vez de visitar a Lapa dos Poetas no tempo em que vigorava a lyra, visitou-a quarenta annos mais tarde, no tempo em que vigora a costelleta!

A culpa é toda de *sua alteza*, como disse ha poucos dias um publicista do Porto.



SEGUNDO uma folha regeneradora, d'entre as varias que, em virtude da ultima evolução politica, tomaram a seu cargo a propagação da peta pelo paiz, o sr. d'Avila (e de Bolama entre outras cousas) resolveu não dar o seu voto ao governo em conselho d'estado, quando se tratar da dissolução do pagode parlamentar que ultimamente funcionou no *retiro* de S. Bento.

Não é crível. O nobre duque não pôde ter tanto amor áquelles que já uma vez o deitaram abaixo, depois d'elle ter feito durante nove mezes

tudo o bem que poudes a favor de torrão natal, derramando sobre as searas um doce orvalho de conegos e praticando na sua propria testa, a bem da causa publica, um gallo, cujo cantar a maioria regeneradora negou vergonhosamente seis vezes!

Dará, pois, o seu voto ao governo, penalizado de não poder dar em volta do pescoço da antiga maioria o nó que todos os dias antes de sahir, ás 9 da manhã, costuma dar em volta do seu.

Com a differença de o desejar apertar um bocadinho mais...



A REMISSÃO DOS CAPTIVOS

É já de todos sabida
A sova monumental,
Que na esposa estremecida,
Junto ao Tejo de crystal,

Deu Catraio o bom moleque,
O fiel negro faminto,
Que nos desertos, de leque,
Abanava Serpa Pinto.

O caso deu-se no Atterro;
Quiz o preto d'esta sorte
Consolar-se do desterro
Nas costellas da consorte.

Mas a lei d'um povo culto
Não é a lei dos sertões.
Da justiça o nobre vulto
Multo o preto em seis tostões.

Tinha o triste de os pagar
Ou de gemer na prisão;
Eis quando irrompe no ar
Qual risonha appareição,

Uma figura ideal,
—A providencia dos pobres!—
Que paga ao correccional,
Por inteiro aquelles cobres!

Ó Rodrigo remidor,
Ó Affonso, ó meigo arcano,
Lá na rua do Ouvidor
O que dirá Luciano?...

Esta acção de tanto custo
Vou narrar-lhe um d'estes dias;
Salvé geographo augusto,
Salvé Pequito Messias!



A questão das gratificações

Antonio Maria encarrega uma comissão especial de proceder á abertura de um amanuense, afim de verificar o que elle tem dentro, devendo esta comissão compor-se dos seguintes senhores:



Poncio Pilatos, presidente



Professor Justino



Sachristão da Lapa



Donataria da ilha das Gallinhas



Theodorico Baptista



A comissão procede á autopsia e encontra no interior do amanuense o que consta do seguinte inventario



Cavalleiro Roido, relator



Philantropo das Flores



Gonçalves, secretario perpetuo de todas as associações mortas e vivas.



1, Pedaco de Tejo de crystal; 2, Follia de alfaca; 3, Folhas e cascas; 4, Volume do orçamento de 1879; 5, Uma galocha; 6, Um annuncio amoroso do *Diario de Noticias*; 7, Um cravo de papel; 8, Um par de luvas lavadas pela decima vez; 9, Umhas meias solas; 10, Uma manga d'alpaca; 11, O livro do ponto; 12, Uma criada de servir; 13, Uma trança de cabelo e uma photographia; 13-A, Um drama em sete actos, com prologo e epilogo; 14, Uns fundilhos; 15, *Sons que passam*, de Thomaz Ribeiro. — Em vista de tão forte alimentação é a comissão de parecer que lhe sejam extrahidas as gratificações, — Relator da comissão, Cavalleiro Roido. — Por copia. — R. Bordallo Pinheiro.

SCENAS POLITICAS



Caso inaudito do governo *degredar* para a ilha da Madeira, montado n'um cavallinho de pau, o sr. folhetinista Christovam de Sá, que entretanto continúa a ficar em Lisboa.



Pedimos ao leitor, tanto de Lisboa como das provincias—e igual supplica dirigimos a S. M. Fidelissima e a todos os poderes do estado—que no caso de desejarem rir muito, até rebentarem n'uma gargalhada de jubilo, não leiam o *Antonio Maria*, porque esse coitado ás vezes até dá vontade de chorar; pedimos-lhe que leiam os artigos de fundo do *Diario Illustrado*, que no genero comico excedem tudo quanto o moderno humorismo produz de mais notavel em Portugal e no estrangeiro!

Aquillo ou se faz a sério, ou então quando se tem muitissima *verve*!

Tem o *Diario Illustrado* nos ultimos dias discutido a questão dos direitos devidos á alfandega de Lisboa pelo poder moderador que felizmente nos rege. A opinião da referida folha é que o governo obrigue já já, immediatamente, a corôa portugueza a pôr para alli o que deve, fazendo-se inclusivamente penhora nos *reaes penhores*, se a referida corôa se fizer fina!

Ora, sabendo todo a gente os altos sentimentos monarchicos que animam o *Illustrado*, sendo altamente notorio que esta folha padece desde creança de hydrophobia palaciana, sabendo-se mais que durante oito annos que estevê no *poder*, nunca uma só vez lhe passou pela cabeça obrigar o poder moderador á doce violencia de pagar, pelas suas botas, pelas suas camisas, pelos seus barretes de dormir, os direitos estabelecidos nas pautas tanto para as testas que usam diadema, como para as que usam chapêu do Roxo, sabendo-se tudo isto, é impossivel deixar de admirar a graça com que o *Illustrado* está mettendo medo ao Paço d'Ajuda, dizendo-lhe com voz grossa, da Travessa da Boa Hora:—ou pagas o despacho, ou vaes para o exilio!

Este caso aduaneiro-constitucional foi levantado por uma folha de Coimbra, que apenas tira uns dez exemplares, que em grande parte ficam na Mealhada, e ninguem teria d'elle conhecimento se não fosse o afan com que o *Illustrado* tem procurado por todos os meios ao seu alcance popularisal-o no paiz. A corôa deve estar-lhe agradecida por isso.

E observa-se agora um caso extranho, só admirado até hoje nas operetas de Offenbach e na politica portugueza. O *Diario Popular* passou a defender, contra os ataques do *Diario Illustrado*, as immuniidades de Sua Magestade, declarando que, feitas bem as contas ao que a casa real deve á alfandega e ao que nós devemos á casa real, pôde muito bem ser que ainda nos tenhamos de cotizar para satisfazer a el-rei a somma de que elle nos é credor!

Isto é, o *Diario Popular* parece agora redigido pelo se-raphico sr. Viale, e o *Illustrado* pelo sapateiro Simão!

Em nome do nosso caricaturista pedimos a esta folha se digne, antes de dar á luz os seus artigos, envia-los á redacção do *Antonio Maria*, afim de serem convenientemente illustrados.

Havemos de applicar-lhe um conhecido conto, figurando o *Illustrado* a dar com um grande pau na *augusta* frente do monarcha, para matar uma mosca conimbricense, que lhe pousou no diadema.

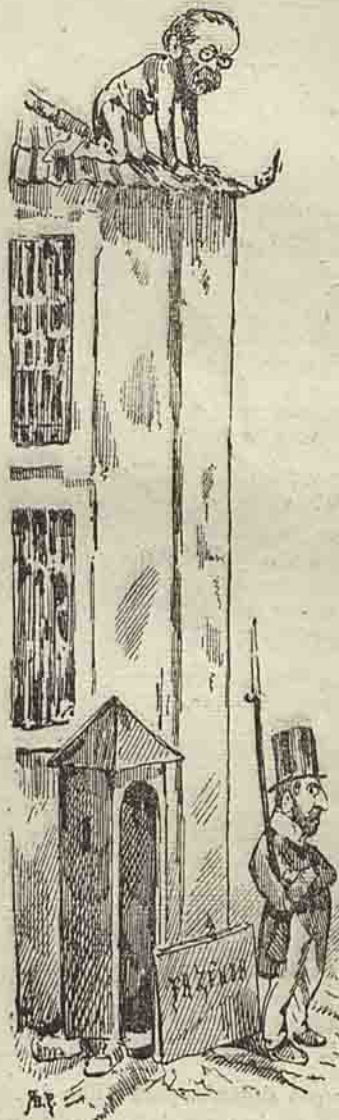
É o que elle está fazendo: querendo dar nos progressistas, atira a Sua Magestade e faz-lhe uma racha na corôa.

JOÃO RIALTO.

A fim de alliviar mais os pobres soldados dos trabalhos

que os trazem noites e noites fóra da tarimba do quartel, sem poderem deitar-se ao toque de recolher, nem levantar-se á meia noite para irem falar aos namoros, delibêrou o sr. ministro da guerra supprimir, entre outras guardas, a do Banco de Portugal, sem respeito por uma casa dè que o seu collega da fazenda foi director e é, officialmente, anjo tutelar.

Receioso pela segurança do Banco, e especialmente temendo que o sr. Serpa aproveite a occasião para realizar algum *emprestimo*, foi visto ha poucas noites o sr. Barros Gomes, fazendo sentinella á porta d'aquelle estabelecimento, ao passo que o sr. Serpa, de gatas, em cima do telhado, vigiava para que o sr. Barros Gomes não se aproveitasse da sua posição especial para fazer o *emprestimo* para o governo.





SCENAS DO PASSEIO

O BAILE INFANTIL

Atravez dos arvoredos
Ouve-se o côro feliz
Dos suspiros dos Alfredos,
Das paixões dos Antonys.

Julieta e Margarida
Dão o braço, são amigas...
A burguezia atrevida
Passeia as suas barrigas.

Estoiram os corações
Como as cargas d'um trabuco,
Trocam-se declarações...
Ouve-se a *valsa do cuco*.

Justino, o donzel, o casto,
A *Fuentsanta* de calças,
A toda a pressa dá gasto
Ao furor das suas valsas.

Suas pernas *talentosas*
A festa dão luzimento,
Folgam os botões das rosas
Expostas ao pó e ao vento

Um D. João petulante
Namora qualquer mamá,
.....
Diz Justino ao par dançante:
—Ora vamos... *en avant*.

Mas hoje é outra a festança:
Justino, por caturrice
Ensina passos de dança
A segunda meninice.

Uns gostam da cabriola
Ou do vistoso foguinho,
Outros do jogo da bola,
Sendo a bola o *Zé Povinho*.

Uns occultam, por decôro,
Das vistas das companheiras,
Alguns *bancos* e o *Thesouro*,
Essas grandes mamadeiras.

A politica, senhores,
A porta comprou bilhete,
E saúda os eleitores
N'um passo de minuete.

E enquanto a festa realça,
Justino n'esta solgança
É o Bolama da valsa
E o Fontes da contradança.

RIGOLETO.



Descobriu-se o verdadeiro nome do sr. Carrilho. Segundo uma carta enviada por este pseudonymo ao *Jornal do Commercio* de terça feira, o seu verdadeiro appellido é *Corrilho*.

Fica pois em terra a versão do sr. Sampaio, que em tempo pretendeu, armado dos mais irrefutaveis argumentos, que se devia escrever—*Karrilho*.

Corrilho realmente é menos grego, mas entretanto é mais euphonico, mais portuguez, e sobretudo mais verdadeiro.

Uma coisa surprehendeu toda a gente de bom senso. Foi que, incommodando-se o sr. *Corrilho* a escrever tambem á *Revolução de Setembro*, negando que em tempo tivesse escripto uma descompostura ao sr. Fontes, não aproveitasse a occasião para perguntar ao philologo Sampaio em que razões se fundou para lhe querer pôr um *K* na testa e outro no nome.

Naturalmente não gosta de *accumular*—nas cartas.



R-SE embora a febre amarella, e chegar o sr. Fontes, pôde na opinião de muitos não ser a mesma coisa, mas pôde na opinião de outros ser ainda peor.

A experiencia vae fazer-se agora em Pedrouços, para onde todas as folhas dizem que partiu o grande homem, annunciando ao mesmo tempo que se retiraram os casos de Vomito negro que ha dias appareceram n'aquelle sitio encantador.

Veremos, pois, se o sr. Fontes, como epidemia, é mais benigno nas praias do que nas finanças.

Monsenhor Pinto de Campos, n'um dos seus pittorescos folhetins, datados de Roma e publicados no *Diario de Noticias*, denunciou á rua dos Calafates e ao mundo que o *nihilismo* está praticando na Russia o seguinte:

«O *nihilismo* está com archotes em punho abrindo os olhos aos cegos...»

Sendo assim, o *nihilismo* está fazendo com archotes pouco mais ou menos o que o Mascaró faz com um canivete!

NOITES DO PASSEIO



Os meninos do baile infantil, na política, na litteratura e nos costumes. Director, o professor Justino.

A TOURADA DE HONTEM, 16 DE JULHO — Telegramma feito no local



1, *Intelligente*, inteligente. — 2, *Págens interessantes*. — 3, *Cavalleiros distintos*. — 4, *Camarotes vistosos* (vê-se madame Rattazzi e a sua preta). — 5, *Scenas patheticas das orphãs agradecidas*. — 6, *Forcado gordo mas prudente* (os gordos lavram um protesto). — 7, *Forcados magros, valentes*. — 8, *A «moña» da rainha ganha briosamente*. — 9, *Um valente larga os sapatos. Entra um cão a dar-se ares de Pimpão*. — 10, *Caso novo. Um boi que não deu sorte na praça quiz dal-a na trincheira*. — 11, *Um toiro cheio de reconhecimento pretende beijar o publico*. — 12, *Antonio Maria cheio de regozijo atira corôas aos lidadores*.

Quem diria que um operador outr'ora tão habil havia de dar em *nihilista*!

E quem havia de dizer que o archote, com o andar dos tempos, ficaria na Russia reduzido a um instrumento cirurgico!



ADAME Rattazzi houve por bem enviar a *Antonio Maria* um dos seus preciosos livros, com uma dedicatória que deve por força ser d'uma amabilidade extrema; mas que, francamente, nós, nem nenhum dos paleographos das nossas relações fomos ainda capazes de decifrar!

Vamos extrahir um *fac-simile* d'aquelle gracioso *gatafunho*, afim de o pôr a premio.

Já nada d'isto acontecia se a illustre forasteira, tendo no nosso paiz convidado tanta gente para lhe tomar o *champagne*, convidasse o habil calligrapho Carlos Silva, para lhe tomar algumas lições de talho de letra.

A feição da dedicatória que nos remetteu seria assim muito mais burgueza, mas em compensação muito mais legivel.

Cumpre-nos, entretanto, agradecer o que quer que se a que se occulta no fundo d'aquelles estimaveis borrões.



RAÇAS ao sr. Rotura, naturalista da Australia, acaba o mundo de ser dotado com uma invenção extraordinaria. O referido senhor descobriu uma planta que tem a propriedade de nos *matar* temporariamente, e outra que nos resuscita quando muito bem queremos.

É enorme o alcance de tão portentosa descoberta; por exemplo:

Um sujeito não pôde supportar o calor e os mosquitos: *mata-se* no principio de julho, para só resuscitar no fim de setembro.

Outro enjôa sempre que viaja: *mata-se* antes de embarcar.

Outro não pôde supportar a sogra: *Dá a alma a Deus* e só resuscita depois da sogra enterrada.

A esposa diz ao marido que as amigas vão para Cascaes, para Espinho, para a Granja, para a Figueira, e que elles não podem decentemente ficar em Lisboa. Ora o esposo, que ficou sem *gratificação*, o que faz? Ministra á consorte o succo da portentosa planta, e só em dezembro lhe dá o contraveneno.

Consta-nos que nas proximas eleições a planta australiana vaie ter um consumo espantoso. O sr. Fontes mandou já vir um carregamento para uso do seu partido. O centro da rua do Norte está encarregado de distribuir listas aos amigos e uma dóse do sr. Rotura aos adversarios.

Mas imagine-se que o sr. José Luciano sabe do caso, e que, como de direito, usa legitimamente de represalias? Teremos então de assistir ao curioso espectáculo de um povo *adormecido*, antes da camara dos deputados poder *fallar*!...

Se d'esta vez o nosso adiposo *deficit* não desaparece para todo o sempre, descremos inteiramente da salvação da patria. O meio é facil, e de certo não terá escapado á perspicacia do governo. São precisas economias? Salta o sabio Rotura.

Os amanuenses morrem de fome um anno inteiro? Pois morram de *Rotura* nove mezes, e fica tudo salvo, os amanuenses do thesouro e o thesouro dos amanuenses.

O exercito custa 4:000 contos annuaes? *Rotura* com elle.

A divida nacional absorve quasi metade da receita? *Rotura* com ella.

E d'este modo—contrasenso maravilhoso!—com o auxilio d'uma *rotura*, conseguimos evitar a *quebra* do estado.



FACTO do Bayard-Sancho-Pança ser um Jupiter nas columnas da *Revolução de Setembro* e apenas um ventre nas cadeiras de ministro, deu logar a que um pensador fizesse hontem as seguintes considerações.

Sampaio, quando escreve artigos de fundo, molha a penna na lava dos vulcões; quando escreve portarias, molha-a na tinta de... Cambrone.

CHARADA

Recebemos trinta e cinco cartas diversas, contendo pretendidas decifrações da charada que demos no nosso numero anterior, extrahida *fielmente* da *adivinhação* do commissariado de policia, recitada em S. Carlos.

Temos a dar aos nossos amaveis correspondentes a triste noticia de que nenhum adivinhou; nem um sequer!...

Reservamos, portanto, para outra occasião o premio offerecido.

A charada é *Daniel*, e explica-se pela seguinte fórma.

Ó rosa purpurina vem cá, etc. e tal... 1

Aqui temos nós—*Da*.

Se porventura já resistiu ao calor da sesta, etc... 2

Aqui temos nós—*Niel*.

Como toda a gente sabe, *Niel* é o nome de uma rosa delicadissima, muito conhecida—*Marechala Niel*.

Portanto temos—*Daniel*.

Exactamente o nome do premio que offerecemos. É tão simples que parece impossivel que alguém não adivinhasse!



Nos Recreios é agora costume, quando algum espectador dá provas de desagrado aos bailados da Fuensanta, ou aos *arrepios* da Moriones, levantarem-se a *claque* e o grupo de *eternos admiradores* d'aquelles dois astros, brandando para o que pateia:—*Pum, pum, fóra burro!*

Parece-nos um mau costume esta troca de nomes.

O Soares deve ter muito cuidado, senão, d'aqui a pouco, são muito bem capazes de lhe comer o fundo das cadeiras.

Dar-se-ha o caso de que os Recreios se tenham mudado para Cacilhas sem a gente dar por isso?

Annuncia-se esta noite grande festa chinesa no Passeio Publico.

O programma diz o seguinte:

«A entrada do Passeio será illuminada a sol magnetico, como é de uso na China.»

«Quatrocentos objectos chinezes darão a todo o Passeio um aspecto inteiramente chinez.»

Profunda lição de astronomia nos dá n'este programma a empresa Amann!

Sabendo-se a composição do sol na China, é facil deduzir de que elle será composto entre nós!

Resta agora saber se entre aquelles quatro mil objectos chinezes se comprehenderão os espectadores.

Sendo assim, a empresa Amann descobriu a verdadeira serventia do nosso publico. Na verdade elle parece ter nascido para *objecto chinez*.

A TOURADA

(TELEGRAMMA)

Campo de Sant'Anna, 16. 5, 30.

Enchente completa. Senhoras cheias de camarotes. Trincheiras de animação. Cortezias esplendidamente ajazadas. Cavallos, touros e capinhas pareciam verdadeiros. Homens d'agua e de caramellos, muitos ramos de cavalheiros atirados ás flores que trabalharam bem. Trambulhões fracos escaposamente milagraram. Pégas muito bem mettidas. Neto elegante, Avô não compareceu. Leões bravos como touros. Relvas, Tinoco de Castro Marreca Sangue Frio muito bem. Espectadores sahindo touril bichos tiveram faniquitos. Moços enforcados ganharam senhoras feitas pelo Casademunt das moñas.

R.

BIBLIOGRAPHIA

— NO BRASIL —

LIVRO DE SILVA PINTO



ILVA PINTO atravessa rapidamente por baixo das palmeiras onde canta o sabiá, e em vez de trazer uma commenda, traz um livro. É mais facil entretanto acreditar n'um conto de réis e n'um *carachá*, do que na sinceridade sem restricções posta em um volume qualquer. Este todavia parece-me ser escripto com firme convicção.

Agradeço o ter-me collocado nas suas paginas, porque, a estar no *Brasil*, é muito melhor estar no livro, doque na rua da Quitanda, apesar de todos os seus encantos.

Por baixo dos curiosos apontamentos do *Brasil* posso escrever:

Recorreu os Capoeiras Silva.
John Raphael Bonfatti Pinkins

ERRATAS

No nosso ultimo numero, a paginas 39, aonde se vê a cara do sr. Pequito, remidor dos pretos captivos

assim



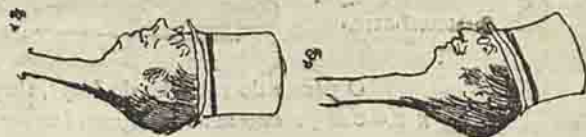
deve ver-se assim



Pedimos desculpa ao digno secretario da geographica e ao publico d'esta inexactidão, que se explica pela velocidade com que n'uma folha d'esta natureza é composto o nariz do proximo.

Egualmente temos de fazer uma modificação no nariz do nosso folhetim a paginas 36.

Aonde no ultimo capitulo se lê o nariz voltado para cima da seguinte forma deve tão sómente ler-se o nariz voltado para baixo, da seguinte maneira:



PHYSIONOMIAS DA ACTUALIDADE



O pastor do rebanho da Lapa, surprehendido á sahida da secretaria da justiça.
N. B.= O sol que refulge na sua mão esquerda é um rico anel, invejado por todos os parochianos e todos os amanuenses.



*AURORA DA LIBERDADE,
saudamos-te!*

*Quando ouvimos e quando lemos os
prodigios de bravura praticados ha 45
annos ao clarão da tua luz gloriosa,
sentimos pulsar o peito de enthusiasmo
pelos heroes da epoea que illuminaste!*

*Acredita nas palavras sin-
ceras de quem não se costuma
levantar de madrugada para
ir ver nascer as auras triviaes
que por ahi são cantadas todos
os dias.*

24 DE JULHO DE 1879

Iamos começar a escrever o *Antonio Maria* em chinês puro, quando nos occorreu que podia muito bem ser que o leitor não estivesse na posse dos segredos d'este abecedario incomparavel, em face do qual o maior sabio nunca pôde deixar de se confessar um bocadinho analphabeto.

Entretanto, visto Lisboa ter-se revelado tão chinesa na ultima semana, diligenciemos por todas as fórmias corresponder a essa predilecção, fazendo do nosso jornal uma *chinezice* digna do rabicho que todo o leitor que se preze ainda deve sentir suspenso na nuca.

Lisboa, esta madrugada, foi acordada pelos rugidos do dragão, que se acoita no castello de S. Jorge. O mandarin Rosa Araujo acordou estremunhado, suppondo que já lhe estavam a saudar a aurora da candidatura pela baixa, quando era simplesmente em honra da *aurora da liberdade* que o dragão espilrava.

A *aurora* deu entrada no Rocio ás quatro e meia da manhã, precedida de sete philarmonicas. Vinha um pouco pallida pôr ter passado a noite nos Recreios, no *Processo do Cancan*.



Entretanto, digamos a verdade. Paradas boas aquellas que nos offerecia o grande homem, que a estas horas em Pedrouços aguarda o julgamento dos seus concidãos, debruçado no fundo da urna, convicto de que fez toda a diligencia para dotar o seu paiz com as boccas que lhe foi possível, tanto de fogo como sem serem de fogo.

Já hoje se verá o resultado das mal entendidas economias do partido progressista.

Boccas de fogo no tempo da regeneração, 120.

Na actualidade, 40.

Diferença entre um e outro partido, 80 boccas; fóra o que tiraram já ás dos amanuenses.

Oh! é por estas e outras que Elle a estas horas, ves-



tido de chinês, em obediencia aos preceitos da epocha, se deve estar lavando em agua de rosas!!



O leitor ainda de certo tem nos ouvidos as girandolas com que o Rocio, de madrugada, saudou o sol da liberdade, e dispensa por isso pormenores d'este delirio matutino em deredor da estatua do *dador*.



O foguete, tal qual elle está sendo empregado nas solemni-dades nacionaes, tem vantagens incomparaveis.

De ordinario quando sóbe, entra pelo nariz de um espectador, descendo depois ao som do hymno da

carta pela cabeça de outro.

O aroma da polvora é extremamente hygienico.



A estas horas o exercito prepara-se. Ensa-boa-se, escova-se e unge-se para a grande batalha das cinco da tarde, em agua circassiana.

Alguns generaes passaram a noite a cavallo, no seu quarto, afim de se acostumarem ás fadigas da guerra. Outros menos intrepidos deram parte de doentes, por não encontrarem, no Arco do Bandeira, cavallos de batalha com os quaes podessem affoutamente compartilhar as forragens, avançando, desde o Terreiro do Paço, de lança em riste, sobre o theatro de D. Maria II.



No entanto, ao longe vê-se já alvejar o avental branco dos portamachados.

Vamos depressa, minhas senhoras: o cyrio de Almada já passou, e por tal signal que levava este anno muitos veteranos novos.

Note-se, entretanto,



que ninguem pôde ser veterano e desembarcar nas praias do Mindello, sem ser approvedo em assembléa geral, e mostrar que pelo menos foi vaccinado e tem 18 annos de idade.

O que se pôde prophetisar desde já é que os leitores, logo, quando as tropas desfilarém, hão de fazer umas caras assim:



Exactamente as caras que hão de fazer quando virem á noite as illuminações.



Tal qual as que fizeram, quando viram, ha dias, a festa chinesa.



A UM CHINEZ DO PASSEIO PUBLICO

Chinez. traz-me chá preto e diz ao mandarim
Que eu vejo de rabicho além junto ao balcão,
Que mande preparar moela de leão
E ninhos d'andorinha á moda de Pekim.

A muralha da China eu sinto dentro em mim;
Tenho fome d'arroz e furias de dragão.
Quizera navegar nos rios de Cantão,
N'um *tancar* de bambú pintado de nankim.

Mha-Da-Me Jo-She-Fine e a sua loira mana
Parecem de charão n'um ceu de porcelana,
Derramando canções nos fremitos da brisa:

E tu, deixa dizer-t'ó, emfim, por uma vez:
Sem rabicho e cabaia, és muito bom *chinez*,
Vestido de chinez pareces da Galliza!

Tsim-Mi-Nhau.



Monsenhor Pinto de Campos escreve ao *Diario de Noticias* que viu em Roma uma estatua de Santa Cecilia, com tres dedos da mão direita distinctamente separados e abertos, bem como o pollegar da mão esquerda.

A razão d'isto é porque a santa, não podendo já sustentar com a palavra o mysterio da Trindade, limitava-se a abrir e a mover os tres dedos da mão direita e o pollegar da esquerda, querendo significar com esses signaes:— tres pessoas distinctas e um só Deus verdadeiro.

É na verdade uma mimica expressiva, entretanto a de S. Francisco Xavier não o é somenos.



As opiniões a proposito da parada de 24 de julho, sobre qual será melhor cavalleiro, se o sr. Braamcamp, se o sr. Fontes.

Uma folha regeneradora opina pelo sr. Fontes, e nós concordamos com esta opinião. Pertto de oito annos a fio se seguiu elle nos *machinhos* do poder, e, não obstante todos os corcovos da alimaria da governação e todos os pinchos que este animal deu, ouvindo o relinchar o *cavallo branco* de Bonaparte, não obstante, só se apeiou quando muito bem quíz.

O sr. Braamcamp pôde ter muito boa mão de redea; mas o partido progressista mostra-se um pouco *resingão*. É preciso cuidado não haja alguma *queda* antes de tempo.



As justças da India portugueza condemnaram duas vezes á morte um cadete de cavallaria, a primeira por, se ter embriagado e bater n'um paizano, e a segunda por fazer a mesma cousa na *sua pessoa* e na pessoa d'um sargento.

Ha todas as es peranças de que o poder moderador, sempre benigno, commute metade da pena, por occasião da semana santa.

Sendo assim, o cadete será apenas enforcado uma vez —pela paschoa.

ANTES DA PARADA

O maestro-picador dando uma lição de equitação ao presidente do conselho,
ministro da guerra interino



- *Maestoso, maestoso!* sr. ministro: aperte-me bém essas *claves* e dê sahida ao animal.
 — A mim o que me faz conta é não *cahir* por estes seis annos mais chegados.
 — Não tenha medo. Repare bem para mim e veja a minha mão de redea. O piano está bravo, mas é a mesma coisa: olhe o garbo com que eu monto!
 — Tem muito mais garbo do que o Fontes!
 — Ora, ora! O Fontes é lá capaz de dirigir um ministerio com a magestade com que eu sou capaz de reger ao mesmo tempo um cavallo e uma orchestra!...

EM CAMINHO DA PARADA

Allegoria chinesa



O reverendo general pastor da Lapa entre o estado maior das suas tropas.

A CHINA NO PASSEIO PUBLICO

TRADUCÇÃO DO DECRETO

(TRANSCRIPTO POR BAIXO DA PRESENTE VINHETA)

«Gloria ao professor Justino!

Em atenção aos merecimentos d'este sabio na sciencia

choreographica, eu o imperador do celeste imperio, filho legitimo do sol, hei por bem condecoralo com a ordem do leopardo amarello, elevando-o ao mesmo tempo á dignidade de mandarim do baile infantil, em sua vida, podendo de ora avante usar da cabaia e do rabicho correspondente a tão alta dignidade, tanto na rua como nas soirées particulares.

E para que elle possa pôr a cara a uma banda a nto aos fenians da baixa, como aos barbaros do Passeio Publico, mandei passar o presente decreto, que vai sellado com o meu carimbo do 7.º planeta.

Dado em Pekim, no quarto minguante da lua—e de tudo o mais, á hora de cantar o gallo.»

SHO-TCHIM-KIAO.

A FESTA

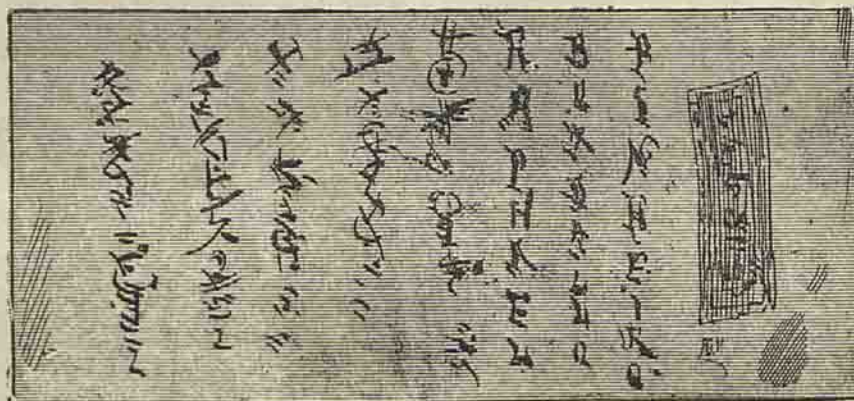
Da memoria do povo portuguez em geral, e da rua dos Algebibes e travessas adjacentes em especial, jámais se apagará a lembrança das festas chinezas com que a empresa Amann

deslumbrou na ultima semana os habitantes da capital!

Lisboa achou-se por um instante transportada ás torres de porcelana de Pekim, gosando a mais a vantagem de, pela quantia de dois tostões, comer ou deixar de comer ratos e ninhos de andorinha, como é dever imprescriptivel de todo o bom chinez nas festividades do seu paiz.

Procuraremos descrever a traços rapidos o aspecto do Passeio n'essas noites memoraveis em que a dedicação do nosso bom povo foi generosamente recompensada com balões de papel pelas sumidades chinezas que promoveram e leva-

ram a cabo tão esplendida e interessante festa.



BILHETE ENVIADO PELO SOL MAGNETICO DO PASSEIO
AO SOL ELECTRICO DOS RECREIOS

Eis-me ás escuras, amor!
Amanhá dou-te uma pera,
Se entregas ao portador
Um phosphorinho de cera.

RESPOSTA DO SOL ELECTRICO

A minha desculpa acceita,
Mal sabes quanto me vexa.
Mas não deũ hoje a receita
Nem p'r'ó cebo nem p'r'á mexa.

À ENTRADA DO PASSEIO



Os porteiros vestidos a caracter repelem os ataques da garrotada, maldizendo o sr. commissario da segunda divisão, que assim deixa ao abandono, expostos ás vaías publicas, uns *chinezes* que haviam confiado na hospitalidade tradicional d'este povo.



O aspecto do Passeio é encantador. O publico mostra-se cheio de confiança para com os balões suspensos sobre a sua cabeça, confiado em que, segundo as promessas da empresa, elles serão demasiadamente delicados para não estragarem as *toilettes* das damas.



Os balões correspondem a esta confiança, conservando-se apagados.



O vendedor de ventarolas está admirado da *China* e admirado de si; orgulhoso ao mesmo tempo da attenção com que o publico o contempla. Chamam-no de todos os lados; as senhoras perguntam-lhe o nome, e elle, tão compenetrado está do seu papel, que não responde por não saber fallar *chinez*.

Interroga-se a si proprio, e pergunta por que motivo o *Diario de Noticias* se não poderá vender avulso em Pekim.

NO CAFE



Um freguez senta-se a uma mesa, e um *chinez* traz-lhe cerveja.

— Dize-me cá, sentes-te bem com esse fato?

— Eu lhe digo: de verão é melhor ser *chinez* do que archeiro da casa real. É mais fresco.



Um pobre do asylo convencido de que a sua posição de proletario do celeste imperio é incompativel com o cargo de alugador de cadeiras, resolve pegar n'uma e sentar-se.

Os chefes de familia erguem as mãos supplicantes a este *mandarin* que os deixa ficar de pé toda a noite.

A RETIRADA

Emquanto a orchestra executa a *marche aux flambeaux*, tem logar a *retirada dos balões*.



As familias aproveitam-se francamente da concessão da empresa, e é raro o que não traz um balõesinho de papel para casa.

— Paguei-o com o meu dinheiro, diz um retrozeiro para a consorte.

— Olha menino, havemos de pô-lo á janella no dia 24 de julho, para metter inveja á visinhança.



Não ha nenhum *balão*, que para honrar a festa não saía com o seu balão.



E nenhum *balõesinho* sem o seu balõesinho.

À DESPEDIDA, ENTRE DOIS NAMORADOS



Elle:

Anjo do ceu: á uma hora Da rua dou-te signal.

Ella:

Muito bem vou ver agora Se esqueces o teu ideal!

Trocaremos enleiadós Os nossos dois corações.

Elle:—E depois d'elles trocados, Trocaremos os balões.



O PROCESSO DO CAN-CAN E A SEÑORITA MORIONES



É salerosa e é bella:
Quando bate o pé no chão
Tremem terras de Castella
E as fibras do coração!

Quando canta a seguidilla,
Dá vontade de a levar
P'ra as solidões d'uma ilha,
A ouvil-a sempre cantar!...

Da fama que hoje a acompanha,
A essa dizemos nós:
Seria a gloria da Hespanha,
Se tivesse alguma voz.



Phases da lua de mel.

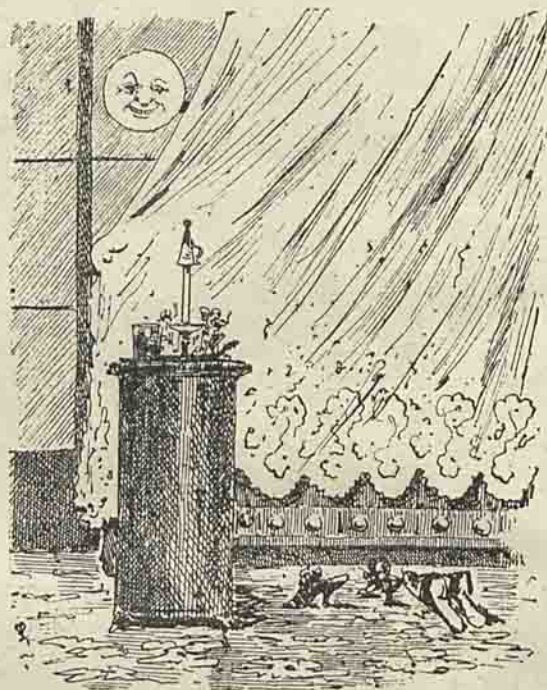
Continua

Sympathica leitora,

Apresento-lhe Emilio Pimentel (não se parece nada nem elle nem nós) um delicado artista, cheio de graça e de talento, que nos conta em breves traços a historia de uma lua de mel, nas suas quatro phases mais caracteristicas.



Quarto crescente.



Lua cheia.



Emquanto os tyrolezes cantam no Passeio Publico, o *Diario Illustrado* brada na rua da Atalaya que o paiz está sobre um vulcão!

A este grito d'alarma, as familias que não frequentam o Passeio acodem ás janellas, e o sr. commandante da municipal manda vir uma escada Fernandés para montar a cavallo, afim de ir assistir ao incendio. As torres da cidade dão o signal de *vulcão* com 54 badaladas, exactamente o numero de contos dispendidos pelo ministerio anterior nas *despeças reservadas*: os bombeiros correm de todos os lados, e as bombas procuram o sitio onde supõem ser o *vulcão* intempestivo que assim vem lançar a confusão na cidade!

Depois de muito procurarem, o sr. commandante da guarda, o sr. commissario da policia, o sr. inspector dos fogos, as bombas, os bombeiros e as escadas, reconhece-se que foi rebate falso, ou que então, se porventura houve começo de *vulcão* algures, foi apagado com um puca-ro de agua pela familia em cuja chaminé se manifestou.

Ha entretanto razões para suppôr que o grito de—*fugam que ha vulcão*,—foi calculadamente solto pelo *Diario Illustrado*, afim de ver se o ministerio fugia, para elle se lhe ir sentar nas cadeiras. A estrategia entretanto falhou, porque ao ouvido do sr. Anselmo Braamcamp tanto vale gritar que ha *vulcão*, como vale gritar que o não ha.

Para o sr. Anselmo sentir um *vulcão*, é necessario, *pelo menos*, pegar n'elle e pô-lo a assar em cima da cratera.

Realmente o *Diario Illustrado* está mystificando a cidade d'uma fôrma que não se coaduna bem com a polka mazurka e com a seriedade de que tantas vezes tem dado testemunho. Ainda, hontem, por exemplo, elle bradava pela millesima vez, esta semana,—com ar de indignação, que chegava a illudir os mais sagazes—que o governo não contente ainda com o *vulcão* que accendera no paiz com phosphoro criminoso, denunciara a casa real n'uma folha de Coimbra, como devedora de importantes sommas ao estado, arrastando assim os créditos do poder moderador pelas ruas da amargura!

E a gente ia para amaldiçoar este *governo nefasto*, culpado de tamanhos crimes, quando, ao pegar na referida folha de Coimbra, dava de cara com uma revelação na verdade curiosa. O informador da *conta* real fôra exactamente um redactor do *Diario Illustrado*!

Antonio Maria aposta com Sua Magestade Fidelissima o seguinte: em como o *Illustrado* não torna a fallar mais na real conta.



Lua nova.



Quarto minguante.



A PARADA

O exercito sahiu á rua. Veio dar uma volta. Estava com falta d'ar.

Andava-se por ahi a dizer que nós não tinhamos exercito. Zás! elle ahi vae como um barra!

É um exercito verdadeiro, de carne e osso, com cinturas apertadas, botas de polimento e luvas de pellica.

—Sim, senhor! Está muito bonito. É de carne e inteiriço. Em crescendo ha de vir a ser um heroe! Bonito, na verdade. Ó compadre, veja-me este senhor alferes; que tem a dizer-lhe?

Isto dizia o bom burguez, puxando as fumaças do seu cigarro, e examinando alguns dos nossos guerreiros.

—Que bello sargento! Bóm typo. Muito guapo. Muito

aceado. Não tem mau cheiro. E os soldados? Bellos, hein! Barbeados, lavados... Ora Deus queira que não lhes faça mal. Vão muito bem, sim, senhor.

E os generaes equilibravam-se sobre finos cavallos de raça das caudelarias do Arco do Bandeira, com os seus bigodes engraxados a capricho, as suas commendas e grã-cruzes ganhas á custa das muitas horas de lucta—debaixo das arcadas; e as musicas tocavam, e as filas desfilavam, e o *Zé Povinho* folgava de contentamento, exclamando:

—É muito barato. Paga-se apenas a pelle, de impostos, e até nos dão parada! Isto é muito melhor do que os almoços de gallinha a dez réis, ou os jantares de dois tostões com duas sobremezas: um figo e uma noz!

UMA EX-PRAÇA DE PRET.

Um candidato radical, que viu na terça-feira no Passeio o sr. infante D. Augusto collocado dentro de uma gaiola d'arame, tenciona, se for eleito, apresentar em côrtes uma proposta afim de que a dotação de sua alteza fique reduzida a doze moios de milho painço por anno, além de duas forragens d'alpiste e uma fatia de pão de ló todos os dias.

Espera-se que o governo, em harmonia com o seu programma, accite a proposta; tanto no que respeita á dotação em doce, como em cereaes.

NA PARADA
O que elles fazem dentro do poder

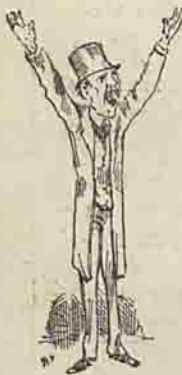
O que elles dizem fóra do poder



Que desperdicio meu Deus!!
Uma parada, para que? Nós
que estamos pobres, a dar-nos
ares. Caminhámos para o ibe-
rismo, não ha que ver!



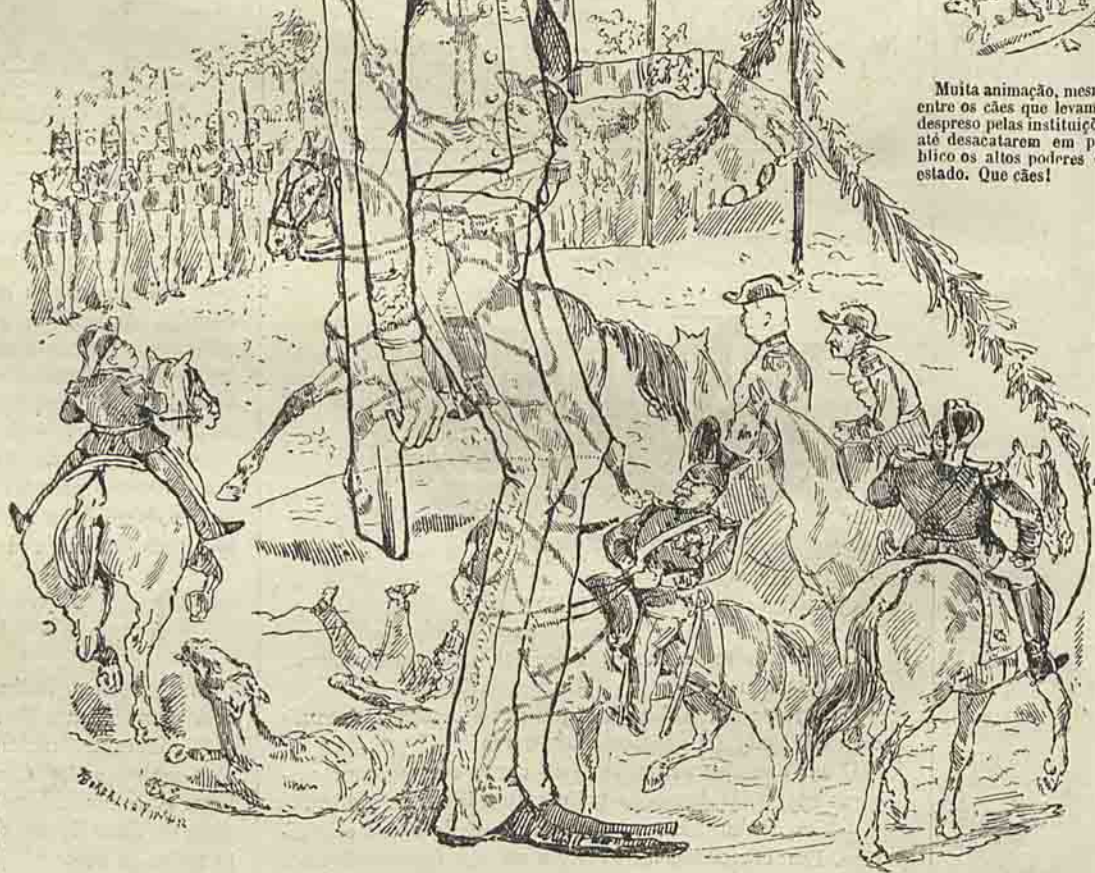
Quando os cofres publicos
estão exaustos... E são estas
as reformas dos progressistas!
Desgraçado país!



Não sei onde isto hade ir pa-
rar, estamos sobre um vulcão!...



O vulto mais sympathico da realeza vê a parada
atravez da situação que n'este momento traz o rei na
barriga.



A toilette de Sua Ma-
gestade a Rainha era do
gosto mais exquisito.
Vestido crepe-chinez,
bordado, com ramos á
Pompadour. Chapeu
constitucional, azul e
branco, feito segundo a
carta que vigora no reino
de Madame Aline.

A tropa, entretida em contemplar a toilette esqueceu-se de acertar o passo, motivo porque o *Diario de Noticias* e o sr. general da divisão publicaram uma ordem do dia observando aos regimentos que para a outra vez era mais conveniente obediçorem á voz dos srs. alferes do que preoccuparem-se com as modas.
As praças de pret mostram-se arrependidas do seu procedimento e promettem de futuro não quizer saber se os vestidos de Sua Magestade são feitos segundo os preceitos da moda parisiense, no *boulevard des Italiens*, ou na sr.^a D. Cecilia Fernandes.

O que elles dizem fóra do poder



Sustentar exercitos n'este es-
tado ruinoso!... Sempre que-
ro que me digam para que ser-
vem os exercitos permanentes?
Um paiz pobre no caminho da
dissolução!...



Isto brada aos ceus. É uma
vergonha á face das nações
cultas!...



Caminhamos a passo de gi-
gante para a bancarrota. E não
ter amor ao seu paiz. Paradas
para adular o rei! Quando che-
gará o dia em que nós, homeus
sensatos, possamos salvar a
nação fazendo as reformas ne-
cessarias?...



Veteranos velhos

Aspecto dos palanques

veteranos moços—nihilistas



Muita animação, mesmo
entre os cães que levam o
desprezo pelas instituições
até desacatarem em pu-
blico os altos poderes do
estado. Que cães!

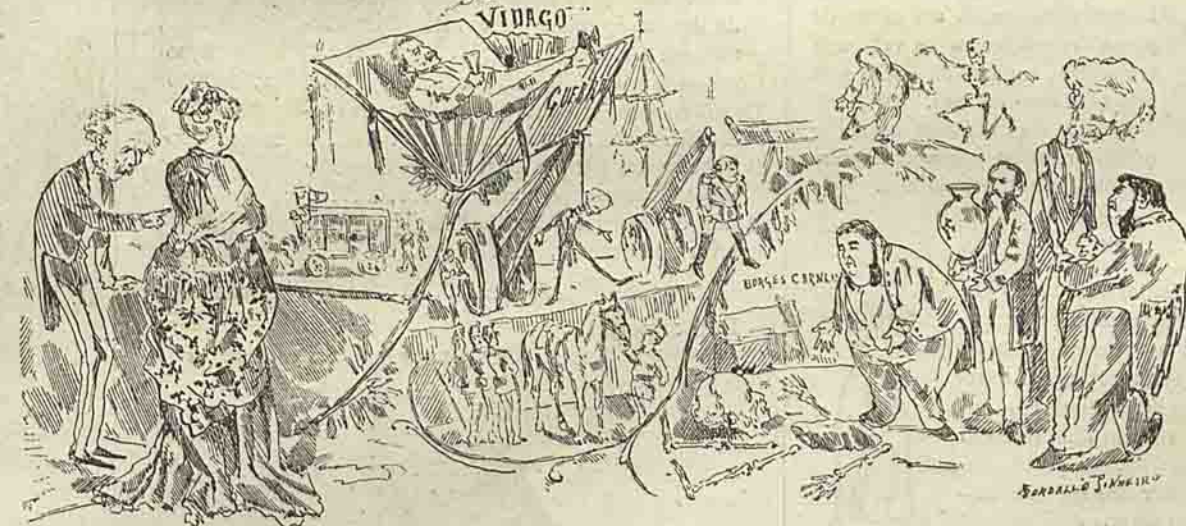


Os valentes soldados do Paço as-
sistem da tribuna ao desfilir dos ca-
maradas, sem que por isso tenham
guardas de castigo com moxila em
ordem de marcha.

Em razão da espessura se fossem
juntos encobriam-se um ao outro.
Para evitar uma duplicata de prin-
cipes, um fica na reserva para só ap-
parecer quando desapareça o outro.

O sr. Saraiva promete reveren-
tente a S. M. a Rainha que a
historia dos escriptos fica adiada
para quando sahir do ministerio:
por enquanto está cortado o pa-
pel, o que levará seu tempo porque
as janellas são muitas.

O gabinete reúne em palanque,
lendo um telegramma de Portalegre
que acaba de chegar. Discute se de-
ve mandar uma ambulancia para re-
ceber o cadaver do governador civil.



O ministro da guerra interino apa-
nta á rainha os regimentos que pas-
sam, confundindo-os a todos, pela
falta de pratica, não perdendo a oc-
casião para lamentar os desperdicios
do seu antecessor que mandou fazer
carros americanos para as ambulanc-
ias. Depois engole em secco furioso
contra o guerreiro effectivo que trau-
quillamente se restaura em Vidago
para a parada do anno que vem.

Sua excellencia transparencia da
guerra não appareceu a cavallo por-
que, quando no arsenal da marinha
lhe applicavam o guindaste para o
montar, desequilibrou-se, e cahiu, fi-
cando no chão em estilhaços.

Ao ruido acudiu logo o sr. presi-
dente da camara, que, vendo ossos
espalhados no chão, suppoz ser o es-
queleto de Borges Carneiro que se
desmanchára no arsenal, e propunha-
se a mettel-os na urna e a fazer um
novo enterro, quando o preveniram
de que eram os restos do presidente
do conselho, que em seguida se er-
guez pondo-se a caminho.

O sr. presidente da camara, muito
afflicto, tratou de desculpar-se diante
de s. ex.^a do pequeno equivoco de
que foi victima o esqueleto presiden-
cial.

Caminhamos a passo de gi-
gante para a bancarrota. E não
ter amor ao seu paiz. Paradas
para adular o rei! Quando che-
gará o dia em que nós, homeus
sensatos, possamos salvar a
nação fazendo as reformas ne-
cessarias?...



ESMO agora, dizem varios jornaes, acaba de chegar a Lisboa a elegante senhora Concepcion Flaquer, distincta escriptora catalã, que vem ler a Sua Magestade Fidelissima um capitulo do estudo intitulado *A mulher hespanhola*, que, ha poucos dias, leu tambem a Sua Magestade Catholica.

Que lembrança terrivel, se a sr.^a Pusich se propõe a escrever um romance *nihilista*, para o ir ler ao imperador da Russia!

Que as realezas se acautelem! Cremos piamenté que o livro da sr.^a Flaquer não encerra coisa que attente contra o somno dos reis, todavia esta insistencia de leitura praticada contra as testas coroadas, faz-nos desconfiar do caso!

A companhia do gaz acaba do collocar no Chiado quatro candieiros tres vezes mais altos do que os outros que lá estavam. Segundo se diz, a companhia fez isto



com o fim de mostrar á cidade que desde que haja boa vontade e mais força de gaz, a luz principiará a ser mais clara—proposição que até aqui parece ter sido contestada por unanimidade. Ha todavia quem diga que as intenções da companhia são, ir a pouco e pouco augmentando a altura dos candieiros, e quando elles já lá estiverem muito em cima, de fórma que ninguem os veja sem telescopio, apagal-os então sem ninguem dar por isso.

Espera d'esta fórma começar a dividir pelos accionistas, além de cincoenta por cento, os proprios consumidores.



Os *chinezes* do Passeio Publico fizeram uma representação á sr.^a Amann, afim de que os tyrolezes sejam devidamente inspeccionados, para que se não diga que são artificiaes, como alguém chegou a dizer dos mesmos *chinezes* ha alguns dias.

A auctoridade vae mandar abrir uns e outros no instituto agricola.



Recebemos pelo correio o seguinte:

DESPEZAS RESERVADAS

Nota das obras pias e de misericórdia em que foram gastos pelo ministerio do reino, durante a gerencia do sr. Sampaio, os 54 contos questionados por algumas folhas progressistas.

Por mandar pôr uma capa de carneira na Carta Constitucional, laval-a com benzina, e gratificar o continuo que esteve sentado em cima d'ella.....	360
Uma ferradura no cavallo branco de Napoleão	240
Idem, idem, em diversos.....	1:500
Lavagem de coeiros dos meninos da maioria.....	7:600
Gratificação ao <i>nihilista</i> que ensaiou a <i>pavorosa</i>	4500
Uma cauda nova para o sr. deputado Pavão estreiar na abertura das côrtes.....	12000
Rolhas de marmelada para as sessões da maioria no ministerio do reino.....	15:000
Emprestimo ao sr. Duque d'Avila, afim de s. ex. ^a collocar no gallo que fez ao cahir do ministerio—pelas escadas das côrtes, em 1878.....	5005
Potassa e escova de côco para esfregar o K, que o sr. Sampaio pintou ha oito annos na testa do sr. Karrilho.....	120
Betume para tapar alguns buracos no orçamento.....	6:000
Mexa para ateiar o <i>vulcão da demagogia</i> , e pôl-o a ferver, quando a opposição subir ao poder.....	1:279
Um resplendor de filagrana para collocar na frente do sr. presidente do conselho, quando descer do poder para subir á immortalidade.....	700
Coto para o illuminar.....	2:600
Confidenciaes (amolar as raspadeiras das secretarias, etc.....	20:002
Bilhete postal para o governo se despedir dos seus amigos, ao cahir	15
Ajuda de custo ao sr. Karrilho, para o ir levar ao correio.....	40
Somma.....	54:000

Está conforme.

O encarregado dos orçamentos
CORRILHO JUNIOR.





NO PASSEIO

O immenso mundo germina!
 A chamma rubra do sol.
 Depois da Turquia, a China,
 Depois da China o Tyrol.

Os socios da geographica
 Tem novos pontos de vista,
 E escusam já d'ir á Africa
 Comer empadas d'alpista.

Basta só levar no seio
 A aurora das illusões,
 E atravessar o Passeio
 Munido de dois tostões.

São homens os tyrolezes
 D'uma figura guapa!
 As mulheres lembram-me ás vezes
 O digno prior da Lapa.

Cantando, oh que põesia!
 Como o seu canto consola!
 D'inveja, quem tal diria,
 Cae o Gaspar da viola!

RIGOLETO.



Os tyrolezes chégaram. Ha apostas sobre se são verdadeiros ou se são falsos, como os *chinezes*, e já houve mesmo quem propagasse na cidade que a tyroleza mãe é o sr. conselheiro Arrobas disfarçado em habitante do Tyrol afim de ver se consegue que algum circulo do paiz o eleja nas proximas eleições.

Em todo o caso, se não são falsos, aquillo em que elles primam sobretudo é nos *falsetes*.

Ao concerto assistia, acompanhado do seu ajudante, dentro d'uma gaiola d'arame collocada pela empreza entre as arvores, o sr. infante D. Augusto. Mr. Amann mostrou-se extremamente sollicito com sua alteza, indo de quando em quando apresentar-lhe os seus cumprimentos e offerecer-lhe alpista nova.

Alguns fidalgos da côrte, que assistiram á funcção, quando passavam diante da gaiola, eram obrigados a modificar a pragmatica, dizendo simplesmente:

—Sr. D. Periquito, dê cá Vossa Alteza o pé...

Á ultima hora consta que o director technico dos Recreios, depois de reduzir o preço da entrada a 50 réis, vae amanhã e depois estabelecê-lo de graça, estando resolvido, para combater os tyrolezes, a mandar no domingo pregar nas esquinas o seguinte cartaz:

RECREIOS WHITTOYNE

DOMINGO 3 DE AGOSTO

BRILHANTE FUNÇÃO

*Em que tomam parte, vestidos de tyrolezes,
 o Gaspar da viola e sua esposa.*

Um premio a cada espectador.

Chá e torradas ás 10 horas da noite.

Ás 10 e meia, sandwiches do maestro Gaspar.

Ás 11, uma de seis a cada espectador.

*Ás 11 e meia, rifa do corpo de baile. Fogo de bengala
 em todo o jardim.*

Á MEIA NOITE

*Será tirado á sorte o primeiro bailarino, Puig,
 sendo o sorteio feito pelo da ultima loteria da Misericórdia.*

ENTRADA GERAL

Paga-se 200 rs. a cada espectador. A meninos e militares de todas as graduações, 400 réis, com tanto que vão ao collo.



Como no nosso ultimo numero sahiu entupido este senhor, desentupimol-o agora, para que seus formosos contornos não fiquem empastados.

NO PASSEIO.—A noite dos tyrolezes.—Na serenissima gaiola

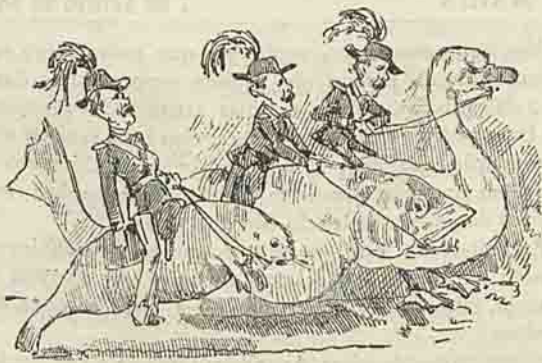


Dentro d'aquella gaiola,
Entre o coreto e o café,
Diz-lhe um velho rapazola:
—Meu loiro, dá cá o pé...

E a multidão de soslaio
Deslisava festival:
—Coitado do papagaio,
Do papagaio real!...

N.B. Tinhamos um tyrolez encoberto com o pseudonymo de Gaspar da viola, e só agora demos por elle!

O CAVALLO VOADOR.— Opinião da imprensa



Ha quatro annos, segundo o *Diario Popular*, o cavallo era uma phoca, uma pescada, um cysne.



Segundo o *Illustrado* era um cavallo de manejo, um cavallo fogoso, um cavallo de batalha.



Hoje, segundo o *Popular*, era um cavallo garboso, de corridas, luzidio e carissimo.

Segundo o *Illustrado* não passava de uma pescada de barriga arrepiada, de um cavallo de folhas e cascas, de um burro enfim, que não valia um pataco.



A nossa opinião é que o cavallo que voou de cavallaria 3 para a municipal e da municipal para o calção do sr. Fontes, era simplesmente um *cysne de combate*.



LGUNS deputados regeneradores teem recebido cartas anonymas ameaçando-os com a morte, se por ventura se apresentarem candidatos nas proximas eleições.

Para satisfazer a curiosidade do leitor podemos apresentar-lhe cópia d'uma d'essas cartas, dirigida ao sr. Pavão, deputado por Mirandella, o qual especialmente parece ter incorrido no desagrado dos *nihilistas* que ao presente se acham em Lisboa para executar as ordens da terrível associação.

Eila:

«Amigo Pavão:

«Por ordem do grande *comité* internacional, fica certo ao receber d'esta que, se porventura intentas propor-te por Mirandella, serás condemnado a pena ultima. Tu, Bismark, o imperador da Russia e o Joaquim José Alves são os quatro em que nós os, vingadores da oppressão social, temos os olhos fitos. Escolhe: ou retiras a candidatura ou vaes para os aninhos.

«Não penses que podes fugir á justa punição. Á noite, quando tomares cerveja no Passeio Publico, o punhal vingador estará erguido sobre ti, no café á mesa redonda do teu hotel jantarás na companhia de *nihilistas*, e um *nihilista* irá dormir contigo no mesmo leito.

«Os ultimos incendios de Moscow são um presagio do castigo que te aguarda. Em a sobrecasaca te cheirando a chamusco, é que a tua ultima hora se aproxima!

«Se fores esta noite ao Passeio, dá signal, desdobrando á janella o *Diario de Noticias*. Eu lá estarei no botiquim, do lado esquerdo: sobrecasaca preta abotoada até acima, e chapéu derrubado sobre a testa.

«Sobretudo não avises a policia, porque, como deves saber, a policia de Lisboa é a primeira *nihilista* do mundo.

«Escolhe: ou Mirandella ou Morte.

«O delegado da associação encarregado dos assassinatos eleitoraes

ROMANOFF JUNIOR.

Peixoto, o philanthropo das Flores, requereu á camara que lhe concedesse o Passeio da Estrella por tres dias, afim de proporcionar alguns divertimentos aos moradores de Buenos Ayres que se lamentam da semsaboria em que o municipio deixa sepultado aquelle bairro elegante.

A philanthropia do Peixoto é tanta que já não cabe nas Flores e principia a esbracejar por Lisboa. D'aqui a pouco começa a fazer subscripções para fundar um asylo no Passeio Publico, e se lhe estimulam os brios é capaz de emprehender a fundação de uma *creche* no Terreiro do Paço, á porta do ministerio da fazenda, dando elle proprio de mamar ás creancinhas, ou fazendo-se *personalmente* em açorda para as alimentar.

Mas que passatempo, senhores, que passatempo será o que o grande philanthropo intenta proporcionar, das 3 ás 5 da tarde, as pobres familias attribuladas do bairro de Buenos Ayres? Intentará elle a essa hora realizar uma *illuminação apagada*, como o exige o recolhimento da hora, ou projectará vestir-se de leão, começando a rugir dentro da jaula a beneficio dos desvalidos?

Exibir-se-ha, por ventura, como fogo turco, incendiando a propria sobrecasaca, ou cairá em borriños na cascata, feito *Peixotopintecromocreme*, para regosijo das familias?

Ninguem o póde saber. Apenas consta que a companhia do gaz já estabeleceu um encanamento para dentro do grande philanthropo, ignorando-se se elle pediu isto a beneficio dos doentes das Flores ou dos sãoes de Buenos Ayres.

Se o Peixoto continua assim, é capaz de fazer *adoecer* tambem o continente.



EM hajas tu, ó malolgrado kediva!

O antigo vice-rei do Egipto, Ismail-Pachá, para se consolar das *amarguras do exilio*, anda viajando pela Europa no seu yacht de recreio, em companhia do seu serralho, composto de 300 mulheres e 12 eunuchos negros!

Não lhe pedimos senão uma coisa: é que

venha a Lisboa, e que vá algumas noites aos Recreios com a familia! Dá um alegrão ao Soares e consola ao mesmo tempo trezentos corações attribulados!

O diabo é se os eunuchos não são homens completamente compenetrados dos nossos costumes, para conservarem o alfange ocioso em quanto á sahida os apaixonados mostram o *Diario de Noticias* ás odaliscas.

Em todo o caso que venham. Quando o corpo de baile dos Recreios e varias tyrolezas feias são capazes de conquistar os corações portuguezes n'uma noite, o que farão 300 *houris* bonitas!...

Juramos por Mafoma, que até o digno prior da Lapa é capaz de entrar em negociações diplomaticas com o filho do Propheta para as confessar a todas!

O *Pimpão* foi declarado orgão do partido progressista pelo *Diario Illustrado*.

N'esta qualidade de *orgão*, diz-se que Ruy Barbo vae requerer collocação na igreja da Lapa, afim de ser tocado pelo respectivo prior.

Realmente não vale a pena ter unicamente a fama, em quanto outros recebem o pé d'altar.



DIARIO ILLUSTRADO declarou que o sr. Saraiva de Carvalho dirigiu um insulto a sua magestade, começando o relatório que precedeu o ultimo decreto a respeito da *desorganização* do ministerio das obras publicas, pela seguinte palavra:—*Senhor!*

Na verdade, o relatório é na essência e na fórmula tão platonico, que achavamos mais rasoavel que começasse assim:—*Meu anjo!*

Ou então, para ir d'harmonia com os antigos sentimentos do sr. Saraiva a respeito do inquilino do Paço da Ajuda, devia talvez começar, como qualquer carta de despedida a um rendeiro que se intenta pôr na rua:—*Ill.^{ma} Sr.*

Ou então: para lisonjear os sentimentos da parte mais avançada do partido progressista, monarchico quando está na rua de casaca, e republicano quando está em mangas de camisa em família, era mais natural que principiasse d'esta fórmula:—*Caro tyranno.*

Seja como fôr; não se diga que a politica portugueza não é uma politica de *principios*. Tão de principios é, que discute logo o *começo* das cousas. Os progressistas quando sua magestade chamou ao sr. Fontes *caro* no uso pleno das attribuições d'um rei constitucional, que deve perfeitamente saber o preço dos que puxam ao carro da governação, gritou logo que este epitheto representava um attentado contra o que ha de mais inviolavel na carta e na grammatica, agora os regeneradores por sua vez agridem o governo por elle chamar a sua magestade — *Senhor.*

E n'isto se cifra entre nós a *augusta missão da imprensa*. Ou derramar confidencias d'amor no coração das virgens, ou rosalgar na intenção dos adversarios.



S ANGINHOS que figuraram na procissão da rainha santa em Coimbra, em numero de 200 e tantos,—quasi um batalhão de archanjos,—têm levado uma cresta da fortuna!

Já lá vão vinte e tantos, declara uma folha da localidade, e receia-se que succumbam mais alguns, victimas de defluxos apanhados no trajecto da procissão.

Aviso aos paes de familia. O philoxera tanto pôde dar nas vinhas do Douro como nas *vinhas do Senhor.*

Quem tiver anjos que os deixe ficar em casa bem abafados.



M indigena recolheu de Cabo Verde á terra que lhe deu o ser, conduzindo, como fructo das suas economias, cinco contos de réis em patacos, ou tanto seja 125:000 d'aquelles projectis de bronze, unicos no systema monetario da Europa.

Ao dar entrada na alfandega, está resolveu classificar os patacos como *cobre em obra*, exigindo o pagamento de 250 réis por kilo; isto é, queria apoderar-se de 2:600 patacos, nem mais nem menos.

O indigena gritou: *larga os patacos, alfandega!* e o governo deu ordem ppra o *cobre em obra* sahir livre de direitos.

A alfandega, para ser logica, devia pesar os patacos, pesar o dono, e pesar-se depois a si, tributando depois o valor total—*bruto.*

Realmente é difficil n'este ponto averiguar qual o é mais, se os patacos, se o que os reuniu, se o que os classificou.

Realmente um homem que junta 125:000 patacos merecia que lhe cahisse do céu um sacco d'elles... em cima da cabeça!

Teem alguns periodicos mal intencionados arrogado censuras ao illustre pyrothechnico Tavares, inventor dos *foguetes de guerra*, pelo factio d'estes foguetes damnificarem de ordinario as pessoas que os deitam, ficando *regularmente* sem um braço e sem uma perna o que lhe chega o morrão, e de perfeita saude aquelles contra quem são dirigidos.

Nunca maior elogio se fez da efficacia de tão assombroso invento!

O que resta é simplesmente modificar as condições em que aquelles *foguetes de recochete* teem até hoje sido empregados.

Quem deve deitar o foguete não somos nós, é o *mimigo*, limitando-se pois todos os nossos esforços em levar o *invasor*, desde que elle appareça na fronteira, a accellar alguns de presente.

E ai d'elle! Apenas apontar o foguete contra nós, é um braço e uma perna contraria de menos!

Não seria mesmo mau que o governo fosse comprando alguns para, nas proximas eleições, dar de presente aos influentes regeneradores.

Visto a epocha ser de cumulos, lá vae um.

O cumulo do horror para quem tem calos — a torre de *Piza.*

RHETORICA OPPOSICIONISTA.—Sobre um vulcão; á beira do abysmo

OS TYROLEZES POLITICOS



Silhouettes do Passeio, antigas como o vulcão e o abysmo na politica, avistando-se, porém, agora atravez do fogo turco.

Os tyrolezes cantam, sem se importarem com o vulcão que o partido regenerador lhes sopra por baixo dos pés, agradando a uns e desagradando a outros conforme é costume.
N. B. Ha supposições de que a tyroleza gorda é o reverendo prior da Lapa. Vidé o anel.

A real é serenissima passarinhada observa de gaiola, e em logar seguro, tanto os tyrolezes como o vulcão.

Carta do Luciano (primeiro) ao Pequito sem (segundo)



I

Fallei com elle; affirmo-te
Que é sabio de tres pellos;
Senti como que um extasi,
Ao ver-lhe os cotovellos
Fincados sobre as gambias
Em douda posição;
Tinha-o meu nome em copula
Com outros de equal toque;
É, como nós, geographo.
Por isso, de reboque,
Levou-me em bom convívio
Da Agrella ao Indostão.



II

Narrrou-me coisas varias,
Porém de mim sabidas;
Em pontos ethologicos,
Diga-se ás escondidas,
O homem deitou *fifa*,
Mais do que tu... ou eu;
Mostrou-me um livro *infolio*
Dos tempos de Alarico;
No genero cerâmico
Uma aza de... mas bico,
E emfim, propicia ao osculo,
A dextra me estendeu.



III

Depois d'este preambulo
Nasceu-me alento novo;
Sahi do meu silencio,
Parti a casca ao ovo,
E então, ó deuses maximos!
Nada sem luz ficou.
Aos dias prehistoricos
Galguei n'uma passada,
Tratei dos dolmens celticos,
Das postas de pescada,
Da ethica e da esthetica...
Vê tu que genio eu sou!



IV

D'ahi, n'um curso rapido,
Achei-me em plena historia,
Dei-lhe dois *passes* technicos,
E a vasta luz da gloria
Em scintillante aureola
Me veio emoldurar;
Tive o talento prodigo
Ás upas com a sciencia;
Juntei aos figos d'Attica
Os figos da Vicencia;
Depois entrei na critica...
Era um peixão no mar!



V

Já tinha a bocca espumea,
E o queixo mais comprido;
Sonhos da amada patria
Volveram-me ao sentido,
E, então, a abelha lyrica
No seio ouvi zumbir;
Já dedilhava um cantico
Á brisa vespertina,
Quanda ouço, ó musas pallidas,
Uns ronos em surdina:
Pequito, o nume egregio
Dormia a bom dormir!

CID ADÃO

UM CONSELHO POR SEMANA

Realmente, Lisboa, n'esta quadra que atravessamos é a cidade mais virtuosamente sensaborona do Universo! Como pôde acontecer que a leitora não saiba aonde passar as suas noites, se por ventura não lhe é dado gozar a felicidade de ir conviver com a memoria do vomito negro em Pedrouços, ou com a de qualquer outra epidemia nas praias do littoral, aqui lhe apresentamos um intenerario da existencia para fazer uzo d'elle na quadra desoladora que atravessamos.

SEGUNDA-FEIRA. Se fizer muito calor, chá ás 8 da noite: um suspiro á brisa que afaga os cortinados da janella ás 10 e cama ás 11, tendo o cuidado de não sonhar muito.

TERÇA-FEIRA. Pensar em ir ao Passeio mas ficar em caza. Ás 9 se fizer calor mais chá, um bocadinho de piano uma corôa de contas e cama.

QUARTA-FEIRA. Pensar em que no dia seguinte é quinta, e embalar a imaginação n'esta suave esperanza!

QUINTA-FEIRA.—Soprando o furacão pôr trajes ligeiros e partir para o *fogo turco*. Parar em frente do baile Infantil, achar que as canções dos tyrolezes tem pouco sentimento, passar pelo somno durante os preludios da orchestra, e recolher ás dez.

Á sahida comprar o *Antonio Maria* para conciliar o somno.

SEXTA-FEIRA.—Sendo accionista ir aos Recreios com

abatimento de 50 por cento. Se fizer muito calor dentro do theatro, recommendar aos porteiros que fechem bem as portas por causa do frio.

Não esquecer de dizer que a Moriones tem muito *salerio*, que é para no camarote visinho saberem que não se é estranho aos segredos da lingua castelhana.

SABBADO.—Para descansar das fadigas dos dois dias antecedentes, deitar-se ás 8 da noite e tomando previamente um suadoiro.

DOMINGO.—Completar a missa da uma com musica das 5 da tarde á meia noite. Á sahida tomar um sorvete no Martinho, tendo o cuidado de o mandar aquecer mais por causa das constipações.

Todos estes preceitos se podem, em caso de necessidade, resumir no seguinte:—Ir tomar ar quando faz frio e tomar xaropes quando faz calma.

Consta á ultima hora que houve tentativas de rapto contra a contralto da companhia de tyrolezes, mas que não se pode levar o effeito em consequencia do peso d'aquella filha das montanhas, ou antes d'aquella mãe das montanhas, não ser susceptivel de ser removida por um adorador só.

É possivel que com o tempo, em se reunindo mais, seja então possivel o rapto.

MODAS

MODAS! A leitora provavelmente dotada de um systema nervoso muito mais delicado que o systema constitucional que ao presente nos rege, estremeceu toda ao ler esta palavra adorada, *Modas!*...

Minhas senhoras, o *Antonio Maria* não se inventou só para celebridade do sr. Fontes, a immortalidade do sr. Justino Soares, ou a notoriedade do sr. Braamcamp, inventou-se também um pouco para ser agradável a V. Ex.^a á noite, no passeio, quando V. Ex.^a o tomar conjunctamente com um gelado ou uma valsa de Strauss.

É por isso que elle enceta hoje este capitulo novo.

O chapéu directorio resuscita.

As modistas começam também a fazer propaganda revolucionaria, substituindo o chapéu do antigo regimen pelo chapéu da joven republica. A cara no fundo de uma *telha*, epigramma terrivel ao modo de ser de tantas cabecinhas airosas e elegantes!

No ultimo sarau de Gambetta, o mais illustre solteirão da França, o corpo de baile da opera,

atravessou as salas dançando a *gavota* a caracter.

E desapareceu como uma visão, deixando todos os convivas afogando em chá e gelados a commoção profunda que tão estranho espectáculo lhe deixára na alma, submersa em sandwiches.

Gambetta, servindo um bailado á directorio aos seus convidados, fazia propaganda republicana, querendo também ser dictador da *moda*.

Desde então, os trajés á *merveilleuse* procuram impôr-se ao mundo, não obs-

tando os esforços em contrario dos que resuscitam para o combater, o genero *Pompadour*.

Diga-se entretanto o seguinte, e seja com este pensamento philosophico que nós encerremos esta breve chronica.

Uns pés quando são pequeninos ficam sempre bem dentro de uns estreitos sapatinhos de lita traçada, e todas as modas são bonitas desde que as senhoras que as usam se dêem ao trabalho de ser formosas.

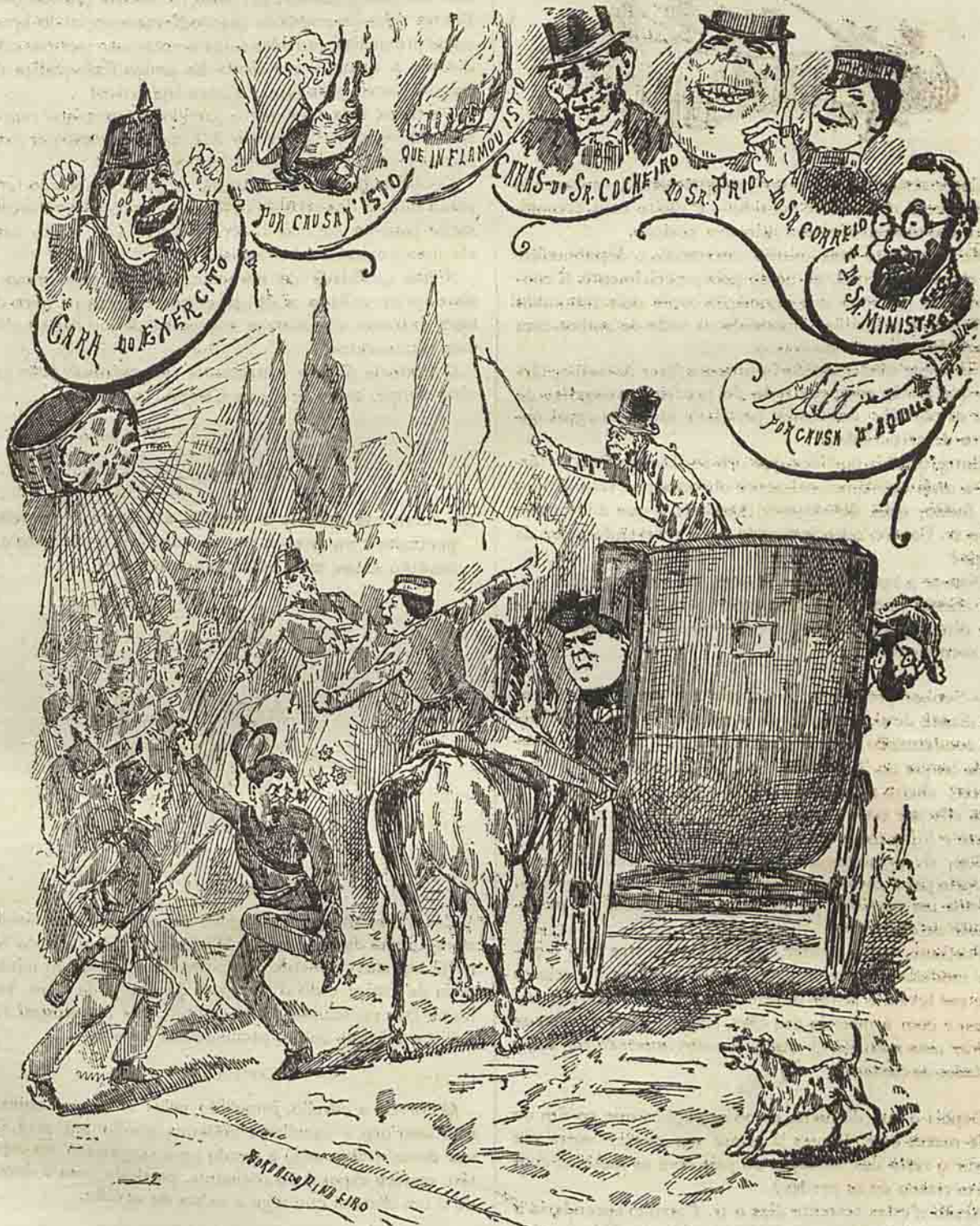


Em conclusão, usa o que te agradar. Azul se a cor do céu vae bem com o teu rosto, e não transtornes a tua belleza simplesmente porque

a moda decretou o amarello a que por qualquer motivo a tua physionomia pôde ser rebelde. Muita simplicidade, muitissima. A simplicidade é metade do segredo da elegancia.

Oh, a *toilette* no fim de contas foi uma idéa bem triste! Maldito appetite da maçã! Quem diria que n'uma dentada fóra de tempo estaria o martyrio da humanidade inteira!

CUMULO DA SUSCEPTIBILIDADE



O exercito dorido em consequencia d'um correio ter pisado o callo de um capitão.
 (Scena illuminada pelo amel do reverendo prior)
 O capitão vê as estrellas diante do nariz.



Entre ser opposição e ser governamental,—sobretudo para quem não recebe subsidio—é muito mais commoda e muito mais airosa a primeira posição.

Ha entretanto uma missão intermedia a desempenhar no momento actual, no nosso paiz especialmente. É considerar o governo e a opposição como dois zabumbas identicos, e principiar á pancada na pelle de ambos com a pesada maçaneta da satyra.

Eis o que *Antonio Maria* procura fazer da melhor fórma que pôde, compenetrado do preceito evangelico de que os partidos militantes precisam todos de igual numero de arrojadas.

Entre os dois partidos que ora se descompõem da fórma a mais constitucionalmente obscena nos seus artigos de fundo, qual deveriamos escolher: o que é inspirado pelo sr. Fontes, ou o inspirado pelo reverendo prior da Lapa?

Diga-se a verdade: o sr. Fontes, deixando ha dois mezes apenas as cadeiras do poder, proferiu *interiormente* um discurso, que, embora se não ouvisse, foi pouco mais ou menos assim:

— Senhor presidente: A maioria que vossê ahi está vendo diante de si, é uma maioria que na Ribeira Nova seria condemnada por prejudicial á saude publica, e mandada lançar ao Tejo. Não tem idéas, nem força, nem character; cheira a bafio, e eu não posso continuar a ficar com ella por estar já farto de ter o lenço no nariz. (*O sr. Costa e Silva toma uma pitada.*)

Sim, sr. presidente; é uma maioria relaxada, e mais propria para causar epidemias do que para fazer leis. (*Entra um continuo, que percorre a casa com um perfumador de alfaçema.*)

Portanto, tenho a dizer, que acabo de estar com o poder moderador a quem expliquei os motivos imperiosos que me levam a atirar interinamente com a pasta ás ortigas, e com a maioria aos cães. (*Nos corredores sente-se ladrar uma matilha. O orador é cumprimentado por todos os lados da camara.*)

Depois d'este discurso, como se explica que no fim de dois mezes o sr. Fontes já pense em querer outra vez salvar o *resto* das finanças do paiz com os mesmos com quem tratou de as perdêr?

Acaso n'estes sessenta dias o sr. Carrilho aprenderia a fazer contas? Acaso a musa tribunicia desceria a encavalitar-se nos hombros do sr. visconde d'Arriaga? Transformar-se-hia em aguia a burra branca de Bonaparte? O sr. Namorado terá cortado o *freio*? O sr. Alves terá acordado genio?

Supponho que nada d'isto terá em verdade succedido. Não se comprehende, portanto, o motivo porque o sr. Fontes agita do *centro* da rua do Norte o seu lenço branco ás provincias, convidando-as a votar nos mesmos candidatos a quem s. ex.^a ainda ha pouco fez a justiça de suppôr inuteis para puxar á nora legislativa!

Portanto, deixemos que o partido progressista, representado no reverendo pastor da Lapa, apascente por mais alguns mezes o misero rebanho portuguez.

Consideremos que Portugal, se porventura não tem, como muitos dos senhores affirmam, as condições necessarias para ser um paiz independente, pôde muito bem ser uma freguezia á beira-mar.

N'esta qualidade de parochia, vejamos, pois, como o novo prior collado a dirige, certos de que na hora da hora extrema elle não se esquecerá de lhe dar os ultimos sacramentos.

O *Antonio Maria*, entretanto, vae *repicando* para ganhar tempo, como se diz na *Giroflé*.

JOÃO RIALTO.



De como um correio a cavallo atacando o exercito portuguez na pessoa de um capitão, o exercito offendido exige uma satisfação nacional.



CAPITULO I

Era n'um enterro. O pingalim do cocheiro que dirigia a traquitana do sr. Adriano Machado, conduzindo do funeral um carregamento composto do sr. Prior do ministerio da justiça e do sr. ministro da igreja da Lapa, bolliu na face rubicunda d'um capitão, que *incontinenti* repelliu a affronta com o gume da sua espada.

CAPITULO II

O correio a cavallo, impellido pelos brios que animaram outr'ora a cavallaria andante, acudiu em prol da sua dama (salvo seja) e dando uma vergastada no capitão, metteu esporas ao rocinante, partindo com o denodo d'um homem que foge a unhas de cavallo.

CAPITULO III

O major proclama ás tropas promettendo vingança. O correio vae já nas alturas do Rato. Ha só um partido a tomar: irem todos dormir.

CAPITULO IV

Acordando no dia seguinte, a classe militar acha-se toda offendida pela acção do correio a cavallo. Prova-se por aqui a valia d'estes funcionarios montados.

Se fosse o capitão que batesse no correio, esta acção não teria força bastante, por mais repuxada que fosse, para offender todos os correios do paiz.

CAPITULO V

O sr. Prior da justiça despede o cocheiro, excommunga o correio e suspende os cavallos pelas cilhas.

A classe militar continua a achar-se offendida, não julgando sufficiente o desforço da policia correccional, e considerando os correios homens indignos de serem chamados ao campo da honra.

CAPITULO VI

A classe dos sapateiros resolve representar ao seu general Manuel Lourenço, afim de que exija tambem do governo uma satisfação por um dos seus membros ter na ultima noite sido desconsiderado por um municipal ao servico do ministerio do reino.

CAPITULO VII

A classe civil toma o partido dos paizanos. Grande revolução no paiz. O governo, para apaziguar os animos, offerece a cabeça do correio; mas o exercito pede tambem a vida do sr. Prior da Lapa, contra o qual estão mais pronunciados os odios do exercito.

EPILOGO

No domingo de tarde, no caes do Tojo, o correio a cavallo, o sr. Adriano Machado, o reverendo Prior e vinte padecentes tirados á sorte da classe civil, são todos beuntados de alcatrão pelo Peixoto Pimentel e queimados em satisfação ao exercito, no Passeio do Estrella, a beneficio do hospital das Flores.

Iluminações em toda a cidade. O sr. Barros Gomes manda abonar pelo ministerio da fazenda 10 réis para melhorar o rancho das praças de pret, e as beatas da Lapa recolhem as cinzas do prior para as tomarem com leite ao almoço.



Chama se *Mazella* o nuncio de Sua Santidade transferido ultimamente para Lisboa.

Vem para bom sitio, e hade cá encontrar excellentes collegas.

Ora, como quem tem *mazella tudo lhe dá 'n'ella*, Deus queira que a curia romana não soffra por ahi algum desgosto.



A SIGUIDILLA DO ADRIANO

(MUSICA: *Yo soy una fragatilla* DO «PROCESSO DO GANCAN»)

Tenho um prior-secretario,
Que parece a Jesuina,
Que parece a Jesuina.
Tem horror ao breviario,
E muito mais á batina,
E muito mais á batina.

Toca á missa, tlin,
Toca á missa, tlão,
De correio atraz
Leva a extrema unção.

Mas p'ra lavar um decreto
O meu prior é um alho,
O meu prior é um alho.
Não tem domingo ou sueto,
Se lhe dão este trabalho,
Se lhe dão este trabalho.

Toca a mortos, tlão,
Toca á missa, tlin,
Deixa lá, prior,
Vem p'ra o pé de mim.

Para arranjar alguns votos,
Deita a barra ao Zé Grigorio,
Deita a barra ao Zé Grigorio.
Lembra-se então dos devotos,
Não ha prior mais finorio,
Não ha prior mais finorio.

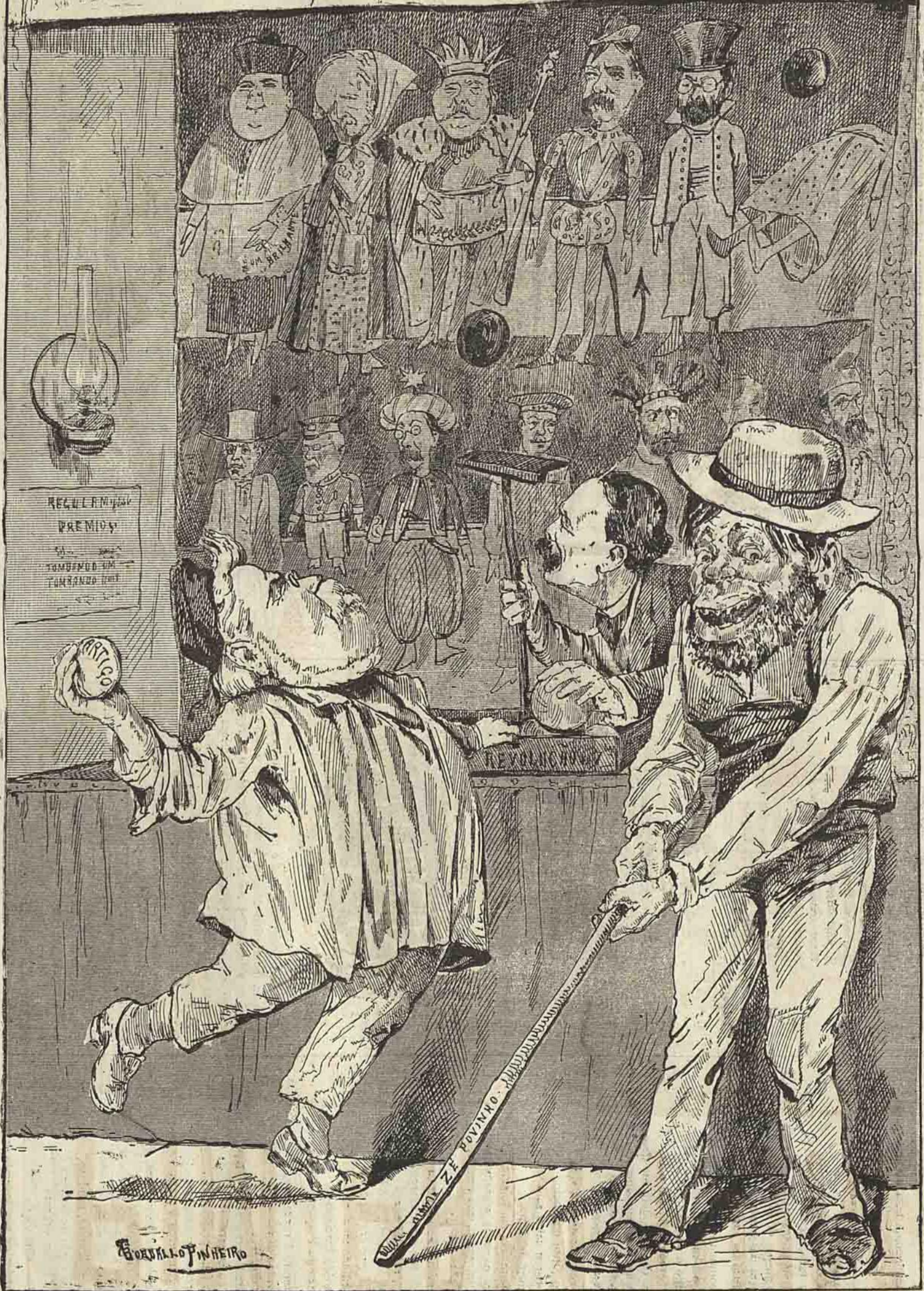
Tlin, tlin, tlin, tlin, tlin,
Nosso Pae vae fóra..
O padre prior
Não póde ir agora.

Tenho um prior secretario,
Que me sahiu um achado,
Que me sahiu um achado,
Tem horror ao beviario,
Mas não tem a um bispado,
Mas não tem a um bispado.

Tlin, tlin, tlin, tlin, tlin,
Não ha rima em *itra*,
A gallinha é gorda,
E hei de dar-lhe a mitra.

ZEBEDEV.

PIM PAM PUM



— Por mais que lhe atire bolas, os diabos não caem nem pelo diabo!

Zé Povinho.— Eu se lá vou com este cacete, leva-os o diabo a todos...

N. B. A linguagem é copiada dos artigos de fundo publicados na última semana.

RESPOSTA

DE PEQUITO «SEM SEGUNDO» A LUCIANO «PRIMEIRO»

«Recebi — não era pressa —
O teu prezado favor:
Que saudades, meu amor,
Eu tenho tido, menino...
Sem ti eu ando truncado,
Ha um bom par de semanas,
Tu na terra das bananas,
Eu na patria do Justino.

Eu e tu somos um todo;
Somos o par mais garrido,
Mais amado e conhecido
Que em Lisboa andava á pata.
Quem me dera, aí quem me dera
Ver-te de novo a meu lado,
E em quarto bem retirado
Fazer-te *bichinha gata!*

E assim vou passando a vida
N'um constante devaneio,
Sem ter o teu casto seio
Para o nariz descansar!
Ai, companheiro, eu quizera
Mandar-te os meus pensamentos,
E como um ganso, nos ventos,
Bater as azas... voar.

Tu sem mim, que vida a tua!
Eu sem ti, que sorte aziaga!
Se tardas, rapo da adaga
E cravo-a em mim... não hesito.
Cuidam já que era mentira
Aquelle enlace magano
Do queixo do Luciano
E da penca do Pequito.

Mas, voltando á vacca fria,
Á carta vinda *di lá:*
Na terra do *sabiá*
Tens andado em grande gala,
Fallaste ao imperador
Tens-lhe feito prelecções...
—Dá lá recommendações
Ao monarcha mais á mala.

Sabe que eu, ao fazer d'esta,
No Martinho ao pé de mim
Vejo alegre o Valentim,
Meu collega no nariz,
Que inda se lembra, saudoso,
Quando o regio democrata
Veiu aqui tomar orchata
E lhe deu... uma de X.

Terminando: eu vou vivendo
E a bizzarria vae boa,
O *Commercio de Lisboa,*
Que nós deitámos ao mundo,

Passa as noites mal dormido,
Tão tristonho, tão massado,
Que o Viterbo, consultado,
Tirou-lhe o *artigo do fundo!*

Post-scriptum: Como é moda,
Tenho cá dentro um *vulcão:*
E uma constipação,
A que ninguem hoje escapa.
Volta depressa; a virtude
Tem seus limites fataes,
E hontem olhou-me a dar ais
D. Juan... prior da Lapa.»

Todo teu



.....
Assim se escrevem, perdidos,
Lamentando seus reveses,
Estes *dois Irmãos Unidos,*
Os *dois irmãos siamezes.*

RIGOLETO.



Corre com insistencia que o governo fez uma alliança com o sr. facultativo Miguel Maximo afim d'este ornamento da sciencia lhe *adoecer* no districto de Braga os recrutas necessarios para os candidatos ministeriaes vencerem as eleições.

Já no tempo do sr. Fontes assim era, e toda a gente se recorda da epidemia derramada sobre o districto por occasião de se abrir, ha um anno, a urna que despejou em S. Bento a assembléa que o publico ainda ha pouco acabou de *gosar* das galerias.

Nós o que pedimos é uma collocação definitiva para o sr. Miguel Maximo. Assim como o estado subsidia clinicos encarregados de curar os que estão doentes, que subsidie tambem um encarregado de *adoecer* os que teem saude, isto ao abrigo da lei, sem que por isso elle esteja sujeito aos vituperios do jornalismo e aos vaivens da politica.

Se o estado o não fizer, pedimos ao sr. Miguel Maximo, que, independente da protecção official, abra um consultorio da sua *especialidade* na capital, porque terá logo uma grande clientella.

Uma virgem desilludida intenta acabar com a vida? Não recorre á muralha de S. Pedro de Alcantara nem á massa phosphorica, recorre ao consultorio-Maximo.

Um banqueiro em posição difficil deseja captar a commiserção dos credores? Soccorre-se do ingrediente-Maximo.

Peixoto não tem doentes na ilha das Flores? Pedê uma receita ao Maximo-consultorio e remette-a pelo paquete.

Finalmente, os beneficios que á cidade poderão advir de tão util *estabelecimento d'obitos* serão incalculaveis, podendo a camara municipal aproveitar-se tambem dos serviços do habil clinico, passando a proporcionar o sr. Maximo aos cães, como pilula de strichinina, com peitilho e tudo.

Descobriu-se na America, que, assim como o *philoxera* dá nas vinhas, da mesma fórma dá nos cabellos, chegando-se á conclusão de que a calvicie do sr. Barros e Cunha não é um resultado de vigílias, mas simplesmente o d'uma epidemia!

Na cabeça do abalisado estadista deu o *philoxera*, da mesma fórma que podia dar o *oidium tukeri*, com a differença d'este poder ser facilmente combatido por meio do enxofre e aquelle não ter até hoje antidoto conhecido.

Oh! a Providencia é ás vezes bem cruel! Porque não mandou ella antes para a cabeça do sr. Barros e Cunha o pulgão? Porque não lhe enviou a lagarta? Tudo isto podia facilmente ser esconjurado por meio d'um pente; mas o *philoxera* é o impossivel, e o impossivel na cabeça de um estadista, como o sr. Barros, é a mais terrivel de todas as comixões!

Diz-se, entretanto, que o sr. de Bolama não desespera de salvar esta riqueza do partido, e que vae fazer alguns ensaios, pondo de mólho n'uma dissolução de que o nobre estadista tem o segredo, tanto a sua sobrecasaca presidencial como a calva do sr. Barros — a ver se criam outra vez pello.



Meus senhores e minhas senhoras; esta semana, como a passada. O Passeio Publico fazendo negaças aos Recreios, os Recreios, de olhos esbugalhados, fazendo figas ao Passeio.

O estado d'estes dois recintos de namoro e deleite pôde resumir-se nos seguintes capitulos:

A SEÑORITA MORIONES

Sempre a mesma, com excepção do *salero* que augmenta e da voz que diminue.

Hoje tereis occasião de examinar mais á vontade todos os seus *encantos* no *Rei Midas*, onde apparecerá em trajes masculinos.

A SEÑORITA CRÓS

As mesmas palavras que empregámos com respeito á sr.^a Moriones. Tanto em graça como em tudo o mais, a *seuorita* Crós augmenta meio kilo por dia.

O DIRECTOR THECNICO

As mesmas palavras que empregámos com relação á *senorita* Crós. Consta que o Gonçalves Vivás principia a sentir viva paixão por elle.

FUENSANTA

Sempre o desespero do primeiro bailarino Puig, que não pôde levar á paciencia que haja alguem que tenha mais adoradores e que danse melhor do que elle.

PUIG

A inveja constante da Fuensanta, que não pôde levar á paciencia que o primeiro bailarino seja mais homem do que ella.

O CORPO DE BAILE

Vendido todo para Guimarães. A canzoada de Lisboa quiz tambem licitar, mas deixou-se d'isso por haver ossos de mais.

Por igual motivo deixaram tambem de concorrer á arrematação os negociantes de algodão em rama.

Agora com relação ao Passeio Publico.

JUSTINO

Sempre o mesmo vulto sympathico, com a mesma desenvoltura e a mesma graça!

A tyroleza gorda suspira em allemão no botiquim, quando elle passa.

M.^{me} AMANN

Principia a ter o braço direito desengonçado. De semana, quando ha pouca gente, vestida de preto em signal de tristeza: aos domingos, quando estão quatro mil pessoas, vestida de azul e branco, em signal de jubilo.

AS TYROLEZAS BONITAS

Muitos *boks* e muita mimica dos corações apaixonados que as contemplam. Quando passam de braço dado na rua do centro, os adoradores fazem-lhes signaes cabalisticos de significação duvidosa, por entre as arvores.

AS TYROLEZAS FEIAS

Muitissima cerveja e pouquissimos gestos. A mais velha, que parece uma pipa, já enguliu doze barris.

O TYROL

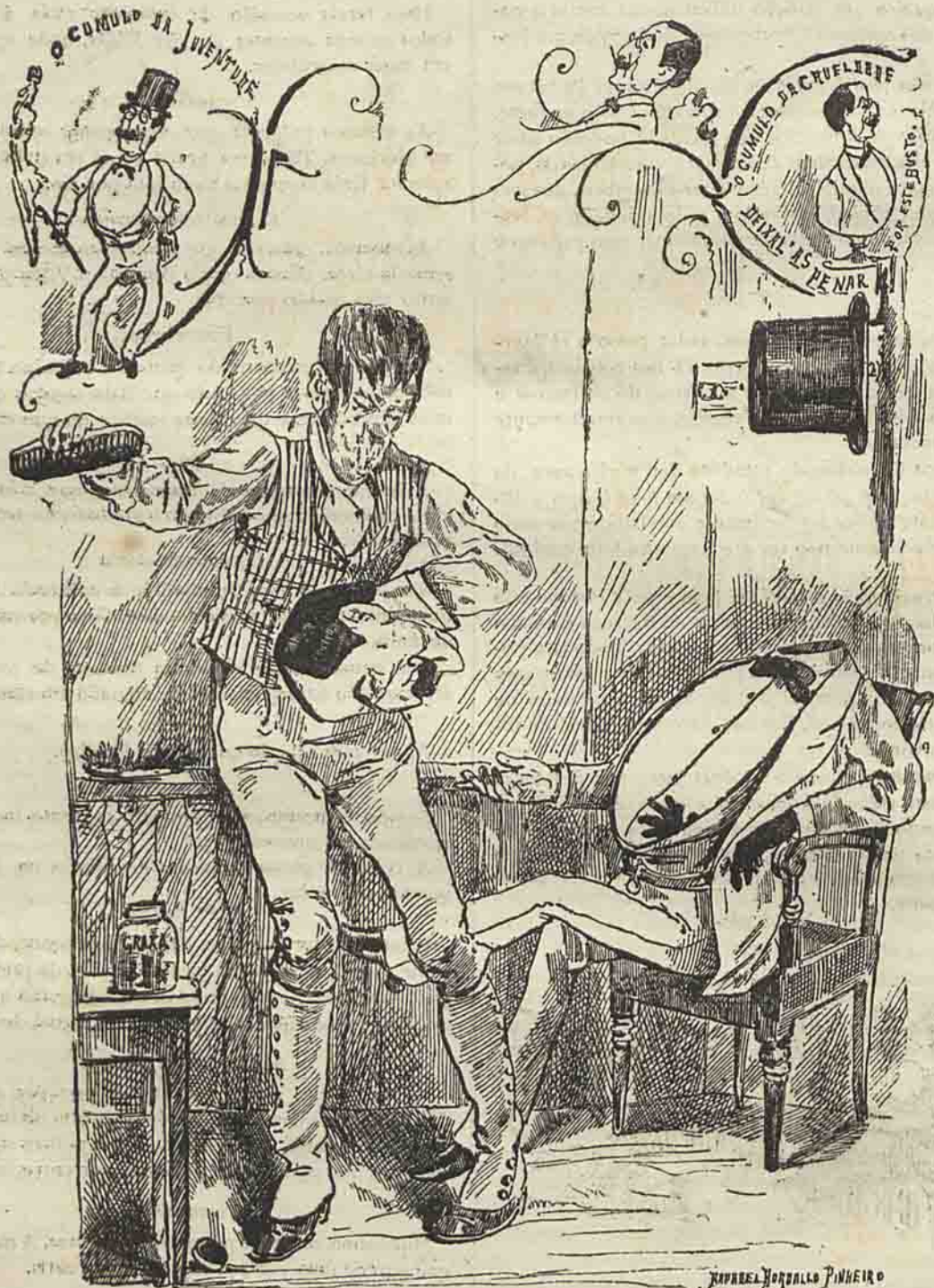
Decadente como o *Calospinte*.

CALOSPINTE

Desafinado como o Tyrol.

O homem dos pratos.

CUMULO DO AZEVICHE



- Se você não acaba de engraxar isso, não tenho cabeça para ir hoje jantar fóra.
- Parece que apanhou chuva, não toma lustro nem á mão de Deus Padre.
- Dá-lhe cuspo.

Transformação da serenissima galola

Ao toque da varinha mágica de M.^{me} Amann, a gaiola do Passeio transforma-se n'um leito de armção, afim de que o serenissimo papagaio, transformado em doente, gose a musica fazendo *óó* ao sereno.



Peixoto, o philantropo das Flores, acode a pedir a cama, para depois dos concertos a remetter para os enfermos adjacentes.

Emquanto a não recebe, pede ao menos uma limonada de citrato de magnesia para se ir remediando.



A ESPINGARDA DO REI

(THE KING'S RIFLE)

Tal é o titulo que o sr. Serpa Pinto deu ao seu livro de viagens, prestes a ser editado pelo livreiro Sampson, de Londres!

É decididamente um titulo de *sensação*. Os romancistas nacionaes, Pereira Lobato e Cunha e Sá, dariam por elle metade da sua gloria, contentando-se com a outra metade para satisfação do leitor e ruina dos editores!

A *espingarda do rei*! Este titulo impõe de tal fórma e obriga d'uma maneira tão peremptoria a arma de fogo com que sua magestade brindou á hora da partida o sr. Serpa, a ser ella a protagonista principal da epopéa do Cubango, que ousariamos duvidar do triumpho litterario do audacioso explorador, se por ventura não conhecessemos já de sobra os opulentos recursos da sua phantasia!

Entretanto, emquanto o livro não apparece, como a nossa imaginação se compraz desde já em seguir as mil peripecias e innumeradas aventuras em que esta espingarda vae de certo figurar como heroína principal!...

Em primeiro logar vemos o sr. Serpa Pinto a dizer adeus com ella á sociedade de geographia, acenando com a coronha ao sahir a barra. Depois, quando Lisboa se perde ao longe, tirando-lhe o cano, e servindo-se d'elle como porta-voz, para enviar um saudoso adeus ao sr. Luciano Cordeiro, e mais tarde como oculo de ver ao longe para lançar o olhar derradeiro á praia occidental!

Vemol-o a bordo, metter uma penna d'aço na bocca da arma e servir-se d'ella como aparo, para ir traçando as suas impressões de viagem, e depois d'isso reclinar-se

no seu beliche, deitar tabaco na coronha do rifle, e principiar a fumar por elle com a voluptuosidade de um sultão a sós com o seu *narguillé*.

No deserto do Gillalai vemos o audacioso explorador, emquanto espera os avestruzes, pegar na espingarda, tocar-lhe n'uma mola e transformal-a n'um *tripé* para se assentar á espera da caça. Comovido, no silencio da noite, avistamol-o sentado no chão, servindo-se já da arma como de flauta, principiando a tocar n'ella o *Desterado* e o *Noivado do sepulchro*!

Avistamol-o depois deitado, vencido pelo cançasso e sepultado no mais profundo somno. N'isto um leão de juba hirsuta, com os olhos injectados de sangue, aproxima-se, farejando a presa. Vae atirar-se com as suas garras aduncas sobre o explorador desprevenido, quando a *Espingarda do rei*, pondo-se de subito em pé, aponta e faz fogo por si, mettendo uma bala entre as espaldas do *terror dos bosques*. Feito o que, torna de novo a deitar-se ao lado de Serpa Pinto, muito devagarinho, para o não acordar!

Vemos mais a espingarda pegar em si, logo de manhã cedo, lavar a *fecharia* n'um regato, e principiar a tirar coordenadas, emquanto não são horas de acordar o explorador para o almoço.

Vemol-a emfim, depois da arriscada travessia, na Prétoria, beijando pelo telegrapho as mãos de sua magestade e mettendo-se modestamente n'uma bainha de lona, para assim fazer, obscura, o seu trajecto até Lisboa, depois de concorrer d'uma fórma tão brilhante para a gloria da patria e para o triumpho do explorador, a quem serviu de guia, de salvaguarda, de garfo, de chapéu de chuva, e quem sabe se de seringa—para nós!...

Tal deve ser em resumo a historia da *Espingarda do rei*, que vae dar o titulo a um dos mais divertidos e por certo dos mais folgasões livros da actualidade.

Se a espingarda não fizer isto, ou muito mais do que isto, regeite-se o titulo por servil, improprio e mentiroso.

JOÃO RIALTO.

O CASO DO CORREIO

Em virtude dos ultimos acontecimentos militares e politicos, os logares de cocheiro e correio do ministro da justiça passam a ser de confiança, sendo dados a amigos politicos do gabinete.



O sacristão da Lapa e o reverendo prior são nomeados para estes cargos em virtude de resolução tomada em conselho de ministros.

Modificando a primeira resolução, o reverendo prior passa a exercer o logar de cocheiro, passando o sacristão a occupar o cavallo do correio: O gabinete dorme tranquillo,



O cavallo do correio espantava-se muito, com o anel de sua reverendissima, subsistindo o mesmo perigo de pisar os callos do exercito.



O sr. ministro, para lhe não acontecer o mesmo que ao cavallo, fecha sempre o olho do lado do brilhante quando falla com o reverendo prior. Tem medo de espantar-se.



Miguel Maximo, o epidemico,
Em Braga já se tem dito,
E como um vento pestifero
Correndo todo o districto.

Aonde elle chega rapido,
—E isto o que cauza medo,
Dá nos recrutas do exercito,
Como o pulgão no vinhêdo!

Pede-se ao governo pródigo
Que passe aviso secreto,
Catando Miguel Maximo
Com um pente e um decreto;

E que o promova de subito
Por esta ou aquella sorte,
De medico dos exercitos
A delegadô da Morte.



O CORPO DE BAILE DOS RECREIOS

Quando elle dança, infeliz,
Por mal dos nossos peccados,
Toda a gente logo diz,
—Roubados!...

O entusiasmo arrefece
Em gelo o calor descamba.
Mas a Fuensanta apparece,
Caramba!

A graça das hespanholas
Resurge com gesto fero.
Tudo toca castanholas,
Salero!

Mas o Puig senhores
Vem logo perto, *Dios mio!*
Quem me traz dois cobertores,
Que frio!...

A Fuensanta, hei de dizel-o,
E hoje os peccados nossos;
Mas o mais podem roêl-o:
São ossos.

MASCARA DE CERA.



A primeira parte do novo *boulevard* projectado em seguimento do Passeio Publico, deve chamar-se *Avenida da Liberdade*.

A inauguração é domingo, mas a conclusão deve ser aproximadamente duas ou tres semanas antes do juizo final, d'onde se segue que o nome é perfeitamente bem cabido.

O publico vae com certeza aproveitar-se da *Avenida da Liberdade* para todas as manifestações da sua existencia social, e verá a camara em como elle procurará por todas as fórmas ao seu alcance justificar-lhe o nome.

Que grande pandiga que não irá na Avenida!

La garde meurt, mais... la musique ne se rend pas



A cidade morrendo de tristeza quando ha dias alguns jornaes opposicionistas noticiaram que, por ordem superior, as musicas deixariam d'ora avante de acompanhar a guarda principal do Terreiro do Paço!

Pois que! Os poderes constituidos seriam capazes de tamanha crueldade? Não saberiam elles porventura que o *render da guarda* é o theatro dos habitantes da baixa, e que de verão ás 8 da manhã e de inverno ás 11, o Terreiro do Paço tem os seus *habitués*, exactamen-

te como S. Carlos nas noites de inverno?

Era impossivel que o governo esbulhasse tão cruelmente a cidade de uma regalia que todas as vicissitudes politicas e sociaes dos ultimos tempos teem conservado intacta; não, não podia ser!...

Efectivamente, melhor informados os jornaes fazem agora saber que os poderes publicos mantem inalteravel a polka mazurka régimental, ao som da qual tres gerações teem tripudiado debaixo das arcadas, conser-

HIGH-LIFE



Realizou-se na capella da rua Formosa o auspicioso consorcio do joven alferes Constituinte, com a interessante donzella D. Candida das *Novidades*. Foi celebrante o reverendo Zé Dias, tocando por madrinha a rainha Jacintha, abbadessa do estabelecimento.



A illustre auctora do *Almanach das Senhoras* está de molho em Cascaes.



Está a tomar banhos episcopaes no mar do Espinho o solideo do nobre bispo de Vizeu.



O nosso amigo o sr. deputado Pavão, mandou, em signal de affecto, parte da cauda aos eleitores de Mirandella, a fim de que não se esqueçam d'elle nas proximas eleições.

HIGH-LIFE



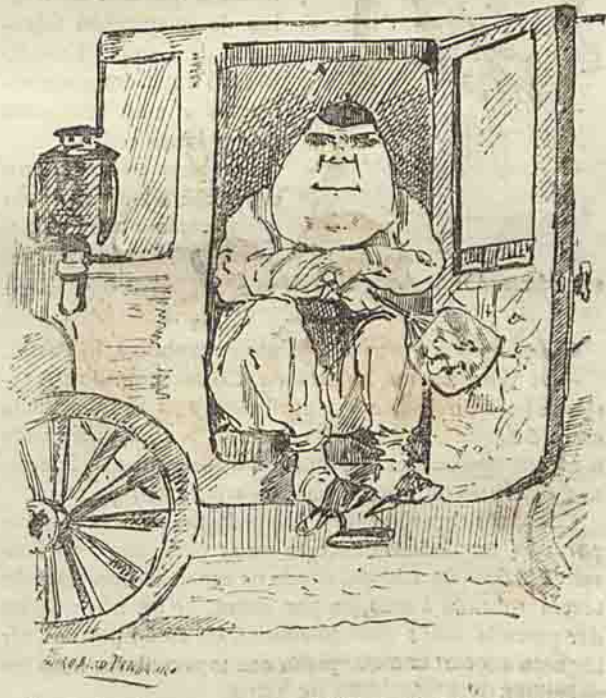
O sr. conselheiro Arrobas partiu para Setubal a conferenciar com a pipa em companhia da qual percorreu ha dias as ruas d'aquella cidade. Vae combinar com ella a proxima campanha eleitoral.



Faz ámanhã 25 annos o nosso amigo sr. conde da Mosqueira Preta.



O nosso amigo o joven poeta Zé Carlos, em quanto não chega a epocha lyrica, para matar saudades, vae passar o verão na superior de S. Carlos.



Partiu hontem para o coupé do sr. ministro da justiça, onde tenciona passar a estação calmosa, o reverendo prior da Lapa e o seu brilhante.

vando igualmente firme o passo dobrado que ha tantos annos enche de alvoroço as criadas de servir, quando a guarda passa na rua dos Algibebes, ou na rua dos Fanguinhos, á hora d'almoço, concorrendo assim, ainda que involuntariamente, para que tanto o café como o leite domestico tenham ás vezes o seu saborsinho a queimado.

Depois, como diversão lyrica, attenda-se a que o *render da guarda* não tem subsidio nem custa nada ao thesouro, concorrendo entretanto para a educação musical do assobio lisbonense. Pode dizer-se que é o conservatorio da garotada, com a differença de ser muito mais proficuo e muito mais barato do que o outro aonde as meninas vão aprender o meio de nos flagellar a preceito, com a sr.^a Alegre ou com outro qualquer ornamento da classe musical, sendo ainda em cima elogiadas nos jornaes.

Bem fez, pois, o governo em conservar á cidade em musica o que dentro em pouco tenciona talvez tirar-lhe do pêllo, em decimas.

Dancem que depois pagam.



ECHEBEMOS O EUSEBIO MACARIO. Fazemos-lhe uma venia profunda e cõrtez como é devido a um personagem tão bem recommendado, pedindo-lhe para esperar até quinta-feira proxima.

Ao leitor affiançamos desde já que este novo filho da imaginação fulgurante de Camillo Castello Branco é um dos mais brilhantes e mais intrepidos da sua longa estirpe.

Parabens ao *realismo* e pesame aos românticos por vocação e por inepecia.

Se entretanto elles querem ser admirados, tenham a bondade de fazer um livro igual.

Chega-nos do Porto a seguinte comunicação postal:

—Os tyrolezes no Palacio de Cristal pateados. A tyroleza gorda quiz-se atirar ao Douro, mas ficou entalada entre o Seminario e a Serra do Pilar. A companhia anda a monte dispersa, com medo de outra pateada. Fazem-se as maiores diligencias para os arrebanhar de novo.

Censura-se gravemente o delegado da empresa Amann, por não ter dado o concerto ao ar livre, como no Passeio Publico de Lisboa, aonde os espectadores, por não terem sobrado á mão, ou por outra, *ao pé*, não podiam dar pateada antes que quizessem, ou então por não ter imposto no cartaz a obrigação dos espectadores irem em palmitas.

A *troupe* volta outra vez a Lisboa, inteira como veio, dizem as ultimas noticias.

Parabens á capital.



ARMADA portugueza vae ser enriquecida com mais quatro contra-almirantes.

Parece que um d'elles irá commandar uma divisão dos bem conhecidos couraçados de banhos, *Feliz Destino, Flor de Lisboa*

e 24 de Julho, destinada a evoluções matutinas defrente do Terreiro do Paço.

Os outros tres não teem ainda commissão, mas ha idéas de mandar construir para cada um d'elles uma esquadra de papel almasso, destinada a navegar nos lágos do Passeio Publico.

Receia-se entretanto que o enjõ obste a tão arrojado empreendimento nautico como este que o ministerio da marinha tem em vista.

MAIS UMA VICTIMA DAS PREPOTENCIAS MINISTERIAES!!!

VIOLENCIAS DO GOVERNO!!

CASO INAUDITO!

Attentado, como não ha memoria!

UM HOMEM SEM PODER CASAR!

COM ESTA 7501 VICTIMAS!

PARTIDA PARA O DESTERRO.

CIDADÃOS ÁLERTA!

Lê-se no *Diario Illustrado* de terça feira:

«PARTIDA.—Em vista da ordem repentina que recebi do ministerio da guerra para marchar para Tavira e não tendo tempo para me despedir dos meus amigos que de tantos obsequios lhe sou devedor o qual estou tão grato para com elles como para os meus superiores que por mais de uma vez se sacrificaram para o meu bem estar procurei este acreditado jornal para n'elle dar os meus agradecimentos, como para me despedir de tão bondosos corações de quem eu levo uma profunda recordação.

«Espero no meu desterro que todos os meus amigos me façam em breve partir para esta invicta cidade para então realisar o meu consorcio que este illustre jornal tinha annunciado.

«D. Martinho Affonso de Mello Athaide.»

Manifestam-se aqui attentados de diversa ordem; contra as liberdades publicas e contra a grammatica.

O governo não abandona o seu proposito de *atear o vulcão*. Pois bem: ahi temos um noivo que reclama no desterro contra as violencias d'este ministerio despotico, e duvidariamos da justiça social, senão estivessemos certos de que o paiz lhe escutará o *proclama!*

Desgraçado noivo e nefasto governo!

O sangue das victimas começa a chegar a Tavira!

AOS TYROLEZES

(DEPOIS DA PATEADA NO PORTO)

Nobres filhos do Tyrol!
Presos n'um raio de sol
Conduziu-vos o senhor!¹
Bebestes nossos perfumes,
Ouvindo os brandos queixumes
Dos amanuenses em flôr!

No Tejo mirando o rosto
O rouxinol e o sol posto
Sabeis já o que elles são,
E a tyroleza mais gorda
Já sabe fazer assorda
E sopa de camarão!

Entretanto, isto era pouco!
Seria um acto bem louco
A hora da despedida
Não vos dar de taes affectos
Um penhor dos mais dilectos
Que lembram por toda a vida.

O Porto o fez! Oh, bem dita
Seja a sola com que a invicta
Um «adeus» gravou no chão!
Ide, ó anjos de bondade
Levando n'alma a saudade
E os ruidos do tacão!



As magnificas e apparatusas orelhas de burro do *Rei Midas* parecem, enfim, ser as duas varinhas de condão — com pello, por intervenção das quaes o theatro dos Recreios chama de novo ao seu recinto as ovelhas desgarradas pelos atalhos do Passcio Publico!

Na verdade está ás vezes em bem pouco a felicidade!

A primeira récita do *Rei Midas* foi um triumpho para a companhia, outro para o director tecnico, outro para o ensaiador, outro para o maestro, outro para o corpo de baile, outro para o scenographo, outro para o ponto, outro para os accionistas, outro para os porteiros, outro para a *claque*, e outro para os espectadores. Todos elles se chamavam uns aos outros, batendo palmas no meio de

¹ Amann.

um enthusiasmo indescriptivel e festejando o exito da peça, como se todos elles a tivessem feito, ou porventura a tivessem cantado.

No desempenho por parte dos cantores não se pôde fallar, porque o não houve. Dizem elles, e muito bem, que para *desempenharem* a peça, era necessario que a tivessem *empenhado*, e d'esse crime de fôrma alguma desejam ser accusados.

Entretanto as *señoritas* Moriones, Crós e Dupuis — trindade completamente mysteriosa com relação a voz — apresentaram em vestuario tudo o que não puderam apresentar em canto.

A sr.^a Moriones foi um *Narciso* perfeitamente parecido com uma *Narcisa*. A sr.^a Dupuis foi o *Echo* mais extraordinario que temos visto e que seria admirado em toda a parte do mundo, se da mesma fôrma podesse ser ouvido. A sr.^a Crós, como *Apollo*, foi inexcedivel — em peso, valor e qualidade.

Resta-nos fallar da sr.^a Nadal, que se mostrou uma rainha *Omphale* digna de domar o *Hercules* que a empreza lhe forneceu. Cantou entretanto o sufficiente para fazer morder de inveja os outros semideuses da companhia.

A sr.^a Fuensanta, por meio de algumas piruetas bem estudadas, incendiou o enthusiasmo da platca. Foi como se chegasse uma mexa a um vulcão! O primeiro bailarino, o immortal Puig, não appareceu d'esta vez, mas em compensação appareceu um segundo, que ainda vale mais do que elle!

O corpo de baile está deslocado nos Recreios: deve estar antes n'um theatro anatomico. Como objecto de estudo n'um curso d'osteologia comparada, não se pôde desejar melhor, e pena será que mais tarde ou mais cedo a canzoada faminta da cidade se combine para dar cabo d'elle ao almoço.

A sciencia perde alli uma grande riqueza!

Disse ha dias um folhetinista da cidade, referindo-se com os devidos elogios á primeira bailarina, a Fuensanta, que logo á primeira vista se conhece que ella tem o *quid interior*.

Verdade, verdade, esta revelação vae desviar muitos chefes de familia, da intenção em que estavam de levar as esposas e ás filhas a ver o *Rei Midas*. Assim vão elles só.

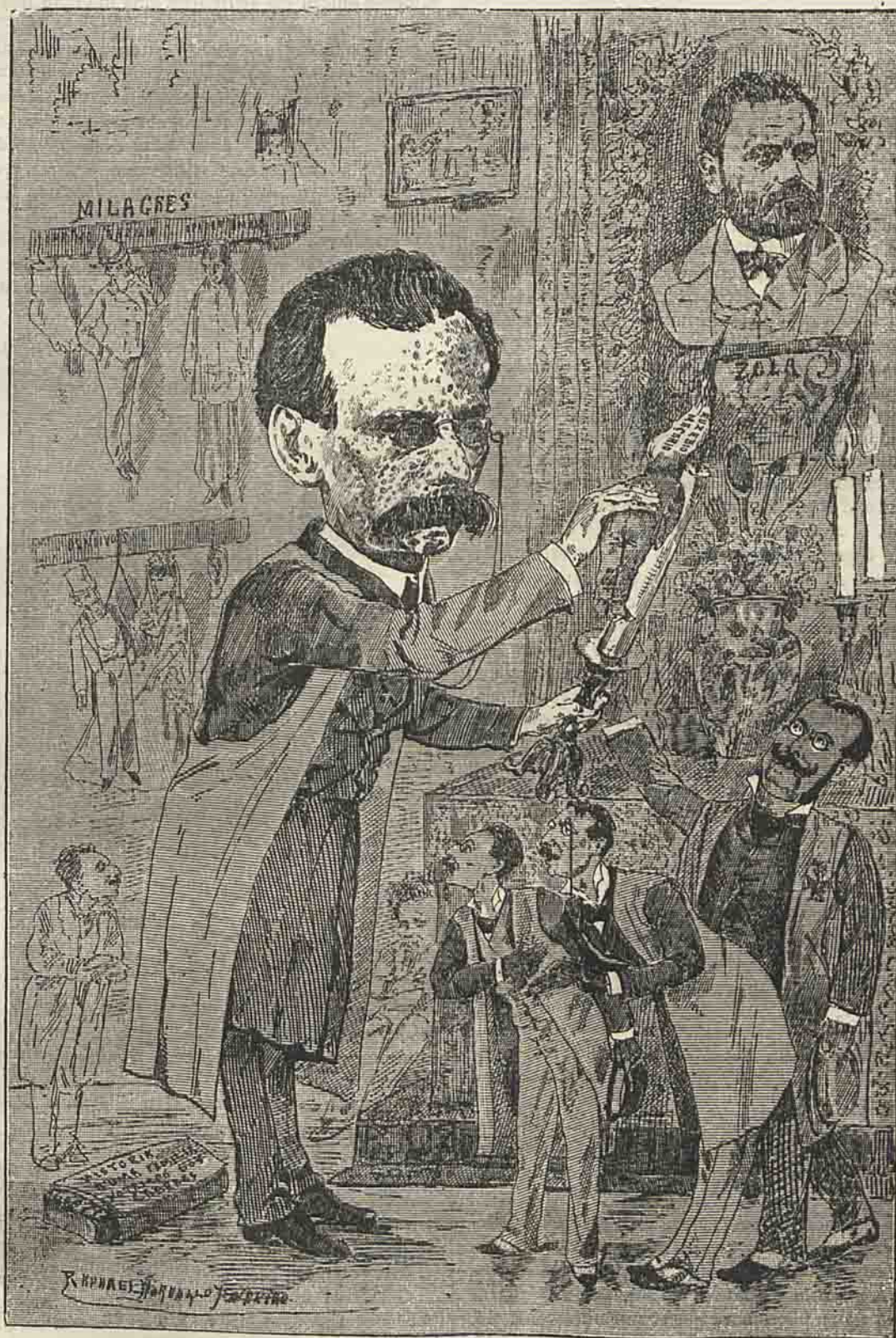
Pede-se ao director tecnico, a bem dos seus interesses, mais alguma gase para o corpo de baile: ou então que os folhetinistas tenham cuidado em não escreverem coisas que ponham injustamente de sobreaviso a moral publica nacional.

Em todo o caso *Antonio Maria* manda um aperto de mão ao director tecnico. Escusa de se envergonhar e de esconder as orelhas do *Rei Midas*. Ellas que teem salvado tanta gente, mais uma vez farão o milagre de remir os Recreios.



No theatro dos Recreios o *Rei Midas* tecnico 1.º tapa as orelhas, satisfeito comsigo proprio, para não ouvir os hymnos de triumpho. Em volta d'eile pula contente a companhia.

A LITTERATURA REALISTA



- Camillo Castelo Branco accende, com o Eusebio Macario, uma vella na nova egreja de Zola, resolvido a entrar para a irmandade. Parabens ao grande romancista e a todos nós.



O caso da tropa, em que d'um lado é contundente o correio do ministro da justiça, e do outro é contundido o exercito portuguez, parece emfim ser um caso morto.

A opposição, diga-se a verdade, fez todo o possivel para o chamar de novo á vida nos ultimos dias, desafiando os *brios do exercito*, o *pundonor militar*, a *honra do soldado*, estatelando, emfim, á luz do sol, todo o arsenal da velha rhetorica militar, por intervenção da qual, depois da meia noite, ainda ha alguns annos se acordavam as praças de pret das suas tarimbas, para irem ao Paço da Ajuda pedir a deposição do ministerio tyrannico que não pagava os calotes das velhas *reliquias militares*.

O exercito, d'esta vez, fingiu que não ouviu, e fez elle muito bem. É certo que o sr. Fontes, no seu desterro de Pedrouços, esperava todas as noites que a guarnição da capital o fosse chamar, tocando o hymno do seu anniversario, e estava porventura prompto a collocar-se á frente do movimento que houvesse de derribar o sr. Prior da Lapa do *coupé* do poder; entretanto o exercito, ou por achar que o sr. Fontes não tem ainda na bexiga a pedra sufficiente para ser *anjo da victoria*, e o rheumatismo necessario para ser o *Deus dos exercitos*, ou ainda talvez por considerar longa a caminhada de Lisboa até Pedrouços, ou seja mesmo por não o terem acordado a horas, o que é certo é que o exercito deixou-se ficar na cama, e que o sr. Fontes, armado de ponto em branco, de chambre e sapatos moiros, tem esperado em vão que as tropas o sollicitem ao som dos hymnos triumphaes, para ainda uma vez *arriscar a vida* pela patria nos campos da batalha, sem que até hoje o seu criado de quarto lhe tenha ido bater á porta da alcova, balbuciando comovido:

«—Meu senhor, está allí fóra a revolução, que deseja fallar a V. Ex.»

Triste desillusão para um estadista e militar cuja effigie está ainda no coração de todos e nos lenços de assoar de muitos!

N'esta campanha, a opposição, se não perdeu a honra, perdeu pelo menos a rhetorica, mostrando-se perfeitamente desastrada no manejo das armas do sentimentalismo!

Por fim fez fíncapé n'uma versão da ultima hora, affirmando que o sr. commandante da primeira divisão, longe de ter reprehendido o coronel do caçadores 2, o tinha elogiado. A portaria de louvor do ministerio da guerra ao referido general insinuava perfeitamente o contrario, e a opposição, bradando que a portaria era capciosa e fementida, acabou por vilipendiar o general, seu idolo, o

qual não deveria, por fórma alguma, tolerar que um documento official lhe attribuisse uma intenção que nunca teve.

Meus senhores: acabam de estragar uma questão que, bem manejadinha, podia dar resultados magnificos. Assim o sr. Fontes tem de esperar outra vez alguns mezes, que outro qualquer correio tenha a benevolencia de espancar a força armada, ou então que o sacristão da Lapa se metta no vapor de Cacilhas com o firme proposito de insultar a esquadra portugueza, cuspido intencionalmente no costado do *Pimpão*.

D'esta fórma sim. O cuspo d'um sacristão no breu da armada nacional é uma affronta que só póde ser lavada com sabonete d'alcatrão e sangue de ministro d'estado effectivo.

JOÃO RIALTO.

A MALDIÇÃO



D. Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, tem um grande prazer quando excommunga algum peccador, e pula de contente quando póde expedir alguma pastoral contra os impios.

Ultimamente, segundo noticiam os jornaes, não podendo prohibir mais nada, prohibiu um *Te-Deum* em acção de graças, que n'aquella cidade, uma commissão intentava celebrar pela chegada do visconde do Rio Branco, demittido pelo governo do logar de director da escola polytechnica.

O motivo occulto da prohibição foi haver pedreiros livres envolvidos na funcção, e o reverendo bispo ter um grande horror a Saldanha Marinho e a tudo quan-



to cheira a livres pensadores.

Ahi os tem o leitor, tal qual elles são; o bispo e os dois que a estas horas á ordem d'elle ardem nas profundas do inferno!

Excommunga-nos tambem, ó reverendo Lacerda, que Antonio Maria, voltado para as terras do cruzeiro, exclamará com o poeta, dirigindo-se ao Paço episcopal em que forjas os teus raios:

*Embora sobre mim pese
O teu anathema ahi,
Eu, bispo d'outra diocese,
Tambem te excommungo a ti.*

Amen.



Duas flores colhidas hontem, ao acaso, nas estufas politicas de duas folhas periodicas rivaes.

CAMELIA REGENERADORA

«Cohorte de estupidos, selvagens, e de famintos ambiciosos, eis o que são esses homens que ahi vemos á frente dos negocios publicos.»

MAGNOLIA PROGRESSISTA

«Digam, respondam: em que comes e bebes da cafila dos cómpadres dispendeu o sr. Sampaio os 54 contos de despesas reservadas?»

Pedimos em nome da moral publica aos srs. jornalistas do descaramento militante que, enquanto durar este estado de pouca vergonha politica, queiram encabeçar os seus artigos de fundo da seguinte fórma:

BOLETIM POLITICO

(LEITURA PARA HOMENS)

MERCADO DE FUNDOS NA SEMANA ULTIMA

Inscrições com assentamento..... 50,20
Caroços de cereja (cada um)..... 1355000

O leitor espanta-se, e nós tambem, mas a verdade é que n'algumas folhas appareceu um sujeito a reclamar um caroço de cereja que tinha enviado á exposição de

Paris e que as estações officiaes lhe enguliram, reclamando por elle trinta libras.

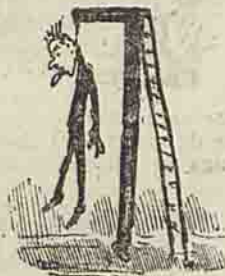
Barros Gomes, chantre da fazenda publica, apenas soube do acontecido, mandou offerecer ao auctor do caroço uma estufa por conta do estado, pedindo-lhe para durante o inverno crear uma d'aquellas cerejeiras milagrosas, de fórma que os amanuenses em vez de receberem os ordenados actuaes possam logo em janeiro começar a receber 2705000 réis por anno, pagos adiantadamente, a razão d'um caroço por semestre, ou dois caroços por anno.

Diz-se que o homem acceita e tomou já hontem conta da estufa.



É este um d'aquelles momentos em que toda a energia é pouca por parte dos governos. Ou o auctor do caroço salva voluntariamente as finanças do estado por intervenção d'uma cerejeira, ou o estado o obriga a fazel-o, submettendo-o inclusivamente áquelle processo, em virtude do qual poucos eleitores deixarão de votar com o governo nas proximas eleições.

Basta modificar um quasi nada a machina eleitoral.



Depois de muitas fadigas e de muitos commettimentos levados a cabo no campo de batalha, depois de innumeros azares de guerra, que todos nós conhecemos, o sr. Fontes Pereira de Mello acaba enfim de ser elevado a general de brigada fóra do quadro.

É um ingrato pae para com seus filhos este miserando Portugal! Só general de brigada, e demais a mais fóra do quadro!

Quando uma pintura d'estas fica fóra do quadro, que farão as outras!

Decididamente o paiz não merece que os grandes generaes continuem d'este feito a derramar o seu sangue por elle nos campos de batalha!

VELHOS EXPEDIENTES POLITICOS

Estampa dedicada ao illustre tribuno Marianno Cyrillo de Carvalho

ALIANÇA OPORTUNA

ALIANÇA OPORTUNA



Querido democrata: mira-te n'este espelho.



Por causa d'este demonio já não posso fazer de espectro. O chapéu armado e a barriga atrapalham-me deveras.



—Ó Papão!
—Bem te conheço, *Espectro*. Tenho-te dado chá muitas vezes. Não me mettes medo!



ABRILLO PINHEIRO

—Como se fazem finos, vou outra vez ensaiar o *Espectro*. Ainda conservo o lençol com que assustava a monarchia: Vamos a isto!...
Zé Poyinho— Não me intrujas. Conheço-te pela bigorna. O que tu queres é abiscoitar outra vez os espinhos do poder. Que bom gajo!...



SCENAS DO PASSEIO

(A UM PAR QUE VAE PASSANDO)

Eu vi... eu vi...
Muito espantado,
Elle com ella
De braço dado.

Ella era sedas,
Elle era amor...
Todos pararam,
Houve rumor.

Fallavam baixo
Os dois amantes,
Phrases cortadas,
Febricitantes.

—Sou toda tua...
—Sou todo teu...
—Ai, Julieta!
—Pobre Romeu!

—Nada me importa
Que dê nas vistas,
Somos da escola
Dos *realistas*.

Homens e damas
Vendo a surpresa,
Diziam todas:
—E á franceza.

Ella era fina
Como um barbante,
Pisar audaz,
Muito elegante.

Ella era linda,
Elle um feliz,
Ella uma rosa,
Elle um nariz.

E ambos unidos
Passavam ledos,
Deixando ouvir
Ternos segredos.

—Como eu te quero,
O' minha vida...
Eu serei Fausto,
Tu, Margarida.

—Pelo teu braço
Sinto-me ufana...
O teu amor
E uma cabana.

—Na travessia
Valor eu sinto...
—Tens mais coragem
Que o Serpa Pinto.

O CALOR OFFICIAL

Nuvens sombrias, pesadas,
Vão no espaço doudejando,
Estalam as gargalhadas
Do trovão que vem chegando.

O vento sopra feroz...
Parece lançar a luva
Ao bem forrado albornoz,
Ao grande chapéu de chuva.

O thermometro zangado
Indica, desde manhã,
Que temos tempo mudado
E marca: *meia de lá*.

Despede as agudas sétas
Um temporal de inverneira,
Todos se vêem patetas
Em montanhas de poeira.

Porem que importa, se o verão
Mantem-se audaz no seu postol...
A folhinha tem razão:
«Quinta feira... mez d'agosto...»

As meninas caprichosas
Cheias d'amor e delicias,
Dizem phrases enganosas
Lendo o jornal de *Noticias*.

«Hoje ha festa no Passeio,
Grande fogo e cataractas,
Baile infantil com aceio
E Justino com *batatas*.»

—Vamos todos á funcção,
Não é assim, papásinho?
A volta gasta um tostão
N'um sorvete do Martinho?

—Com certeza a quinta-feira
P'ra o bom tom foi escolhida...
—E como faz ventaneira,
Levo a capa p'ra a sahida.

A noite lá vão seguindo
Atravez da tempestade:
—Como este passeio é lindo!
—E o melhor da cidade.

—Ó papá, levante a gola,
Que o ventinho está de *escacha*...
Eu trago aqui na sacola
As galochas de borracha.

—Que boa gente que está...
—O bom tom na quinta-essencia.
—Lá vem o conde, papá...
—Um criado de vocencia...

Espirram filha e vegete
N'um bello duo de *atchim*.
—Toma, que é *chic*, um sorvete?...
—Tomarei um *arlequin*

Muitos ranchos assentados
Esperam pelo calor,
Suspiram os namorados,
Fazem discursos d'amor.

Á sahida a tal deidade
Lança em roda um olhar terno.
—Que calor!... —Isso é verdade,
Parece... o pino do inverno!

E diz a filha ao vegete;
—Ó meu pae, que *caturreira*,
Passei sem dar o bilhete,
Fica para quinta-feira.

Que boa orchestra se ouvia,
Que bom fogo, que aparato!..
—Ai levo uma pneumonia!
—Tudo um tostão... que barato...

RIGOLETO.

CARTA

DE D. BIBIANO II, IMPERADOR DEMOCRATA
A PEQUITO «SEM SEGUNDO»



Fallei com elle; affirmo-te,
Que é genio... e das Arabias;
Tive o puxão do extasi,
Ao ver as cousas sabias
Que sobre um par de gambias
Tem séde e posição.
No cranco fez-lhe copula
O fogo com a sabença;
Não é qualquer geographo,
Como por lá se pensa;
Fallou-me, em hom convívio,
D'Agrella e do ludostão.



Guindou-se a alturas varias,
D'estas que dão no gôto;
Em themas ethologicos
Mostrou-se um tanto bôto,
Mas n'isso ha quem dê fôlla,
Com o Hegel, Kant... ou eu.
Trouxe-me um livro in folio,
Prodigio de lombada,
Mais um padrão cerâmico,
Que alyem the poz na escada,
E, enfim, pedindo um osculo,
A beica me estendeu.



Tudo isto era preambulo,
Depois houve do fino;
Impondo-me silencio,
O homem foi n'um sino,
E em mil objectos maximos
O cunho seu ficou.
Fallando em prehistoricos
É mesmo um troglodyta;
Jurou que os velhos celticos
Já fabricavam chita;
Provou-m'o até... que esthetico!
E en rei... que rei que eu sou!



Não vi ninguem mais rapido
Volver d'assumpto a assumpto;
Em tudo é grande e tecnico;
Da aurora ao caldo d'unto
Salta, e é constante a aureola
Que o vem emmoldurar;
Chega a tornar-se prodigo
Em mimos de loquela;
Tomou com os favos d'Attica
As aguas de Visella;
Tem mais brazões de critica,
Do que peixões o mar.



Vi-lhe a bochecha espumea,
E o olho esgazado;
É que a orelheira patria,
O meu pitén amado!...
Tornada abelha lyrica,
Viera alli zumbir.
Inda lhe ouvi um cantico
Em verso d'aurea trama;
Depois, ó musas pallidas,
Depois lembi ou-me a cama,
Depois, com um somno egregio,
Ronquei a bom dormir!

CID ADÃO.

HIGH-LIFE

Fez hontem oito annos o menino Conde da Mosqueira Negra, que ao mesmo tempo fez o seu exame de francez, sahindo approved com distincção.

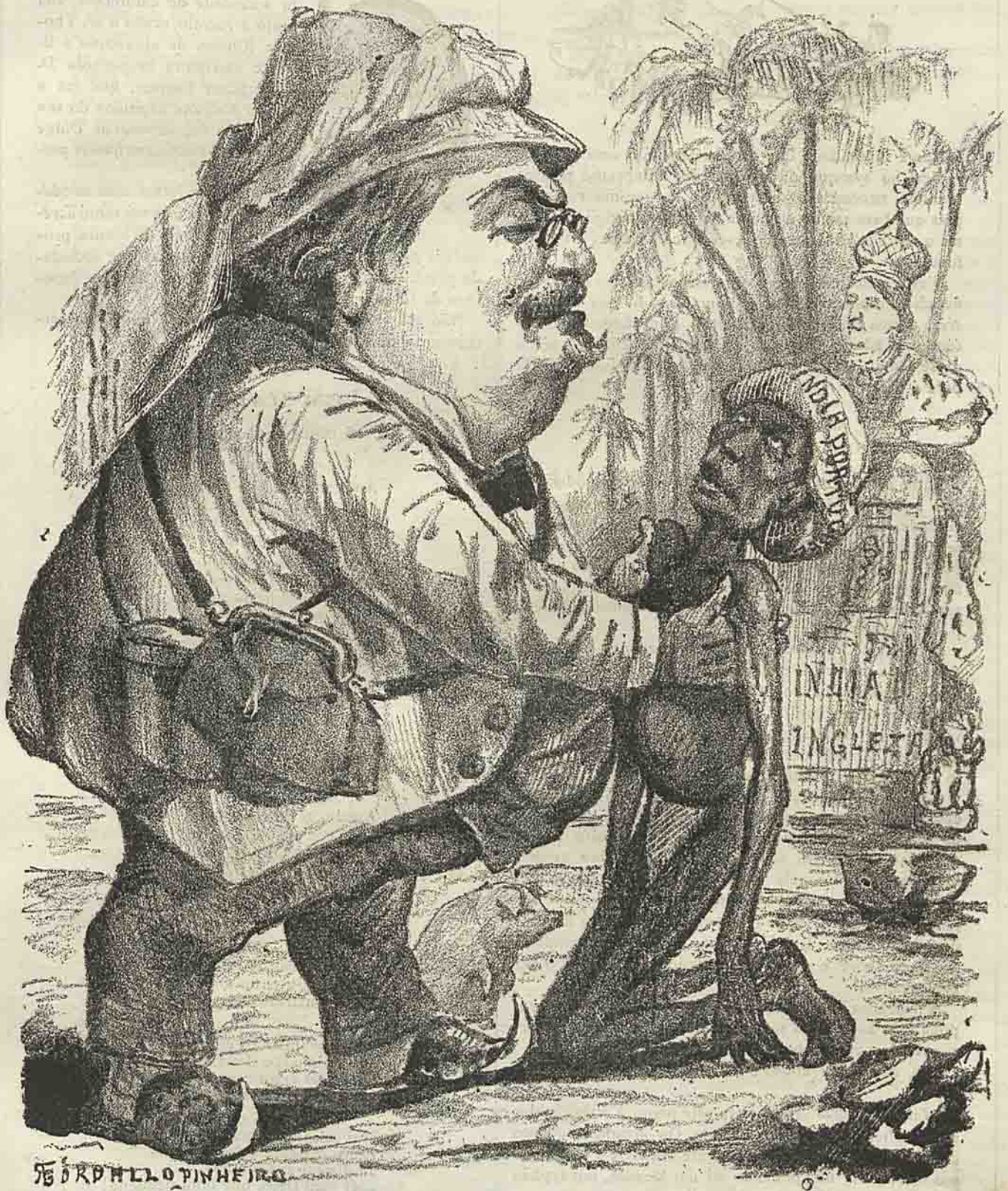


AVENIDA DA LIBERDADE



No dia de S. Bartholomeu, em 24 de agosto, costuma dizer-se que anda o cóco ás soltas. D'esta vez foi ao velho Salitre e deitou-o a terra. Permitta Deus que a cidade em vez da avenida, passadas as eleições, não fique unicamente com mais um tapume.

UMA MISSÃO A INDIA



Antonio Augusto d'Aguar, segue a ver se é possível salvar a enferma que agonisa, sem poder d'ora avante comer sal á sua vontade! Ah, perfida Albion! Tu ficas com o sal, e comtudo o nitimo tratado é talvez um pouco salgadinho para o resto das glorias portuguezas!



Não é só a cidade que está reclamando uma reforma radical no systema da canalisação, a imprensa politica tambem necessita absolutamente do mesmo remedio, pois que bem sabido é que ha hoje tanto perigo em metter o nariz n'um cano de esgoto! como n'um artigo de fundo!

N'este meio insalubre o organismo humano e o social definham a pouco e pouco. Os poderes do estado já soffrem d'uma tuberculose adiantada, e em chegando o outono, não admira nada que a Carta Constitucional tenha de se sentar á sombra d'um olmeiro, cantando voltada para o paiz:

*Ai! adeus, acabaram-se os dias
Em que triste vivi a teu lado!...*

Entre os jornaes que presentemente se não podem ler sem a mão no nariz, avultam os da opposição, diga-se a verdade. Os da opposição são sempre assim qualquer que seja o matiz politico a que pertençam. Quando estão no poder andam defumados com alfazema, quando cahem na adversidade, esquecem-se de ensaboar o estylo, apresentando-se de fórma que offendem manifestamente o pudor das familias!

É para este estado de cousas que chamamos a attenção da camara municipal e do sr. director da companhia das aguas, afim de que por todos os meios ao seu alcance, ainda que os accionistas blasphemem, vejam se é possível canalisar alguma agua para dentro das polemicas jornalísticas, fazendo depois derivar tudo para o Tejo, tanto as discussões como os publicistas.

Como quer que seja, este estado de coisas não póde continuar. Os jornalistas o menos que se estão chamando uns aos outros, é *burros*, sem a consulta prévia das suas respectivas orelhas, mas além d'este epitheto, aliás innocente pela qualidade de muitos que o empregam, outras phrazes avultam nos seus artigos que impossibilitam os chefes de familia de deixar ler as noticias dos espectaculos ás suas esposas e filhas, sem primeiro collarem sobre o artigo de polemica uma tira de papel preservativo.

A imprensa politica acha-se n'um estado, que ninguem póde usar hoje d'ella sem depois d'isso ir a Faro tratar-se pelo decocto do dr. Cumano...

Ora, semelhante abuso é a morte d'uma geração inteira!

Antonio Maria chama para este ponto a attenção dos philosophos e da junta de saude. Ou arranjem quanto antes outro Messias, que novamente nos salve d'este abysmo moral, ou, não podendo ser um Messias, um syphão para cada periodico opposicionista.

JOÃO RIALTO.



LORIA ao Gremio litterario! N'esta sociedade de carambola, chá preto e recreio, acaba o sr. Thomaz Ribeiro de apresentar a illustre escriptora hespanhola D. Concepcion Flaquer, que fez a leitura d'alguns capitulos do seu novo livro *Impressões de Viage aos mais distinctos escriptores portuguezes*.

Diz isto um jornal, mas ao *Antonio Maria* custa um tanto acreditar n'esta orgia de leitura, provocada pelo sr. Thomaz Ribeiro no seio d'uma sociedade particular tão moderada, quando se trata de deboches de tal ordem.

Não era possível, o Gremio litterario fugia com certeza se tal acontecesse.

EM MADRID

(AO CONDE DE CASAL RIBEIRO)

Anda mais bello e galante,
Mais guapo e mais bonito:
O seu olhar é vibrante...
Ai que *salero*, *pollito*!...

Vem contando maravilhas
Da terra das hespanholas,
Apaixonou *seguidillas*,
Endoideceu as *manolas*.

Fez sensações melancolicas
Sua enorme chapeleta.
As *niñas* mais diabolicas
Tocaram-lhe a *pandereta*.

Ellas diziam pasmadas,
Vendo o chapeu feiteiro:
—É circo de cavalhadas?
Annuncio de chapelleiro?

Porém elle a lubrificar
Com maneiras de galã,
Ia as bellas captivar
Com o chapeu-talisman.

Em *pose* de namorado
Chegou a causar delirio:
P'ra as damas foi um achado.
P'ra os maridos um martyrio.

Quebravam-se os corações
Das Palómas e das Lolás:
Os beijos eram canções
Os suspiros castanholas.

Nas salas galanteadoras,
Em portuguez muito ameno,
Já diziam as senhoras:
—Ó meu Deus, que bom pequeno!

RIGOLETO.

OS CYRIOS

Além dos cyrios políticos que no decurso do anno percorrem as provincias da publica administração, em fins de agosto costumam tambem percorrer as ruas da baixa varios cyrios sem feição partidaria determinada, vindos do outro lado do Tejo, aonde foram festejar por todos os meios que a liturgia catholica e as adegas dos arredores põem á sua disposição, os santos a quem no decurso do anno invocaram nas suas afflicções, tanto quando atacados de doenças, como affectados dos poderes constituídos.

Estes cyrios, pela quantidade e qualidade dos irmãos, dos anjos e das philarmonicas que os constituem, são dignos d'um grande capitulo que tencionamos escrever para o anno que vem, se as auctoridades até lá não praticarem a barbaridade de nos supprimir a nós e aos cyrios. Entretanto, se tal fizerem, saibam que acabam com o que a capital possui de mais característico e de mais eloquente como expressão de um caracter!

Nós vivemos n'um cyrio permanente. Cada partido politico é um cyrio que aluga os suas *berlindas* na companhia das Carruagens Lisboenses, quando lhe chega dia de festa. Todos elles teem a sua philarmonica e um santo da sua devoção. Este anno chegou a vez ao cyrio da *Granja*. É elle que faz a festividade, emquanto os outros se preparam para o desbançar quando lhes couber a vez de se approximarem do altar na... sacristia da fazenda.

Para estes cyrios quem dá o *foliar* é sempre o paiz, que de ordinario deita os foguetes, servindo ao mesmo tempo de zabumba. No meio d'esta folia, em lhe deixando algum bocadinho da pelle para os cyrios do anno seguinte já fica contente!

Os cyrios que ha tres dias desembarcaram no Terreiro do Paço e seguiram pela rua do Oiro, precedidos pelos porta-machados da municipal, não eram guiados pelo reverendo prior da Lapa, mas nem por isso caminha-

vam menos triumphantes. Dir-se-hia que vinham de vencer uma eleição, tão rubicundos eram os rostos dos fieis que se bamboleavam d'uma fôrma suspeita adiante das philarmonicas!

Oxalá que o governo possa sair assim tão vermelho da urna d'aqui a dois mezes. É signal de que enguliu... os votos pela borracha do suffragio!



Começa o *Rei Midas* a ter varias ramificações na imprensa periodica.

O *Illustrado* contou ha tres dias em artigo de fundo a historia tocante d'um delegado apaixonado, o qual fizera o seguinte:

«Um dia encontrou o seu olhar com o d'uma menina. Sorriram-se e amaram-se. (Oh! o sorriso dos delegados é tão perfido!)»

«A lei, continúa o *Illustrado*, manda aos magistrados que sejam justos, que sejam imparciaes mas não lhes ordena que matem o coração e atrophiem o sentimento.»

N'este ponto tem razão o *Illustrado*. O namoro não vae de encontro ao codigo, e um representante do ministerio publico não pôde de fôrma alguma ser compellido a apaixonar-se unicamente pelos escrivães e juizes da Relação.

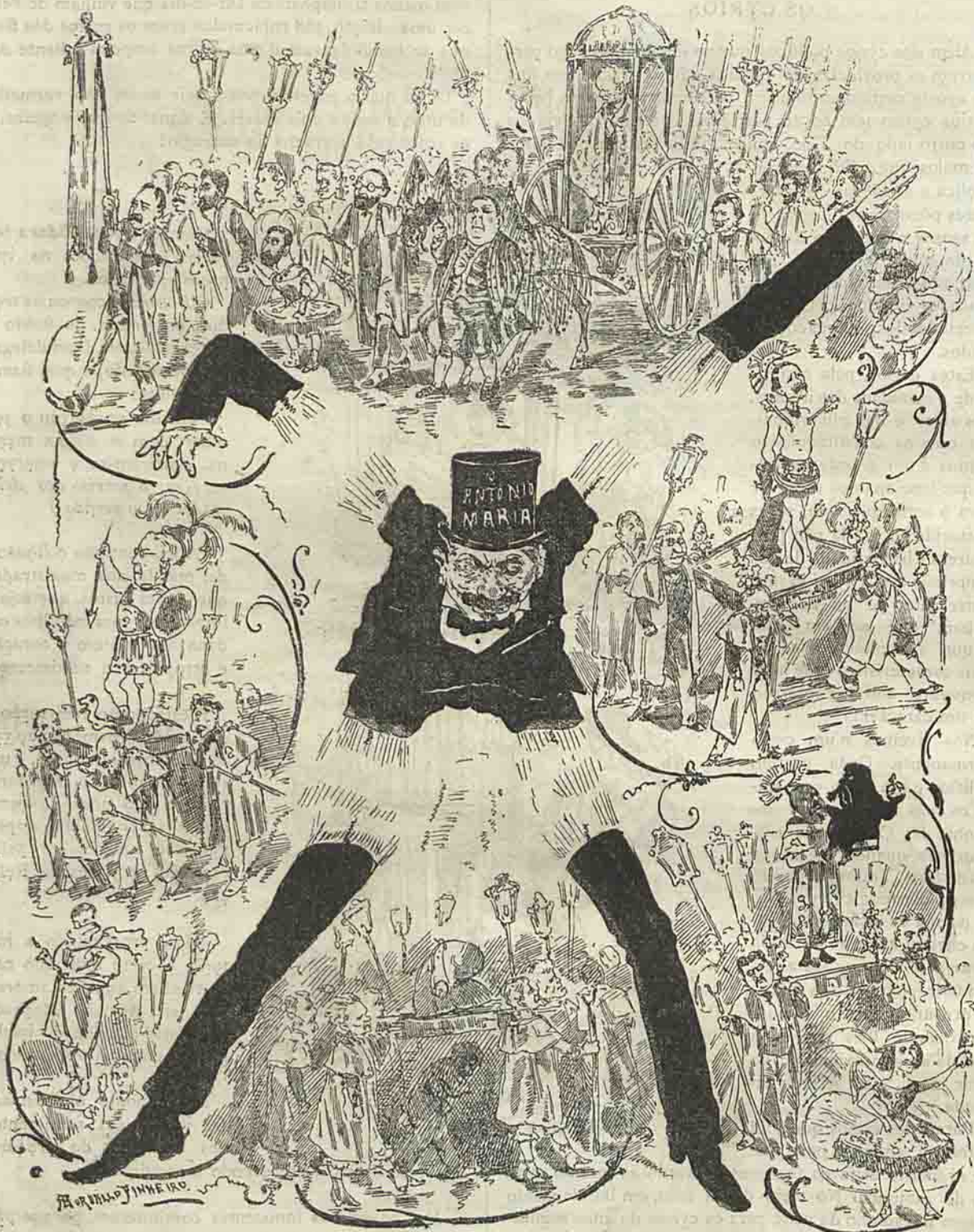
«Mas, proseguindo a historia, a certo individuo não convinham aquelles amores, e o sr. Adriano Machado transferiu o delegado infeliz para os confins do Alemtejo.»

N'este ponto o *Illustrado* faz justiça aos sentimentos dos delegados do procurador regio do paiz, escrevendo o seguinte:

«Mas os amores innocentes continuaram, porque não consta que os corações se separem por portarias.»

E Adriano Nero Machado transfere ainda o delegado fiel para Traz os Montes, *deliberando cançar o amor com transferencias*, pondera a amavel folha a que nos referimos!

OS CYRIOS

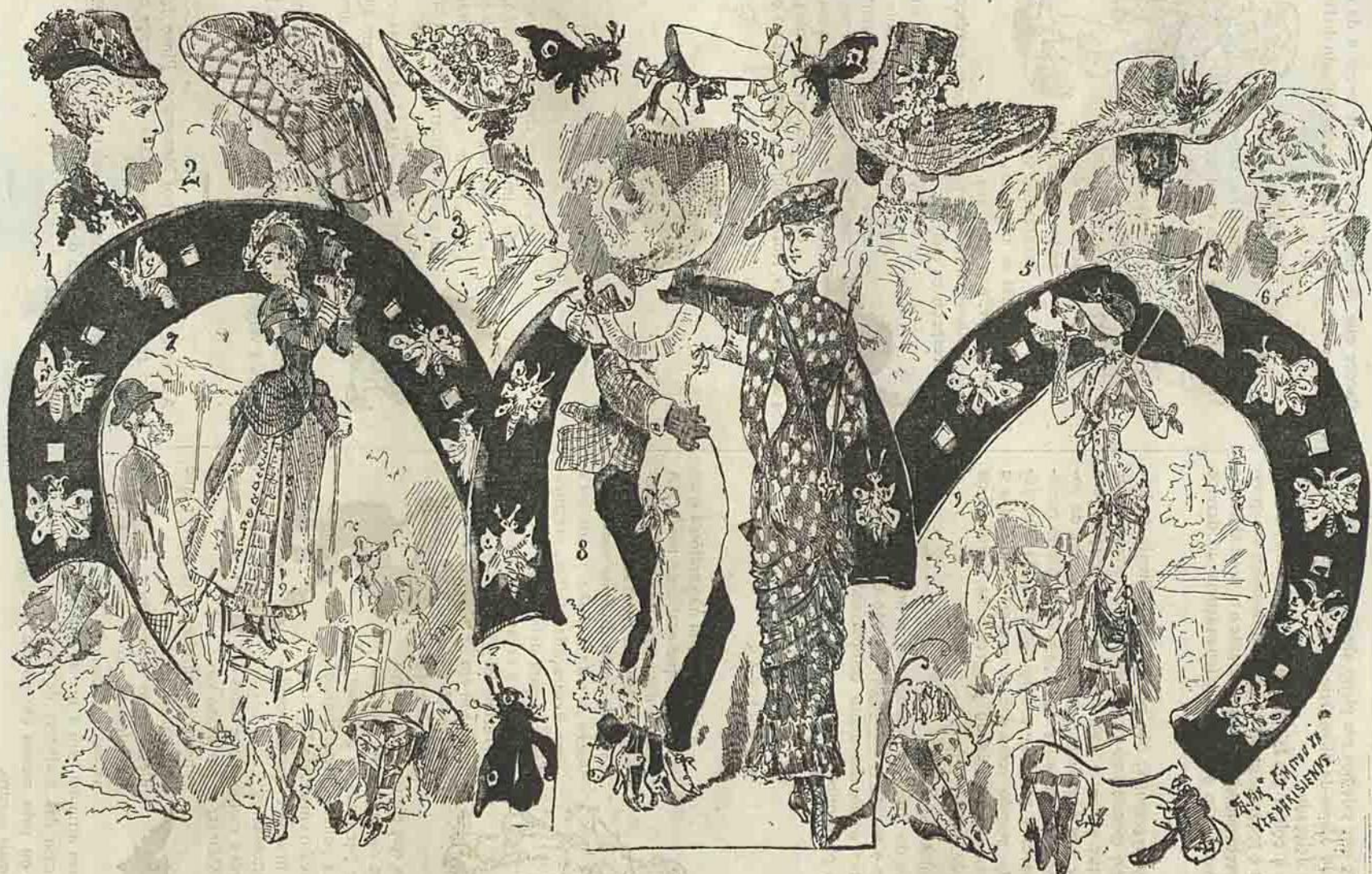


Antonio Maria, não podendo ir esperar todos os cyrios ao terreiro do Paço, envia um pedaço do seu corpo para cada lado.

O cyrio da Granja, o mais concorrido ao presente, avista-se em cima. O cyrio Regenerador, um tanto pobre, vem mais abaixo. Do outro lado, tremelicando, caminha o cyrio Miguelista. O cyrio de Bolama, marcha solitario. O dos Pretos vae um pouco á banda, e o Republicano, dirigido por meninos, vae satisfeito.

MODAS E PHANTASIAS

(Pagina importada, a ultima hora, de Paris para, entretenimento das leitoras)



1, Chapeu Carlos IX—2, Chapeu de palha escocoz ornado de um papagaio, macho ou fema—3, Chapeu salada. Telha que tan'o pôde ser de barro como de tule—4, Chapeu de palha escura ornado apenas com um ramo de cardo: chapeu digno de comer-se—5, Chapeu de junco contra o sol e contra o bom gosto—6, Chapeu Bolivar com vizeira de palha de Italia.

7, A mais bonita toilette para corridas. Vestido de case-mira cor de ameixa sobre saia indiana, semeada de flores: ligeiros bordados a ouro e guarnições de renda bretonne—8, toilettes ingleses, duas ladies excentricas. Costume branco tricot e costume de folard. Tudo extremamente ligeiro a subir muito...

9, Toilette feita de lenços, como meio facil de os enchuzar. Meias de seda cor de rosa, sapatos de pelle branca com uma rosa, ou meias de seda verde em volta das quaes se enroscas uma serpente bordada a ouro.

«Parece que estamos em pleno absolutismo, lendo um capítulo do *Mario de Silva Gaio!*» conclue enfim o vencedor do delegado.

É justa a colera do *Diario Illustrado*, e além d'isso a sua prosa é tocante, como convem ao namoro em questão, compreendendo-se perfeitamente o brado d'alma que solta ao ver assim atacada a independência do derrick judicial.

«Que os pygmeus se não ponham na industria de desconjuntar o monumento pedra por pedra, monumento de respeito, que attesta o trabalho de muitas gerações successivas, e nos é herança de civilizações diversas, da politica artistica e dramatica da Grecia ao civilismo romano, á hierarchia religiosa e administrativa, da homogeneidade do mundo velho á heterogeneidade definida e significativa da formula do progresso na Europa e na America do Norte.»

Com mil demonios!

O artigo do *Illustrado* parece-nos a justa alliança de Kant com o *secretario dos amantes*, e não se escreve isto sem se ter namorado muito compulsando ao mesmo tempo os philosophos!

AS BRUXAS



A cidade ainda não voltou a si do susto por que acaba de passar! A policia descobriu que uma feiticeira moradora na rua da Oliveira, em logar de andar de noite *voando por baixo de toda a folha*, se atirára a uma desgraçada mulher, arremesando-a para debaixo de um trem, depois de a esganar!

O crime foi praticado em uma tenebrosa noite de

dezembro, que é quando as *bruxas* costumam commetter os seus malefícios, e por artes de *berliques e berloques* a policia só teve conhecimento do caso em agosto. Ora fiem-se lá nas bruxas e nas auctoridades constituidas!

Senhoras e meninas que lêdes o *Antonio Maria*, se por acaso vos

approuver consultar uma mulher que *deite cartas*, lembrae-vos d'este caso tenebroso, consultando primeiro a vossa consciencia. Em

todo o caso attendei bem a que se não deve ir a casa das mulheres de viriude sem levar um revolver, ou pelo menos um policia na algibeira. O revolver é mais seguro.



Parece que as bruchas, depois de presa a da rua da Oliveira, se reuniram para deliberar no telhado do Hospital

de S. José, a ponto de não se poder transitar por aquelles sitios, tanta era a gente que transida de susto, a tremer, ia escutar uns gemidos de coruja, que muitos diziam ser a voz do bruxêdo! A municipal manteve-se firme



no seu posto, mas se as bruxas continuam a piar, não admirava muito que se enchesse de terror panico, e fosse tambem *piar* para os respectivos quartéis.



Eis o estado da nossa civilização no ultimo quartel do seculo dezenove! Ainda ha muita gente que tem horror aos gatos pretos, e basta uma *bruxá* para apavorar uma cidade de 200:000 habitantes, berço dos Albuquerque, Rosa Araujos e Gamas, salvo o erro!



s dois illustres clinicos que, segundo toda a imprensa da opposição, o governo *victimou* ha pouco, isto é os srs. Cunha Belem e Ennes, partiram emfim para o desterro, com caminho por Amsterdam.

Não foram algemados, mas em compensação parece que levam ajuda de custo. Não ha exemplo de uma barbaridade semelhante!

Ha tudo a esperar d'este *ominoso* governo, inclusive que submetta as duas illustres victimas á tortura, pagando-lhes a viagem de ida e volta!

A ultima carta dirigida por Monsenhor Pinto de Campos ao *Diario de Noticias* e datada de Florença começa assim:

«Meu caro amigo. Estamos sob os ardores da *canicula!* Parece uma carta datada dos Recreios, vendo dançar o corpo de baile!



UMA ESMOLINHA PELO AMOR DE DEUS

(QUEIXUMES D'UMA TRAGICA)

Dae esmola á pobresinha,
Que já foi nova e bonita;
Soccorrei quem vos implora
Na sua infausta desdita!
Acudi por compaixão,
Ó bondosos bemeitores,
Mitigae as minhas dores
Com a esmolinha bemdita!

Eu que fiz por tantos annos
De duqueza e de rainha,
Não vejo *chapa*, ha tres mezes,
D'aquella empresa damninha!
Tres mezes! duzentas libras!
Que miseria ser artista!
Mais valia ser corista,
Ou criada de cosinha!

Sobre os pés do Theodorico
Eu dobrei os meus joelhos,
Suppliquei que se lembrasse
Dos que são amigos velhos,
Mas fez ouvidos de mouco
Á minha triste miseria,
E, deitando cara seria,
Deu-me apenas bons conselhos.

Hoje, immersa na penuria
D'algum predio e inscripções,
Que nem dão p'ra uma familia
Comer uns magros feijões
Vou pedindo á caridade
Que se lembre da mesquinha,
Que trinta annos foi rainha
No throno dos dramalhões.

ZEBEDEU.



A QUESTÃO DAS AGUAS

TELEGRAMMA DO ALVIELLA AO SR. PINTO COELHO

Consta que faz ahi calor insano,
E uma poeira atroz que não se apaga.
Se acaso quer que vá ainda este anno,
Remetta um *burro* bom. Resposta paga.

RESPOSTA

Suspenda a marcha. A quadra corre *fria*.
Reservo-te afinal outro papel.
Em Lisboa hão de entrar no mesmo dia,
D. Sebastião, tu, e D. Miguel.



Sobre o theatro portuguez paira a aza sinistra do mysterio!

D. Maria II quebra ou não quebra? *Mysterio!*

O mais que se sabe é que a sr.^a Emilia das Neves dirige ao governo *mysteriosos* requerimentos, supplicando-lhe *mysteriosamente* os seus tres mezes de ordenado!

Nos *Recreios* a companhia parte para o Porto por motivos *mysteriosos* e a sr.^a Dupuis escreve á imprensa uma carta aonde transparece um *mysterio!*

De resto a sr.^a Crós, no meio dos seus triumphos vocaes e adiposos, parte para Hespanha, o que tambem tem o seu quê de *mysterio!*

O *Principe Real* annuncia o debute *mysterioso* d'uma senhora muito bem educada, e a proxima appareição de uma actriz italiana de genio, representando em portuguez! N'estas alturas o *mysterio* já vae fazendo suar o topete á gente!

E os jardins dos *Recreios* expõem n'um quadro cinco vultos *mysteriosos* e feios, que a imprensa diz serem os de cinco *senhoras*, que vem cantar e dançar o *cancan* á sombra da palmeira.

E a empresa Amann escriptura um *maestro* allemão de ares *mysteriosos* e reservados, do qual se esperam as coisas mais estupendas, dizendo ao mesmo tempo em segredo aos espectadores que reserva para a mez de setembro um *mysterio* que ha de encher d'assombro a cidade!

E, para coroar a obra, Francisco Palha promette-nos coisas que seriam só por si capazes de constituir o *mysterio* da Santissima *Trindade*, se elle não estivesse já inventado ha muito tempo, sem necessidade das tres pessoas distinctas, Ribeiro, Josepha e Queiroz.

O HOMEM DOS PRATOS.

A BRUXA DA RUA DA OLIVEIRA



Ahi a tem o leitor, com todos os emblemas da sua profissão, colhidos pela policia. Ao lado fica o retrato da victima, segundo uma photographia de Loureiro. Se a bruxa praticou o crime de que a accusam, não o affiança Antonio Maria, entretanto dá o seu retrato, copiado do natural no Aljube, como o da celebridade que mais sensação produziu na ultima semana. N.º 1, victima; n.º 2, bruxa; n.º 3, chifre dos maleficios, embrulhado n'um pe de meia; n.º 4, a faca; n.º 5, a alavanca.

NOVAS DISSIDENCIAS POLITICAS



O maluquinho d'Arroyos dirige-se ao ministerio do reino e pede tambem vinte deputados, sob pena de se passar para os regeneradores. O governo acha muito e o maluquinho bate o pé, protestando não ceder nem um.

N. B. A figura do maluquinho é copiada do natural, depois do bando dos toiros, com permissão da auctoridade competente.

PRAIAS



Fernando Caldeira, dizem os jornaes, chegou ao Espinho. O *Antonio Maria* julga não ser indiscreto dando conta de um caso succedido com aquelle evangelizador dos pés pequenos, ao chegar a tão aprazivel praia.

Dois kilometros antes da estação, Fernando Caldeira avistou nas areias do Espinho um ponto imperceptivel, que logo á sua imaginação de poeta se affigurou um delicadissimo pé andaluz, e em louvor da graciosa dona, quem quer que

ella fosse, passou-lhe em seguida pela mente a seguinte estrophe:

Eu vi-lhe o breve pésinho!
Oh! como isto foi, receia
Minh'alma que o saiba alguem!
Gravava um nome n'areia,
Vago, breve, pequenino,
Arveloa, beijo, cecem!

Chegando á estação, depois de sahir da carruagem, o primeiro cuidado de Fernando Caldeira foi correr á praia, murmurando ainda pelo caminho:

A vaga morria em volta,
N'areia d'oiro do mar!
E uma trança a revoar
A' brisa da tarde solta,
Eu sonhei n'aquelle instante,
Voando com ella errante,
Tentando os seus pés beijar!

Chegando á beira-mar, Fernando Caldeira deu absorto com o sr. Bispo de Vizeu a aquecer ao sol os seus pés, esteios da Sé de Vizeu!

Pela mente do poeta passaram então os seguintes melancolicos versos, que a leitora bem deve comprehender:

Triste illusão! devaneio!
A meiga arveloa que eu vira
Pousada no areal,
Não posso chegar-a ao seio!
Era uma bota *de vira*,
Era um pé episcopal!

LINGUAGEM DAS PRAIAS

Um folhetinista que se assigna com o pseudonymo de Silvio, escrevendo para o *Diario da Manhã*, cita as palavras d'uma senhora que na Ericeira desejava saber quando chegaria Jayme Seguiet.

«—Quando chegará Jayme Seguiet, esse rapaz cheio de talento e de promettedoras esperanças, que vem pela primeira vez este anno, embalar a *sua musa* nas vagas d'este mar, e reunir mais uma corda sonora á sua lyra de poeta, afinando-a pela toada mysteriosa e languida do revoltar das ondas no seio profundo das furnas!»

E o sr. Antonio Maria de Carvalho Chancelleiros, que estava proximo, respondeu, que chegava com a familia por toda a semana!

No entender de *Antonio Maria*, o sr. Antonio de Chancelleiros respondeu muito bruscamente. A uma pergunta d'aquelle feitio, como a menciona o correspondente, nunca se responde senão á viola, n'uma toada melancolica, pouco mais ou menos assim:

Ai! o mar suspira ao longe,
Murmura a brisa na tilia:
Ao expirar do sol posto
Chega em breve co'a familia!
.....
Etc. etc.



Nas praias, dizem as chronicas da ultima hora, a moda dos *cumulos* está preocupando tambem muito as banhistas.



Assim, o cumulo do methodo é, antes do banho, vestir um collete *cuirasse*—para *ter tudo no seu logar*.



Annuncia uma folha que no exercito portuguez ha presentemente treze generaes além do quadro.

Explica-se d'esta fórma a razão porque alguns espiritos impacientes reclamam a immediata promoção do sr. Fontes. É para fazer o decimo quarto e livrar assim os seus collegas d'umã desgraça imminente. Como toda a gente sabe, o numero treze é em extremo fatidico, e se os generaes de sobreselente continuam a ser n'esta quantidade, arrisca-se a morrer algum d'elles dentro de um anno, circumstancia de que os hespanhoes não deixarão de se aproveitar para transpôr as fronteiras.

Ao sr. Fontes está pois destinado á mesa do orçamento um logar que muitas vezes é providencial á mesa dos hoteis.



AVEMOS de censurar o procedimento dos *centros* todas as vezes que elle não fôr estrictamente moldado pelas regras da boa equidade.

O centro progressista da Figueira vae celebrar um *Te Deum* em acção de graças pela concessão do caminho de ferro da Pampilhosa, á companhia da Beira.

Uma simples pergunta ao *centro*: quem foi que concedeu a linha, foi Deus Nosso Senhor ou foi o sr. Saraiva de Carvalho?

Areditamos que o *centro* ha de ainda reconsiderar, accendendo no ministerio das obras publicas as velas, que, n'um momento de irreflexão, intentava accender na egreja matriz.

Salvo se demonstrar que o Creador e o sr. Marianno de Carvalho são uma e a mesma coisa.

ERRATA

N'um jornal regenerador, aonde, a proposito da promoção ao generalato, se lia ha poucos dias:

«O sr. Fontes é um militar *encanecido* no serviço.»

Deve ler-se:

«O sr. Fontes é um militar *engraxado* no serviço.»



TEMPERATURA da imprensa militante desceu um pouco nos ultimos dias, não attingindo os graus de brejeirice que na semana passada tinha alcançado.

Apenas os jornaes da opposição bradaram aos do governo—*larga o osso*, e os do governo aos da opposição—*larga o cavallo*.

Em todo o caso os do *cavallo* estão de melhor partido.

Tendo nas ultimas noites alguns espectadores do Passeio Publico tentado mecher no tornozelo das tyrolezas, emquanto ellas gorgeavam no coreto, ao alcance da mão, consta que a empresa Amann, d'accordo com a camara, vae pôr em cada uma d'aquellas *senhoras* o seguinte letreiro:

«É prohibido colher flores pelo pé.»



DIARIO POPULAR noticiou ha dias que o sr. Marquez d'Alvito, ao acompanhar Sua Magestade para Cascaes, cahira na occasião do embarque, ficando um tanto *magoad*.

A phrase causou estranheza ao *Illustrado*, do qual na verdade toda a gente conhece a isenção nas coisas palacianas, a ponto de, quando está na opposição, ter a espinha dorsal feita d'um barrote de pinho para o effeito das suas relações com a corôa, substituindo-a por outra de borracha, quando está no poder.

Na verdade aquelle «*magoad*» não ficava muito bem na *bocca* de uma folha que oito annos a fio combateu constantemente a corôa tanto nas suas relações com a regeneração como com as *escorregadelas*.

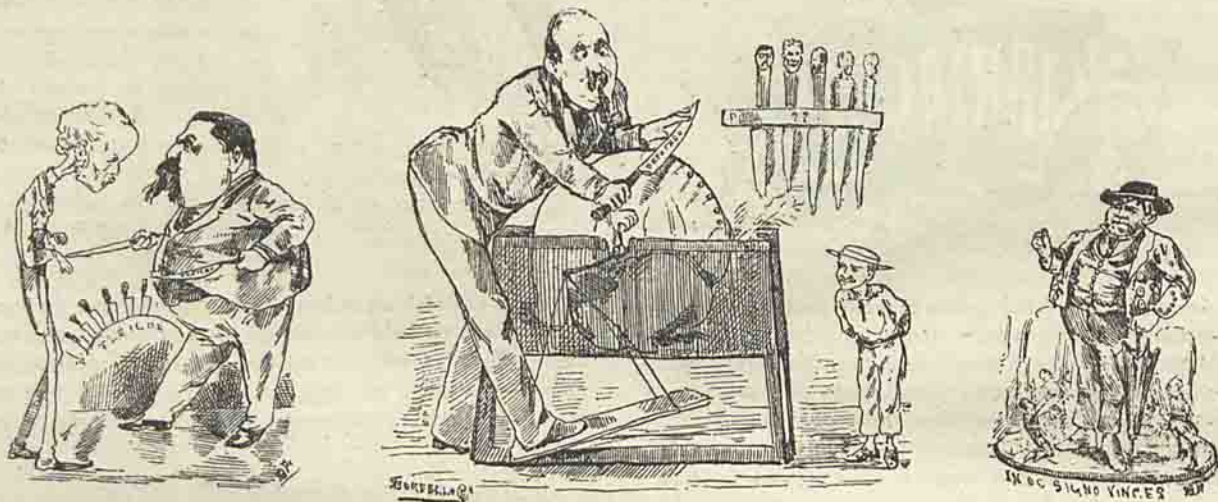
Submettemos á approvação do *Illustrado* o seguinte projecto de noticia para quando outra vez se der catastrophe semelhante, perguntando-lhe se a acha condigna da folha em questão.

«Hontem, na occasião em que o poder moderador embarcava para Cascaes, um dos seus criados esbarrou, dando uma *cambalhota* que lhe poz as costas n'um *feixe*, deixando-o muito *arrombado*.»

Se estiver conforme, ahí fica á disposição do *Popular*.



PREPARATIVOS ELEITORAES



O chefe dos zulus de Castello Branco, propõe vinte facadas ao chefe da situação. A situação declara que estimava muito leval-as mas não tem aonde!...

Em quanto a discussão tem lugar, o cabo da ronda constituinte *amola*.
Tem-se farto de amolar.

A soberania popular em trajes de bezerro de ouro, aguarda debaixo das arcadas a decisão da pendencia.

FOLHETIM

ESPERANDO O AMERICANO

(VERIDICA HISTORIA POR BORDALLO PINHEIRO)



Antonio Maria, sendo senhor e possuidor de 240 réis, resolve ir á feira de Belem no *Americano*. O Luizinho vae ao collo.



Esperam na *magnifica* estação á esquina do Rocio. As estações são todas assim.

A QUESTÃO DAS AGUAS

O ALVIELLA!

Se por ventura desejaes que este rio chegue quanto antes, rezae uma corôa de contas todas as noites a Nossa Senhora!

CAPITAL 5.000:000\$000!

Pede-se um Padre Nosso e uma *Ave Maria* por intenção dos consumidores.



CALÇADO IMPERMEAVEL

SYSTEMA ROSA

Não mais constipações, não mais bronchites.

Se a capital quizer experimentar a efficacia d'esta grande invenção, não tem mais do que pedir agua á companhia.

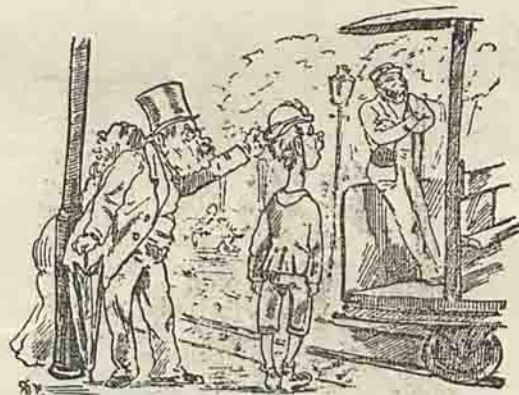
PREÇOS MODICOS

—Então, meu caro senhor, seja generoso! Preciso d'agua para experimentar o calçado. Mostre-se um *Pinto n'agua*, ao menos uma vez!...

—O senhor sabe o que é o Alviella? O Alviella é uma hypothese, que póde servir para tudo, menos para a gente molhar os pés.



Passa o primeiro americano. Vae para Alcantara. Zézinho, enquanto espera, faz cinco annos.



Cinco annos depois passa o segundo americano. Vae para a Pampulha.

Alguns jornaes do Porto, referindo-se ás representações da companhia de zarzuela dos Recreios, presentemente n'aquella cidade, chamam á sr.^a Nadal *uma risonha promessa*.

O director tecnico vae telegraphar ao representante da empresa na cidade invicta, dizendo-lhe que a sr.^a Nadal está escripturada unicamente como tiple. Fóra d'isto não se responsabilisa por mais nenhum papel.

O governador civil d'Evora abuliu no asylo d'aquella cidade o ensino da gymnastica e da musica, possuido da convicção de que a gymnastica é uma arte propria de funambulos e a musica uma occupação propria de philarmonicos.

Na verdade, se nós por exemplo attentarmos na pessoa do reverendo prior da Lapa, vemos que elle, para chegar á eminente posição em que hoje se encontra, nunca fez o sarilho gigante no Price, nem se vestiu de meia para celebrar a *prancha* na sua freguezia, da mesma fórma que não consta que o sr. Adriano Machado esteja filiado nos *Prussianos* do Seixal, ou possua a aptidão necessaria para tocar um solo de clarinete no Passeio.

O novo alcaide d'Evora, não se levando por modernas theorias, mostrou-se, pois, um digno emulo de Geraldo *sem vapor*, sendo digno de que este heroe se levante do tumulo e lhe dê um abraço comprovativo de que para ter força muscular não é necessario trabalhar no trapezio.

THEATRO DE D. MARIA



MAGINOU alguém fazer voltar este theatro ao seu primitivo estado, estabelecendo outra vez n'elle a *Santa Inquisição*, addicionada com uma loja de bebidas, sortida com veneno dos Borgias, licor de ortelã pimenta, *agua tofana*, acido prussico e mais alguns preparados tragicos pela sr.^a Emilia das Neves.

Falla-se em que o logar de inquisidor mór será offerecido a Fr. Theodorico Baptista da Cruz, bem conhecido actor do *Santo Officio*.

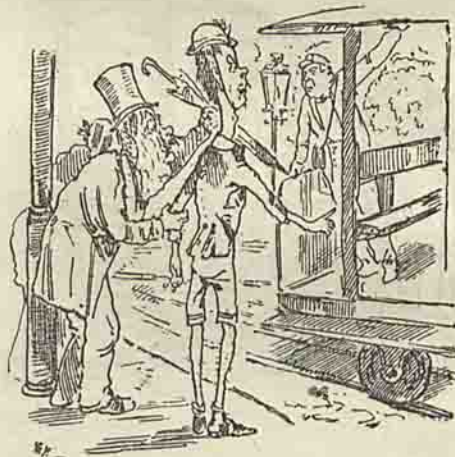
O primeiro dia de *tortura*, se o tempo o permittir, é domingo, para os espectadores, tendo já começado ha mais de tres mezes para os actores.

D. Fr. Theodorico e a Madre Emilia já andam por conta da empresa a remover os *potros* para o palco, e ha projectos de na primeira récita deitar azeite a ferver nos espectadores—se isto não fôr muito dispendioso.

Álerta liberaes!...



Cinco annos mais tarde passa o terceiro *americano*. Vaé para a *estação*.



Cinco annos depois chega enfim o *americano* de Belem! Pare lá.

Annuncia o *Diario do Governo* que, por informação do consul de Portugal em Tanger, consta que é permittida a exportação de ossos pelos portos de Marrocos, desde o meiado de julho até meiado de dezembro proximo.

Bella occasião para a empreza dos Recreios emprehen-der algumas reformas no corpo de baile...

A proposito da actriz Paladini estar aprendendo o portuguez para vir representar no theatro do Principe Real, consta que o director dos Recreios começou as suas lições de francez com uma das *senhoras* ultimamente escripturadas, e mais versada em *linguas*.

Principiou já com o verbo *amar*, e ha tres dias que se ouve na esplanada: *J'aime... J'aime... J'aime...*

E o Vivas, como um echo triste, pergunta-lhe cá de baixo: — Porque é que gemes tu?...

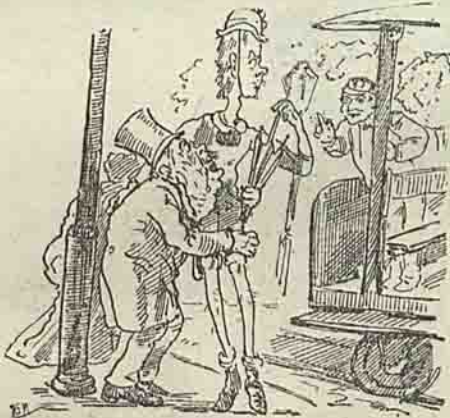


AS CINCO SENHORAS FRANCEZAS DOS RECREIOS

Eil-as emfim! São chegadas!
Logo apoz o desembarque,
O Soares, tomando a *claque*,
Foi saudal-as de manhã.
Achou-as tão virginaes,
Que mal lhes disse:—*Madamas...*
Viu-lhes os ro tos em chammas,
Tomando a côr da romã!

Nem as monjas do Senhor
Respiram mais innocencia!
São como a suave essencia
D'um casto lyrio do ceu!
O Soares quiz pôr-lhe um dedo,
Crêndo-as de luz um composto,
Mas velaram logo o rosto
N'um vago e lucido veu!

Elle então, já confundido,
—Adeus *Monsiú*,—só lhes disse...
A mais innocente ri-se,
Nada a mais velha lhe diz.
Só a do meio, enleiada,
Lhe pregou uma palmada,
Pondo-lhe um pé no nariz!



O Zézinho vae ao collo; diz o pae: só este anno é que entrou no recrutamento.

—Não pôde ser. O menino já está um homemsinho: deve pagar.

—A culpa foi da companhia: na estação é que elle cresceu...



Maria, vamos a pé! Não ha nada como o progresso!

FIM

A QUESTÃO DO THEATRO NORMAL



A POBRE DAS RUINAS — Então, Theodorico Baptista da Cruz, pagas os tres mezes em divida com abatimento de 10 por cento no ordenado e nas tragedias do anno que vem?

THEODORICO — Ah, Emilia, não vês que em virtude dos ultimos acontecimentos resolvi, por não poder pagar a folha, vestir-me de bruxa, para andar mais á vontade, por baixo de toda a folha!...

A POBRE DAS RUINAS — Triste sorte ter de andar toda a vida com o teu appellido ás costas!

CASOS DO DIA



—Ó seu prior. Por mais que coma, não sei que é isto que estou magro como um cão! sou mesmo um *cadavel*! .. E vossê gordo e luzidio! ..

—Meu amigo, hostias, hostias. É o conselho que eu dou ao governo; em vez de gratificações, muitas hostias a todos os funcionarios, civis e militares. Verá como elles logo engordam.

PRAIAS



HA uma certa tristeza na praia do Espinho, e os banhistas attribuem-n'a a este anno se acharem allí a banhos nada menos de doze juizes de direito, além do nobre bispo de Vizeu com a respectiva mitra e cabido.

É certo que o corpo judicial não entra no banho nem no club de capa e volta, encostado á vara da justiça, nem o nobre bispo mergulha no oceano paramentado como em dias de pontifical, entretanto não ha praia que resista ao fungar judicial de doze juizes e uma collegiada!

O sr. Adriano Machado devia, em obsequio ás praias, determinar que os juizes tomassem unicamente banhos nas suas respectivas comarcas, com a devida assistencia do ministerio publico.



ESMO agora nos participam do Espinho o seguinte acto de dedicação.

Hontem, á hora do banho, uma onda inesperada arrancou o sapatinho do pé de uma formosa andaluza, levando-o de roldão para o mar.

Ao grito de soccorro de alguns banhistas, acudiu Fernando Caldeira, que arrojando-se ao oceano dentro de um *saveiro* do nobre bispo de Vizeu, salvou

o sapatinho, entregando-o á sua dona.

O valente salvador veio para o hotel nos braços das banhistas e o *saveiro* nos pés do nobre prelado. A andaluza reconhecida oferece ao auctor da *Varina* o *pe* de esposa e o nobre bispo a *barca* de redemptor.

Fernando talvez opte pelo *pe* da andaluza. Receia-se que o prelado desgostoso, como o rei de Thule, atire com os sapatos ao mar.



O PRESENTE E O FUTURO DOS PRETOS

Um correspondente de Almeida noticiou a uma folha da capital que durante a feira que ultimamente teve lugar n'aquella villa esteve exposto ao publico um preto gentio. Quem queria ver o preto pagava sessenta réis.

O dono do preto ganhou 705000 réis!

Sem fazer considerações sobre o estado primitivo de Almeida e seus arredores, que até hoje jaziam no estado de ignorancia mais absoluta a respeito da existencia dos pretos, a ponto de pagarem para os ver, felicitamos os pretos do paiz pelos largos horisontes que hoje se desenrolam por cima da sua carapinha.

Depois de se mostrarem no parlamento, podem mostrar-se nas feiras, que ainda é mais rendoso.

Dar-se-ha caso que o preto de Almeida seja o que ha dias appareceu retratado no *Diario Illustrado* com o nome de Donizetti?

O *Diario de Noticias* transcreveu de um jornal de Florença cópia do recibo de um sacristão da basilica da Santissima Annuniação, declarando ter recebido de monsenhor Pinto de Campos, natural do Brasil, uma commenda da Conceição para ser collocada no peito d'aquella milagrosa imagem.

Palavra que se não fosse o credito que damos ás palavras de um sacristão, não acreditavamos n'esta!...

Então monsenhor Pinto de Campos usurpa assim as attribuições do governo portuguez, dando uma commenda a Nossa Senhora, sem ella pagar direitos de mercê e emolumentos no ministerio do reino?

Não dizemos isto por que a mãe de Deus não seja merecedora d'estas distincções, mas é que monsenhor Pinto de Campos collocou o governo, se bem que involuntariamente, em graves embarços, obrigando-o a perseguir Nossa Senhora por uso illegal de condecorações, ou então a fechar os olhos a este facto, abrindo assim um exemplo funesto de que os outros santos da corte do ceo não deixarão de aproveitar-se em occasião opportuna.

Em todo o caso damos os parabens a todos os commendadores em geral. Amanhã já, por exemplo, a folha do sr. Commendador Antunes, noticiando uma festa a Nossa Senhora, póde dizer:

«Na igreja do Loreto celebra-se hoje, com missa cantada, sermão e vespereas, uma festa a Nossa Senhora e prezada collega.»

Não ha região mais propicia para a eloquencia do que Cacilhas e o Seixal!

O deputado Costa Pinto, por exemplo, quando desembarca do outro lado do Tejo, vae pela ponte dos vapores fóra, e já se sente tribuno. Chega á rua direita de Cacilhas e caminha já de braço dado com a musa da eloquencia: monta n'um burro e sente-se *Deus da palavra*, chega ao Seixal e vae transformado em Demosthenes!

Um dia d'estes disseram alguns jornaes que fez um brilhante discurso aos eleitores d'aquelle circulo!

A bem da gloria da tribuna portugueza, pede-se aos votantes do Seixal, que, dado o caso de enviarem á camara como seu representante o sr. Costa Pinto, o enviem mettido n'uma *leiva* de terra do circulo, como se faz ás arvores de fructo, quando se transplantam.

E pedimos ao sr. Rosa Araujo, que antes de se propôr pela baixa, frequente Cacilhas.



GOVERNO, receioso da opposição que no parlamento lhe poderá fazer a palavra eloquente do nobre tribuno Pavão, combate-lhe ferozmente a candidatura por Mirandella, offerecendo um titulo de barão por cada voto. No ministerio do reino estão seis amanuenses e dois officiaes, que se revezam de dia e de noite, a fazer titulares para Mirandella, e os eleitores que pretenderem um baronato a troco de uma lista não tem mais do que participar a resolução ao governo em bilhete postal.

Pavão, por outro lado, não descança e passa titulos provisorios de viscondes aos que se conservam fieis. Estes titulos provisorios serão depois substituidos por outros definitivos, quando o digno deputado tornar a subir ao poleiro.

D'este estado de coisas depreheende-se que d'aqui a um anno não haverá em Mirandella uma só pessoa que tenha nome de gente!



ABYLONIA transportou-se decididamente para Lisboa!

O proprietario do estabelecimento de gelo na rua 24 de Julho, obedecendo ao impulso geral, escripturou em Paris duas das mais bonitas peccadoras com voz que lhe foi possivel encontrar, e passa a servir ao res-

peitavel publico, dentro em poucos dias, toda a ordem de bebidas e cançonetas.

O publico deverá comprehender a vantagem que ha em se deixar abraçar n'um estabelecimento de neve, e por isso, mais que nenhum outro local, o café da rua 24 de Julho é digno da concorrência geral.

Quando, depois de uma cançoneta mais magana, o freguez sentir rugir o vulcão debaixo do peitilho, não tem mais do que pedir um gelado. Esconjura assim o perigo, e faz prosperar o estabelecimento.

Previne-se o respeitavel publico de que as cançonetas são gratis.

As cantoras são fóra parte.

Recebemos a seguinte carta dos cysnes do Passeio:

«*Sr. redactor.*—Ao findarem os concertos no Passeio Publico, os cysnes municipaes, reunidos em assembléa geral no lago do fundo, deliberaram enviar a Madame Amann o incluso agradecimento, de que pedem a transcripção, certos de que V. não deixará mais uma vez de obsequiar os que se confessam desde já eternamente gratos, como aves de penna e affieçoados collegas.

«Pela corporação dos cysnes portuguezes
«*D. Leonor de Penna Branca.*»

A MADAME AMANN

São horas, vaes-te raspando,
Triste é pensal-o, senhora;
Mas á voz consoladora
Do teu violino tão terno,
Já vinha juntar-se á noite
Sem comprar nunca bilhete,
Como um vivo diabrete,
A gargalhada do inverno!

Sempre, sempre lembraremos
Tantás e tantas bellezas!
As tuas noites chinezas,
Tuas noites do Tyrol,
E as tyrolezas mais jovens
Cantando em *dó*, salvo seja,
E a mãe, tonel de cerveja,
A dormir, cantando em *sol*!

Bellas noites de poesia
D'aroma casto e divino!
Bellas noites do Justino,
Dançando á luz do luar,
E os corações junto ao lago
Entre a folhagem que treme,
Calospintocromocrema,
Murmurando a soluçar!

Quantas almas namoradas
Ahi vão ficar dispersas,
Ellas que andavam submersas
No devaneio *impossivel*!
Quantas crenças desfolhadas
No coração das mulheres!
Quanta mágua nos alferes
E nos escrivães do civil?

Não mais o doce colloquio
N'um *affavel tête à tête*,
Quando a *pallida coquette*
Remirava o seu *alço*,
O seu *leão* que a affagava,
Indomito, fulvo, ardente,
A trocaram mutuamente
A graxa e o pó d'arroz!

THEATRO DOS RECREIOS

AS 'SENHORAS' FRANCEZAS DESCRIPTAS POR UM ESPECTADOR



A primeira senhora era... um homem, do feição da tyroleza gorda do passeio, roubada provavelmente pelo Soares.—La ri, la ri, la ri!... **la la la u, la la la u.**



Je peut rester comme ça le temps que vous voudrez—diz a segunda senhora ao Soares.



Senhora *chic* da companhia. Genero sentimental. N. B. Offerecendo-lhe de ceiar com bons modos aceita.



Mimi Gavroche. Creação do Boulevard. Genero *canaille*, a suprema expressão da *pochade*. A muza do *Petit Verre* que põe muitos corações de infusão em cognac.



Genero *ligeiro*. Para não voar traz pedras na algebeira.



Genero *rozière*, com bastante gordura e pouca innocencia.



Petit Faust. Tenor sentimental no genero tirolez. O que em Portugal canta ao piano nas praias e morre amanuense ou tenor na rua dos Condes... de lá.



Inglez no genero francez.



Otez votre nez... Cançoneta cantada ao Valentim do Martinho, desde tempos immemoriaes.



O Soares julga a cançoneta um abuso e uma allusão.



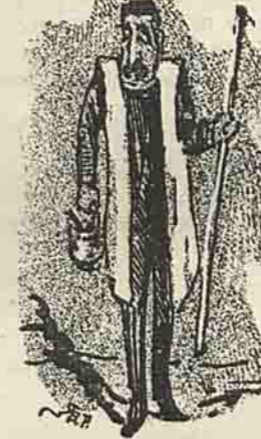
Ma clarinete, canção incompleta.



O Soares tornou a zangar-se, fazendo a mesma cara em consequencia do artista não acabar a canção.



Coupé de Lize.
**La la la ú
la u la ú,
la u la ú!**



O Soares, que esperava as senhoras de capa do Santissimo, escandalisou-se com o publico pela falta de respeito com que as tratou.



E fez duas vezes aquella cara que todos nós lhe conhecemos.



E apresentando as suas desculpas a uma das senhoras, viu, a tremor, a senhora principiar a tocar trombeta com o nariz!

FOLHETIM

«The artist king's rifle» ou a travessia pela feira de Belem e praias



Chegamos um tanto *esbodegados*, mas convencidos de que os machinhos pretos valem tanto como os da companhia, sem terem o inconveniente das *nudas*.



Depositei a familia em lugar seguro, entre os xaropes e a farinha ferruginosa.



Procurei o regulo Franco na sua cubata de Belem. Recebeu-me como um selvagem *civilisado*, prometendo acompanhar-me na travessia da feira em troca do voto.



Para me obsequiar e ir mais a caracter, vestiu-se de Vasco da Gama. Eu levava na mão a espingarda de cana, presente do rei artista.



Mappa da travessia formulado segundo o systema do habil *explorador* Serpa Pinto.



Chegámos algum tanto cansados á primeira cubata. O regulo continuou a pedir-me o voto e a espingarda a não servir para nada.



Passagem pela cubata das Caldas. Productos indigenas e faianças de selvagens muito boas, demonstrando que estes povos usam palitos e *panella*, tudo de barro amarello e verde.



Senhora, acceita os emboras
 Dos cysnes das terras luzas,
 Que em seu nome e no das musas
 Te veem saudar aqui!
 E para assignar comnosco
 Mandaram procuração
 D. Guiomar Torrezão
 E D. Amelia Janny.

(Seguem-se as assignaturas e reconhecimento.)

Enviaram-nos os seguintes versos encontrados na esplanada dos Recreios, e que se suppõem perdidos por algum coração perdido pelas deusas que hoje gorgeiam n'aquelle recinto.

Ravissante mameselle,
 Profitons de ce beau jour;
 Dans le *coupé d'Elisa*
 Allons faire un petit tour.

Je veux vous montrer la ville,
 Et l'endroit du *Domme-Fond*,
 La belle *Jambe de Bois*,
 Le *Zé des Colimaçons*.

Un petit souper au *Tue*
 Oh! que c'est bon, ma Fifi!
 Et la *soupe, vache et riz*
 A l'hotel des *Frères-Unis*.

Mettons le nez dans nos théâtres,
 Voir la grande comédienne,
 Madame Emilie des *Neiges*,
 Que nous nommons l'Ancienne

Voyons le grand tragique
 Theodorique de *la Croix*,
 Que, quand il joue le drame,
 Il fait rire bien de fois.

Parcourons la politique,
 Où brillent *monsiiu Fontaine*,
 Joseph *Jour Serrurière*
 Et *Marianno de Chêne*.

Il y a encore un nom
 —Retiens-le dans la mémoire;
 Il n'a pas de traduction,
 Mais c'est le grand *Zé Grigoire*.

D'autres choses encore plus belles,
 Je te montrerai, amour,
 Si dans le *Coupé d'Élisa*
 Tu veux faire un petit tour.

ARMAND DU VALLE.

ANTONIO MARIA NOS ESPECTACULOS

D. MARIA II.—Abriu com os *Fourchambault*, e annuncia para breve a *reprise* dos *Homens de Marmore*, drama escripto pela trovador Mendes Leal, no tempo em que elle, como diplomata e politico, era tão Leal como Mendes.

Parece que Theodorico, em homenagem ao regresso do eximio diplomata ao torrão natal é que intenta a re-



Mais adiante deparamos com uma fileira de *tumbos* forrados de panno negro, servindo para venda de queijadas, lembrando pela solidão o theatro de D. Maria II.



As meninas passeiam a tres e tres, com ar *morrinhento*, e sem sabor, como se andassem no cemiterio dos Prazeres.

Cultiva-se o namoro em grande escala, como sendo a principal occupação dos indigenas.

surreição dos *Homens de Marmore* do archivo do theatro, indo tocar-lhe ao pé da estante a trombeta do juizo final.



Ha todas as esperanças de que esta festa dramatica reuna no theatro de D. Maria II uma platea de ratos, e que não faltem desde já a assignar os amadores habituaes que presentemente frequentam tanto os camarotes como a calva do Theodorico.



PASSEIO PUBLICO.—Com as primeiras chuvas do Outono desfolharam-se as rosas e desfolhou-se a empresa Amann, que entretanto promette renascer ao abrigo dos vendavaes no velho circo de Price.

N'este recinto vae dentro em poucas horas ouvir-se a estudantina sueca, a que algumas folhas teem chamado a *orchestra humana*. Parece que é composta de musicos de corda e de musicos de pancada, havendo todas as esperanças de que desafine menos que os tyrolezes, que, a

avaliar pelo sopro da tyroleza gorda, eram principalmente musicos de vento

A companhia de zarzuela fez fiasco no Porto com o *Barberillo de Lavapiés*.

Na noite da catastrophe, entre o representante da empresa na cidade invicta e o director technico dos Recreios, trocaram-se os seguintes telegrammas:

Porto, 15, ás 9 da noite

«Ares entroviscados. Espectadores dizem que Moriones pia pouco.»

Lisboa, ás 9 e 15'

«Estou francez. Mr.: dîtes à Moriones qui tenga salero.»

Porto, ás 10 e 2'

«Moriones não tem mais salero. O povo quer voz.»

Lisboa, ás 10 e 27'

«Sacré nom de Dieu! Moriones que tenga salero e sonriça. Distribua corpo de baile par la population.»

Porto, ás 11

«Não capisco. Moriones chora. Corpo de baile só ossos.»

Lisboa, ás 11 e 35'

«Offereça coristas á platea, e metta dançarinas dans l'œil de la rue.»

Porto, ás 12 e 25'

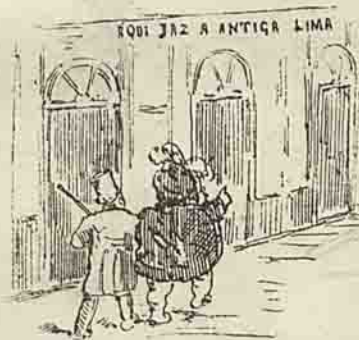
«Moriones desmaiada. Espectadores pedem tripas empresario.»

Lisboa, ás 12 e 45'

«Moriones à le diable. Je soupe avec les dames omlette de camaron. Femmes d'estalo, mon ami!»



Mais feliz do que Serpa Pinto, não encontrei n'este sertão só um alferes, encontrei muitos pessoalmente, todos munidos da competente carta —ver-te e amar-te...



Ceguei à cubata da Lima, sem que a espingarda real tivesse servido para nada, entrámos.



e qual não foi o meu espanto quando descobri que a Lima é apenas o Lima!

(Continúa no proximo numero.)

R. BORDALLO PINHEIRO.

THEATRO DA TRINDADE

GRAZIELLA, tradução livre e caprichosa da PETITE MARIÉE de Lecocq

O traductor transportou este idyllio para portuguez, n'uma linguagem que não se pôde dizer de salas. A lingua e a moralidade portugueza não se mostram porém muito offendidas.



Capitão Montefiasco salvou-se do appellido, auxiliado pelo volume.



A ingénua e o galã foram rouxinoes a contento do publico.



O pae marquez vinha á moda em traje de bull-dog.



A esposa de Montefiasco diz ao marido em portuguez—*como é bello no exercicio*: em vez de lhe dizer em francez: *Oh, come il est beau sous les armes!*



Pagem Delicadinho Magrinho Pequenino e bonitinho. Francisco Palha é realmente um grande empresario de—pagens!



O Podestá, em trajes de domador de feras, pareceu nos uma insidia do Cohen que provavelmente quiz annunciar o calçado impermeavel do systema Rosa.

BOLETIM DAS PRAIAS

Dê Espinho participam-nos o seguinte :



Ponto de vista que o reverendo bispo de Vizeu apresenta ao entrar n'água, segundo testemunhas oculares.



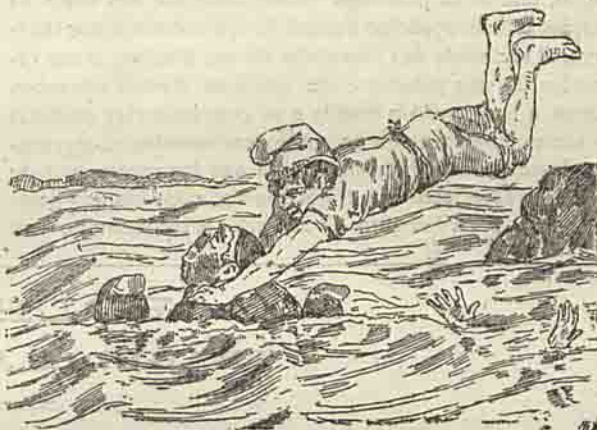
Antes do reverendo bispo de Vizeu entrar na água, completa vazante.



Depois de entrar n'água, preamar tremendo!



As povoações do litoral, depois de reunidas em *meeting*, resolvem ir pedir a Jorge Veiga e ao reverendo bispo, que não entrem n'água ao mesmo tempo, em quanto não estiverem feitas as colheitas do milho nas terras baixas.

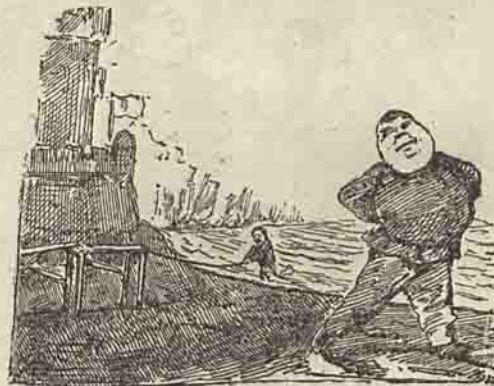


Como bispo *flutuante*, para o consolidar e fazer ir ao fundo, é necessário carregar-lhe nos ombros; para isso foi requisitado do ministerio da justiça o prior-secretario que



não pôde ir já por estar de serviço na praia da Torrinhã, em Belem, a fazer *maré cheia*.

Preamar só para os amigos, e



vazante para os inimigos—*banho de lodo*. O zelo politico do reverendo prior fez-lhe dar água pela barba no ultimo domingo. (Vide folhetim.)



O *Commercio de Lisboa*, folha discreta e d'um colorido pouco violento nas suas opiniões politicas, fez algumas observações menos palacianas ao decreto que eleva o *real penhor* de que a Carta Constitucional se ufana, ao posto de guarda marinha, parallelamente ao de alferes, que já tinha nas milicias de terra, achando esta *graça* uma velharia impropria do nosso tempo e d'uma marinha que não se fez para navegar nos lagos que costumam figurar no scenario de S. Carlos.

Algumas ponderações que vamos fazer ao collega hão de trazel-o ao bom caminho, convencendo-o de que realmente não ha motivo para censura, e sim antes para louvor.

Sua alteza o *real penhor*, como infante e como presumptivo, tem de se patentear amiudadamente aos olhos da nação, já debruçado no peitoril do seu camarote nos theatros, já reclinado nas almofadas do seu *landeau*, já nas varandas do seu palacio, e em qualquer d'estas situações, como a boa razão o manda e as conveniencias politicas o aconselham, tem de se apresentar vestido, e, apresentando-se vestido, é natural que a sua innocente vaidade o deseje fazer com um traje que lhe *fique bem* ao parecer. Ora o fardamento de lanceiros é incommodo; tem

uma barretina pesada, e ao mesmo tempo que pede o respeito dos povos, pede tambem luminarias. Por outro lado (triste é confessal-o!) sua alteza está n'uma edade altamente critica para o chapeu alto, e a sobrecasaca, por mais bem que o Keil a córte e lh'a ageite ao corpo, parece sempre uma sobrecasaca feita para o sr. conselheiro Arrobas!

Se nos é permittida uma observação, diremos mesmo que sua alteza nunca serí um rei para sobrecasaca.

N'este transe cumpria á sollicitude paternal, auxiliada pela sollicitude ministerial, providenciar, como fez com o decreto em questão, decreto que, no nosso entender, só pecca em não vir referendado tambem pelo Catarro.

Mas o catarro virá mais tarde. Temos pois o *real penhor* guarda marinha e alferes, estimulando assim ao mesmo tempo as tropas e os navios. Oxalá que a sollicitude do governo não tarde em aconselhar o monarcha a que estimule da mesma fórma, e com os mesmos fundamentos, o zelo dos cabidos, nomeando o *real presumptivo*, por exemplo, conego honorario da sé de Lamego!

Porque não? A lei não se oppõe, e depois a opa vermelha tambem não fica mal...

Creemos firmemente que o orgulho de sua alteza não sahirá todavia dos justos limites em que se deve conter o orgulho d'um triumphador, pela sua ultima victoria, pois que como aviso, da mesma fórma que na antiga Roma, deitado no carro triumphal aos pés do general vencedor, ia um escravo que lhe repetia a cada passo:—*lembra-te que és homem*,—egualmente o decreto que eleva sua alteza ao posto de guarda marinha, lembra tambem que entre outros nomes, sua alteza possui o de *José Simão!*

Lembra-te que és José Simão, diz o sr. marquez de Sabugosa, deitado na carruagem real, com a pasta de mi-

FOLHETIM * TRAGEDIA Á BEIRA-MAR



O sr. Prior, quando faz maré cheia, costuma, antes de mergulhar, entregar ao seu secretario aquelle anel que todos lhe conhecemos.



No domingo, porém, esqueceu-se de similhante precaução, e marchou solemne para a ponte.



Zás — saltou á agua.

* Para dar logar a este caso triste teve de retirar-se o folhetim — Travessia da feira de Belem e praias, que continuará no proximo numero.

nistro debaixo do braço e os pulsos apertados em algemas d'ouro.

Tal qual a velha Roma, sob o consulado do sr. Rosa Araujo!

JOÃO RIALTO.



Ha tres semanas consecutivas que as folhas periodicas noticiam que na praia da Nazareth vão bater-se dois cavalheiros que alli estão a banhos.

Naturalmente, os cavalheiros querem acabar a sua conta de mergulhos, a fim de que não aconteça ir algum para o outro mundo, sem tomar os que lhe prescreveu o medico da sua terra.

Entretanto, é sempre bom pôr de prevenção estes duellos de praias. De ordinario são duellos para recreio das familias, compostos expressamente para serem á noite recitados ao piano.

Depois era inadmissivel que a Nazareth tivesse um duello, e as praias mais elegantes e de maior cathegoria tivessem apenas *pic-nics*.

OS DOIS ALBUQUERQUES

(FINIS INDIE)

Ó manes do terribil Albuquerque,
A vossa Gôa morre, Gôa é morta!
Abriram ao Inglez só meia porta;
Abram-lh'a toda; que entre em Gôa, e a merque.

Se a França, outr'ora, lhes cedeu Dunquerque,
Se Chypre lhes cedeu, agora, a Porta,
Foram forçadas pela regra torta,
Que não permite que o vencido alterque.

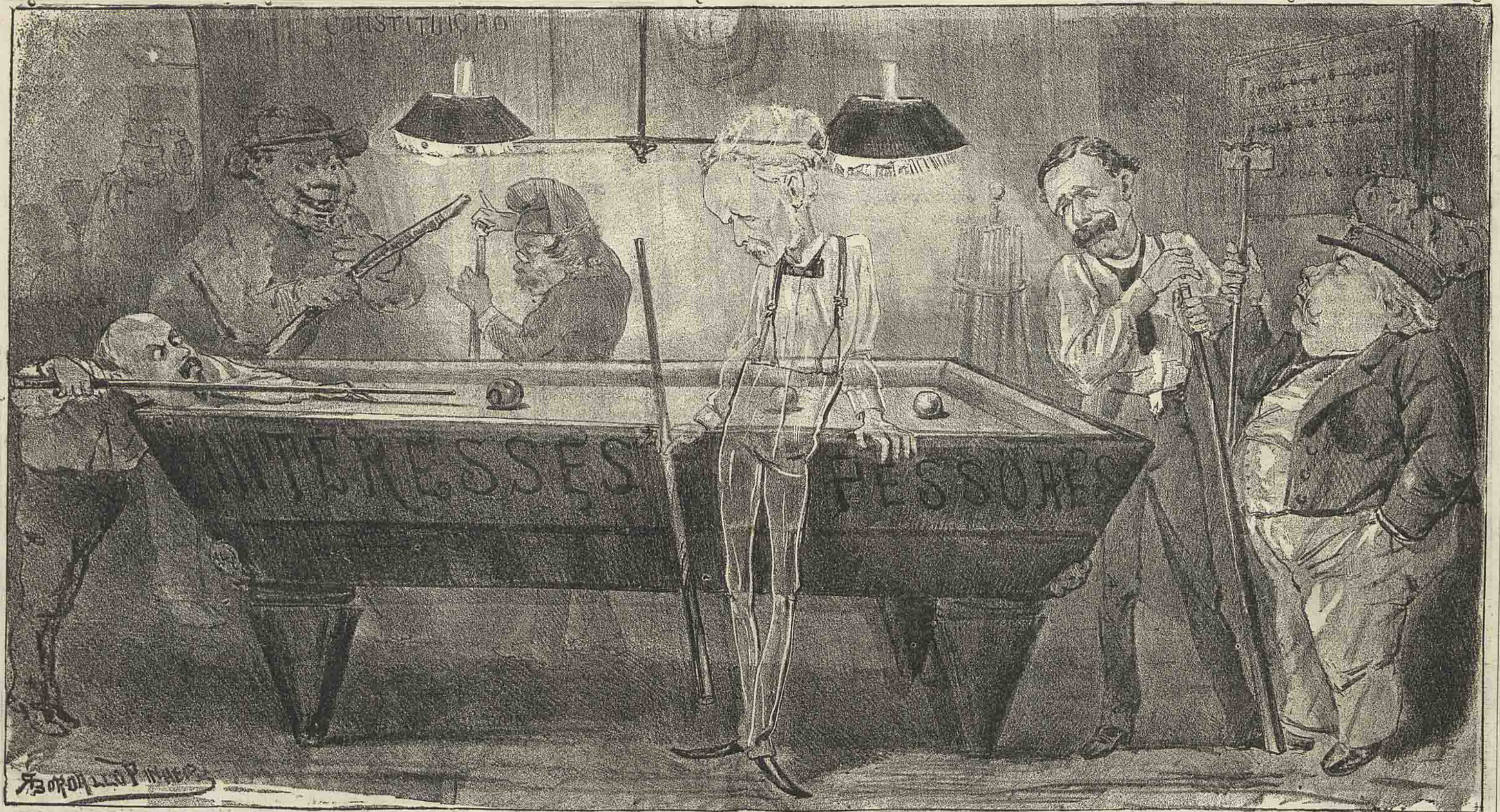
Grande Albuquerque, foi-se a tua obra.
Tomaste Gôa; canta-lhe o responso,
Albuquerque, o *pequeno*... Que diabo!...

Isto lembra-me o symbolo da cobra
Com a cauda na bocca. Illustre Affonso,
Oh! tu foste a cabeça, — elle é o rabo.

MANUEL MARIA.



Foi ao fundo com o peso da joia. Tumultos, gritos, desmaios sobre a praia. Adriano amigo, mal isto vê, larga a canoa e vòa em soccorro d'elle.



Pinheiro Borda

O TRANSPARENTE DO PROGRESSO.—O menino por mais que faça ainda não chega ao bilhar.
ANTONIO O CARO.—Deixe-o jogar, que eu dei-lhe cuspo no taco.
MENINO.—A minha bola é a *peta* (coitado ainda não diz o R.)
O MARCADOR.—Estou a ver que me rasgam o panno e não m'o concertam depois...
ZÉ POVINHO.—Se vossês não acabam d'ahi com essas *partidas*, corro-os a taco e vou jogar com o marcador.



Barão de Santo Ambrosio veio á imprensa declarar ser falsa a noticia que a seu respeito sahiu n'uma folha, de que ia ser feito Visconde. Não acceita graça ou favor do actual governo, diz elle.

Ainda bem. Respiramos mais á vontade, porque já estavamos a receiar que o virtuoso santo desacreditasse o *Flos Sanctorum*, passando-se com armas e bagagens para os progressistas.

Querido santo, não tenhas inveja dos outros teus colegas que já são viscondes. Quando o sr. Fontes subir ao poder, Deus Nosso Senhor ha de lembrar-se de til

Do Porto recebemos os telegrammas seguintes. Ha manifestamentè confusão entre elles, não vindo bem discriminados os acontecimentos a que dizem respeito, e dos quaes o leitor provavelmente já deve ter noticia. Não fazemos por isso a devida rectificação.

Porto, 22, ás 10 horas e 29' da tarde

«A candidatura do baritono Lacarra foi proposta pelo circulo do Bomfim. Entusiasmo indescriptivel subindo ao ar o visconde Alves Machado. No *Principe Real* o secretario Carrilho agradou no *Processo do Can-can*, sendo applaudido o dueto do 2.º acto, cantado pela sr.ª Naldal e Adolpho Pimentel.

Vivas á familia real misturada com pateada.»

Porto, ás 10 e 35' da t.

«A auctoridade mandou o Sentieiro com a sua *troupe* dar pateada á Moriones e ao partido regenerador. A municipal acudiu e Sentieiro foi recolhido preso aos camarins. Muito povo no corpo de baile e alguns applausos nas ruas.

Como manifestação de desagrado não sahiu hoje boi nenhum para Inglaterra. A alfandega rendeu 240 réis.»

RESPOSTA DE PEQUITO «SEM SEGUNDO»

A LUCIANO «PRIMEIRO»

Oreste amigo, affirmo-te
Que estou banzado a sério;
Giro entre o pasmo e o extasi,
Desde que o fusco imperio
Te vê de queixo ás gambias,
Gentil na posição.
Partiu-se a antiga cópula
Em que eu contigo andava;
Não sei se sou geographo...
Eu que tão bem fallava,
Em noutes de convívio,
D'Agrella e do Indostão!

Entrei por cousas varias
A luz do teu conselho;
Nos lances ethologicos



Deita-lhe os gatazios com toda a gana.



E trouxe-o a reboque, como costuma.



—Apre que susto!
Disse com o prior nos braços.
—Ia ficando sem o braço direito
por causa do esquerdo d'elle!
Iam ficando as ovelhas da Lapa
sem pastor e sem missa conventual!
S. Ex.ª vinha cheio de marisco
e cheirava a marezia.

Tu foste o meu espelho,
O meu tenor sem *fifa*,
E o teu soprano... eu.
Tua alma, qual *in-folio*,
Fartou minha cubiça;
Tive o pendor cerâmico,
A ponto que na Adiça,
A um lacrimario, em osculo,
Meu labio se estendeu.

Relêva-me o preambulo,
Esripto á puridade;
Reporto-me ao silencio,
Que, em boa e sã verdade,
Ninguem com os vultos maximos
A mano seu ficou.
Tu és dos prehistoricos,
Quanto á grandeza rude;
Cachões de rios celticos
Batem no teu açude,
E da peneira esthetica
A sêmea fina eu sou.

Volve, mas volve rapido,
Que ás letras fazes falta;
Tu és 'o mestre, 'o technico,
Em frente d'esta malta,
A quem jamais a aureola
Terá que emmoldurar.
Tu, com quem Deus foi prodigo
No genio e nas maxillas,
Tu, que dos panaes d'Attica

O flavo mel estillas,
Deita-me um gato á critica
D'aquem e d'além mar.

Percorre a senda espumea,
E adeus, ó Barra Mansa;
Recolhe á amada patria,
Onde ha quem torne á dança,
Desde que a abelha lyrica
De novo anda a zumbir.
Desprende a voz n'um cantico,
Essa tua voz preclara;
Faze que ás musas pallidas
Volte o bom sangue á cara;
E que apodreça o egregio
Em barbaro dormir!

CID ADÃO.



O *Diario da Manhã* publicava hontem um annuncio em franciú, que principiava assim:

Merci bien, oui. (Eu irei aos Recreios.) Mais rapelez...
Chama-se a isto: querer dizer amor e não lhe chegar o francez.

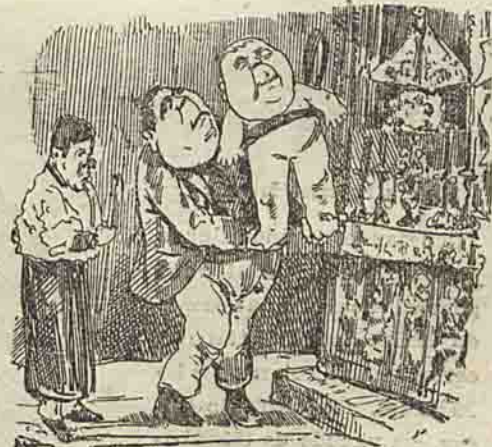
Suppõe-se que é uma carta d'amores dirigida pela policia ás *senhoras* francezas, que no theatro Apollo cantam *La corde sensible*, sendo *la corde* ellas, e *sensible* a policia.



Uma commissão de pescadores da Costa de Caparica, sabendo da influencia do anel sobre os peixes, pela quantidade de peixinhos que S. Ex.^a trouxe pegados a si, foi pedir-lhe para ser *isca* uma vez por semana, ou emprestar-lhes o anel para pescarem ao *candeio*.



Continuo respondeu que S. Ex.^a não fallava por estar por emquanto a escorrer



e ter de ir em seguida offerecer um *priorsinho* de cera a Nossa Senhora dos Navegantes.

DIVERSÕES ARTÍSTICAS E POLITICAS



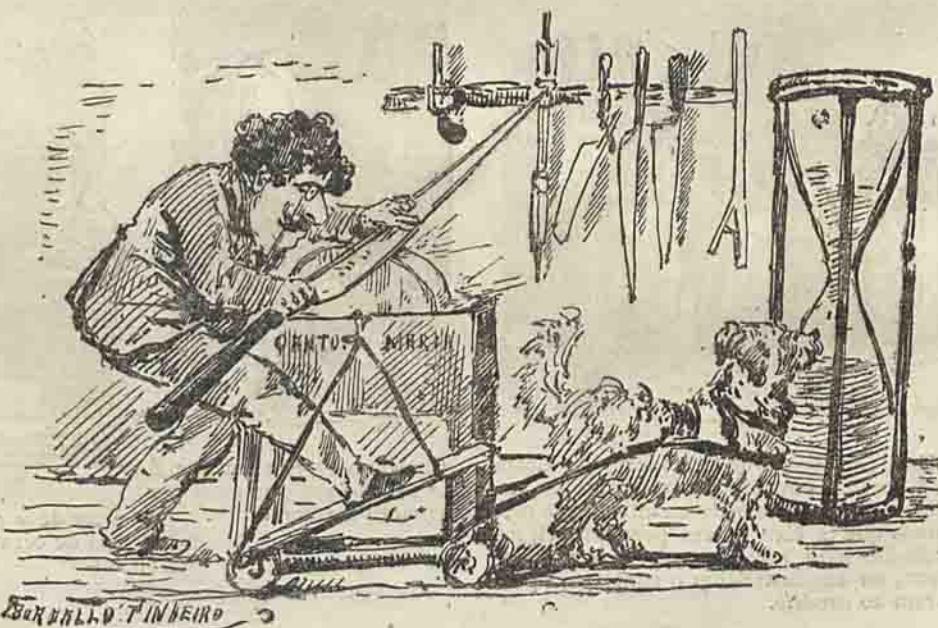
Organização provisória do pelotão de *gastadores*, que segundo algumas folhas o governo vae crear para substituir os porta-machados.

O pelotão de estudantes de Upsala, que ha poucos dias se estreiou no circo Price, dá idéa, pelo aprumo e pelas gran-cruzes, de um pelotão de nobres duques d'Avila e de Bolama, com a differença de afinar mais alguma coisa.



A ultima hora

Constando, segundo alguns jornaes, que um **distincto** general vae chamar ao campo da honra um **distincto** caricaturista, **Antonio Maria**, não obstante cuidar, em virtude do **distincto**, que não é nada com a sua pessoa, vae tratando de amolar a faca.



CIRCO PRICE

O capitão Howe e miss Tilie



Tiros em todos os generos. O indigena não acredita que as balas sejam authenticas e as armas de carregar pela culatra. Miss Tilie aposta em como a dez passos de distancia acerta no sr. presidente do conselho, no que não acreditamos; e o capitão Howe a duzentos, de costas, em sua sogra, o que acreditamos absolutamente.



Entre a poesia lyrica portugueza e o sr. cardeal patriarcha está a ponto de rebentar um grave conflicto, que de certo perturbará as boas relações em que até hoje teem permanecido a egreja e as consoantes.

É o caso que, segundo uma revelação feita, ha dias, pelo *Diario de Noticias*, o chefe da Egreja lisbonense não consente que os *anjos* do patriarchado tenham mais de dez annos de idade, ao passo que os poetas lyricos só os admittem de idade superior a quinze, havendo mesmo alguns que mais os apreciam á proporção que elles vão sendo mais *durinhos*. Ha mesmo quem considere, como Balzac, que os *anjos* só se pôdem julgar completamente feitos aos trinta annos.

Não desesperamos de ver a Egreja chegar a um accordo com a poesia no interesse commum. Se se fosse a cumprir rigorosamente a letra a provisáo do austero prelado, a propria clerezia do patriarchado seria a primeira a achar-se em graves embaraços, por ter de despedir os *anjos* de maior idade, que hoje estão ao serviço da Egreja.

E depois como seria triste um trovador ter ámanhá de pôr o seguinte communicado nos jornaes, dirigido ao archanjo dos seus sonhos...

O teu nome, *anjo* do ceu,
Foi uma estrella cadente,
Que ás bicadas feneceu
Dos corvos de S. Vicente!

Já não és *anjo*; eu chamar-to,
Seria evocar o abysmo!
Em ti leio, em qualquer parte
A certidão do baptismo!...

Sê tu *anjo* d'innocencia,
E eu seja o proprio Petrarcha,
Não o quer sua Eminencia.
O cardeal Patriarcha!...

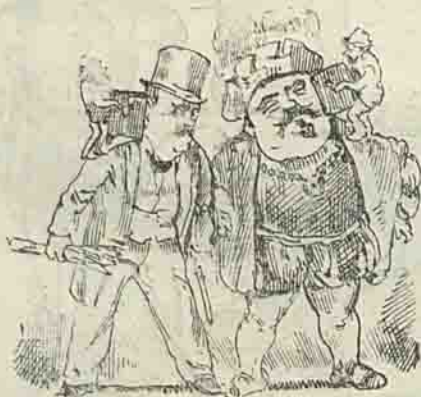
O sr. Gabriel Cazeneuve pediu ao governo privilegio para uma machina de ensinar francez.

Parece que uma pequena modificação introduzida nas machinas de costura pelo sr. Cazeneuve, permite que estes engenhosos machinismos, depois de coserem uma camisa, possam da mesma fórma coser uma lingua, sem

FOLHETIM

The artist king's rifle on: A travessia pela feira de Belem e praias

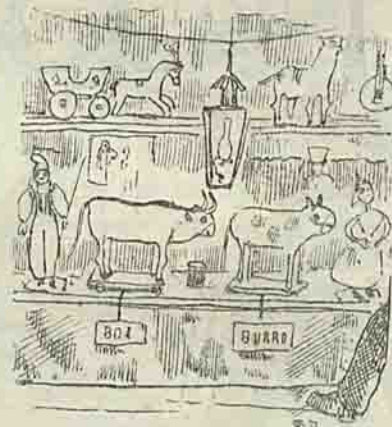
(Continuado do n.º 15)



Continua a exploração, levando cada um de nós um realejo no ouvido.



As cubatas vão-se tornando cada vez mais baixas, a ponto de só de côcoras se poderem transpôr. Foi para isto e para o titulo que serviu a espingarda.



Passemos em revista os museus da arte nacional. O indigena vai-se aperfeçoando.

N. B. A maneira do systema adoptado hoje nos jornaes diarios e noticiosos, damos apenas uma nesga de folhetim, para entreter a curiosidade do leitor.

ser necessario trespassar o discipulo com a agulha, como se faz com a roupa.

N'um paiz ainda atrazado, como o nosso, são incalculaveis os resultados que hão de advir da educação á machina, principalmente se os inventores descobrirem o meio de formarem ao mesmo tempo o espirito e as piugas.



ADAME RATTAZZI, segundo disse um jornal ha poucos dias, devia casar em Paris, no dia 25, pela terceira vez, com o deputado hespanhol Rutte.

Pela terceira vez, no mesmo dia, com o mesmo deputado, o mesmo hespanhol e o mesmo marido, é talvez exagerar um pouco o sacramento do matrimonio.

Entretanto, cumpre a todos que jantaram mais de tres vezes com tão illustre dama, felicitá-la outras tantas pelo seu *triplice* enlace.

Em Braga, o sr. coronel de infantaria S formou o seu regimento e fez-lhe uma prédica no sentido de louvar os soldados por elles este anno não terem assaltado as vinhas: ao mesmo tempo fez saber ás praças de pret, que no caso de alguma d'ellas sentir irresistivel *desejo* de comer uvas, as pedisse ao seu camarada que se achava auctorisado a satisfazer tão licito appetite.

Não seria mau que a sociedade protectora dos animaes attendesse a este exemplo dado pelo sr. coronel do S, afim de ver se seria possivel, no que respeita aos cães, substituir igualmente o trambolho pelo discurso.

Não se esquecendo todavia de levar os cães mais gulosos ao logar da Vicencia, afim de matarem quaesquer *desejos* irresistiveis.



SR. ABBADE de S. Pedro do Sul, dizem as correspondencias do Espinho, no ultimo concerto que teve logar na Assembléa d'aquella praia, cantou ao piano a sentida aria italiana — *Vorrei morire!*

Quer-nos parecer que não é assim que se ajudam os parochianos a *bem morrer*, salvo se o digno abbade canta as suas arias devidamente paramentado, e ajuda pelo menos os banhistas a *bem dormir*. E o que lhe cumpre tão sómente fazer, como parochio e como tenor.

Agora, se sua reverendissima intenta, por meio de capciosas sonatas, derramar a melancolia no coração da Assembléa, cumpre ao sr. Bispo Conde chamar a sua clerezia a bom caminho, prohibindo-lhe expressamente de cantar no Espinho tudo o que não seja o *Miserere* acompanhado a orgão.

N. B. Deve recommendar, para evitar fraudes, que o *Miserere* não é o do *Troyador*.



RANDE foi a animação que reinou em casa do sr. Barão de Santo Ambrosio por occasião da primeira *souvée* eleitoral do partido regenerador da freguezia de Santa Iza-bel.

Fallaram diversos regeneradores em *phrase simples*, diz uma folha opposicionista, demonstrando os males que o actual governo está produzindo ao paiz.

Naturalmente a *phrase simples* foi inspirada pelas virtudes, talentos e limonadas de çitrato de magnesia compostas, que concorrem na pessoa do referido barão.

Infeliz enfermo que tem á cabeceira um clinico d'esta ordem! Parece impossivel que o paiz não tenha sido ungido ha mais tempo!...

Na rua Nova do Carmo abriu-se um novo estabelecimento, que poz na janella o seguinte distico:

Fabrica d'Italia de chapéus de palha.

Na consciencia do dono da fabrica pesava o ter de dizer, como até aqui era costume:

Fabrica de chapéus de palha d'Italia.

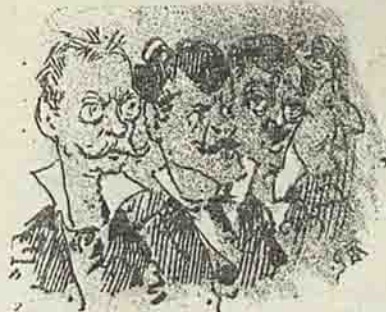
Receiou talvez que os freguezes provassem a palha, e achassem que era portugueza.

O jornal as *Novidades*, para corresponder á confiança que tem recebido do publico, começou a distribuir um brinde diario aos assignantes, principiando pelos mimos seguintes:

- 1.º Um relógio de mesa
- 2.º Uma bolsa de prata
- 3.º Um bilhete da loteria
- 4.º Um elegante centro de mesa
- 5.º Oito volumes de romances.

O relógio é, ao que supomos, para os assignantes calcularem a hora a que anda a roda, a bolsa de prata para metterem o dinheiro da loteria, o centro de mesa para o centro constituinte lhes entrar em casa, e os oito volumes para os adormecer embalados nas esperanças dos numeros seguintes.

Segundo ouvimos dizer, o Campeão passa a ser o director politico das *Novidades*, ficando o folhetim a cargo do cambista Fonseca, e o noticiario a cargo do Manaças.



No Brazil



Luciano Cordeiro, em nome de Portugal, confraternisa com a imprensa do Brazil por meio do Porto de 1815 e do Malvazia de 1813.

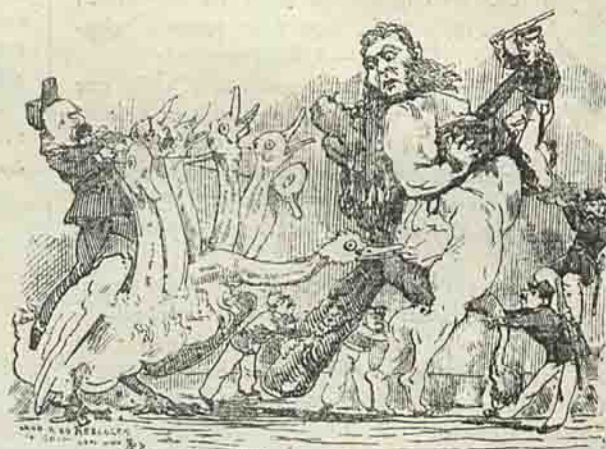
Borges de Castro, em Lisboa, protesta pelo que diz respeito ao primeiro vinho, allegando que o resto que hoje existe do Porto, genuino de 1815, o tem elle á venda na rua do Alecrim, 23-A.

Convidam-se os amadores.

No Porto

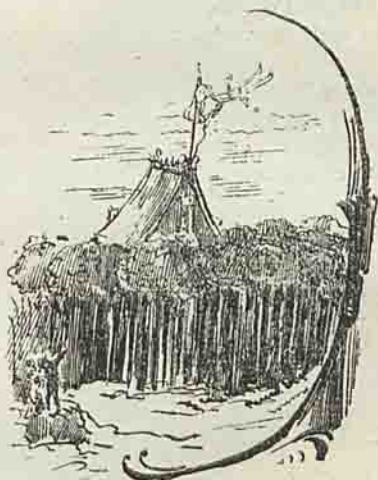


Sentieiro resolve-se a esmagar o partido regenerador.



A hydra regeneradora ergue o collo e ferra bicadas no Sentieiro que é mettido na cadeia.

Na praia da Granja



Sobre o chalet do partido reformista fluctua a bandeira transparente do progresso.



O nobre bispo de Vizeu entretem innocentemente as ultimas tardes de setembro, fazendo voar os seus aliados por ares e ventos.

No céu do Espinho



Avista-se um papagaio de cores e feitios desconhecidos.

Em Lisboa



A patrulha constituinte prosegue serenamente o seu giro. A sombra do prior e a sombra d'Adriano acompanham-na constantemente.



PROPOSITO do sr. Braamcamp ter sido agraciado com a gran-cruz da Torre e Espada, disse uma folha regeneradora que não lhe parece que na pessoa do presidente do conselho concorram em grande escala nem o va-

lor, nem a lealdade, nem o merito.

Uma pergunta: Sendo o sr. Fontes agraciado com a ordem do *Elephante da Dinamarca*, achará por ventura o collega que na pessoa do *caro* concorrem as qualidades que se devem exigir nos pachidermes?...



A PROVA DOS VINHOS NO BRASIL

(HYMNO CANTADO PELO COMMISSARIO LUCIANO)

Voç— *Nossos os mãos d'aquem mar:*
Na taça o espumeo licor
Faz-nos sorrir e pular
Na rua do Ouvidor!

Côro— Hourrah, por ti, Luciano!
E si tu achas bonito,
Nos deixa saudar ufano
Pedro, a patria e o Péquito!
Hourrah, hourrah, Luciano!

Voç— Mal sabeis quanto vos devo!...
Quando sahir no paquete,
O Pão d'assucar eu levo
Na algibeira do collete!

Côro— Luciano, oh qui vertigem!
Qui tontice, qui vos deul
Mais vinho, que é sangue virgem,
Mais vinho, que o pagó eu!

Voç— Saúdo, Nhó-nhó e Juca,
Saúdo o imperio inteiro.
Me sinto já da Tijuca,
Eu fallo já brasileiro!...

Côro— Vossé já viu qui massante,
Vae estando esbôdegado!
Deita Porto n'um instante,
É bem bom elle, o malvado!

Voç— Ó Malvazia! ó diacho,
Apanhas hoje uma estafa.
Vossés pensam que é Cartaxo?
Só cá tenho outra garrafa!...

Côro— Deita mais, que é bem bonito!
Que holhinhas tão mimosas!
É o sangue do Péquito,
Ou então licor de rosas!...

Voç— D'estes momentos suaves
Me sentindo tão ufano,
Vou cantar *Que é d'ella a chaves,*
Em dueto com Caetano!

Côro— Hourrah, hourrah, Luciano!
Attende a nossa seccura:
D'esta pipa d'hoje a um anno
Torna a abrir a fechadura!
Hourrah, hourrah, Luciano!

QUINCAS CAIPORA.



No CIRCO PRICE a estudantina sueca começa a achar-se influenciada pelo clima portuguez; que, como toda a gente sabe por experiencia propria, é extremamente prejudicial ás larynges.

No genero *tenores*, seja dito em abono da verdade, a Suecia, por emquanto, ainda não revelou a sua superioridade sobre nós.

A estudantina apresenta-nos um primeiro e segundo tenor, que não fazem morrer de inveja os que a estas horas se exercitam nas Assembléas das praias, e com respeito á afinação, é ponto de fé para muita gente que a estudantina perdeu alguma coisa em ser transferida de Upsala para o Salitre, aonde a poeira da nova Avenida lhe deve por força invadir os gorgomillos, conjuntamente com o sr. Rosa Araujo.

O *maestro* Brenner continua, cheio de convicção e co-





berto de veneras, a proporcionar ás familias grandes noitadas de Mendelssohn e d'outros classicos, que mais sabem conciliar o respeito e o somno da baixa. No circo, diga-se para honra do nosso publico, enquanto a orchestra executa as delicadas sonatas dos grandes mestres, reina sempre absoluto silencio, perturbado apenas por um ou outro espectador que ladra ou por um cão que rebola das bancadas. Entretanto, isto que a muitos póde parecer recolhimento, é tambem um quasi nada somnolencia. A cidade mostra assim o seu respeito para com os immortaes classicos: admira-os e dorme.

Em D. MARIA II os fados continuam a ser pouco propicios á arte e á empresa.

Theodorico, a fada que presidia aos destinos d'aquella infeliz instituição de recreio e de teias de aranha, desenganado das pompas theatraes, partiu ha dias para Chaves! Foi chorar no desterro as desditas da tragedia!

A ultima hora, como at-



tenuante a este acto de abnegação, descobre-se que Theodorico era apenas um dragão de Chaves, pósto de guarda ao theatro nacional!



Aborrecido do mundo, desengano do bilheteiro e descrente dos bailes de mascaras, pegou em si e voltou ás suas antigas occupações de corneta de Chaves, para espalhar as maguas.

Espera-se, entretanto, que mais tarde ou mais cedo, Theodorico saudoso da arte volva ao theatro das suas antigas glorias, aonde póde conciliar as suas vocações, tocando na orchestra e apunhalando nos bastidores.

No GYMNASIO o Dr. Faure Nicolay annunciou um espectáculo dedicado a todas as classes. Aos homens de sciencia na parte physica, ao bello sexo na esthetica, e ao clero na parte psicologica.

Toda a gente suppunha que a primeira ordem de camarôtes fosse hontem tomada toda pelo cabido da Sé, e a superior pelos reverendos parochos da capital; mas as esperanças do Dr. Faure foram baldadas. O clero correspondeu com a sua ausencia a tão amavel convite, e com relação a corôas apenas o bilheteiro recebeu algumas dos seculares.

Episodio das praias

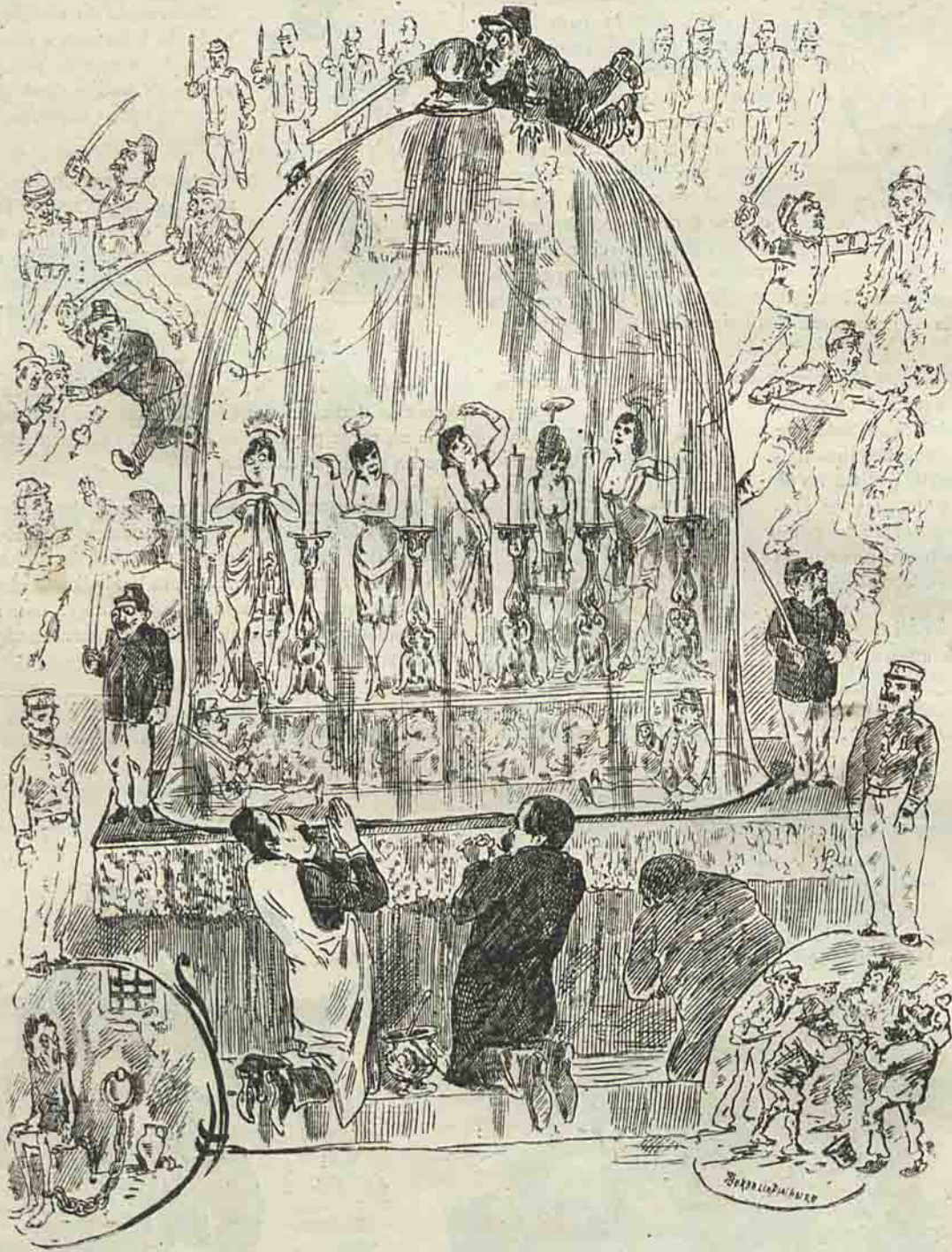


—O mar está tão picado! Sinto me toda tremula!...
—Descance, minha senhora: está nas mãos d'um homem!



—Que frio, meu Deus!
—Minha senhora, olhe a boia, que lhe cabiu n'agua!

Capella dos Recreios Whittoyne



A empresa resolve metter as *cinco senhoras* n'uma redoma, começando d'hoje em diante a celebrar-lhes uma novena. Um perverso, que ousou offerecer ás Virgens um capilé, é posto a ferros. Á sahida os indigenas trocam algumas facadas em consequencia de alguns sorrisos trocados pelas damas.

Para as eleições

Receita para fazer deputados de recheio, segundo o formula do grande politico Matta

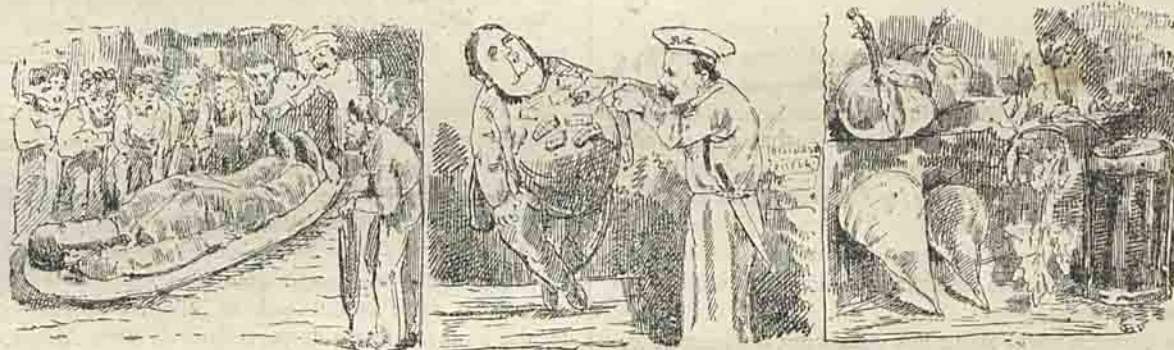
(Antonio Maria, humilde discipulo do grande cosinheiro offerece aos leitores.)



Tomam-se alguns candidatos *depenados* e limpos, como é costume en-
contral os debaixo da arcada, á porta
do ministerio do reino.

Tiram-se-lhes os ossos do peito da se-
guinte fórma: desconjunta-se o osso que
está junto ao papo, e com o dedo se lhe
vae despegando a carne pelo interior até
que o osso saia limpo.

Depois empernam-se, puxam-se



e estendem-se ao comprido em frente
dos eleitores (às vezes elles mesmos é
que se *estendem*).

Lardeiam-se com tirinhas de dis-
cursos e depois mettem-se nos com-
petentes circulos, á falta d'outras ca-
çarolas em que caibam.

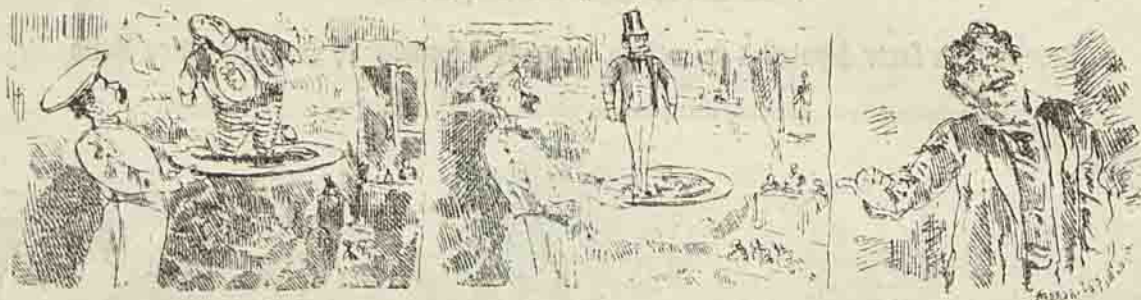
Devem tapar lhes o fundo duas ce-
nouras, alguns grãos de pimenta (na
aza) e bastantes quartilhos de vinho,
branco ou tinto.



É preciso que o candidato fique so-
bretudo muito bem *regado*, com sal suf-
ficiente e o competente dentinho d'alho
picado.

O circulo ou caçarola leva-se ta-
pado ao forno da egreja matriz.

Depois de alguma coisa passa-
do, tira-se-lhe toda a gordura e
todas as banhas que tiver na al-
gibeira.
(*Volte.*)



E serve-se quente.

Ou então frio, á vontade do freguez.

Eis o petisco a que no banquete constitucional se chama o pudim do suffragio.



O paiz atravessa um periodo de tal fórma divertido e jovial; a galhofa assoberba de tal maneira os animos, que os sujeitos que não são eleitores andam com as mãos na barriga, a rir, a rir, a rir, dizendo de quando em quando, suffocados, á politica portugueza:

—Basta, ó Taborda, basta, ó Tabordinha da minha alma, que não pôsso mais!...

No estado d'hilaridade constitucional em que se acham, confundem as luctas dos partidos com os gestos d'um grande comediante!...

Os partidos põem bistré nos olhos para fingirem olheiras cavadas pelas vigílias; collocam espuma de sabão nos cantos da bocca para simularem indignação, e depois de *esguedelhados* convenientemente no Godeffroy para affectarem arrebatamento — sem banha, veem para o meio da rua invectivar os contrarios, de punhos cerrados, accusando-se mutuamente dos maiores crimes e das maiores abjecções!...

A marcação da scena está tão bem feita, a peça tão bem ensaiada, o scenario tão bem pintado e os actores representam com tamanha naturalidade, que na provincia e na outra banda tem-se chegado já a tomar a coisa a serio, pateando como antigamente os espectadores do Theatro de D. Maria II quando o sapateiro Simão se propunha a cortar a cabelleira de Maria Antonietta posta na cabeça da sr.^a Emilia Adelaide.

O partido regenerador accusa os seus contrarios, entre outros crimes:

- 1.^o De pretender vender a patria ao estrangeiro.
- 2.^o De ter recommendado á hydra da reacção que se vestisse de sr. Pires de Lima para avassallar as consciencias.

3.^o De brindar com 800 contos de réis as *cocottes* de Paris, afim d'ellas este anno se divertirem no Mabille.

4.^o De estar feito com os socialistas para lhes distribuir as charnecas do Alemtejo e tornal-os, de *vagabundos*, proprietarios.

5.^o De ter feito do Portugal que vota no sr. Costa e Silva um paiz de cabos de policia.

6.^o De ter comprado bilhete d'ida e volta para o exercito ir á provincia dar tiros nos eleitores *independentes*.

7.^o De ter *victimado* os srs. Cunha Belem e Ennes, vestindo-os d'alva, e mandando-os marchar para a Hollanda, de corda ao pescoco e ajuda de custo.

8.^o De estar, em fim, combinado com o sr. Pinto Coelho para matar á sede a carta constitucional, introducindo o partido miguelista pela canalisação.

O partido governamental articula contra o regenerador, entre outros attentados, os seguintes:

1.^o De ter pegado na India, — depois de lhe deitar grangeia por cima, enfeitando com uma fita cõr de rosa o *sino d'ouro da Sé* cantado pelo sr. Thomaz Ribeiro — collocar a n'uma travessa de porcellana da Vista Alegre, estender-lhe um guardanapo de linho por cima e mandal-a á Inglaterra de presente.

2.^o De ter vestido uma sobrecasaca monarchica ao sr. Augusto Fuschini, *vagabundo* do *Casino* e socialista confesso, introducindo-o disfarçadamente no Paço e no *picnic* do Seixal, para se insinuar no animo de Sua Magestade e no do sr. Costa Pinto e depois sugar a corõa a um e as meias corõas a outro.

3.^o De ter projectos de elevar o sr. Ferreira de Mesquita, capitão do exercito, verificador da alfandega e sobrinho do sr. Fontes, á dignidade de arcebispo de Mytilene, nomeando-o tambem depois coadjutor e futuro successor do sr. general commandante da primeira divisão.

4.^o De ter mandado buscar um cavallo a um regimento da provincia, encarregando-o de redigir a *Crença Liberal*.

5.^o De ter juntado 57 contos de réis em meios tostões novos, distribuindo-os pelos *meninos* do partido, afim de elles estarem quietos.

6.^o De ter municiado o exercito com espingardas de cana, no intento de obsequiar os donos de alguns cana-

vias, e evitar que as espingardas possam ferir os inimigos da patria.

7.º De ter morto todos os generaes de brigada, afim de deixar bastantes vagaturas para si.

8.º De ter deixado unicamente nas caixas do thesouro uma trança de cabello e um annel de tartaruga.

Ora *Antonio Maria* confessa que não acredita absolutamente em nenhuma d'estas coisas, e pede com instancia aos partidos militantes da sua terra que não lhe façam mais coegas nas solas dos pés. Isto assim não pôde continuar. Enquanto o sr. Fontes não tirar a cortiça queimada com que anda mascarrado, e o sr. Braamcamp não despir o fato de *sombra* que alugou na guarda-roupa do Cruz, é impossivel tomar a sério a politica de S. Ex.ª, e fazer outra coisa que não seja pedir-lhes que nos passos do *cancan* não levantem tanto a perna, por causa da moral das familias.

JOÃO RIALTO.



O *Diario Illustrado* classifica assim a imprensa humoristica do paiz:

Jornaes de *Luva Branca*.
Jornaes sem luva

Jornaes de luva branca são todos os que atacam exclusivamente as baldas litterarias e as manhas politicas dos individuos que não são amigos ou assignantes do partido regenerador.

Jornaes sem luva são os que entendem que o sr. Fontes e seus confrades, que durante sete annos consentiram que o paiz estivesse a *saque*, são tão dignos da consagração da troça, como o sr. Braamcamp e confrades, que apenas ha um semestre fazem tolices.

Partindo d'este principio, pedimos ao *Diario Illustrado* que continue a não nos outorgar luvas.

O *Antonio Maria* tem muito pouco desejo de ser amnuense, ou de receber o perú politico do Natal, para que adopte a norma jornalistica dos que fazem as suas apreciações debaixo do ponto de vista da *pellica* partidaria.

As plantações da India portugueza, segundo disse ha poucos dias uma correspondencia, principiam a ser devastadas por uma praga terrivel de ratos.

Pobre Gloria Nacional! Não lhe bastava o ultimo tratado com a Inglaterra!...

Aconselhamos á India, resignação e uma ratoeira.

Se na ultima sessão legislativa ella tivesse posto rosagar á porta do parlamento, não soffria talvez o que está agora soffrendo!...



DIARIO ILLUSTRADO declarou que o candidato Carrilho fizera no Porto um discurso *esmagador* aos eleitores do Bomfim.

O *Diario de Noticias* explica no seu numero de domingo ultimo, em telegramma do Porto, as qualidades *contundentes* da eloquencia de Carrilho—o Malho.

Eis o telegramma a que nos referimos:

Porto, 4, ás 10 horas e 16 minutos da tarde

«O sr. Carrilho proferiu longo discurso, verberando os actos do governo. Durante a sessão deu-se uma triste occorrença: um individuo cahiu d'uma varanda ao saguão, quebrando um braço. A reunião esteve muito concorrida. Falleceram os srs. J. J. d'O. Guimarães, e J. A. Machado, alferes.»

Como se vê pelo telegramma supra, não pôde haver eloquencia mais *esmagadora*! Só com um discurso um braço quebrado e dois cidadãos mortos!...

Fazemos votos para que cesse este estado de coisas. Depois do sarampo fazer no Porto innumerias victimas nas creanças, começa a dar o Carrilho nos adultos d'uma forma realmente assustadora!

Ó cidade invicta, que mal fizeste tu a Deus para elle assim te castigar com o flagello que durante sete annos a fio devastou as finanças portuguezas?...

Defuma te com alecrim, rega-te com agua benta, e reza a *Magnificat*, que será o meio de esconjurares tão formidavel castigo!

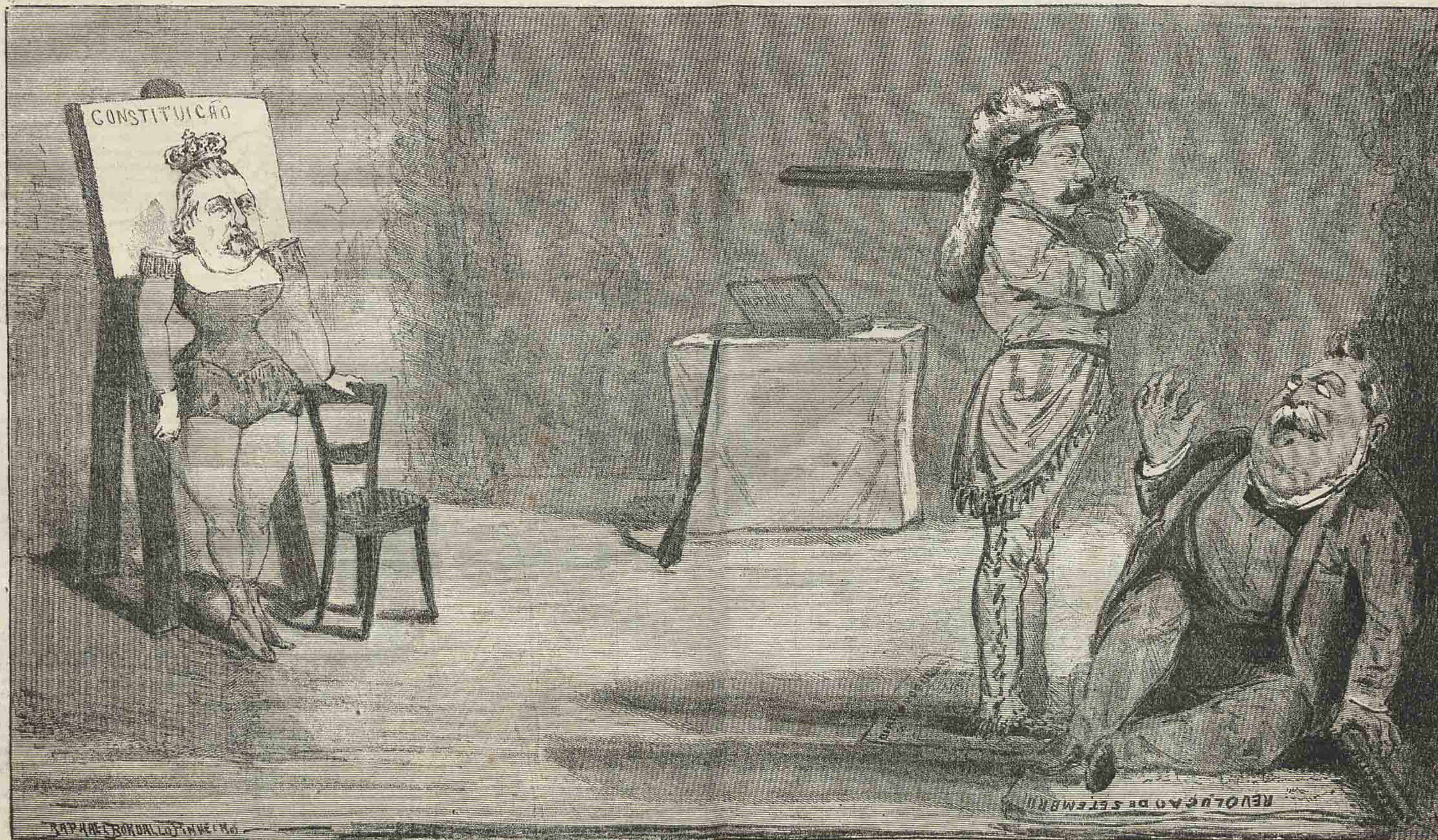
E sobretudo não votes n'elle; vota antes no Sentieir o ou então no Vomito negro!



EZ o *Diario de Noticias*, ha poucos dias, algumas considerações a proposito do boato que de quando em quando voga, de Madame Rattazzi ter casado pela quarta vez com o sr. Rutte, ex-deputado hespanhol.

Segundo aquella folha, Madame Rattazzi costumava dizer, o anno passado, ás pessoas que a iam complimentar pelo boato do seu casamento:

OS ATIRADORES POLITICOS



— Vês como lhe atiro e não lhe faço mal?
— Pois sim! No meu tempo também fiz o mesmo, mas não lhe atirava de costas... atirava-lhe do telhado.

—Vejam como sou feliz! Todos me querem, e por isso me andam sempre a casar!—

Não é tanto assim, Madame, devia responder o *Diario de Noticias*. De V. Ex.^a o que todos querem agora é apenas o champagne e o sorriso, deixando livre ao sr. Rutte, com relação á mão patricia de V. Ex.^a, a candidatura que a Hespanha monarchica lhe recusa.

Oxalá que ao throno da nação visinha houvesse o mesmo numero de pretendentes!



Ê-se na historia que Mario costumava ir nas tardes de outono chorar sobre as ruinas de Carthago, murmurando já as poesias que o sr. Alberto Pimentel havia de escrever alguns seculos mais tarde.

Mario, entretanto, transformou-se e veio até ao seculo XIX de proposito para escrever *Cantas de Cascaes* para o *Diario da Manhã*.

Mario modernizado impõe-se á nossa sympathia, e depois de ter floreado a espada sabe florear muito bem a penna; entretanto, apesar das suas predilecções por Zola, não pôde resistir ás perfidas seducções dos olhos celestiaes que encontra no seu caminho, o que se comprehende facilmente.

A providencia contudo véla por elle! Ha poucos dias, quando Mario n'um momento d'extasi ia talvez em Cascaes atirar com os romances realistas á vaga, sentiu de repente que uns braços nervosos e febris o estreitavam com uncia. Cerrou os olhos sentindo refluir-lhe o sangue ao coração, murmurando a furto: «Quem és tu, ó imagem florianesca e casta da minha mocidade?...»

E duas vezes lhe balbuciarão a medo aos ouvidos: — Somos nós!

Abriu os olhos.

Tinha d'um lado o sr. Rosa Araujo e do outro o sr. Freitas Jacome!

Fugiu para o Estoril...

Cascaes perdeu um banhista, mas o realismo conserva um adepto.



SEMANA passada o *Diario do Governo* produziu n'um dia dois Viscondes de Carcavellos.

Como se vê, são titulares para *toast*.

Convidamos o governo a proseguir no caminho

cucetado, substituindo por titulares os vinhos que, mais tarde ou mais cedo, podem ser devorados pelo philoxera.

De Bucellas e Cartaxo já temos; pois que venha tambem um de Collares, para o que possuem todas as condições de fabrico, de côr. de tanino e de elegibilidade, o sr. Maziotti ou o sr. Costa e Silva, candidatos por aquella localidade.

Depois, a pouco e pouco, a vinha do governo pôde ir sortindo a fraqueira nacional com as seguintes especialidades:

Visconde do Termo

Visconde de Moscatel de Setubal

Visconde de Vermoeira Tinto (ás garrafas)

Visconde de Torres (aos litros ou em barris)

Visconde de Malvazia (com abatimento para embarque)

Visconde d'Arinto (posto em casa do freguez).

Emfim, sem tratarmos de classificar os viscondes em verdes e maduros, em palhetes ou tintos, parece-nos opulentissima a lista que os governos podem, dentro em pouco, apresentar á venda, tanto para consumo interno como para exportação.

Já se vê que depois, quem gostar d'elles mais carregados, que façam mais espuma e deixem a bocca grossa, vae ao Quintão ou á Perna de Pau, ao passo que os paladares mais delicados, os que os preferirem mais leves e mais ciáros, mandam buscal-o ao Escrich ou ao Baltresqui.

É justo entretanto que a tabella dos direitos de mercê seja modificada convenientemente, formando-se para a cobrança d'esses direitos duas cathogorias diversas:

Viscondes com pouco alcool e viscondes com muito alcool.

A repartição respectiva deve para isso munir-se do competente *pesa-viscondes*.



NECIDADO pelas violencias do governo, o sr. Fontes deliberou apresentar-se com a sua farda de general de brigada aos *Prussianos do Seival*, fazendo a sua entrada triumphal na Outra Banda ás 2 horas da tarde de domingo ultimo, ao lado do sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, seguido d'um brilhante estado maior composto dos mais destemidos garfos do seu partido.

As 3 horas da tarde, depois d'uma brilhante allocução fornecida expressamente ao sr. Costa Pinto pela conhecida casa Ferrari, o sr. Fontes tomou o guardanapo e, atando-o ao pescoço, precipitou-se de viceira cahida sobre os *petits pates aux huitres*.

O grosso do exercito imitou-o bem depressa, e d'ahi a pouco o sr. Alberto Pimentel, com um *Jambon de Westphalie* agarrado ás mãos ambas, pediu um guardanapo para limpar a bocca e fazer algumas considerações sobre politica geral.

O sr. Serpa saudava ao mesmo tempo o circulo d'Almada com um *puding de cabinet* embrulhado na *Correspondencia de Portugal*.

O sr. Fontes, tirando o guardanapo do pescoço para

dar mais solemnidade ao acto, brindou por todos os membros da familia real e das philarmonicas presentes, notando ao sr. Costa Pinto que lhe agradava sobremaneira a *galantine de poularde truffée*.

O sr. Chrispim brindou por todos os santos da devoção da assembléa, atirando-se ao mesmo tempo a um peru assado á portugueza.

Seguiram-se varios outros combatentes, açabando a acção quando sómente no campo da lucta restavam os sos e eleitores. O destroço foi completo.

Á sahida, o Seixal em peso veio acompanhar os vencedores ao bota fóra. As auctoridades não appareceram senão de noite para ver se ainda apanhavam alguma côdea de pão.

Suppõe-se que basta outro *lunch* para assegurar a victoria do sr. Costa Pinto por aquelle circulo.



Recebemos a seguinte carta:

Sr. Antonio Maria.—Como V. tem dado provas de bom senso, vou pedir-lhe um conselho. Móro na rua do Vigario e sou eleitor. Os ex.^{mos} candidatos, nada menos de quatro, quatro doutores, não me largam a porta. Todos elles sollicitam o meu voto, muito amavelmente, isso é verdade, e tanta importancia me dão, que, se a coisa se demora, são capazes de me fazer tolo.

Por minha vontade votava em todos quatro; mas como isso não póde ser, preciso decidir-me por um, e é para essa decisão que requeiro o seu conselho.

O dr. Zophimo offerece tratar-me de graça, quando eu estiver doente. O dr. Alves promette dar-me os remedios feitos pela sua propria mão. O dr. Maia, que é medico e pharmaceutico ao mesmo tempo, põe á minha disposição o seu duplo prestimo. Sabendo d'isto, o dr. Theophilo, que não é cirurgião nem boticario, viu-se obrigado a offerecer-se para enfermeiro.

Caros doutores! quem me dera poder votar em todos quatro! Mas V. imagina lá, sr. *Antonio Maria*, o que isto tem dado de si! Vendo os doutores que se equilibravam as offertas, tratam agora de me convencer da superioridade dos systemas medicos de que fazem uso; de um lado está a allopathia, do outro a homœopathia! É uma descompostura, uma berraria, de fazer a cabeça doida. Peço-lhe, pois, que me aconselhe. Não lhe pergunto qual dos candidatos é mais competente; se podesse, repito, votava em todos quatro, porque julgo cada um d'elles um digno successor de José Estevão; o que lhe pergunto, sr. *Antonio Maria*, o que lhe supplico que me diga—porque estas coisas teem-me feito perder o somno—é o que devo preferir: o *aconito* ou o *quinino*?

De V. etc.

José Liborio.

Caro amigo:

O verdadeiro é decidir-se, não pelos systemas, mas sim pelas proprias predilecções.

Não vote em nenhum, se quizer que todos quatro morram; vote em todos quatro se quizer morrer *pessoalmente*.

OS DOIS CANDIDATOS DA OUTRA BANDA

ANTONIO ENNES (*melancolico e triste, no theatro d'Almada*)

Eia, amigos! O paiz
Estava á beira do[abysmo!
Eu não sei que magnetismo
Arrastava o triste assim,
Quando de subito, ao longe,
Ha já mais d'uma semana,
Uma voz gritou *Hossana*
Na rua do Alecrim!...

COSTA PINTO (*de guardanapo ao pescoço, no Seixal*)

Eia, pois; meu braço immenso,
Ha de salvar-o eu o juro.
O peru está um tanto duro,
Mas quem se atreve a hesitar?...
Ou bem Seixal ou Almada,
Cada qual sua bandeira,
Ou o lombo á jardineira,
Ou não comer e — pagar!...

ENNES (*erguendo a vista aos bastidores*)

A hydra da reacção,
Anda além erguendo o collo!
Vae farejando no solo,
A collear, a correr...
Mas quando a serpe terrivel
Ao poder levanta as vistas,
Eu salto nos *Lazaristas*,
E dou na hydra a valer!...

COSTA PINTO (*Erguendo uma perna de peru ao firmamento*)

Eis além a nossa estrella!
A aurora da redempção,
Espalha um vivo clarão
Sobre aquelle guardanapo.

(*Apontando para o pescoço do sr. Fontes.*)

Tenham crença, meus senhores;
Todos nós, feitos só n'um,
Saltemos n'este peru,
Que tem recheio no papo.

ENNES (*baixando o olhar contracto ao buraco do ponto*)

Não vos posso dar mais nada,
Senão *d'cima* futuras.
São as perolas mais puras
De tão leaes corações!...

COSTA PINTO (*mettendo uma gallinha assada na algibeira de um conviva*)

Depois da expressão sincera
Do que eu penso e do que eu sinto,
Concordem que sou um *pinto*
Que vale bem cinco tostões.

O TOCADOR DOS PRATOS.

Physionomias contemporaneas



Cham

CHAM

Celebre caricaturista francez ha pouco fallecido



N. B. Esta pagina representa uma simples homenagem de Antonio Maria ao grande mestre.

Politica familiar



O rei Antonio Maria e o principe José Simão, em consequencia do Keil lhes ter faltado com as fardas á ultima hora, vestem-se para irem votar; um com a farda do seu progenitor, outro com a do infante verificador.
O transparente do conselho vela discretamente a scena.



«É este um d'aquelles momentos solemnes em que os povos são chamados a exercer a mais augusta funcção, que lhes concede o código fundamental da monarchia.»

Assim é de uso começar os artigos de fundo n'este transe em que d'um lado o peixe frito do governo clama: *cidadãos, á urna!* e do outro os decilitros opposicionistas bradam convictos: *á urna, cidadãos!*

Quem ficará indifferente a qualquer d'estas vozes patrioticas, abstendo-se n'uma negligencia criminosa, de metter uma lista na urna e uma *buxa* na bocca?

Pouca gente, decerto, e esses que o ousarem fazer, dão provas de muito pouco patriotismo ou d'um estomago fraquissimo.

A urna do suffragio está aberta. Resta escolher entre a *lista* da opposição e a *lista* do ministerio. Ambas ellas são convidativas, porque, se o governo dispõe do cofre das graças para apresentar um *menu* succulento, os candidatos opposicionistas são bastante ricos para não regatearem o fiambre do suffragio.

Que no domingo proximo os eleitores independentes *proven* á face da urna que as garantias constitucionaes não são um mytho e o voto popular uma chímpera, repellindo condignamente todo o candidato que offerecer meia libra, para só responder ao appello do que offerecer uma.

As instituições precisam rejuvenescidas. É por isso que os partidos politicos n'este momento solemne se dão ao afan de as regar com vinho; entretanto o criterio do eleitor que sabe o valor do seu voto, não deve só attender á natureza do principio; deve tambem attender á qualidade da zurrapa, regeitando por indigno o *Carrasção* com pau de campeche, para só acceptar o *Termo* manipulado segundo as modernas formulas eleitoraes.

O *Antonio Maria* n'este afan gastronomico conserva se indifferente á lucta, e só deseja que o voto popular favoreça o que se mostrar mais digno de representar a *taberna portugueza* em que os partidos contendores acabam de constituir o campo eleitoral.

Se as almondegas de bacalhau do sr. Pinto são melhores do que o lombo do sr. Saraiva, escrevamos todos na nossa bândeira — *Bacalhau e Carta*: — se a nata do sr. Rosa Araujo é melhor que o *vol-au-vent* do sr. Pereira de Miranda, lambamos todos a nata, concordando que afinal de contas o sr. Fontes, como homem politico, não é sujeito de menos expedientes do que o *José dos Caracões*, e que não ha motivo algum para ter em menos conta o sr. José Luciano do que o *Collete encarnado*.

JOÃO RIALTO.



LTIMAMENTE na imprensa brasileira, a proposito de uma questão qualquer, citou-se uma opinião excentrica do geographo Réclus, que sustenta haver sangue preto na raça portugueza, pela assimilação dos milhares de negros que nós em certo periodo chegámos a importar da Africa.

Uma folha humoristica do Rio de Janciro

aproveitou, a proposito, o ensejo de jogar uma bisca a Camillo Castello Branco, insinuando que deve por cá haver muitos mulatos.

Uma observação amigavel.

Quando Portugal importava d'África, no tempo do seu maior poderio, doze ou vinte mil escravos por anno, Portugal era uma nação feudal, que dava a lei da cavallaria na Europa, que mantinha as grandes tradições fidalgas, que fornecia princezas aos primeiros thronos do mundo e aonde portanto se devia manter um desmedido orgulho de raça, que tomava como um crime ou um peccado a ligação do preto com o branco. A lei chegava até a banir os que ousavam abastardar o puro sangue latino ou celtico que lhes girava nas veias.

Ora, quando nós importavamos vinte mil pretos para o continente. importavamos o dobro para o Brasil, aonde, attenda o amiguinho, a nobreza historica o mais que podia fazer então era andar de tanga, e aonde portanto não podiam existir os preconceitos que já tinham *evado* um povo com alguns seculos de historia ruidosa.

Portanto ha todas as razões scientificas e historicas, se dermos credito a Réclus, para acreditar que, preto por preto, o Brasil deve ter mais carapiña do que nós.

Esperemos que Réclus no decurso da sua obra trate do Brasil para vermos o que elle pensa a tal respeito.

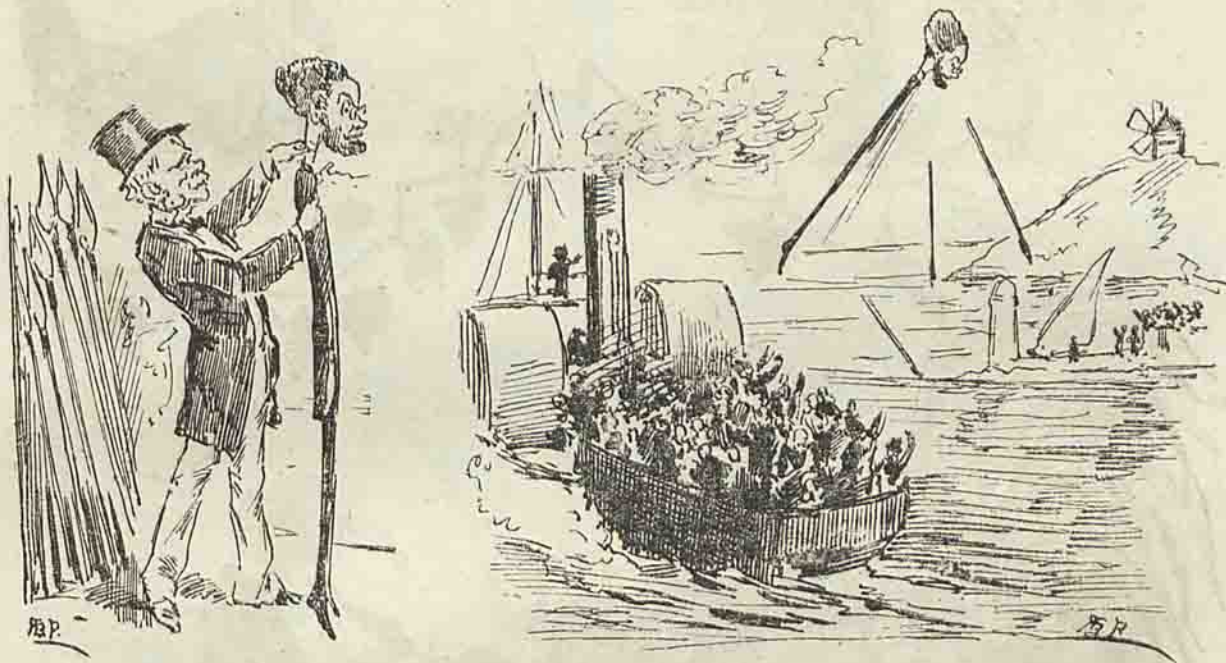
Um estrangeiro illustre já affirmou que em Portugal existia o cargo de inspector dos terramotos, outro, que *Ma-fra* era um porto de mar; não admira portanto que um geographo distincto se dê, de quando em quando a uma excentricidade divertida.

Pretos authenticos, os unicos que conhecemos em Portugal são os capitaneados pelo sr. Manuel Vaz, e esses mesmos estão constituídos em partido, teem assento na camara dos pares, vão aos bailes do Paço, de fórma que é mais facil obter d'elles que deem cabeçadas no ministerio do que caiem um predio.



Telegramma da Outra Banda

ALMADA, ÀS 4 E 10 MINUTOS DA TARDE



Uma desgraça lamentavel acaba de succeder. Anselmo, o homem encarregado de deitar os foguetes, enganou-se e chegou lume a Ennes.

O candidato vae ao ar, á vista da commissão afflicta que pede soccorro do vapor.

Está-se a cada momento á espera que dê as tres respostas do estylo.

OBSERVATORIO METEOROLOGICO E POLITICO

DO «ANTONIO MARIA»

Temperatura 13,500 acima de zero.—Ceú chumbado e eleitores tambem.—O vinho sopra ora do lado do governo ora da opposição.

Eis o que o telegrapho nos diz dos diversos circulos do paiz.

LISBOA.—Algumas nuvens no horisonte. Avistam-se no ar diversos cometas, sem se saber a que partido pertencem.

PORTO.—Mar cavado no Bomfim. Karrilho está muito picado e receia-se que de um momento para o outro rompa o orçamento.

ALMADA.—Grandes ondas de vinho. Descobriu-se um recife de bacalhau na latitude do candidato opposicionista.

CASTELLO-BRANCO.—O ceu começa a estar preto.

BOUÇAS.—Sente-se ao norte um ribombo que se supõe ser uma trovoada nos lombos dos eleitores.

CINTRA.—Não tem feito senão chover cabos de policia. Pediu-se soccorro á commissão dos inundados.

FARO.—Tempestade em Pera. Ha já quem comesse duas.

Em diversas terras do paiz choviam esta manhã pauladas.

As ultimas corridas no hypodromo de Belem passaram-se no maior segredo e pacatez, mostrando emfim os habitantes de Lisboa que era injusta a accusação que lhes faziam de ser um povo amigo de dar fé.

Nas corridas de domingo e segunda-feira, o sr. infante D. Augusto desempenhou satisfactoriamente as funcções de familia real portugueza, de familia de socios e de espectador das tribunas, sendo ao mesmo tempo peão e premio.

Os cavallos saíram todos da pista por indicação especial do *Jokey-Club*, que não estava para gastar para o anno mais dinheiro em brindes, ficando decidido que na proxima primavera as corridas sejam feitas simplesmente por cartazes pregados nas esquinas, dispensando-se o hypodromo e os cavallos.

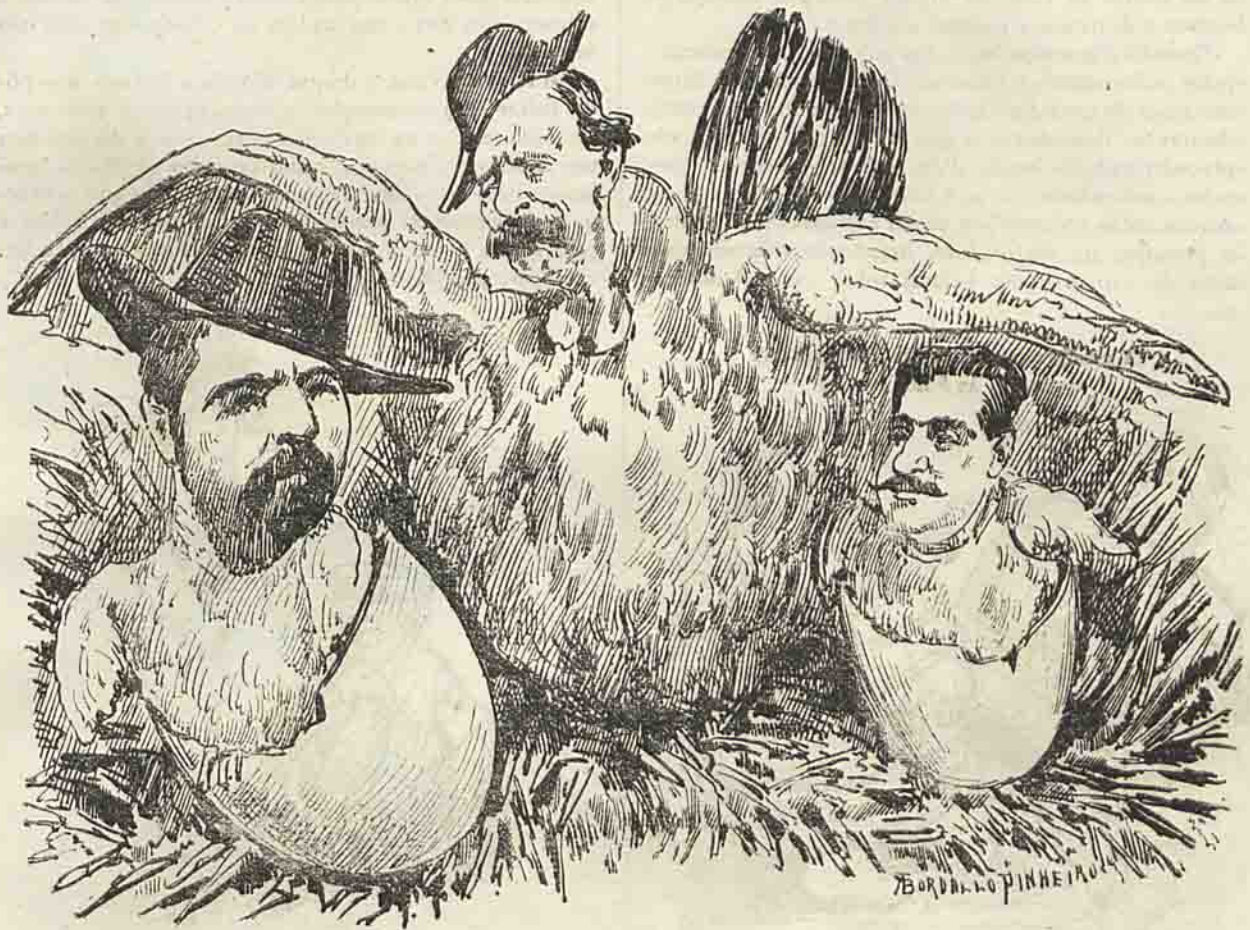
Ha idéas de distribuir o premio de animação ao deputado da maioria que em janeiro chegar primeiro de S. Bento ao Tribunal de contas.

A capoeira eleitoral



Para a ninhada regeneradora ser grande, o gallo do partido não tem mais remedio senão arrastar a aza ás gallinhas que põem ovos de ouro.

A capoeira eleitoral



Os *Pintos* para sahirem bem da casca precisam d'uma aza protectora que os abrigue, não obstante um ter posto o uma casa de pasto á bocca da urna no Seixal, e o outro ter já secado um pantano, segundo disse um biographo, e estar prompto a humedecer a guella aos eleitores de Santa Isabel, segundo dizem alguns.



Em todo o caso, ainda ha circulos em que os eleitores *independentes* se levam á urna como um bando de perús. D'esta vez não ha quem metta o dente no rebanho peitoral de D. Xarope.

PONTARIA... FOGO!...

Em resposta á ordem de fuzilamento eleitoral publicada no *Diario do Governo*, alguns comicios começaram hontem a distribuir a circular seguinte:

«Quando o commandante dos galopins não conseguir pelos meios suaves e suasorios fazer respeitar as determinações do candidato, intimará em voz alta os desobedientes ou desordeiros a que votem com elle, fazendo preceder cada intimação d'um tinir de pratos ou de garrafas,—havendo-as,—e se a intimação fôr desattendida, deverá então recorrer aos meios extremos, para manter o principio da auctoridade, mandando disparar uma dose de carneiro com batatas sobre cada eleitor remisso.»

Telegramma de Setubal

SETUBAL, ÀS 5 HORAS E 45'



O candidato Arrobas abalrou no campo do Bomfim com o candidato Valdez, soffrendo ambos grossas avarias.

A pipa opposicionista está fazendo agua, contra a vontade dos eleitores, que antes queriam que ella fizesse vinho. A pipa governamental não faz por enquanto coisa nenhuma.

Custa a crer que o sr. ministro do reino superintenda a um tempo na hygiene publica e no acto eleitoral. Como ousou s. ex.^a decretar as eleições geraes para 19 de outubro, quando o vinho novo só deve estar feito lá para 19 de novembro? Que idéa faz o sr. José Luciano dos estomagos dos eleitores? Póde acaso effectuar-se alli sem perigo a fermentação? Onde o batoque de segurança?

O alcool vae subindo, subindo, chega até á cabeça, e não encontrando um respiradouro, enfurece-se, e produz as scenas de Bouças, de Fafe e de outras terras.

Em nome das costellas eleitoraes, que são tão boas como as outras, pedimos que a eleição seja adiada para depois do S. Martinho. Uma camara eleita com vinho a ferver não póde dar garantias de ser bem accete no mercado inglez.

O leitor viu decerto nos jornaes o caso inaudito e palaciano do principe real possuir — para brincar — quatorze condecorações entre gran-cruzes e collares nacionaes e estrangeiros, fóra a sua cadeia de relógio, que essa não se conta.

Ao ler isto, o nobre duque d'Avila e Bolama não pôde furtar-se a contemplar pezaroso a terna vergontea, sentindo em pé na sua veneranda cabeça de estadista uns cabellos demagogos, como protesto capillar a similhante luxo de condecorações n'um menino que nem sequer fez exame de instrucção primaria, para se habilitar para rei no lyceu de Lisboa, nem ao menos recebeu um voto para presidente da companhia de credito predial!



E disse-lhe fitando-o com tristeza:

Avila sou, Bolama, e presidente
De tudo quanto existe d'aquem-mar:
Às vezes quando ao Fontes cahe um dente,
Tem sempre seu papá de me chamar!

Mancebo: apesar de quanto o estimo,
Sabe dizer-me o que é uma inscripção?
Eu sou duque, e serei inda seu primo:
Sou par do reino, e vomecé, Simão?...

(Fica pensativo alguns momentos.)

E traz comtudo ao infantil pesçoço
O tosão d'oiro por que eu dava a vida!
Já tem a *Annunciada*, ainda tão moço!
Meu Deus, a mocidade está perdida!...

(Com ar insidioso e supplicante.)

Quer fazer um negocio, meu menino?
Dê-me esse cordeirinho, por quem é,
Que eu dou-lhe esta gravata de merino,
E fica sendo então *Antonio José!*...

NOVIDADES THEATRAES. — Theatro da Trindade



ABIOLE é o nome da ultima opera que subiu á scena.
Musica bonitinha, enredo gaiatinho.
Florinda afinadinha e gordinha.



Um marquez que figura na peça, apanha um tiro de sal em região que não é possível explicar muito claramente, não obstante estarmos n'uma época de patifaria eleitoral: d'aquí parte todo o enredo da peça. O *cancan* do 2.º acto satisfaz os amadores.



Leoni, o bailio, engraçadissimo, contemplando o marquez muito afinado (isto é um modo de dizer) em consequencia de o terem *salgado* tão cruelmente.



O galá assemelha-se a uma faca propria para cortar a monotonia da partitura. Não tem na cara pelle que lhe chegue, e por isso está sempre de bocca aberta. Os braços e as pernas podiam servir de machina de ensinar francez, do sr. Cazeneuve.



O moleiro amola constantemente o caso de haver dois candidatos com pretensões á sua *eleita*.



A ingenua engraçadinha, bonitinha, e semsaboronazinha.



O tenor Portugal boa voz, mas do genero cultivado pelo tenor Jeremias de que falla a Biblia.



O tambor parece ter de mais a pelle que a cara do galan tem de menos.

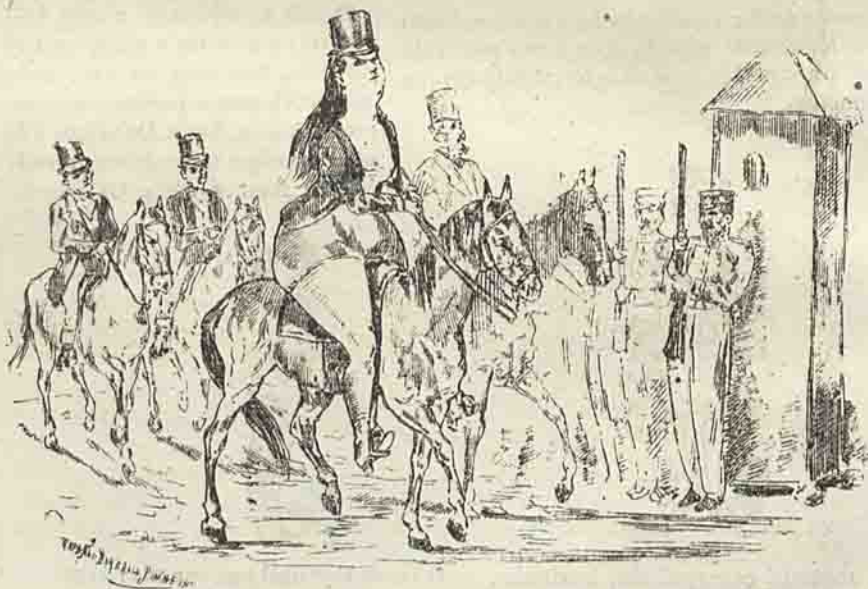
Os ultimos acontecimentos

Testemunhas fidedignas affiançam que o capitão Howe acaba de desaparecer de Lisboa, arrebatando o melhor alvo do exercito portuguez.

As auctoridades tomaram todas as providencias para castigar este tiro dado na lista civil do paiz.



Entretanto apoderaram-se de miss Tillie, obrigando-a interinamente a exercer as funcções que ao alvo arrebatado competiam.



CANCAN POLITICO



—Vae principiarrrr, senhores, vae principiarrrr... É o grande «Processo do boto» parodia ao *Processo do Cancan*.



Ill.^{mos} ex.^{mos} srs. politicos, publicistas e tribunos dos diversos partidos militantes

N'este momento solemne em que a providencia nos illumina com um esplendido sol, andam os senhores por esse paiz fóra, usando das prerogativas consignadas na Carta, partindo as costellas uns aos outros, e fazendo luz na consciencia dos povos com a vossa palavra inspirada e o vosso bacalhau cozido.

Antonio Maria regosija-se de vos ver assim! N'este minuto historico em que os mais tremendos problemas sociaes abalam por essa Europa fóra os fundamentos das instituições, compraz realmente ver a serenidade com que vós distribuis os decilitros do suffragio, quer sob o seu aspecto natural de vinho, quer sob o aspecto de proclamação ou artigo de fundo, enchendo o interior dos que são por vós de carne assada, e o exterior dos que são contra vós de contusões!

Bem hajas tu, ó *dador*, que ha quarenta annos nos outhorgaste essa Carta que, com o andar dos tempos, se havia de tornar n'uma simples *carta de restaurante*, penhor dos mais caros interesses e da melhor sopa porque os povos batalham n'este dia!

Em bonita linguagem constitucional chama-se isto o *Agape fraternal dos povos* ou o *banquete da civilização!*

Antonio Maria, ex.^{mos} srs. politicos, publicistas, cozinheiros e tribunos das diversas tascas militantes, não vos offerece o seu voto, porque resolveu votar em si d'esta vez. Não é porque elle desconheça que o sr. Zophimo é uma capacidade e o sr. Grigorio duas. Oh! não, quem ousaria duvidal-o! Sim, sobretudo quem ousaria duvidar que o sr. Grigorio Rosa é duas capacidades, pelo menos!

Antonio Maria, entretanto, pondo d'um lado o sr. Braamcamp n'um prato e o sr. Fontes n'outro — n'uma balança, entende em consciencia que as idéas economicas, sociaes, politicas, administrativas e financeiras d'um, pezam pouco mais do que as do outro, accrescendo a circumstancia do sr. Fontes, como general, não ter vencido muito mais batalhas do que o reverendo prior da Lapa tem salvo de ovelhas, como pastor.

Aqui está porque *Antonio Maria* se propõe a fazer um *ensaio leal*, votando em si proprio e aconselhando a todos os eleitores que façam o mesmo.

Em cada cidadão se elegendo d'esta fórmula, cessam todas as ambições! Potupam-se muitos desgostos e economisa-se muita arnica, recebendo o paiz a doce compensação de ficar tendo em deputados a mais o que lhe competir em costellas partidas a menos.

Entretanto, se presistis na idéa de vos continuar a sacri-

ficar nas diversas *mesas* estendidas a estas horas por todo o paiz;

Se o vosso estomago tem sede de justiça e a vossa consciencia fome de fiambre;

Se entendeis que devemos dar um exemplo á Europa sacrificando setecentos cabos de policia nas aras do sr. Costa e Silva;

Se julgaes que para trazer o sr. Karrilho á camara val a pena trazer nodos negras no corpo;

Se pensaes que a calva do sr. Barros e Cunha é uma estrella de alliança, pela qual se deve apanhar uma indigestão;

Se estaes convencidos de que, a *Conceição* do sr. prior da Lapa é um dogma e o triumpho eleitoral do sr. Pinto uma redempção, n'esse caso segui vosso caminho; esmurrae-vos á vontade por esse paiz fóra, e quando depois d'uma paulada infeliz eu sentir um gallo cantando em vossas testas, n'essa hora mesma eu terei a coragem de vos negar tres vezes!

JOÃO RIALTO.

FESTIVIDADES DO DIA

S. NICOLAU. — Às nove da manhã missa cantada, sendo celebrante o reverendo Gonçalves Vivas. Grande budo aos eleitores, offerecido pelos festeiros Rosa Araujo e Pereira de Miranda, distribuindo o primeiro a cada votante, dois kilos de toucinho, quatro batatas e oito decilitros; e o segundo, duas onças de aletria e um calix de licor de rosas.

À tarde lavapés aos dois candidatos.

À noite fogo de vistas e discurso no adro da igreja pelo sr. presidente da mesa.

ANJOS. — Benção do cirio pascal ás dez da manhã. Laudanha aos santos regeneradores cantada pelo subdiacono republicano José Elias Garcia. Prédica ás beatas da freguezia por Frei Barros Calvo da Pureza.

Não ha budo em consequencia da ordem ser pobre.

LAPA. — Alvorada ao romper da aurora, subindo ao ar uma girandola de sacristães. Às oito da manhã communhão geral aos eleitores governamentaes, e distribuição d'hostias pelos progressistas da freguezia. Hymno das virtudes ministeriaes, cantado pelo prior, acompanhado a órgão pelo sachristão Adrianno. Às nove, chamada geral dos eleitores pelo Ozorio da freguezia, ou quem as suas vezes fizer. Às dez, primeira lamentação dos que ainda não tiverem almoçado. Às onze, distribuição do budo, recebendo os *pobres* do festeiro Saraiva um casco d'inverno, pão e duas peras, e os do festeiro Diniz um kilo d'assucar, meio de café e doze vintens em dinheiro.

MERCES. — Às nove da manhã, baptismo de vinho a todos os eleitores que se apresentem á chamada. Às nove e meia, constituição da *mesa* e benção da pia em que os eleitores devem beber. Às dez subida dos padres mestres ao altar.

Às onze o seminarista Pinto fará uma predica, sendo o seu thema o seguinte: — *Ha uma coisa melhor do que ter uma corôa na cabeça: é ter meia corôa no bolso.*

A's onze e meia, remissão geral de votantes a tres mil e seiscentos por cabeça.

Ao meio dia, répique chamando os eleitores, pelo candidato Ressano. Explicação pratica do diluvio universal, por meio d'um diluvio de vinho.

A's doze, os entrevados a Nosso Pae, sendo trazidos pela irmandade á bocca da urna e recebendo cada um o diploma de guarda d'alfandega e o chispe do candidato por que votar.

A's duas da tarde procissão do candidato republicano, que percorrerá as ruas do círculo em cima d'um andor conduzido pelos membros do centro democratico.

S. MIGUEL.—A's seis da manhã, missa rezada e mata-della de bixo pelo candidato Alves. A's nove, constituição da *meza*. A's nove e meia, chrisma dos eleitores, pelo candidato do governo com authorisação do sr. Patriarcha. A's onze, ressurreição dos mortos da freguezia. A's onze e meia distribuição de castanhas assadas ás almas do outro mundo.

De tarde *vesperas* da nomeação de zeladores e olheiros, e á noite fogo preso pelos cabos de policia.

DIALOGO NA PRAÇA DE BELEM



—Diz que se o Franco sahir pardo reino, fica a *inteição lula*.

—Ha de ser *chcco*, é que ha de ser.

Um telegramma de Alijó participa que o visconde de Arriaga fugindo aos *sicarios do governo*, acaba de saltar uma janella a pés juntos.

A empresa do Price telegraphou immediatamente áquelle candidato, propondo-lhe escriptura para a futura época, no caso de não estar comprometido a trabalhar em S. Bento.

O SONHO DO PRIOR

Dormia o gordo prior
Pesado sonho de abbade;
Dava voltas com o cator,
Resfolgava em liberdade.

Dos sonhos a legião
Sobre o seu leito rincava,
Sobre o seu fofó colchão
O gordo prior sonhava.

Mas os sonhos do prior
Não eram sonhos sagrados;
Não era o mystico amor,
Não eram *Te-Deums* cantados.

Não era a missa do dia,
Nem vistosas procissões;
Não era o mez de Maria,
Preces, resas, orações.

Era um sonho extravagante
O sonho do bom prior,
Tomára apauhal-o o Dante
Para o cantar a Leonor.

Depois de muito pensar
Beuura ca sacristia
Os santos de cada altar,
E aos santos assim dizia:

—Deus a todos nós proteja,
Ilustres, santos vârbos!
Nesta parochial egreja
Amanhã ha elições.

Con o voiz da freguezia,
Já vos fiz recensear;
Portanto, em sendo mei dia
Vosser todos vão votar.

Agora, vigam lá bem:
Eu cá sou pelo governo,
Quero que o sejam também,
Ou senão, pelo inferno,

Vae tudo raso!... Perdoae
Estes meus termos profanos,
Julgava-me a fallar, ni!
Aos meus bons parochianos.

Mas enfim o caso é este;
Quem no governo votar,
Tem e' réa nova, outra veste,
E frontal novo no altar.

A tua pelle S. Braz
Tem mais de mil e uma covas;
Vota com o coo, rapaz,
Terás eucarnação nova;

Senhora da (conceição,
No vossa vestido nota...
(Sempre sou um toleirão,
Galuda!... que não tem volo...)

S. Pedro, bom pescador,
Tens um manto de mendigo;
Pois vota com o teu prior,
Verás como elle é amigo.

Mas, santinho independente,
Que vote na opção,
Fica desde já sciente;
Nem missa, nem procissão,

Quem não deitar esta lista
Dentro da istna domingo,
Tome nota, seu sacrista,
Nem de cera apanha um pingol—

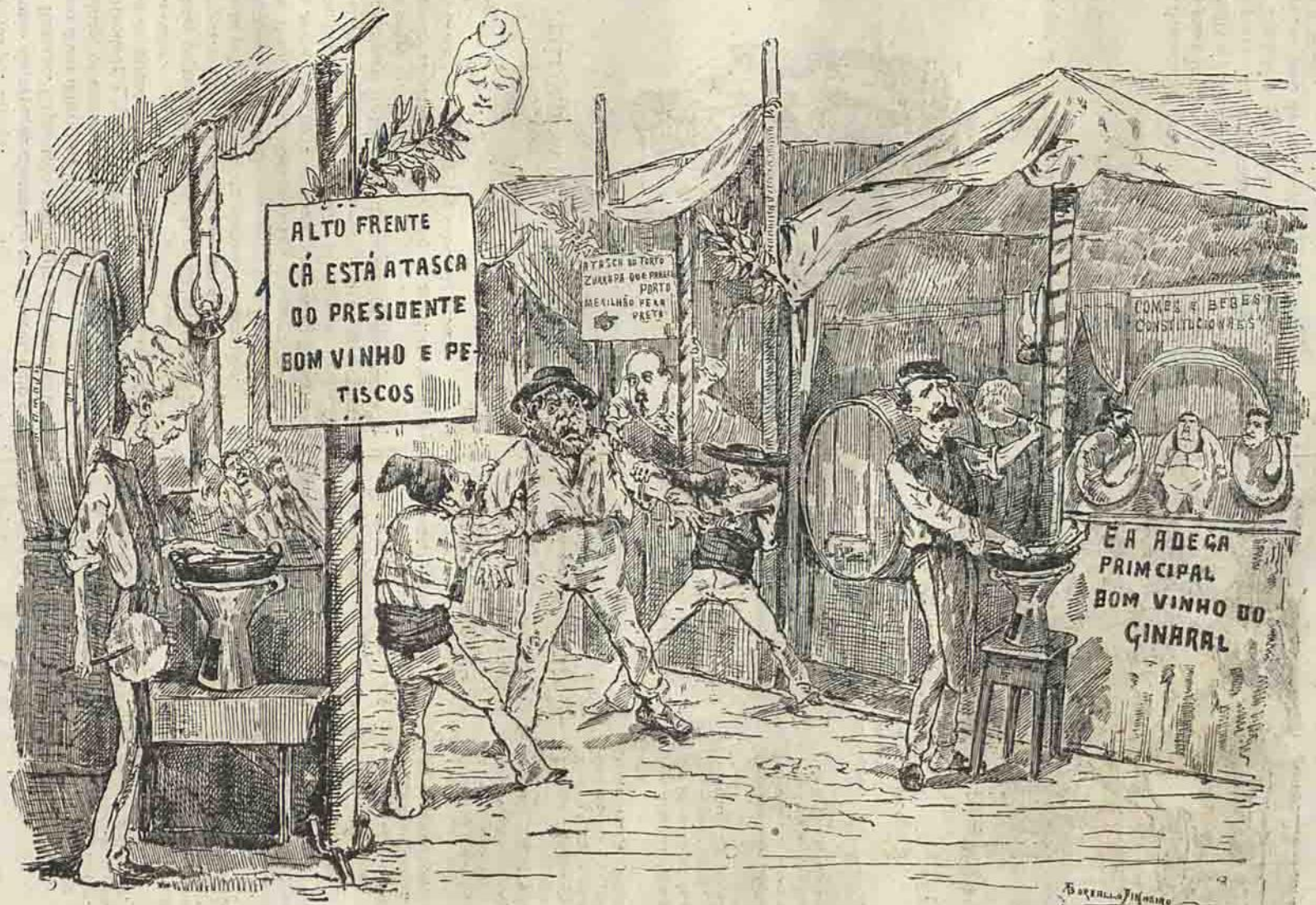
Eis o sonho extravagante,
O sonho do bom prior,
Tomára apauhal-o o Dante,
Para o cantar a Leonor!

Uoec.



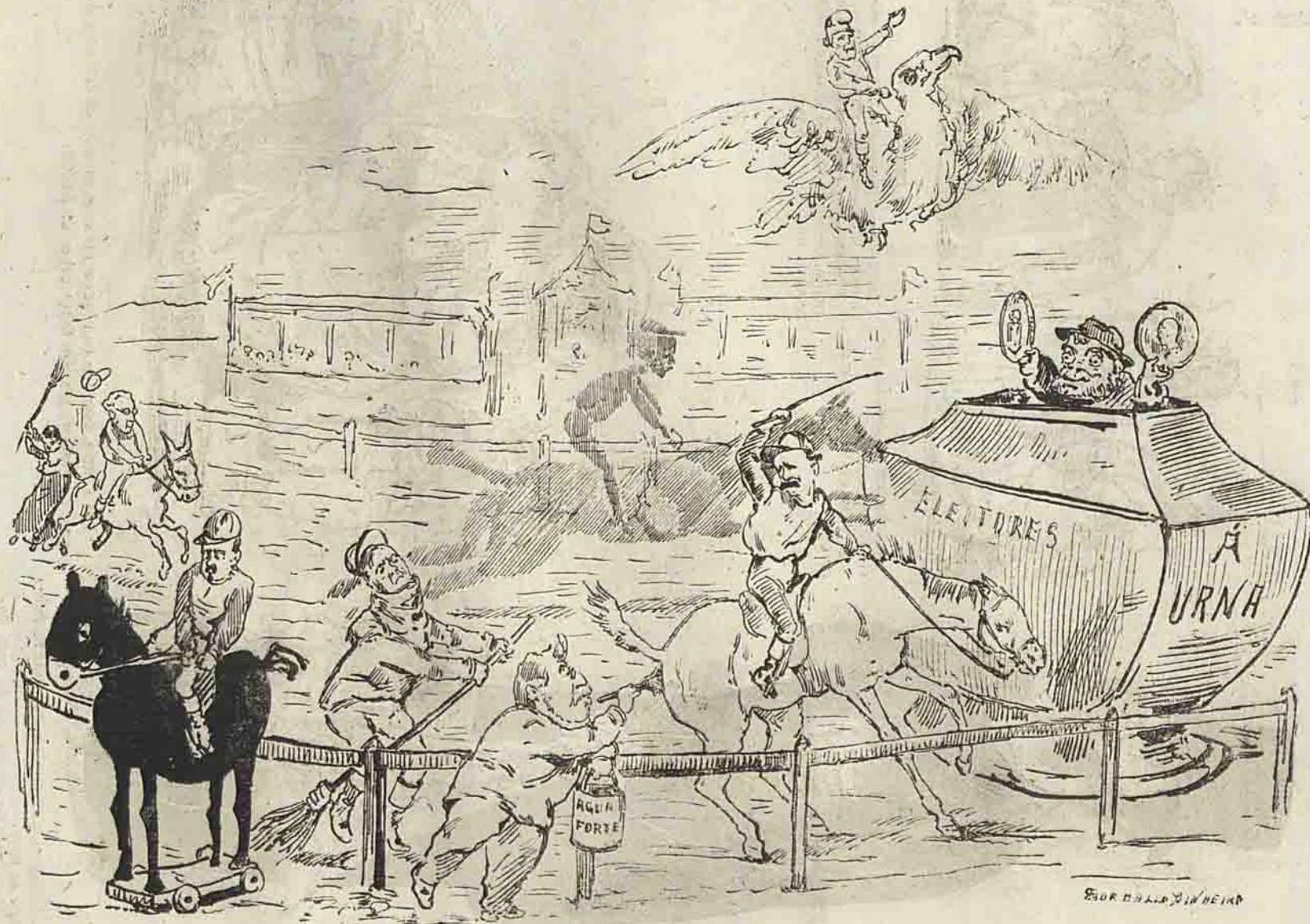
Está a saltar o anell!

A barraca do suffragio.—Lista á bocca da urna



— Seu Zé, vote com as pescadinhas do governo, que estão muito frescas.
— Não acredites, Zé. Vota com os mexilhões da opposição, que estão mesmo a saltar.

CORRIDAS ELEITORAES



No Steeple-chasse politico. — A egua *Progressista* é transparente, mas veloz. A *Regeneradora* para saltar precisa ser untada. A *Vassoura* em que monta o Jokey Bolama perde terreno. O *Legitimista* deixa-se atrazar, e o *Constituinte* sac da pista. A *Republicana* corre no Olympo, por em quanto.



—Vossê vote commigo, que vota no fiel amigo do povo.

—Voto, mas ha de ser cosido com bätatas e seu fiosinho d'azeite, seu Pinto.



O PHONOGRAPHO.

—Vota com o Governo, que vota pela corôa.

—Nada, eu voto pela meia corôa.

Governo.— Queremos nas proximas eleições uma liberdade sem termo.

Phonographo (respondendo).— Me u amigo, essa liberdade só se obtem com termo... tinto.



Em Cintra, segundo os ultimas noticias, quando os eleitores da opposição nascem, já veem feitos cabos de policia.

COLLOQUIO RELIGIOSO



—Se votas com a igreja, faço-te o enterro á minha custa, com seje do Lagoia e caixão á cova.

O governo, afim de ter o Senhor dos Passos da Graça e S. Miguel d'Alfama por si nas proximas eleições, mandou já entregar ao primeiro, para obras na sua igreja, 2:000\$000 réis e ao segundo 1:800\$000 réis.

Estes actos de soborno repetem-se a cada passo. Na provincia é innumera a quantidade de santos que teem recebido dinheiro ou sido despachados para cargos de importancia a troco da sua influencia politica!

S. Miguel d'Alfama, como todos sabem, até aqui trabalhou sempre com o candidato Joaquim José Alves, regeitando constantemente as transacções que lhe propunham, agora não soube proseguir em tão honrada senda, preferindo o conto e oitocentos á promessa do logar de escrivão da corte do céu, que, segundo se diz, o vereador Alves já lhe tinha feito.

MELHORAMENTOS MUNICIPAES



Projecto de duas fontes commemorativas das eleições, na Avenida da Liberdade.

«O philoxera é um instrumento da colera divina» diz Monsenhor Pinto de Campos no seu ultimo folhetim publicado no *Diario de Noticias*.

Custa-nos a comprehender realmente que Deus conspire contra as missas, servindo-se do philoxera e talvez do pulgão para deixar vazias a representação nacional e as galhetas!



—Esse pedregulho é que se bota na urna?

Em Cintra, a mulher d'um eleitor do sr. Costa e Silva deu hontem á luz um çabo de policia.

Quando a auctoridade administrativa acudiu com o diploma da nomeação já achou o recém-nascido de uniforme e rolha.



Ressano, judeu de Xabregas, e Karrilho, judeu do Bom Jesus, preparam-se ambos para dar a sua lançada parlamentar.

19 D'OUTUBRO

Dia do JUIZO FINAL — provisorio



Resurreição dos mortos ao som da trombeta eleitoral.



Enquanto tudo isto succede, o eleitor independente dorme. Quando acorda, queixa-se então de que *tudo isto* está perdido; de que os governos são uns corruptos e os povos uns devassos. Depois torna a adormecer.

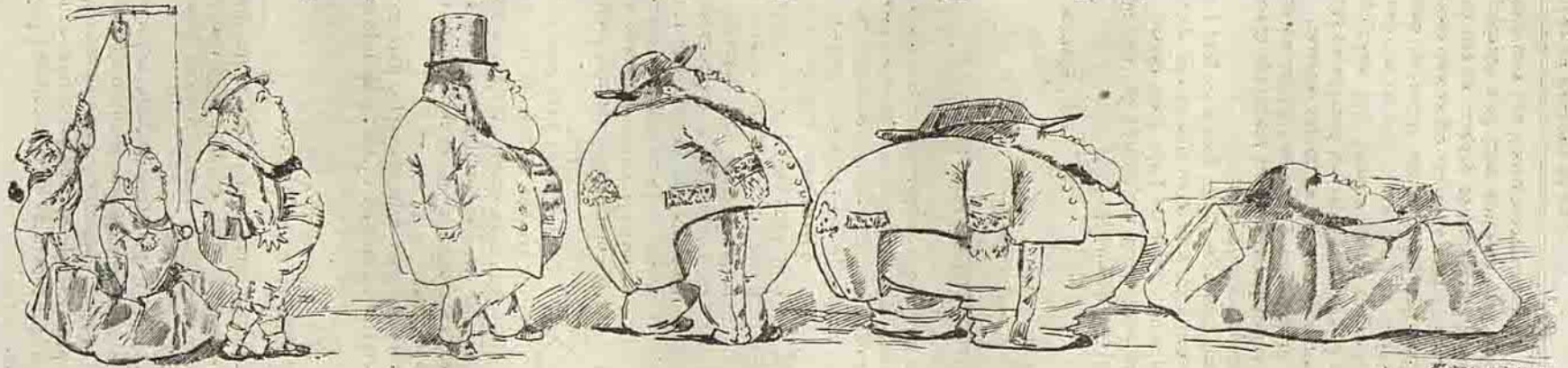


Eis a synthese de toda a politica militante.—E em nome d'este santo e austero principio politico que vos convido a votar.

À urna cidadãos, á urna, porque todos os partidos constitucionaes partem d'esta idéa — A URNA.

Depois das eleições.— Pagina alegre e pagina triste

Volume I



Do pastel cresceu.

Engordou.

Alargou.

Alastrou.

Empasteiou.



Ora apanhe lá uma dúzia de bolos, que é para a outra vez ver se os seus bolos fazem o milagre.



— Não ha xarope eleitoral, como o dos meus perús! Triumphei com o meu ranchinho!



O reverendo prior sente-se de tal forma radiante com o triumpho, que á ultima hora resolve pôr *abat-jour* no anel, para não cegar o ministerio.

21



A fim de ser agradável aos *progressistas*, *Antonio Maria* foi no domingo á noite lançar um foguete á porta do centro da rua do Alecrim, partindo em seguida, no cumprimento d'um doloroso dever, a derramar uma lagrima de compaixão no seio do viuvo *inconsolavel*, que no centro da rua do Norte recebia os pesames dos orfãos *filiados* no partido regenerador.

Realizada a sua missão, deposto convenientemente o sorriso nas mãos do sr. Braamcamp, e a lagrima no collo do sr. Fontes, *Antonio Maria* veio para casa rebolar pelo sobrado da redacção, nas convulsões d'uma gargalhada homérica, pois que a elle todos os comedimentos são possíveis, menos deixar de fazer uma modesta explosão, sempre que no theatro constitucional se repete a irresistivel farça chamada do *suffragio*!

Houve já quem descobrisse no *Antonio Maria* uma *nua*nce governamental. Sem nos assustar de forma alguma semelhante presumpção, devemos á musa da caricatura e á posteridade a explicação que segue.

Nós professamos, sobretudo, um sagrado horror pela banalidade, e verdade verdade, nada mais banal do que essa opinião corrente na rua do Oiro e no Chiado, de que uma folha, para ter *chiste*, precisa estar filiada na opposição ministerial!

Depois, além do horror á banalidade, o *Antonio Maria* tem uma politica, obedece a um programma, mira a um ideal. Sim, senhores, faz todas estas coisas ás quintas feiras de tarde, quando os meus amigos o ouvem apregoar por essas ruas, agitando a sua capa amarella ás brisas da capital.

O *Antonio Maria* entende que a primeira coisa que o edificio constitucional precisa é, fumigações, muitas lavagens, as teias de aranha desfeitas, os parasitas que o povoam destruidos.

Não necessita simplesmente que o enfeitem com flores de rhetorica; reclama sobretudo que o tratemos com um basculho. É só depois de o arejarmos bem, e de lhe tirarmos as sujidades que no meio d'elle tem posto tanto o sr. Barros e Cunha como o sr. Karrilho, que o podemos mostrar aos visitantes — para alugar.

Ora, segundo o nosso modo de ver, attento o desespero e os manifestos symptomas rabidos de que o partido regenerador, por intermedio de varios dos seus orgãos, nos tem nos ultimos seis mezes dado provas, o actual ministerio não é propriamente o poder executivo de que falla a carta, é alguma coisa mais util do que isso: é um prato de rosalgar collocado adiante das varias ninhadas de ratos militantes que hoje infestam o constitucionalismo portuguez.

Antonio Maria, confessa sinceramente; não tem uma predilecção extrema pelo arsenico nem pela strichinina, — como alimento; entretanto, se deparar no seu caminho com um prato de taes *vitualhas* offerecido como apetite ás ratazanas que infestam um armazem, quer dentro d'esse armazem se guardem as instituições, quer barricas de manteiga, de forma alguma será impellido pela sensibilidade da sua alma a dar um pontapé no prato, destruindo a armadilha em beneficio dos *voedores*.

Ora o partido progressista é o nosso rosalgar no poder. Depois dos regeneradores terem rebentado todos, resta-nos simplesmente dizer á criada:

— Varra-me essa casa bem. Deite fóra o sr. José Luciano, e cuidado não fique pelo tecto alguma teia do sr. Braamcamp ou algum sr. Prior da Lapa pelos cantos.

Antonio Maria pertence a um partido que está por crear em Portugal — o da *limpeza*.

JOÃO RIALTO.

NOVO EPITHETO POLITICO

Entre os varios nomes que os partidos militantes trocaram amavelmente entre si á bocca da urna—taes como os de *sicarios*, *bandidos*, *pulhas*, *tratantes*, *mariolas*, *patifes* e outros muito conhecidos no vocabulario parlamentar e jornalístico, mas que a decencia nos impede de mencionar,



figura um, vibrado n'uma proclamação ás faces do sr. conselheiro Arrobas pelo seu antagonista no circulo de Setubal, que realmente é d'uma violencia e d'um imprevisto nunca admirado até hoje nos pamphletos mais atrabiliarios!

O antagonista do sr. conselheiro Arrobas, depois de lhe chamar tudo, chamou-lhe *petit-crevé!*

Parece que o sr. *petit* Arrobas, á ultima hora, vacilla, entre chamar o seu antagonista á policia correccional ou apartar o cabelo ao meio.

Parece entretanto que está mais resolvido, para confundir o seu adversario, a entender-se com o Keil do que com a Boa Hora.

FESTEIOS ELEITORAES

D'entre as coisas realmente bonitas que sobresaem no ultimo movimento eleitoral, conta se a entrada em Almada do cyrio que conduziu o *eleito* Antonio Ennes, do Lazareto áquella villa.

Diz um correspondente do *Diario de Noticias* narrando o caso, que nunca um entusiasmo semelhante foi visto n'aquelles sitios! Mais de duzentas pessoas acompanhavam o vencedor pelas ruas de Almada, precedidas de um *sol e dô* do Pragal, que tocava as mais escolhidas peças do seu repertorio.



Ennes commovido, n'um trem, agradece á multidão os 464 votos de maioria, que os povos da outra banda acabavam de lhe conferir.

O Antonio Maria, se porventura fosse encarregado de organizar o programma de tão commovedora festa, precedel-o-hia d'uma estampa, no fundo da qual escreveria estas breves palavras:

— Grande festa do sol e dô. O artista Ennes furará á vista do publico o circulo '99!

A NOVA CAMARA

Os diferentes pratos politicos que na proxima legislatura devem ser servidos no seio da representação nacional são os seguintes:

Progressista.—Um alguidar cheio, com hortaliça e chispes de reformista.

Regenerador.—Um pequeno prato, já muito sujo das moscas.

Constituinte.—Acepipe de mexilhão temperado com azeite clarificado.

Avilista.—Cabeça do sr. Barros d'Achard e Cunha, temperado com sr. Avila sobrinho.

Independente.—O sr. Luiz Jardim, na grelha, sem temperos e só.

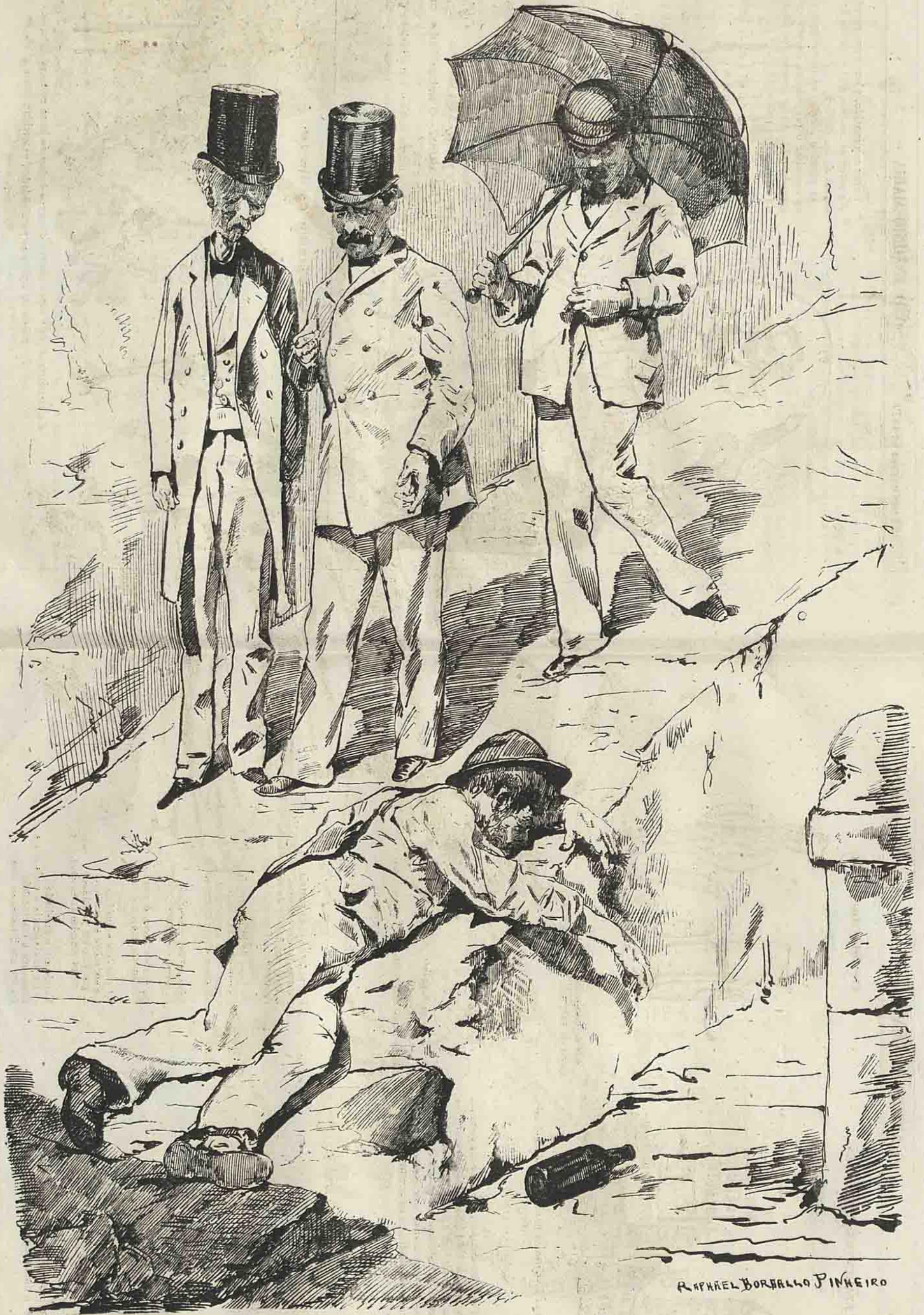
Este ultimo prato,— como bem se depreheñde do nome — é o unico de que todos os partidos podem comer sem receio.

A batalha do dia 19



Caras tristes d'uns e caras alegres d'outros depois da lueta ao bocal da urna. Bolsas de ambas as parcialidades, escorridas.

NA SENDA ESCABROSA DA POLITICA — DEPOIS DAS ELEIÇÕES



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

—Ora porque será que elle cae e nós ficamos sempre em pé?

EMBELLEZAMENTOS MUNICIPAES



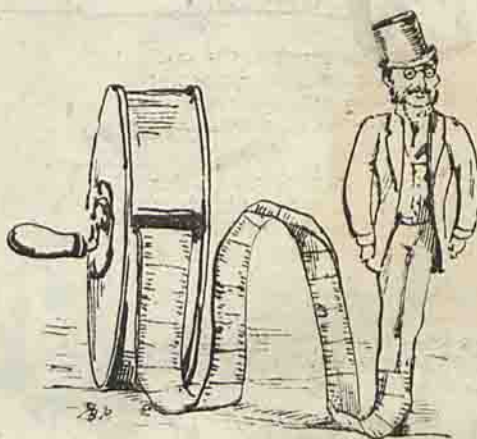
Projecto de dois kiosques na nova Avenida da Liberdade.

Temos a honra de apresentar ao leitor o mais genuino typo da *soberania popular* de Lisboa. Vae aos comicios socialistas, sendo preciso: em caso de necessidade dá apoiados nos centros republicanos, e no dia da eleição pede uma sobrecasaca emprestada ao regedor e vota na freguezia das Mercês no candidato governamental.

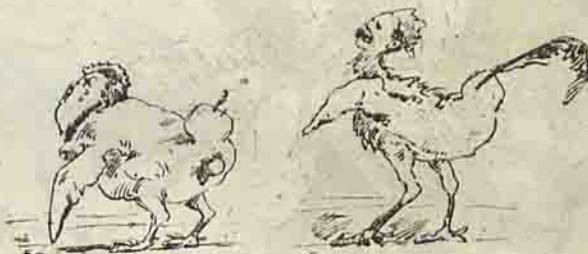


Às vezes, como prova d'independencia, vota no da opposição. Mas só n'uma dada circumstancia—quando elle paga melhor.

Depois da lucta



Eis de que maneira, para um sahir triumphanté d'un carro de fita,



outros ficam completamente depennados.

A GRANDE SÓVA

Em prantos vi os pasteis
No regaço das cocadas,
E ouvi dos contos de reis
As pungentes gargalhadas.

Os pães de ló amarellos
Diziam que era *batota*;
Gemiam os caramellos
No meio d'esta derrota.

Em nervosa convulsão
Bradava um podim:
—Se vence,
Na grande lucta, o patrão,
Faziam-me amanuense!

As pastilhas reunidas
Caíam sobre os *palitos*.
E por ficarem vencidas
Tinham grandes faniquitos.

Vendo rir, a goiabada
—De intelligencia a mais chata—
Encavaca a marmellada...
Dá lhe um biscoito na *lata*.

—Venha p'ra cá o prior,
Diz um pastel, com mil raios,
Se me trinca tem a dor...
Doença de papagaios.

—Que grande sóva real,
Gritava o coco no centro,
Foram-me agora ao faval,
Metteram-me os tampos dentro.

Não serei das mais ladinos,
Não terei grandes ideias,
Mas sou dos doces mais finos,
Sou o irmão das geleias.

Eu sou a nata em pessoa,
Diz a fama, eu não invento,
Se vencesse era em Lisboa,
A nata do parlamento!...

Como não pudé ganhar
No combate traiçoeiro,
Eu juro que hei de tomar
Cambrone p'ra conserveiro.

Adeus, Fontes, n'outra dança
Não me tornes a metter,
Deixa crear-me esta pança
No meu balcão a vender.

Ponho ponto aos meus festins,
Vou abater meus toicinhos,
Bradando aos meus galopins:
—Vá lá, vá lá pastelinhos!

.....
E com voz rouca e soturna
Findava louco de dôr:
Não mais virei junto á urna,
Não voltes mais, eleitor!

RIGOLETO.

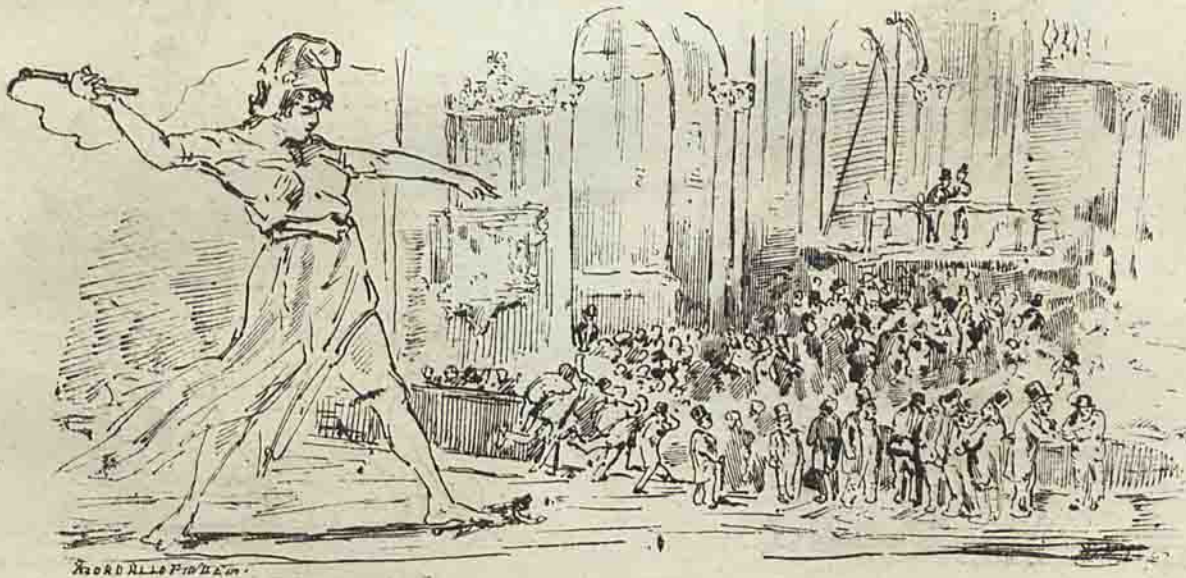
O PHILOXERA E O SYSTEMA PARLAMENTAR



— Se isto assim continua, d'aqui a pouco nem deputa-
dos nem vinho.

PROPHECIA

O que um dia terá de acontecer se o mercado eleitoral continuar assim a fazer subir o pudor
às faces da Praça da Figueira



Um vulto entrará no templo das Mercês, e dará chicotada bravia no voto livre.

Pagina triste e pagina alegre



Aspecto da egreja de Santa Engracia — e pouco mais ou menos d'outras do paiz — á hora da segunda chamada.
 N. B. O presidente da mesa está disfarçado por nós, de suissa, a fim dos eleitores não tocarem mais zabumba n'elle.



— Meu rico Santo Ambrosio: visto não teres feito o milagre ao teu pinto dá outra vez para cá os dois contos da minha alma.

EPILOGO DA LUTA



— Surriada, que perdeu!
 — Seu brejeiro! Deixe estar que para a outra vez lhe direi...

ULTIMOS DIAS DE CASCAES

(Correspondencia do nosso collaborador Emilio Pimentel)



Sua Magestade *Diana Caçadora*, atirando á seta.



Á é tempo de descansar das *lides politicas*, como em boa linguagem se costuma dizer:

O *Antonio Maria* aceita os factos consummados, e dando um pontapé na urna do suffragio, propõe-se a invernar em assumptos mais amenos e mais dignos da predilecção das familias.

A ultima hora das praias soou. Consagramos a esse caso therapeutico a nossa primeira pagina.

A primeira badalada de S. Carlos retiniu. Dedicamos a esse acontecimento lyrico a nossa folha ultima.

De resto, estamos inteiramente dispostos a alternar com as violetas o sr. Adriano Machado e o sr. Rosa Araujo, e a não preferir inteiramente o sr. Prior da Lapa ás camelias.

Vae abrir a nova linha dos *americanos* do Largo do Conde Barão ao Rato.

Está muito bem delineada, ao que se diz, e organizada de modo que o trajecto da rua de S. Bento se possa fazer em menos tempo do que o do caminho de ferro de S. Francisco da California.

Entre outros melhoramentos projectados, a companhia tenciona no proximo inverno levantar mais algumas estações para commodidade dos passageiros em diversos pontos da cidade, pelo risco das que já existem.



São commodas, e não vão contra os interesses dos accionistas nem das pneumonias.

HIGH-LIFE



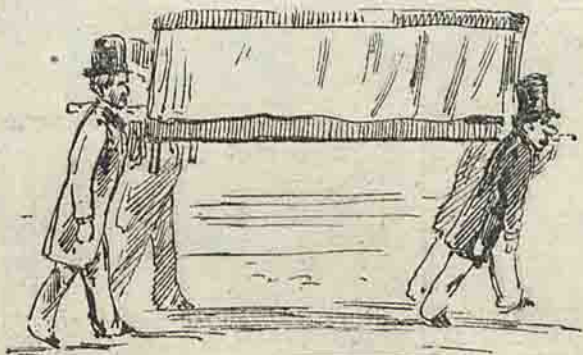
RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Antonio Maria, publicando-se hoje entre os dois anniversarios, o do dia 29 e o do dia 31, adopta a resolução de vestir-se de archeiro para se rir á vontade de si mesmo.

Pronuncia-se no paiz um grande movimento philarmónico e religioso. Em Almada e Setubal são os *sol e dós*, saudando os candidatos vencedores d'uma e outra parcialidade politica,—a banza regeneradora e a guitarra historica: em Coimbra é o sr. bispo conde creando uma cadeira de philosophia de S. Thomaz d'Aquino; na maior parte das terras do paiz são os santos pronunciando-se a favor do governo, e decidindo da victoria ministerial a troco de quatrocentos mil réis, e menos!

Que tremenda corrupção politica no *Flos Sanctorum*, e nos violões!

THEATRO DE D. MARIA II



Modelo de vehiculo para a conducção dos frequentadores da caixa, depois do panno lhes cahir em cima.

Algumas folhas regeneradoras chamam *tyranno* ao sr. governador civil do Porto, em consequencia d'esta auctoridade ter consentido que a *Marselheza*, a celebre musica de Strasburgo, como ellas a denominam, percorresse livremente as ruas da invicta cidade, soprada em flageolets progressistas, ao passo que a mesma auctoridade conspirava contra a musica de Bellini e Donizetti, não a consentindo no theatro de S. João, ganida por uma companhia que o estado costumava subvencionar todos os annos.

É perfeitamente justificado o terror das folhas regeneradoras, sobretudo se pensarmos que entre o Sentieiro e o sapateiro Simão não ha na verdade uma grande differença.

Entretanto, para o ouvido dos habitantes do Porto, antes na maioria dos casos a guilhotina do que a companhia lyrica.

Foi accommettido de um catharro pulmonar o *phonographo fallante de Edison*, que o sr. Viverols exhibe no theatro da Trindade. O *Thaumaturgo* está farto de lhe dar xaropadas, e o phonographo cada vez pia menos.

À ultima hora resolveu pôr-lhe sinapismos; entretanto receia-se que nada se consiga.

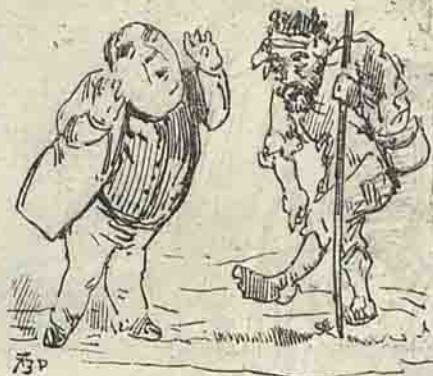


É possível comtudo que ao phonographo do sr. Viverols ainda estejam reservados largos dias — como moinho de café.

Só no districto d'Evora foram nomeados apóstolos, para o effeito de lavarem os pés em quinta-feira maior, quarenta e dois eleitores!



Elles aqui estão!...



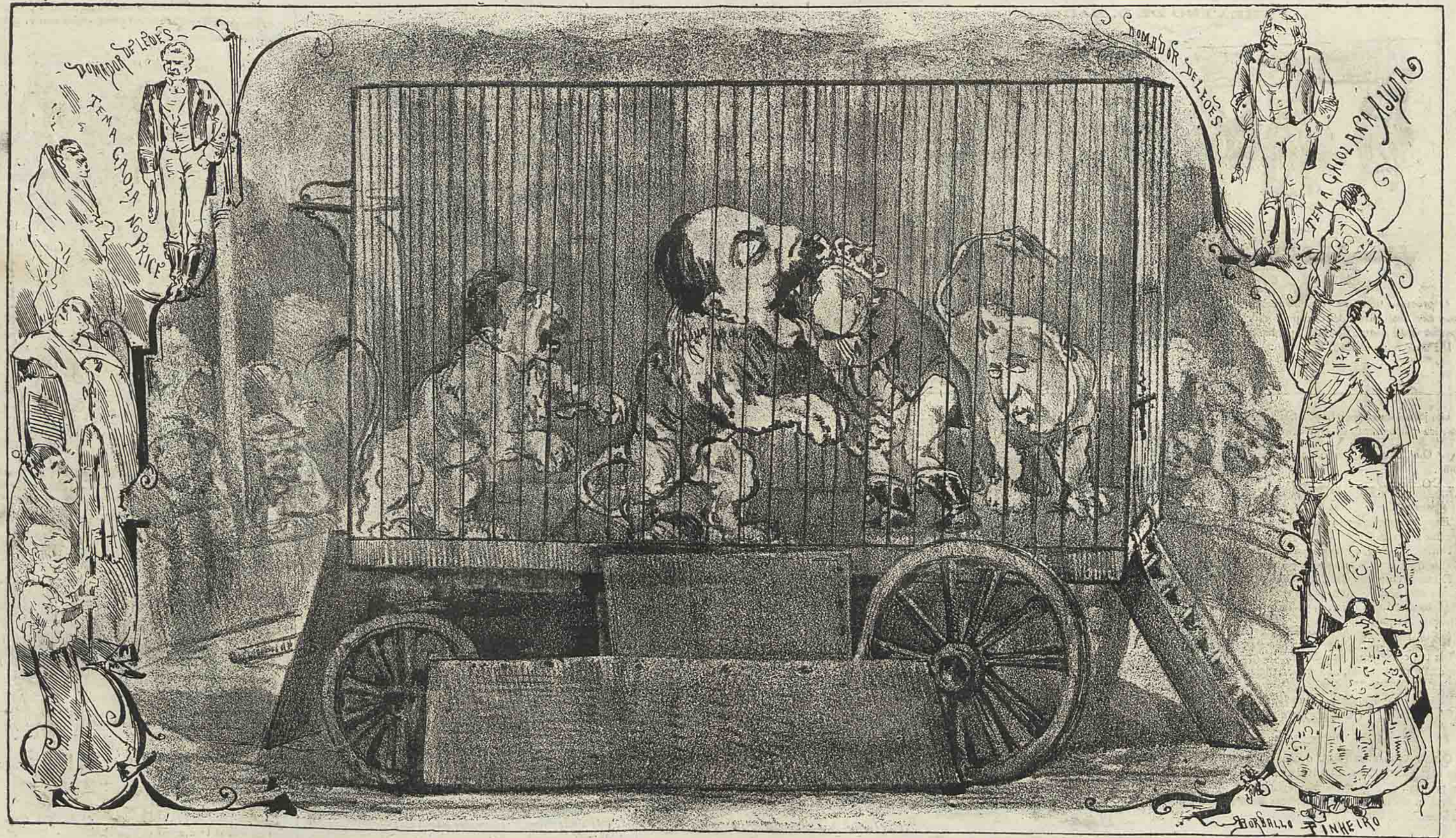
— Ó meu rico sr. prior, pelo amor de Deus! repare que eu tenho os pés em estado de votar no governo!...

— Não pôde ser.



— Não pôde ser. Já temos apóstolos de mais. Aqui estou eu que já este anno os não lavo.

A JAULA CONSTITUCIONAL — segundo o modelo do Circo Price



O domador tanto entra que ás vezes fica...

THEATRO DE D. MARIA II



O processo usado na primeira récita da *Morgadinha de Val-Flor*, para o panno descer, não podia ser mais irge-
nuo nem mais divertido. O capitão-m r dependurava-se n'elle, acompanhado pelos outros personagens da peça, e o
panno vinha abaixo de todo, apanhando d'ordinario as familias que se achavam nas frizas.
Diz uma velha can o.

*Quem tem meninos pequenos,
Que os leve ao theatro normal!*

Um jornal da opposi o põe francamente a questão da
politica portugueza nos seguintes termos:

- 1.  O sr. Mazzioti, deputado por Cintra   um unhas de
fom .
- 2.  O mesmo sr. deu de jantar a grande numero de
eleitores.

Ergo os convivas não deviam ter necessidade de des-
apertar a fivella.

Nunca, até hoje, em Portugal se tinha imprimido esta
c r de franqueza  s discussões partidarias!

Estamos no ponto da fivella desapertada. D'aqui em
diante não pedimos contra as demasias jornalisticas a ap-
plic o da lei da imprensa, pedimos simplesmente a ap-
plic o das posturas.

Diz um correspondente da Covilhã que para vencer o
deputado progressista, não seria sufficiente toda a estra-
tegia de Napoleão I!

Faremos a diligencia para em Janeiro proporcionar ao
referido candidato um *Waterloo* a preços reduzidos.

O ministério encarregou o cabido da S  de formular
um regulamento para as festividades que o clero da maio-
ria projecta na proxima sessão legislativa.

Pelo ministério das obras publicas já foi encommenda-
da a *cera* necessaria.

O governo, segundo corre, vae fazer trinta pares.

Visto estarmos no inverno, aconselhamos-lhe a que os
mande impermear pelo systema Rosa.

Estamos que o ingrediente maravilhoso tanto p de
aproveitar ao poder legislativo como ao calçado.

Lembre-se o governo dos temporaes que o esperam.

Segundo disseram todos os jornaes, foi tal a affluencia
de serviço telegraphico no dia das elei es, que entre
Lisboa e Porto chegaram a trocar-se despachos com a
simplem differença de dois minutos.

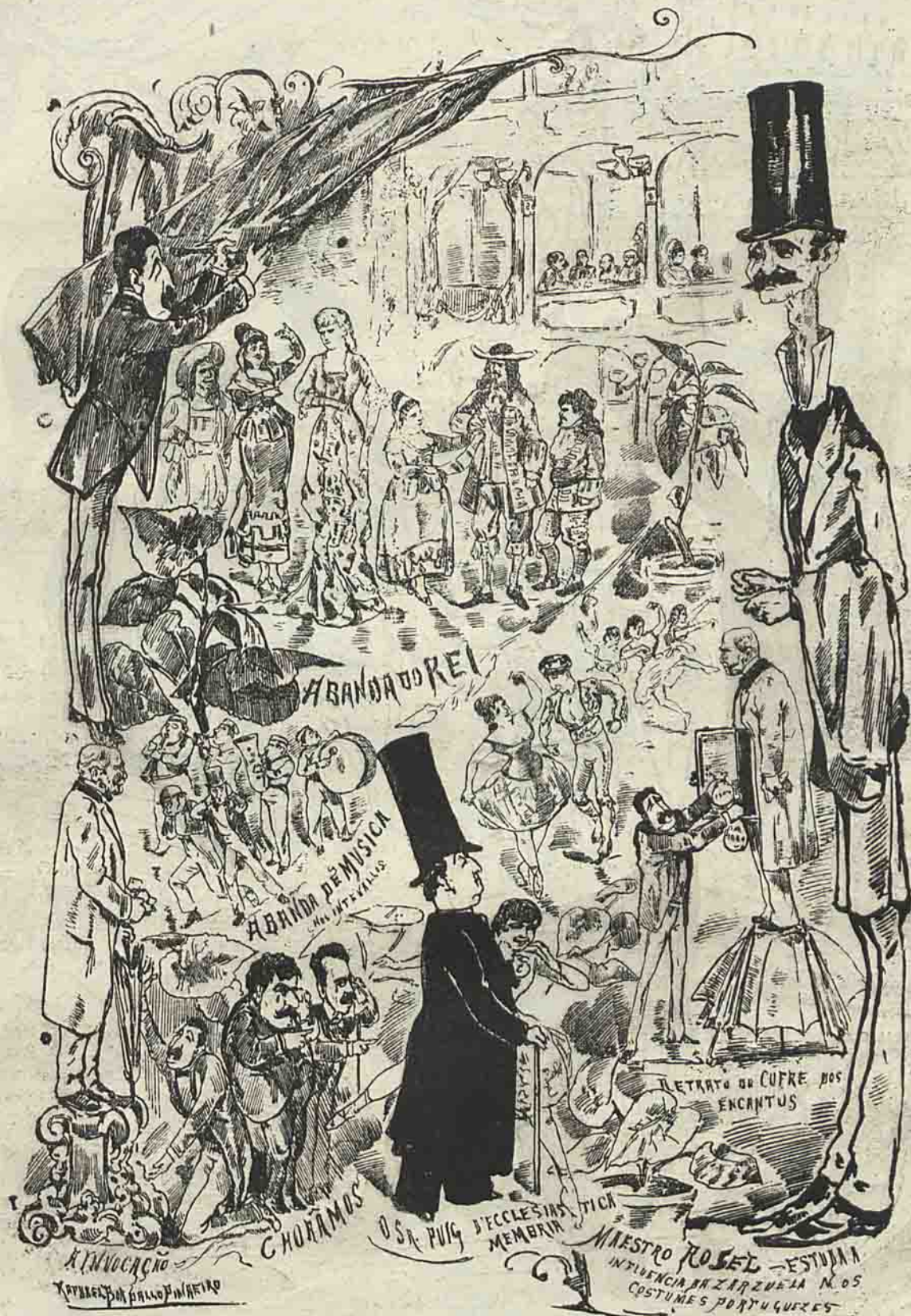
Quando o serviço   pouco, os telegrammas gastam ape-
nas dois dias.



Meus senhores, ponham os
olhos n'este espelho! Este cava-
lheiro era são e escorreito, mas o
demonio da curiosidade per-
deu-o! Ha oito dias commetteu
o desatino de comprar bilhete e
ir assistir a uma récita no thea-
tro de D. Maria II.

O resultado foi cahir-lhe um
pedaço do theatro em cima, e fi-
car estropeado para todos os dias
da sua vida.

Reabertura do Theatro dos Recreios



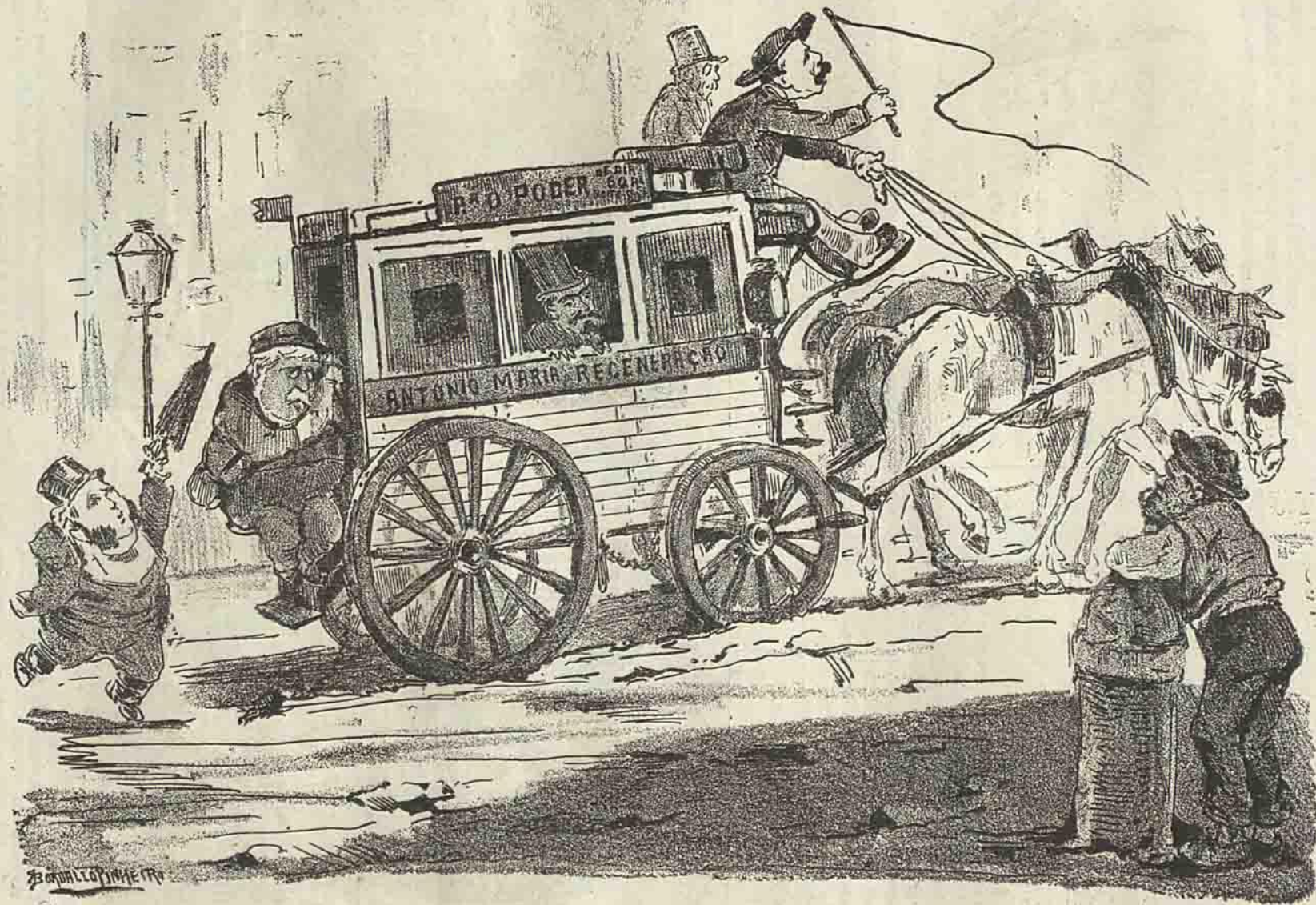
Hourrah! pelo director tecnico! Antonio Maria, entretanto que chora a ausencia do bailarino Puig, de ecclesiastica memoria, admira o cofre dos encantos d'onde sae o oiro milagroso. O maestro Rogel assiste á festa.



—Abriu-se! chegaram as nossas noites!
E que noite a de hontem! Dois pannos atravessados um no outro. O funcionalismo quando viu que lhe tiravam a vista do Terreiro do Paço, aonde estão as secretarias da sua alma, protestou e queria antes um panno feito de officios. Desacostumado das gratificações achava ervas demais. Panno bem pintado e pouco rhetorico. Còros do 2.º acto rhetoricos de mais e desafinados. Borghi-Mamo cantora distinctissima, mas com menos alguma pontinha de voz do que de nariz. Tenor genero Co-co lyrico muito ameno e agradando immenso às plateas. Pandolfini bello artista, *cançado* já de andar correndo atraz da fama. Nos corredores casacos de mais, e cabides de menos.

O Antonio Maria não assistiu ao juizo final do espectáculo por serem já duas horas da noite, e reserva o juizo para o numero seguinte.

A volta aos antigos tempos – Contingencias da politica



O omnibus regenerador torna a subir a ladeira dos acontecimentos cheio de logares vazios.



ISBOA manifestou-se uma cidade aprazível nos ultimos dias.

A politica foi enriquecida com um jacaré fabuloso, na pessoa do sr. Mariano de Carvalho.

O sr. Rosa Araujo escreveu algumas cartas de namoro municipal ao *Diario Popular*.

O *Illustrado* reproduziu um crocodillo do sr. Monteverde, á falta de retratos d'outras celebri- dades.

Sua magestade participou ao sr. commandante da 1.ª divisão, em carta regia publicada no *Diario do Governo*, que o amava e por isso o mimoseava com uma gran-cruz.

O baritono Ciapini foi pateado em S. Carlos.

A prima donna Gargano fez um *debute de caretas*, como se a empreza e os espectadores podessem viver d'isso.

Finalmente, os candidatos vencedores cantaram o seu *Te-Deum* em acção de graças, como se em vez dos galopins fosse Deus Nosso Senhor que vencesse as eleições!

Nunca se viu tanto sacrilegio junto. E todavia da futura camara faz parte uma collegiada composta de oito clerigos com os respectivos acolytos!

PHYSIONOMIAS POPULARES

Não ouve a gente fallir, desde pela manhã até á noite, por todos os becos, viellas e jornaes da cidade, senão no Osorio do municipio, no Osorio da Lapa.

Pois, meus senhores, ahí o teem, colhido vivo na ultima recita em S. Carlos, em flagrante delicto de dormitar ao som da *Africana*.

Eis aqui um dos fiadores dos destinos e dos typhos municipaes!

E levanta-se uma prima-donna de noite, para amassar notas, para elle ouvir em dias de gala!...



CARTA AO «PIMPAO»

AMIGO.— O Antonio Maria te envia muito saudar, como aquelle que ama e preza, tal qual Sua Magestade costuma ás vezes fazer no *Diario do Governo* a respeito de alguns medalhões sufficientemente nullos, para a munificencia regia recahir sobre elles — o que se não dá no teu caso, pois que os teus assignalados serviços se tornam



O jacaré progressista, depois de devorar a maioria regeneradora. Aspecto do monstro.

(Copia d'uma photographia que o *Illustrado* nunca viu.)



Epilogo triste.— O reverendo prior, como Diogenes da Lapa, procura a opposição por todos os recantos da politica, e não a encontra.

dignos d'uma grã-cruz e merecedores da tiragem que tens.

Pediste-nos Arrobas, conforme elle foi decantado, ha poucos dias, por um trovador de Setubal que lhe chamou *heroe* em versos errados, e pedistel-o vestido de Adamastor, affrontando o Valdez n'aquelle Cabo das Tormentas que se banha no Sado. Ahi o tens. Ao toque do nosso lapis surge da vaga de papel almasso, n'uma *toilette* que não é já a do *petit-crève* entrevista na circular do seu adversario. Aceita-o como um symbolo do nosso modo de ser nacional.

Se a repartição de pesos e medidas cumprisse o seu dever, a primeira coisa que fazia era annullar a eleição por Setubal, com o pretexto do nome do candidato vencedor dever ser — Antonio Maria Barreiros Quinze-Kilos.

Nem os proprios cevados já admittem os antigos pesos na balança, quanto mais o corpo eleitoral!



Pimpão, eis o Adamastor que nos pediste!

Eia ávante, ó Arrobas, caminha,
Não mais temas intriga ou traição,
Porque o povo de ti se avisinha,
Entregando-te o seu coração.

Prepotencias, intrigas, promessas
Ao bom povo quizeram illudir,
Não valeram tambem ameaças
Soube a tudo HEROE resistir.

A QUESTÃO MUNICIPAL

O presidente da camara municipal de Lisboa e o engenheiro d'este corpo constituído, continuam a discutir nos periodicos, como se estivessem empoleirados no frontão dos paços do concelho.

— Sr. Ressano, vossemecê é que aconselhou a que os fornecimentos se fizessem sem concurso...

— Está enganado, *seu Rosa*, o Osorio é que foi.

— Não me diga mal do Osorio quando não vou aos ares! O Osorio é um anjo-da Lapa.



— Olhe que o empuro, *su presidente*, e vossê não torna a subir por estes tres annos mais chegados!...

— Empura-me?... O sr. e o Marianno são uns mal creados. Pois diga-lhe lá que eu, se cahir, cáio em cima do Fontes.

— Olhe, era melhor cahir em cima dos pasteis, que são mais fôfos.

Em conclusão:



Os dois, mettidos na gaiola municipal, hão de acabar por se devorar um ao outro, como os dois grillos de que resa a historia.

Theatro lyrico.—A Africana e a Traviata



Borghi-Mamo continúa com o seu bello talento a fazer sombra a toda a companhia. A prima dona Gargano que se estreiou na *Traviata* é um nariz e um genio muito inferior. O baritono Ciapini, muito boa pessoa e muito má voz. Os *dilletante*, em obsequio a *Selika*, munem-se de narizes de papelão para a lisongear em nas proximas recitas. O panno de boca continúa a provocar o appetite de varios espectadores. Da *Africana* pde dizer-se que tem um logar no peito dos *dilletante*, e da *Traviata* exactamente o contrario n'outro.

INDISCRICÃO D'UM ESPELHO

Era na ultima récita de gala em S. Carlos. A tribuna real patenteava-se em todo o seu esplendor. Quando as pessoas reaes sahiam, os cortezãos dobravam a espinha dorsal em arco, até a cauda do vestido de Sua Magestade a rainha e as abas da farda de Sua Magestade el-rei desaparecerem no horisonte.

Estava a côrte n'esta faina de dobrar a espinha e de endireitar a espinha, quando de repente o binoculo de *Antonio Maria* avista um dos espelhos que adornam as paredes lateraes da tribuna. N'esse espelho reflectia-se uma imagem, e essa imagem não nos era estranha.

Vacillamos se a devíamos ou não reproduzir. A sensibilidade da nossa alma dizia-nos que não, mas a consciencia bradava-nos que sim, como chronistas fieis, encarregados pelo leitor de lhe darmos conta de todos os successos. De mais a mais a imagem remirava-se com tanta presumpção que seria imperdoavel não a offerecer ao menos como exemplo aos que se prezam de elegantes.



Emquanto ella se contemplava ao espelho, *Antonio Maria* já, de antemão, balbuciava:

Miras-te, e eu vélo, seductora imagem,
Grata miragem que em S. Carlos vi.
Tu vés-te ao espelho! tentação fatal!
Não é por mal que eu te desenho aqui!

ANTONIO MARIA NOS ESPECTACULOS

Em S. Carlos estreiou-se, na *Traviata*, a prima-donna Gargano. O calçado dos *dilettanti* estreiou-se no baritono Ciapini.

A prima-donna Gargano, no quarto acto, quando se levanta da modesta cama de ferro em que no theatro de S. Carlos teem morrido no ultimo seculo quatro gerações de contraltos, soube fazel-o dignamente, e quando exhalou o ultimo suspiro, a alma dos espectadores sentiu-se alliviada! Apenas muita gente lamentou que o barytono não morresse tambem por uma vez, como remedio efficaz para não tornar a cantar!

Antes elle realmente do que a prima donna, que, se não canta muito bem, em compensação não é de todo em todo feia, excepto quando abre a bocca, porque então faz caretas indignas do proprio sr. Carlos Bento, caso elle tambem cante a *Traviata*.

O seguinte inventario lyrico dá idéa do estado em que presentemente se acha a companhia de S. Carlos.

BORCHI MAMO.— Prima-donna no estado de meninice, ainda a crescer. Quando a gente lhe olha para o narizinho, assusta-se; mas se a voz lhe crescer em proporção, será a maior d'este seculo!

BULTERINI.— Tenor Portugal-italiano. Bonitas maneiras e bom timbre de voz.

SR.^a REYNEL.— Genero agudo e perfurante. Voz de ponta e móla, para se trazer na algibeira e dar facadas no proximo.

PANDOLFINI.— Baritono serio, um quasi nada sorvado mas gostoso. Como voz do outono, quando tudo se está a despedir da mundo, admitte-se, e faz vontade de se lhe cantar:

Ai, adeus, acabaram-se os dias,
Em que alegre te ouvi em S. Carlos...

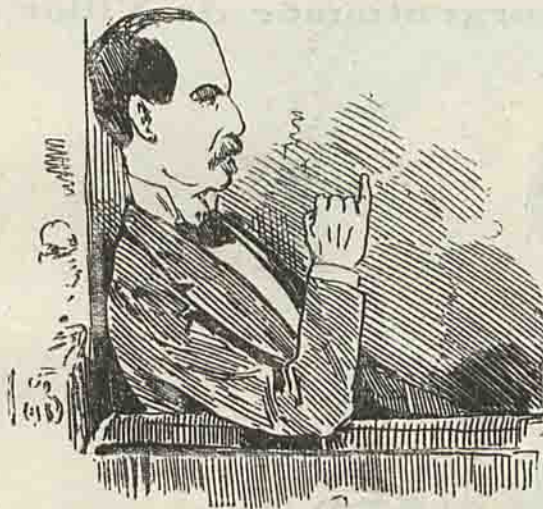
SEBORDONI.— Baixo um pouco alto de estatura, e discreto de voz. Por emquanto ninguem formou juizo a seu respeito, nem elle divulgou o seu canto a pessoa alguma.

GARGANO.— Prima-donna com muita volubilidade de feições e pouca agilidade de voz. Se fizesse com o canto o que faz com a physionomia, seria unica! O nariz, os olhos e a bocca estão-lhe n'uma *fioritura* permanente. Se em vez de cantar com a larynge cantasse com as bochechas, toda a gente lhe daria palmas!

CIAPINI.— Baixo profundo, combinado com os sapateiros para obrigar os espectadores a romper solas. A sua voz é um composto de algumas notas, pregos e fundos de garrafas. Quando estoira faz estragos numerosos no publico, enterrando estilhaços nos ouvidos dos espectadores. Voz prohibida pelas auctoridades, como materia lyrica explosiva.

—N'uma das ultimas récitas em S. Carlos, quando a prima-donna Borghi-Mamo cantava, os espectadores fo-

ram repentinamente surpreendidos por uma extranha apparição que se manifestava no camarote dos ministros.



Não era o sr. Adriano do Prior, nem nenhum dos ornamentos da igreja ministerial. Era um sujeito pouco mais ou menos d'este feitio, se a memoria nos não falla.

Ouvimos chamar-lhe o advogado de *Cambonne Junior*.

Estava com o dedo levantado, e, segundo correu na platéa, é secretario do centro republicano d'uma das travessas de Lisboa.

Ao avistal-o, suppoz alguém que a republica acabasse de ser proclamada na cidade, mas sahindo fóra e não sentindo musica á porta do centro da rua do Alecrim, voltou para a platéa, convencido de que simplesmente a um equívoco se poderia attribuir este caso do digno secretario vir escutar o Bulterini em vez de ir ouvir o sr. Bernardino Pinheiro.

— A Paladini, chegada ha tres semanas a Lisboa, continua a nutrir projectos de representar em breve um drama em portuguez; e ao mesmo tempo, como desforço, a sr.^a Emilia das Neves estuda um drama em italiano.

A grammatica dos dois povos treme como varas verdes!

— O ultimo successo, ou, por outra, o ultimo *bom successo*, ou, por outras palavras, o derradeiro *mau successo* do theatro de D. Maria II foi a *Rosa Miguel*.

A actriz Falco faz um papel de velha e a sr.^a Emilia um papel de nova. N'esta peça a distincta tragica revela-se *ventriloqua*, qualidade que ainda não tinha manifestado.

O actor Antunes, para animar a grande tragica, caracterisou-se de Theodorico, o que alegrou extremamente o espectáculo, fazendo dormir os espectadores.

ULTIMOS DIAS DO ESPINHO

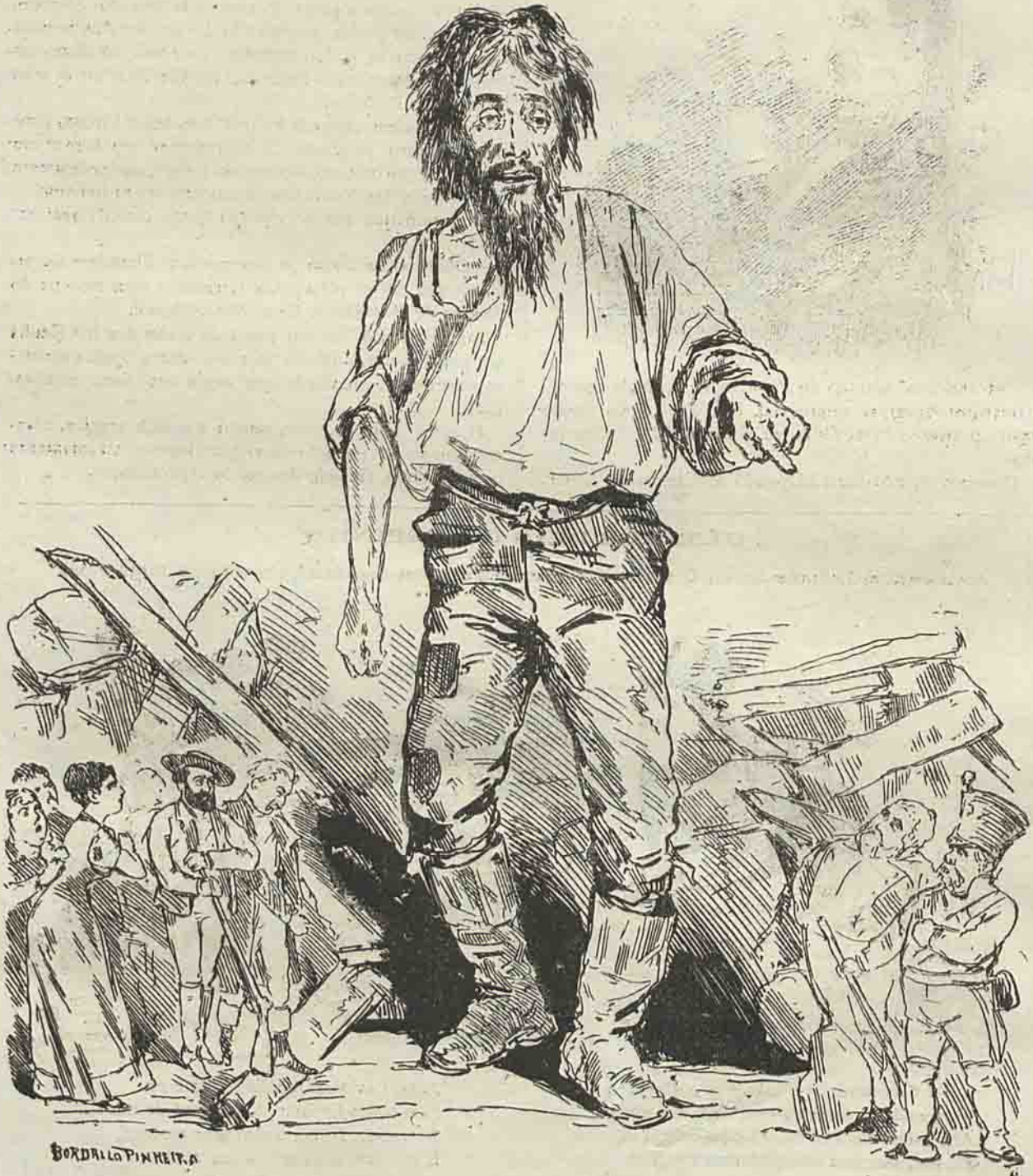
As discipulas do bardo Xavier Cordeiro enviando uma saudosa despedida, em verso, a Jorge Veiga



— Tú vaes partir sem talvez que o pranto
Te inunde as faces ao escutar meus ais!
Ah! Jorge ingrato, escuta o nosso canto,
Eu e as meninas não podemos mais!

Alda, Lavinia, Ophelia, Zilda e eu
Sem tu no Espinho o que será de nós?...
Detem-te, Jorge, o trovador morreu,
E morrem ellas sem a tua voz!

— Terno Cordeiro, a patria além me chama,
Ah! Xavier, modos de vér diversos!
Diz aos teus anjos, que o meu peito ama,
Que antes a morte do que ouvir taes versos!

Theatro do Gymnasio.—O Sargento-mór de Villar

Antonio Pedro no papel de *De profundis* assombroso, assemelhando-se a uma criação de Goia, pela caracterização e pelo gesto.

Telegramma da agencia HAVAS



«Em virtude do resultado das ultimas eleições progressistas, Sua Santidade resolve collocar mais uma *mazella* no cachaço do povo portuguez.»



PHONOGRAPHO da Escola Polytechnica, segundo contaram varios jornaes, por occasião da ultima visita que a familia real fez áquelle estabelecimento, praticou uma amabilidade que realmente faz honra aos sentimentos monarchicos de tão maravilhoso invento. Apenas avistou Suas Magestades, começou a tocar o hymno real!

O phonographo nasceu republicano, e entre republicanos foi creado, estamos pois convencidos de que, da sua parte, o hymno foi um mero cumprimento sem significação politica. Será bom, entretanto, não o ir affeioando ás praticas palacianas, aliás corremos o risco de em dias de grande gala o ver passar pelo Chiado, dirigindo-se ao beija-mão do paço, não sendo mesmo de admirar se um dia recebermos noticia de que resolveu metter requerimento para ser nomeado archeiro da casa real.

Entretanto, como testemunho de imparcialidade politica, é de crer que por occasião da visita que o reverendo prior da Lapa, mais tarde ou mais cedo, não deixará de fazer tambem á Escola Polytechnica, o phonographo executar, com a maestria que lhe é propria, a Ladainha de Todos os Santos, com uma introdução do *Kirie eleison*, rematando com a celebre valsa *A Roma a Roma*, annunciada pela *Nação*, para ser dançada pelo elegante par da secretaria da justiça.

*Pleto vem,
Pleto ribola,
É o pleto que vem do Congo,
É o pleto que vem d'Angola.*

Quem se levar unicamente pela melodia d'este estribilho, ha de pensar que não ha maior ventura para um preto do que saborear a *doçura dos nossos costumes!*

Engano cruel! Em Portugal o unico preto respeitado e temido, o unico que impunemente póde cantar aquelle hymno em pleno parlamento, é o sr. Manuel Vaz, sem perigo de que o mandem açoiatar em plena... representação nacional.

Fóra d'isso, além do sr. Vaz, nenhum preto mais póde dançar o *lundum* em face das instituições!

Os governadores do ultramar entenderam, de si para si, que o melhor meio de fazer comprehender aos selvagens o *amor fraternal* de que a metropole está possuida para com elles, era applicar-lhes ao longo das costas alguns mólhos de cordas retorcidas e repuchadas com ancia. Por meio d'este tratamento carinhoso e *efficaz* conseguiu ha pouco o governador de Mossamedes converter dois selvagens aos verdadeiros principios, deixando-os estirados sem vida no campo da vardascada.

Diz-se que o sr. Marquez de Sabugosa acaba de demittir o governador.

É uma pratica diversa da que seguia o governo transacto em factos identicos.

Um homem chegava-se ao pé do sr. Corvo e dizia-lhe:

— V. ex.^a faz-me visconde?

— O que fez o senhor para merecer similhante prova de munificencia do governo?

— Senhor, saiba v. ex.^a que alguns subditos de Sua Magestade ainda estão, além-mar, com os *fundilhos* negros das juncadas que eu lhes mandei applicar.

— Bem, como estão negros, fica vossemecê visconde, mas attenda bem que se elles estivessem somente vermelhos, o governo havia de dar um exemplo terrivel, fazendo-o apenas barão. Junte as nodoas negras dos subditos de Sua Magestade ao requerimento, e apresente-o na secretaria para ir a despacho.

NOVO MOYSÉS

Com este titulo annunciou o *Diario Illustrado* que um guarda da alfandega salvou uma creança que ia bóiando no Tejo — morta — dentro de uma barrica, fazendo entrega d'ella na estação do Caes das Columnas.

Francamente, não estará o *Diario Illustrado* possuido da duvida de que possam ser identicos os papeis reservados ao Moysés de que falla a Biblia e aquelle de que reza a parte de policia?

Ou reputará esta circumstancia insignificante, suppondo que tanto importa, para o facto de ser Moysés e conduzir o povo de Deus á terra da promissão, estar vivo como morto?

Por identidade de circumstancias está o *Diario Illustrado* obrigado desde hoje a chamar Messias a todos os que nascerem n'uma estrebaria, aliás julgamol-o tão parcial a favor do partido regenerador como do Velho Testamento.

Correia Leite, que, pelas correspondencias de Paris enviadas semanalmente ao *Diario de Noticias*, toma a pouco e pouco proporções epicas, a ponto d'elle e de Camões serem hoje as duas figuras patrias mais conhecidas no estrangeiro, acaba de surprehender a litteratura franceza com um mimo de inapreciavel valor.

Correia Leite podia, seguindo a velha rotina, offerecer á França uma traducção dos *Lusiadas*, uma amostra do *nosso bello clima*, ou uma duzia de garrafas de *Madeira secco*—as tres coisas realmente boas que ainda nos restam das passadas grandezas; não quiz, porém, fazel-o, para que o não podessem taxar de banal e de imitador; offereceu simplesmente á Sociedade dos homens de letras, franceza, um trecho do *nosso Codigo Civil* posto em gaulez.

É de crer que a Sociedade agradecesse pela bocca do seu presidente o mimo, lamentando no fundo d'alma não beber antes o vinho.

N'este momento Correia Leite trabalha em Paris na versão da *Lei do imposto de consumo*, e na do ultimo discurso do sr. Visconde d'Arriaga, para serem presentes ao congresso, como prova do nosso adiantamento financeiro e intellectual.



ESQUADRA portugueza entrou n'um periodo romantico, extremamente propicio ao *Tejo de crystal* e ás ordens da armada recitadas ao piano.

«O *Pimpão* aproveitou um dos ultimos dias de sol para dar um passeio

pelo Tejo», noticiou uma folha.

Não sabemos se o *Pimpão* foi movido pela machina, ou simplesmente pelo desejo de verificar praticamente os encantos da *Judia* do sr. Thomaz Ribeiro; parece entretanto que achou o passeio encantador e que tenciona repetir as suas excursões, vindo uma vez por outra a S. Carlos, se a empresa este anno fizer cantar o *Trovador*.

O *Pimpão* até aqui alimentava ostras, agora começa elle proprio a alimentar-se de ideal.

Debaixo do ponto de vista patriotico, para a defeza da

patria, é todavia certo que os suspiros não são de fórma alguma inferiores ao marisco, se bem que sejam menos estimulantes.



Diario Illustrado trata já o ultimo presidente do conselho com a semceremonia com que se tratam os que estão no goso pleno da immortalidade.

«Chegou á ilha de tal o cunhado do *grande estadista Fontes*», disse elle ha pouco, como quem diria «o primo do grande estadista Bismark, o tio do grande estadista Roberto Peel, o sogro do grande estadista Colbert».

Parece nos ainda cedo demais para um tratamento tão desceremonioso. Espere o *Illustrado* no seu escriptorio que sobre a memoria do *grande estadista* tenha passado meio seculo pelo menos, e que a historia lhe tenha posto algumas teias d'aranha na frente, para avaliar então de que tamanho é.

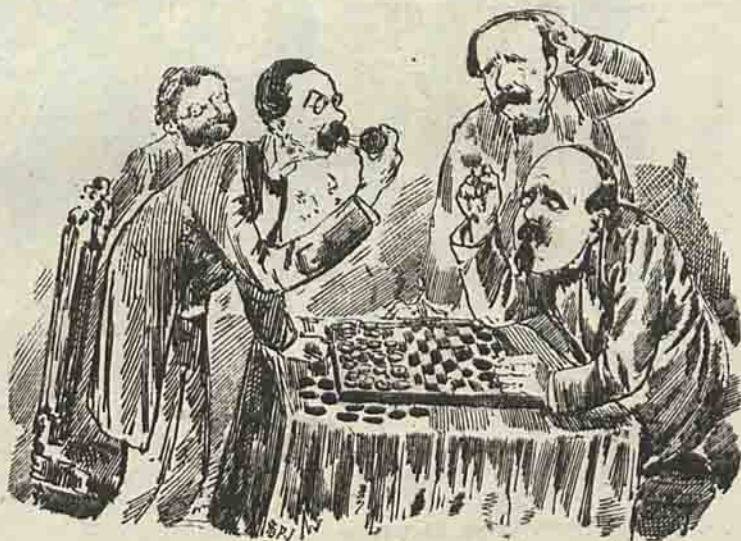
Por emquanto, vistos de perto, elle, o sr. de Bolama e o sr. Anselmo, parecem exactamente da mesma altura, mais palmo d'estrada, menos palmo d'estrada.

Ultimos acontecimentos politicos



O rei *Antonio Maria*, derrotado, passeia como Napoleão em Santa Helena.

— Ao menos venda-nos o seu chapeu de batalha, gritam-lhe os judeus de todos os lados.



Batota eleitoral.— O jogador Luciano soprou quasi todas as pedras aos parceiros.

OCIOS NA RIBEIRA NOVA DA POLITICA



RAPHAEL BORDO. OPINHEIRO

O ministerio, enquanto não se abre o mercado em janeiro, descança. — Marques de Saragoça põe uma cataplasma official nas costas de um preto, para o curar das ultimas chibatadas coloniaes. — A vendeira da fazenda affaga o cão do thesouero. — O barbeiro da justiça abre a corôa ao confessor, que lhe brada que só quer *meia corôa*. — Marianna põe a roupa a enxugar. — Luciana cata a maleirinha da presidencia. — A melicia faz namoro militar, e a obra publica meche n'uma coisa que encontrou no chão, parecida com um rebuçado de *Cambrone*.

NA CAPELLA DO POPULAR

(A LENDA DO JACARÉ)



Não vás de noite a S. Roque,
Ninguém de noite lá vá,
Dois lagartos a roboque
Passeiam de cá para lá;
Jesus, Marianno, vê lá,
Não vás de noite a S. Roque!

É o jacaré e o Minhava,
Vi-os á luz do candéio.
Quando a luz de cá lhes dava,
Vi-lhes as pencas em cheio,
Tomavam esturrinho, creio,
O jacaré e o Minhava!

Empalhando-os, o Gusmão,
Nem assim os separou!
Á mesa da redacção
Foi de balde que os atou!
Só um nariz lhe escapou
Empalhando-os o Gusmão!

São mais pandigos agora!
Que os veja como eu os vi...
Do gabinete cá fóra,

Passeiando por allí!
Se Gusmão visse o que eu vi!
São mais pandigos agora.

Ambos á moda vestidos,
O Minhava de chapéu,
Promettia, commovido,
Comprar toicinho do céu:
São dois *gajos*, disse eu,
Ambos á moda vestidos!

Uma e uma as trouxas d'ovos
Do Costa iam contando,
Eram dois amantes novos
Por trouxas beijos trocando!
Ah! Gusmão vae-lhes pagando
Uma e uma as trouxas d'ovos!...

Que nos importa o Cyrillo,
Diziam, não tem poder.
Amor é isto ou aquillo,
Na vida é nata a correr;
Se é morte a gente escrever,
Que nos importa o Cyrillo?

Nem das patrulhas tem medo.
Nem de que o Carmo os recolha,
E vão-se ao banco em segredo,
Sempre a beijar-se... Ai que bolha!
Não escrevem nada na folha,
Nem das patrulhas tem medo!...

Não vás de noite a S. Roque,
Ninguém de noite lá vá;
Dois lagartos a reboque
Passeiam de cá para lá,
Jesus, Marianno, vê lá,
Não vás de noite a S. Roque!

O SINEIRO DE S. PAULO.

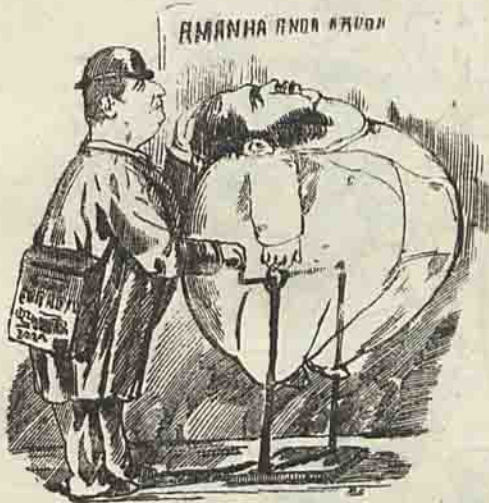
NOVO TIGRE CONSTITUCIONAL



O sr. conselheiro Arrobos declarou, em sessão da junta geral do districto, que em janeiro, em se abrindo o parlamento, havia de ser um tigre!

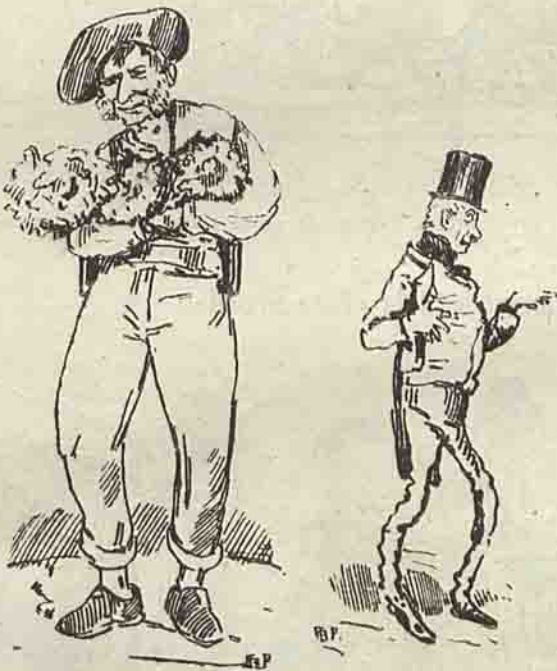
Ahi o damos em *toilette* de fera, tal qual s. ex.^a tem obrigação de se apresentar nos juncaes de S. Bento, se não quizer que a junta geral do districto lhe tire o logar e o dê a alguns dos leões que estão no Price.

QUEM QUER A TALUDA ?



O cambista Fonseca participa aos seus numerosos freguezes que em consequencia de estar feito camarista, nos dias em que não andar á roda, tenciona fazer andar o *Có-có*.

THEATRO DO GYMNASIO



O actor Faria apresenta-se ao publico, que o cobre de flores, depois d'elle se ter coberto de cal e dar serventia a pedreiros no Brazil, aonde por fim o deram por morto, em compensação de não lhe darem mais nada. Elle e Antonio Pedro, o *Dr. Raimunculo*, impagaveis!

Chegou o genio da nossa grande tragica D. Emilia áquella phase em que já não dispensa a intervenção da força armada.

No domingo foram presos no theatro de D. Maria tres pateantes, que mostravam o seu desagrado a *Rosa Miguel*, e é de crer que com o augmento das recitas augmente o numero das prisões.

Estamos convencidos de que quanto mais creações a illustre tragica for fazendo maior numero de praças da municipal a empreza irá requisitando.

Ainda ha de chegar tempo em que os jornaes digam:

«Sóbe hoje á scena no theatro de D. Maria II a nova peça em que a immorredoura actriz Emilia das Neves tem um papel importante.

«As tropas da guarnição tiveram ordem de ficar de prevenção nos quartéis.



EMOS nas chronicas mundanas da semana ultima:

—Chegou hontem a Lisboa madame Ferrieres, celebrada modista parisiense que vem receber ordens de sua magestade a rainha a respeito de varias *toilettes*.

—Despacharam-se na alfandega doze caixas, contendo vestimentas para o novo nuncio, avaliadas em 16 contos de réis.

Aproximando estas duas noticias, occorre-nos o seguinte:

Monsenhor Mazella virá disposto a competir em elegancia com sua magestade a rainha?

Ou conterão as caixas simples *toilettes* de purpura, com pretensões apenas a offuscar o cabido da sé?

Os antigos apostolos não se vestiam com dezeseis contos, vestiam-se com dezeseis tostões, prova evidente de que ou o preço dos tecidos augmentou ou a humildade da egreja diminuiu.

Innocentemente, queremos acreditar o: o *Diario de Noticias*, dando conta do relatorio respectivo ás obras do tribunal militar de Santa Clara, chamou ao edificio *hospital militar*.

Evidentemente, attendendo ás *mazellas* que o relatorio dá como encontradas lá dentro, não pôde ser outra coisa.

Aqui está uma bella moradia para o novo nuncio de Sua Santidade.

Os maritimos do Algarve deram cabo d'um pescador hespanhol; os *dilletanti* de Madrid apoderaram se do cantor *Abrugnedo* como desforra de similhante desfeita.

A empreza de S. Carlos tem pois de contentar-se com o tenor Gazul, a fim de evitar um conflicto internacional.

AO CIRCO PRICE!!!



Whittoyne, o velho rei dos palhaços, desthronado, dá hoje uma audiência de gargalhada no recinto do Circo Price, aonde reinou tanto tempo!
 Apresentará o seu successor ao respeitavel publico, tendo-o previamente bezuntado da alvaiade, que é o baptismo dos funambulos. Espera que toda a sua cõrte será presente á cerimonia.

Theatro de D. Maria II. — Quarta representação da « Rosa Miguel »

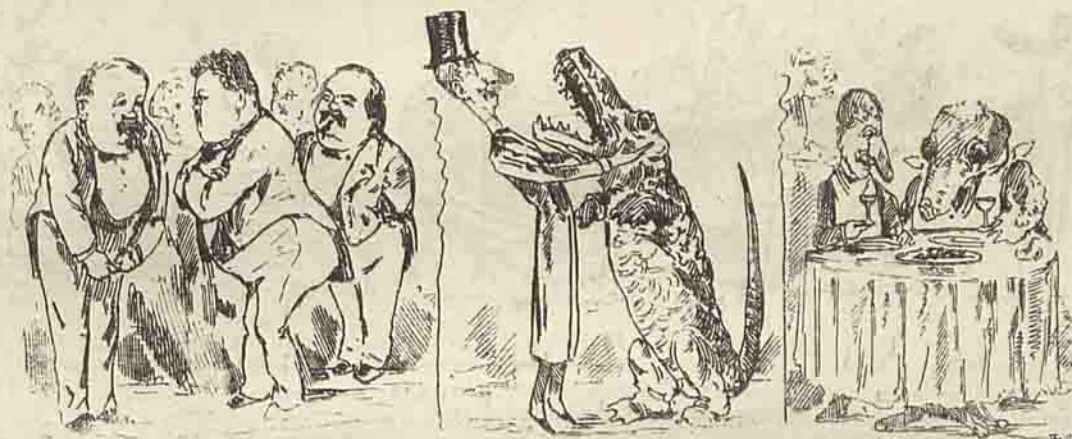


D. Emilia Miguel não diz nada, porque não ouve o ponto. O ponto grita e ella: An?... O ponto ergue-se e ella nicles! O ponto sobe e Emilia Moita!

Chronica da semana



Os melhores narizes de Lisboa vão em comissão comprimentar uma prima donna illustre, que os recebe cheia de reconhecimento.



Alguns admiradores ficam tristes, por não terem nariz condigno d esta solemnidade.

Depois da recepção, Minhava acaricia o jacaré, ao qual está ensinando orthographia sonica para o lançar contra a academia.

Corre com elle á mesa, e é ahí que o jacaré lançando as vista em redor



ayista a Camoniana, e se atira a ella comendo-a toda d'uma vez, faminto de Lusiadas.

Minhava põe as mãos na cabeça.

Dá-lhe laxantes, e o jacaré nada de Camões!..



Até que por fim o bicho se exaspera, e traga o nariz do Minhava. Horror!

O triste desnarigado corre a queixar-se á redacção do *Popular*.

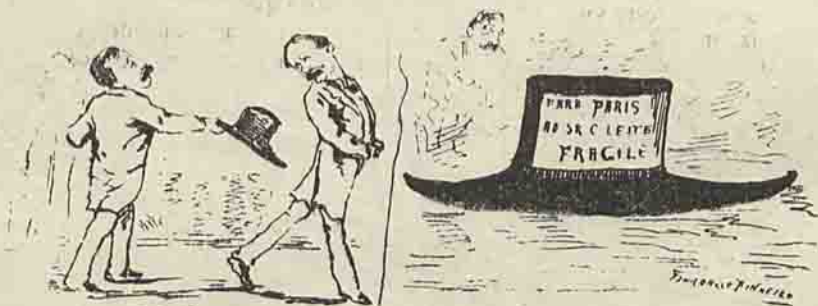
Para ver se o consolam, mandam chamar o correligionario Alves da Fonseca, que se acha no mesmo estado.



Continuando os choros, resolvem pedir o chapéu emprestado ao nosso ministro em Madrid, em passeio por Lisboa, a fim de ver se é possível tirar os dentes ao lagarto. O plenipotenciario consente.

O jacaré avança persuadindo se de que é mais Camões, e mordendo o chapéu que o *poder occulto* lhe atira,

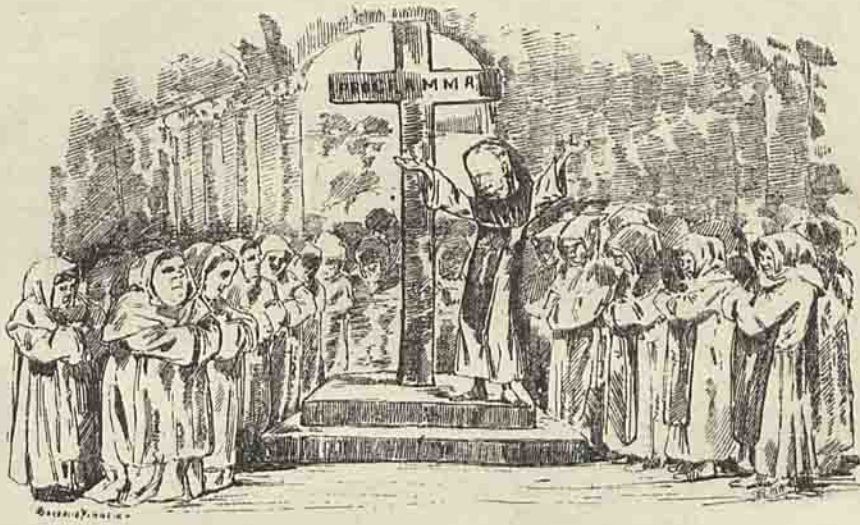
larga a dentuça toda.



O *poder occulto* julgava atirar o chapéu ao jacaré regenerador, mas achou-se enganado. Elle é lagarto velho: já não come chapéus.

Consta que, á ultima hora, vão enviar o chapéu para Paris, afim de o experimentar no sr. Correia Leite, que muita gente receia trinque o Camões antes das festas do centenario.

4.º Acto da «Favorita»



Suppõe-se que o parlamento, em janeiro, deve apresentar pouco mais ou menos o mesmo numero de conegos que a opera.

MEMENTO HOMO!

(REQUIEM DO PRIOR)

Lembra-te bem, Anselmo transparente
Que ás vezes, se ao estadista cabe um dente,
Sem que se espere nem se saiba como,
O Poder, que os seus vassallos tanto ama,
Manda logo a correr chamar Bolama.
Memento homo!

Saraiva, governar é bem bonito:
Mas só teu casacão é infinito!
O resto dura apenas um momento!
Um ministerio em breve fica roto,
Quando é feito de mau panno piloto;
Pois bem: *Memento!*

Ó Burros, que te nutres de finanças,
Attende bem que as tuas fallas mansas,
Como um Santo Evangelho eu não as tomo.
A chaga do orçamento verte sangue,
E coitado, o paiz sente-se exangue!
Memento homo!

Meu Saragoça, a armada portugueza
Está mesmo um primor, uma belleza!
O Pimpão quer correr no hypodromo!
Mossamedes, Macau, Solor, Timor,
Se não lhe acodes, fogem a vapor:
Memento homo!

Abrau e Coça, a tropa não se zanga
Por ser, tal qual a vés, tropa findanga,
Mas o leão da Hespanha vela attento.
Vê se entre devaneios e suspiros
Tu fazes com que as armas dêem tiros.
Abrau — Memento!

Agradeço, Luciano, os teus favores,
Fizeste um parlamento de priores:
São onze, creio eu, se bem os sómno:
A completar a duzia aqui te emprazo,
Pois um prior de mais não faz ao caso.
Memento homo!

Adriano Rachado, os teus discursos
Rugem dentro de ti, quaes bandos d'ursos,
Que eu ha muito desejo ver se dómo.
Oh! não os soltes sem chegar janeiro,
Porque eu serei então seu companheiro.
Memento homo!

Peixoto Pimentel, o immortal philanthropo das Flores,
achou emfim um coração sensivel que o obsequiou com
uma carruagem para transportar os doentes da sua ilha.

Uma carruagem é sempre muito mais applicavel aos
sãos do que aos doentes e sobretudo n'um archipelago
torna-se d'uma utilidade problematica, especialmente se
se tratar do transporte dos enfermos de S. Jorge para
as Flores.

É verdade que uma carruagem para andar precisa de
que a puxem, e *ninguém* está mais no caso de o fazer
que uma parelha.

Entretanto, se o Peixoto Pimentel, em vez d'uma lan-
ça lhe puzer um leme, e em vez d'uma parelha uma ve-
la, é muito possivel que a carruagem *navegue* satisfacto-
riamente á bolina.

A vela e o leme tem sobretudo uma vantagem: é não
comerem ração.

THEATRO LYRICO

PAGINA OFFERECIDA A JULIO CESAR MACHADO



RAPHAEL BORDELLO PINHEIRO

O barytono Pandolphini, com uma grande voz; o tenor Bulterini, com uma voz grande; madame Fricci, com uma voz alguma cousa mais pequena... Não forcemos...

ENCONTRO DE DOIS ASTROS



Emilia, a tragica eterna;
Fricci, a luz de todos nós,
Encontram-se ambas e dizem:
— Então como vae de voz?

Á maneira do que lá por fóra se está praticando com os grandes homens, Antonio Maria enviou um d'estes dias o seu melhor reporter á rua de S. Bento, afim de ter uma conferencia sobre diversas questões politicas da actualidade com o grande estadista que em tudo parece immortal menos nos dentes.

O nosso reporter encontrou o grande homem pensativo e de chambre. Na fronte tinha alguns sulcos que não foi possivel investigar bem se seriam produzidos pelo pensamento, se bem que ao nosso reporter parecessem escuros demais para isso.

Depois de contemplar um momento o nosso informador, o grande estadista perguntou-lhe, tal qual costumam fazer em transes identicos Bismark, Beansconfield, Gambetta e Cairoli:—«O que pretendeis de mim?»

— Senhor, desejava interrogar-vos sobre a marcha dos acontecimentos!

— Fallae.

— O actual gabinete conservar-se-ha muito tempo no poder?

— Isso depende das circumstancias. Anselmo já não pôde cair pelos proprios dentes, em consequencia d'elles lhe terem cahido antes de tempo; entretanto pôde muito bem acontecer que seja obrigado a cair pelos dentes dos outros.

— Então, senhor, sois vós partidario d'aquella escola politica que sustenta que em Portugal a administração é principalmente uma questão de dente?

N'isto o grande homem calou-se, e o nosso informador viu que elle mettia os dedos na bocca disfaçadamente, a ver se algum queixal lhe abanava. Entendeu por isso conveniente desviar a conversação para outro campo, e continuou:

— Discute-se n'este momento com muito calor a obra da nova penitenciaria da justiça militar!...

— Então o quê? o quê? gostam da caixa para requerimentos? 600\$000 réis é uma caixa por um real!

— Acham puxadinho demais, alguns!

— Ah! maldição de Deus!... Em todas as provincias da publica administração não ha caixa como aquella! Não sabem elles que o requerimento é hoje a principal base das instituições portuguezas! Que supprimit-o, é supprimit a aspiração nacional, e que portanto a caixa que tiver de receber as petições, tem de ser um mundo?

— Perfeitamente d'accordo. Mas o que dizeis da fechadura por 65\$000 réis, n'um edificio guardado com sentinellas á vista?

— Digo que a fechadura é um pretexto para entreter a vigilancia das praças de pret. Se ellas se limitassem a guardar o edificio podiam adormecer; assim, obrigadas a guardar ao mesmo tempo a fechadura, estarão sempre acordadas. O meu pensamento de acordar o espirito militar do exercito está bem manifesto n'este ferrolho.

— E o polimento dado n'aquellas peças mysteriosas para uso secreto do tribunal? 248\$000 réis! Ha quem ache polimento de mais applicado ao que a magestade da justiça tem de somenos!

— Laboram n'um equivoco. Juizes ha que exercem a bem dizer funções mais solennes com menos convicção, do que aquellas a que foi consagrado esse polimento.

— E uma escada de quatorze degraus por quatorze contos, quasi um conto por degrau?!

— A escada por que tem subido ao poder a maioria dos nossos estadistas custou com certeza muito mais cara. Um conto por degrau é uma miseria. Por mim declaro que poucas vezes tenho pago os degraus por onde subo a menos d'um logar de chefe de repartição ou de conselheiro do tribunal de contas — a conto e seiscentos.

— Accusam-vos tambem de ter construido no novo tribunal cavallariças de marmore, ao passo que os juizes dos tribunaes civis jazem em pocilgas de pinho.

— Tinha tenção de remediar esse inconveniente por transferencia de pessoal.

— Posso então fazer publico o resultado da nossa conversa?

— De certo, mas veja se disfarça de fóрма que não se saiba que fui eu que lh'o disse. Diga que foi o Marques das Bogalhinhas.

— Póde v. ex.^a estar descansado. Ninguem o hade saber.

Deusa dos Mares, tal é o titulo de um bailado de grande espectáculo que o sr. primeiro bailarino de S. Carlos se propõe a ensaiar com musica do sr. Justino.

Que os ceus permittam que este Justino não seja o Soares, e esta *Deusa dos Mares* a antiga barca de banhos!

Desgraçado d'aquelle que mergulhasse no corpo de baile!...

A Sociedade Protectora dos Animaes tambem publicou o seu *Almanach*. Traz versos, tabellas de incendios e de portes do correio, horario do caminho de ferro e outras indicações uteis.

Se d'ora ávante, qualquer pessoa se dirigir a um jumento a perguntar quantos são d'um mez, e não obter resposta, de duas uma, ou o jumento é teimoso ou não sabe ler.

E todavia talvez assignasse para o jornal *Paris Murcia* para fingir que sabe francez!...

CHARUTOS «ANTONIO MARIA»

Ora até que afinal já *fazemos fumar!*



Depois de varias voltas, a *Vuelta abajo* enrolou-se na nossa propria folha e fez de *Antonio Maria* um charuto.

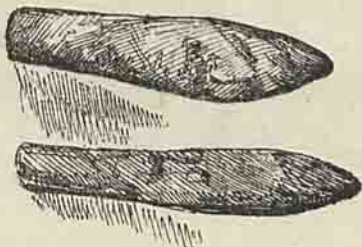


De fórma que o leitor que nos lê, póde ao mesmo tempo fazer a honra de nos aspirar! Podemos emfim dizer cheios de orgulho que já valemos 30 reis!

Temos saboreado os novos charutos *Antonio Maria* depois de jantar e confessamos que de todo em todo os não achamos maus!

À fabrica de la *Vuelta Abajo* e aos seus proprietarios, os srs. Adrião e Teixeira, os nossos agradecimentos.

Os charutos são muito melhores do que o retrato que se vê na caixa; entretanto como homenagem em tabaco manipulado não podiamos aspirar a tanto!



A AUDIENCIA DO CORREIO PINA

NOTAS DE UM ESPECTADOR

Hontem, no riquissimo tribunal militar de Santa Clara, tribunal que mais parece pelo aspecto luxuoso uma mansão destinada ao sr. visconde da Gandarinha do que uma estancia severa da justiça, teve logar o julgamento do correio Pina.

Presentes como testemunhas de accusação, meio batalhão de praças de pret.

Como testemunhas de defeza quatro *paizanas*, entre os quaes Miranda, o filho querido dos Olivaes, e o reverendo prior, astro da Lapa.

Quando chegou a hora do juramento, o anel do prior ia assombrando como um raio o conselho de guerra!

O sr. auditor demorou muito a audiencia por causa dos quesitos, o que a muita gente pareceu *esquisito*.

As caras dos guardas do tribunal, ferozes.

O dr. Valle queria que o correio fosse julgado no tribunal da Boa Hora, o tribunal militar que exulta sempre que apanha á unha uma victima, reclamava a vida do prisioneiro para si.

O capitão offendido foi dispensado de depôr.

O chicote na bocca das praças de pret tomou proporções legendarias.

Houve discussão se o ministro Adriano e o reverendo prior se tinham rido na occasião do conflicto. O prior allegou que nunca em sua vida deixou de rir. O riso é um dos *seus feitiços*, embora esteja serio.

Os soldados chamavam-lhe o *homem da barba feita*.

O *sexenta e xeis* chamou sempre ao reu o *xenhor correio*, allegando que não sabia mais nada.

Em conclusão, o tribunal desembainhou as espadas e condemnou o correio Pina ao *minimo* da pena — cinco annos de deportação.

Com respeito ao tribunal. A fechadura parece valer pouco menos do que o dinheiro que custou.

Muitos *sophás* para o exercito.

Muitos *parquets* para as praças, grande numero de bancos de polimento, e nenhuma acustica.

A caixa dos requerimentos digna como monumento de figurar ao pé da Batalha! O pulpito do tribunal digno de ser occupado pelo reverendo prior.

Em conclusão, o tribunal de Santa Clara parece um tribunal para se ver e o da Boa Hora para se cheirar.

AO LEITOR

MEU AMIGO.—O *Antonio Maria* foi hontem á audiencia em que fôo julgado o correio Pina, e desenhou uma estampa com todas as peripecias e todos os typos do julgamento. Deu-se porém um caso insuperavel. O nosso zincographo adoeceu, em consequencia do que foi impossivel gravar para hoje a estampa alludida, a qual devia occupar a pagina destinada a assumptos lyricos, feita de antemão.

Se o caso não envelhecer, será tratado no numero seguinte, ou talvez em supplemento.

Antes da audiência



—Sr. Prior, tenha cuidado não prevarique! Agora se alguém lhe perguntar se o correio Pina bateu com o pingalim na tropa, diga que não viu.

Depois da eleição na Covilhã



— Fugiu-me o balão, an!... Olhe, foi aquelle brejeiro que me cortou o cordel!...
— Ah! patife, se te apanho!...

25 DE NOVEMBRO - Os escriptos



O pezadello do amanuense.

Alegrias do cidadão portuguez



Na noite de 24 de julho um foguete tira-lhe um olho.



Na manhã de 25 de novembro o senhorio tira-lhe os dois.

OS ESCRIPTOS

Episodios do dia 25 de novembro

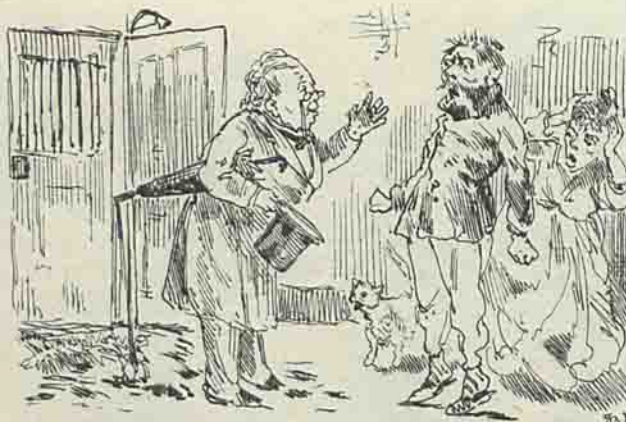


1.º Senhorio:—Com este é o quinto inquilino que esfolo.

FUTURO DOS HABITANTES DE LISBOA



Inquilino:— Assim mesmo aqui chove menos do que na outra!...



2.º Senhorio:— Saiba que a sua renda fica sendo mais seis libras. D'aqui a pouco vem as noites grandes, e portanto é justo o augmento.

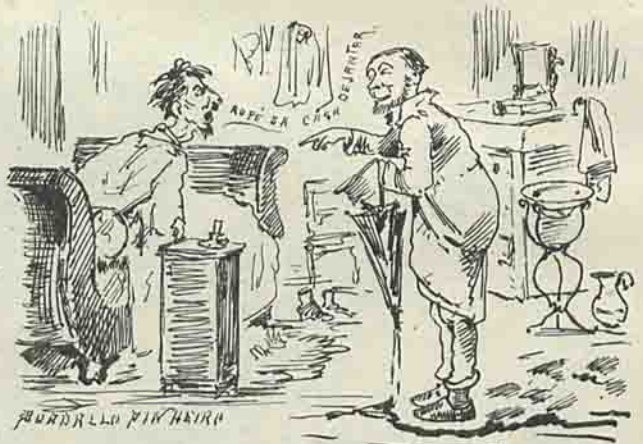


3.º Senhorio:— Meu caro inquilino, attendendo a que sua esposa acaba de ter mais dois gêmeos, tem este semestre de pagar mais tres libras!

A ver casas



Sujeitos que se aproveitam das vantagens do dia 25 para verem as casas e os namoros.



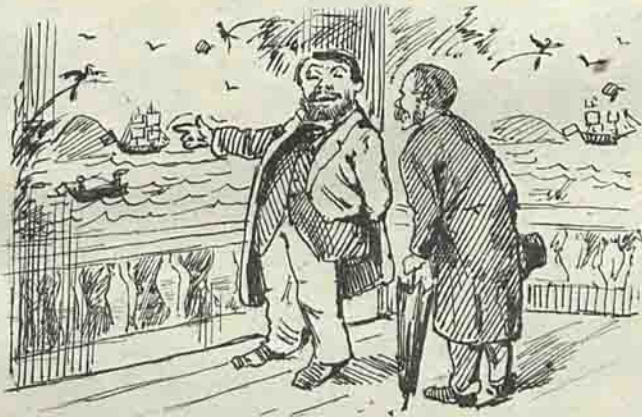
Às 7 da manhã.
— A casa tem pia?
— Não, senhor, tem piano.



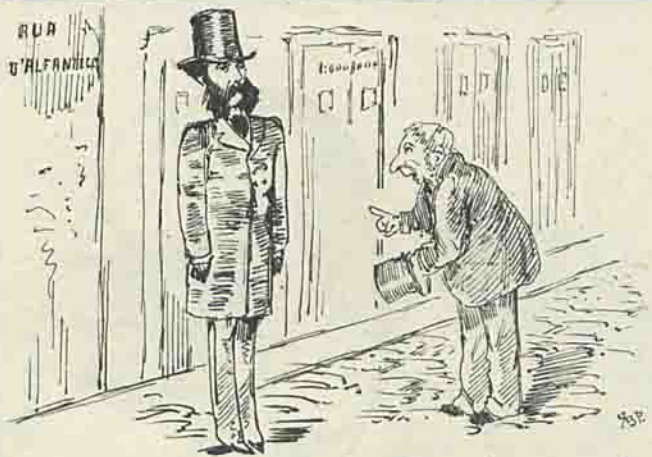
As 7 da noite.
 — Esqueceu-me perguntar-lhe outra coisa. A pia tem syphão ?
 — Nada; quem o tem é o senhorio.



— Dá-me licença que suba acima d'esta mesa de jantar, para ver se o meu papagaio fica aqui bem dependurado no tecto ?
 — Póde subir: quando eu gemo, é justo que os moveis gemam tambem.



— Então não abate mais nada na renda ?
 — Não póde ser. A casa está muito bonita. Repara que ainda este anno lhe mandei por vista de mar...



Inquilino: — Por quanto aluga a casa ?
 — A casa é de graça; as portas é um conto de réis cada uma.
 — E para o semestre que vem aumenta a renda?
 — Não sr. aumento as portas.

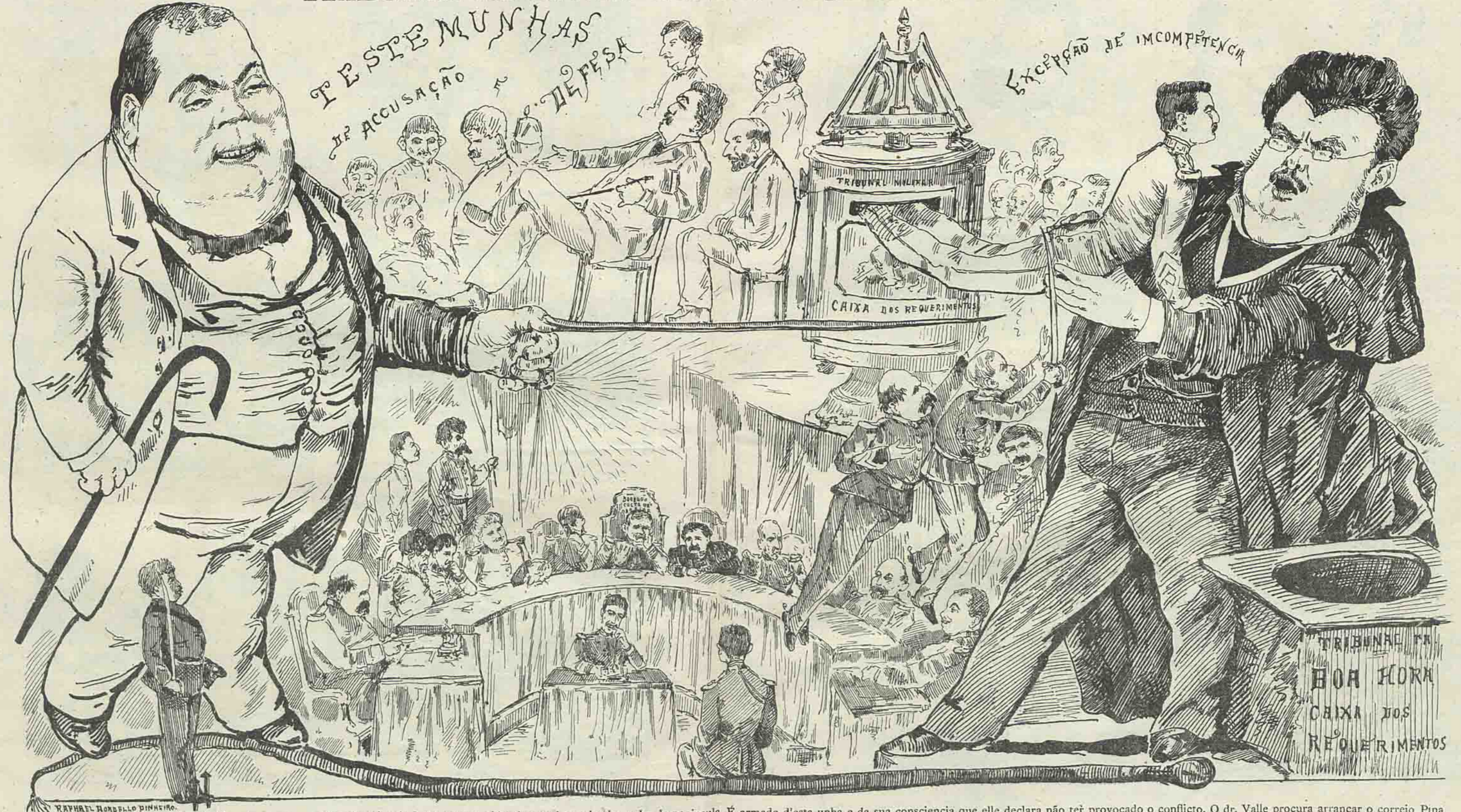


Os tres que se alegram na tarde de 25, são; o gallego, o dono do prego e o senhorio... de baração e cutello.



Ora digam o que disserem, mesmo assim os unicos que não levantam as rendas são os donos de Carmo e do Limoeiro
 A gente é que lhes levanta os rendimentos a elles.

TRIBUNAL DE SANTA CLARA.— Julgamento do correio Pina



TESTEMUNHAS
DE ACCUSAÇÃO E DE PÉSSIMA

EXCEÇÃO DE INCOMPETÊNCIA

TRIBUNAL PA
BOA HORA
CAIXA DOS
REQUERIMENTOS

RAPHAEL BORDELLO PINHEIRO.
Antonio Maria descobre á ultima hora que o reverendo prior da Lapa possui, além do anel, a primeira unha da península. É armado d'esta unha e da sua consciencia que elle declara não ter provocado o conflicto. O dr. Valle procura arrancar o correio Pina das garras do tribunal, mas em vista do depoimento das praças de pret, que depõem a favor da accusação, com a independencia que lhes é propria, o conselho de guerra condemna o correio Pina a cinco annos de deportação. A caixa para requerimentos, a melhor obra nacional, logo depois do arco da rua Augusta, pesou um ponco na consciencia do tribunal.
A accusação declarou, entre outras coisas, que o capitão offendido não se defendeu na occasião propria por ter os pés pregados no chão.

A QUESTÃO DO SALARIO AOS OPERARIOS



— Caro Fontes, qual é a tua opinião a respeito da *mão callosa do operario*?
 — É que lhe devemos prometter agora com a esquerda o que quando estamos no poder lhe costumamos tirar com a direita.

LUIZA LEONARDO — PIANISTA BRASILEIRA



Nome prosaico segundo o *Diario de Noticias* e poetico segundo o *da Manhã*. Os que a ouviram dizem que ella levantou as almas a uma altura a que o cambio do Brasil nunca ha de chegar.

PERGUNTA Á COMPANHIA DOS CARRIS DE FERRO



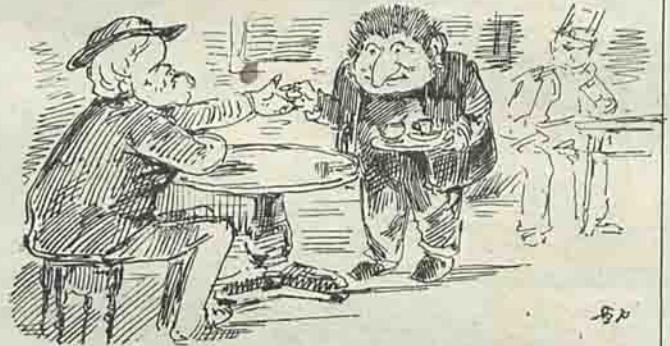
Quando um inquilino da rua dos Mestros se mudar, a quem é que pertence a rua: aos bahús, ou ao *maxambomba*?

N. B. *Maxambomba* é um termo brasileiro, que serve para designar um churrão puxado a Barros.

Compareceu no nosso escriptorio

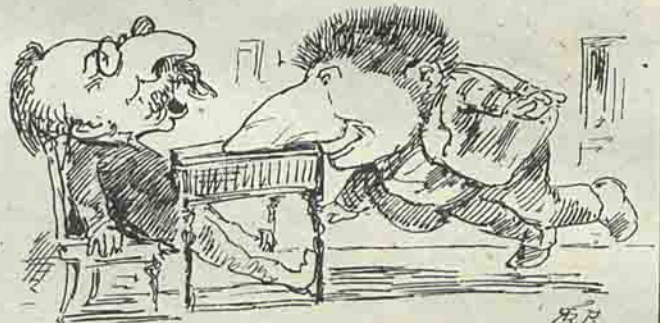


Valentim, o *impagavel* do Martinho,



a quem Sua Magestade o imperador do Brasil, por occasião de tomar o seu primeiro capilé democratico n'aquelle café, accitou vinte réis de demasia, o que indignou altamente Valentim, que desde então jurou não tornar a servir refrescos a testas coroadas.

Valentim expoz-nos modestamente que, sendo elle o primeiro nariz da peninsula, julgava ter direito a figurar na commissão que apresentámos no ultimo numero. E apresentou o nariz em cima da nossa mesa de trabalho.



Sinceramente confessamos a nossa falta. O nariz de Valentim, visto ao comprido, dá não para uma, mas para vinte commissões; posto ao alto, dá uma pyramide do Egypto.

ERRATA



O VALENIM
 É ASSIM.

CIRCO PRICE

O clown Tony Grice



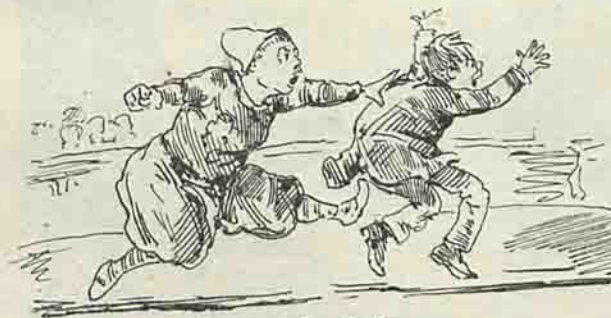
Prodigios de dextreza manual, que Tony Grice manifesta com os pés.

*Epigramma de Tony Grice
à companhia dos caminhos de ferro portuguezes*



A passageiro de 1.ª classe.

A passageiro de 2.ª



A passageiro de 3.ª

THEATRO DE S. CARLOS

Linda de Chamounix

O tenor Gazul por fim de contas não é tão mau como a platéa de S. Carlos o pinta.



É páosinho.

A sr.ª Proaska é bonita. Como cantora parece que não podemos fazer elogio que mais lisongeie a mulher!

Como mulher tem umas bonitas maneiras. Parece que não podemos fazer elogio que mais lisongeie a cantora.



A empresa de S. Carlos, escripturando o tenor Gazul, animou de certa fórma as glorias nacionaes a reclamarem consagração identica.

Justino, o bem conhecido bailarino lizo, requereu que pelo ministerio do reino se nomeasse uma commissão encarregada de examinar se elle está no caso de desempenhar o cargo de primeira bailarina, ou, não podendo ser, de primeiro bailarino.



Affiança elle que, especialmente nos passos de *thesoira* e de *parafuso*, é muito melhor do que o *Justino* italiano, que actualmente está em S. Carlos.

Theatro da Trindade

MADAME FAVART



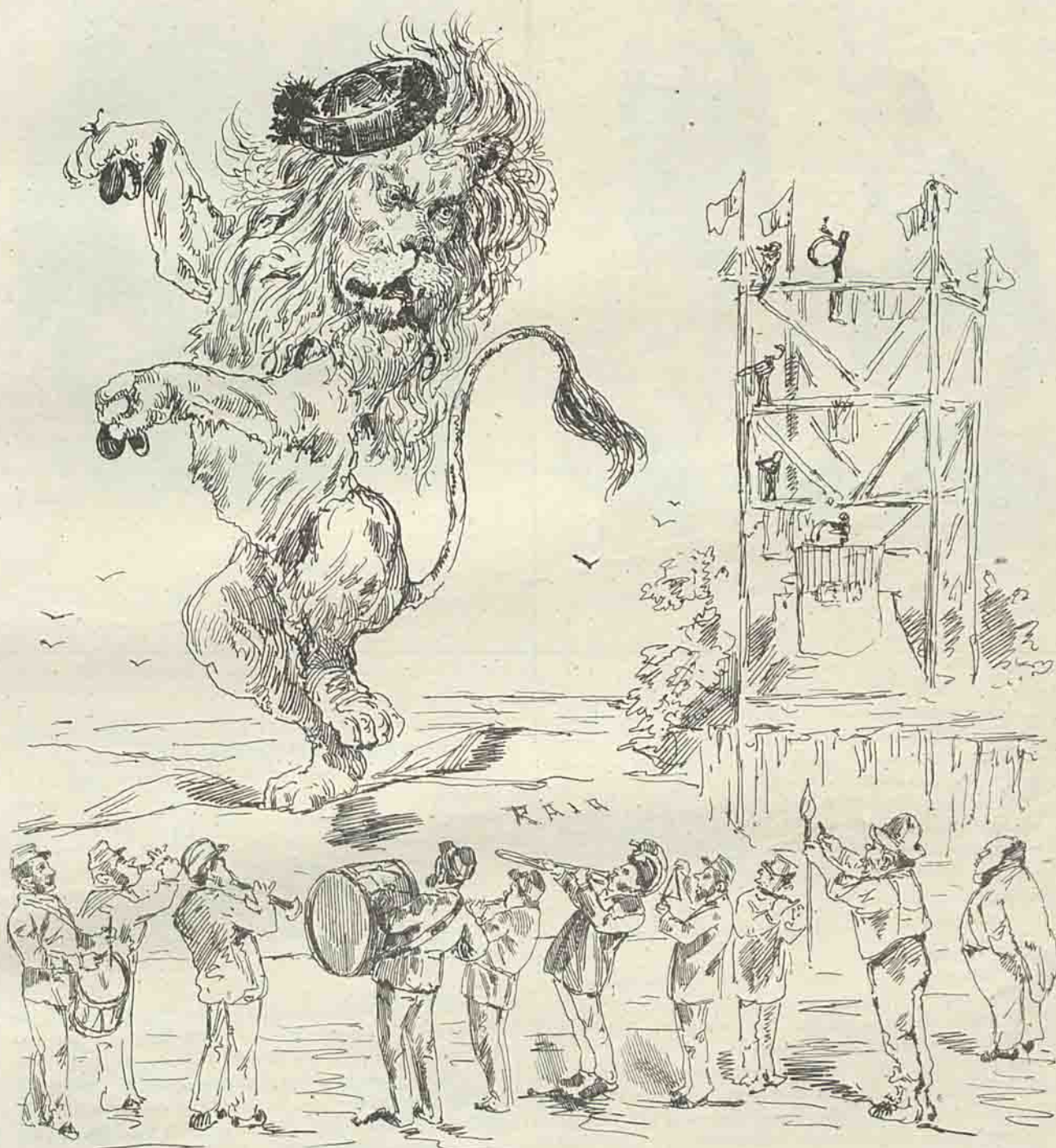
Eduardo Garrido encontrou este successo em Paris, e mettendo-o na algeibra do collete, veio dal-o de presente a Lisboa. A *Madame Favart* vae ter um centenario muito mais certo que o de Camões.

Theatro de D. Maria II.— O «Coq Hardy»



Sabbado 29 Brazão enriquecerá o seu repertorio com mais um typo. É a noite do seu beneficio. Oxalá que o drama enriqueça o theatro e o beneficiado fique um verdadeiro millionario. Sobretudo uma coisa lhe desejamos; é que algum curioso se não lembre de lhe fazer versos.

Festas do 1.º de dezembro



RAFAEL BURVALLO PINHEIRO

O Leão de Castella comprehende, enfim, que em frente da defeza energica da independencia nacional, feita pelas phylharmonicas, o melhor partido que tem a tomar é dançar os boleros.

O SR. MINISTRO DA GUERRA VISITA O EDIFÍCIO DE SANTA CLARA
E ACHA QUE PARA O TAMANHO AINDA É BARATO



Ora seu prior, apanhe lá este pião á unha.

ZÉ POVINHO ASSIGNANDO PARA O «PARIS-MURCIA»



— Vossemecê sabe ler?

— Não, senhor: mas é para fingir que sei francez.

Lia-se em folhetim do *Diário da Manhã* de ante-hontem uma trova em que um bardo disfarçado sob o pseudonymo de Pedro, descompunha a *idéa nova*, a proposito do 1.º de dezembro.

Pedro! O *Antonio Maria* respeita quaesquer agravaos que porventura hajas recebido da referida *idéa*, mas temos a observar-te, Pedro, que os motivos allegados nos teus alexandrinos nos parecem insensatos por varios motivos, Pedro.

- 1.º A *idéa nova*, se permittes que o digamos, não é causadora do deficit.
- 2.º Não escreve os artigos obscenos da politica militante e romantica.
- 3.º Não é da Academia, que nos conste.
- 4.º Não recebe subsidios do estado.
- 5.º Para não alongar emfim a lista, não é de fórma alguma responsavel por essa depressão moral e social da *egrejinha* de que tu, Pedro parece ser uma das pedras angulares e ao mesmo tempo Jeremias.

Ao contrario, a *idéa* no meio das suas allucinações e dos seus excessos tem sido como que um correctivo energico opposto ás demasias dos trovadores romanticos que entre as coisas menos eroticas que recommendavam em

verso ás senhoras, figurava o adulterio como elemento poetico para entreter os ocios, dos pianos.

E tu mesmo, Pedro, tu na tua primeira epistola *ad ephesios*, que lemos com attenção, porque os teus versos são bem feitos e depotam talento, tu mesmo te inspiras na *idéa nova*, quando vês, por exemplo as naus *sombrias a cabecear inuteis, somnolentas*.

Sabes que mais, Pedro: assigna com o teu nome a segunda epistola, afim de que o *Antonio Maria* te possa chamar legalmente á policia correccional da caricatura. E boas noites, tio Pedro.

No dia 1 de dezembro todo o empenho dos jornaes da opposição foi convencer os leitores de que o governo está em ajustes para nos vender á Hespanha, da mesma fórma que o anno passado todo o empenho das folhas que hoje são governamentaes, foi convencer os assignantes de que o sr. Fontes estava quasi a concluir a venda do paiz ao sr. Canovas del Castillo.

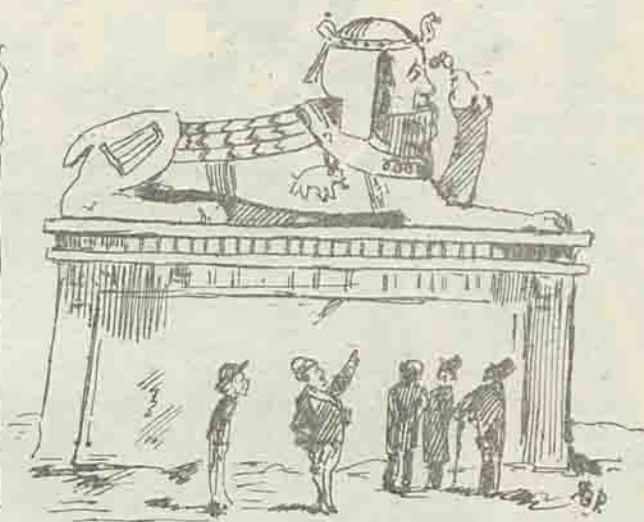
Em tudo isto ha apenas meia verdade. Os partidos militantes não nos ajustam com a Hespanha, procuram simplesmente *ajustar-se* uns aos outros.

A proposito da AIDA



AS MUMIAS

Prova-se que no partido regenerador o sr. Serpa é uma múmia tão bem conservada como o sr. Braamcamp.



A ESPHINGE

Entre os monumentos egypcios da politica portugueza, a esphinge de Bolama é uma das mais impenetraveis.

Um funcionario japonéz, encarregado pelo seu Imperador de mandar construir uma machina de fazer papel moeda, mandou fabricar duas, e enquanto o thesouro do Japão fabricava papel por conta do estado, o funcionario fabricava-o por conta propria.

Agora as justicas do paiz accusam o desgraçado pelo crime de moeda falsa!

Não ha tal: o papel que elle fabricava era tão verdadeiro como o outro; o seu unico peccado é talvez ter-se aproveitado de um cargo de confiança para obter uma machina mais em conta.

Quantas machinas em duplicado para fazer inscripções terá por cá havido, sem que ninguem se tenha preocupado com isso?!

N'este ponto somos mais japonezes do que os do Japão.

Uma grave questão interna e uma grave pendencia exterior preocupa n'este momento os animos dos politicos.

Versam as duas pendencias sobre se deveremos continuar a ter comboio expresso para Madrid, e sobre se a feira da ladra continuará a ser no mesmo sitio.



Com respeito ao comboio expresso, sabe-se já que fica até nova ordem, até que a real companhia o substitua por um d'esses trens relampagos, de que ella tem o segredo, trens que partindo do Caes dos Soldados ás 2 da tarde em ponto, chegam ao Poço do Bispo antes da noite.

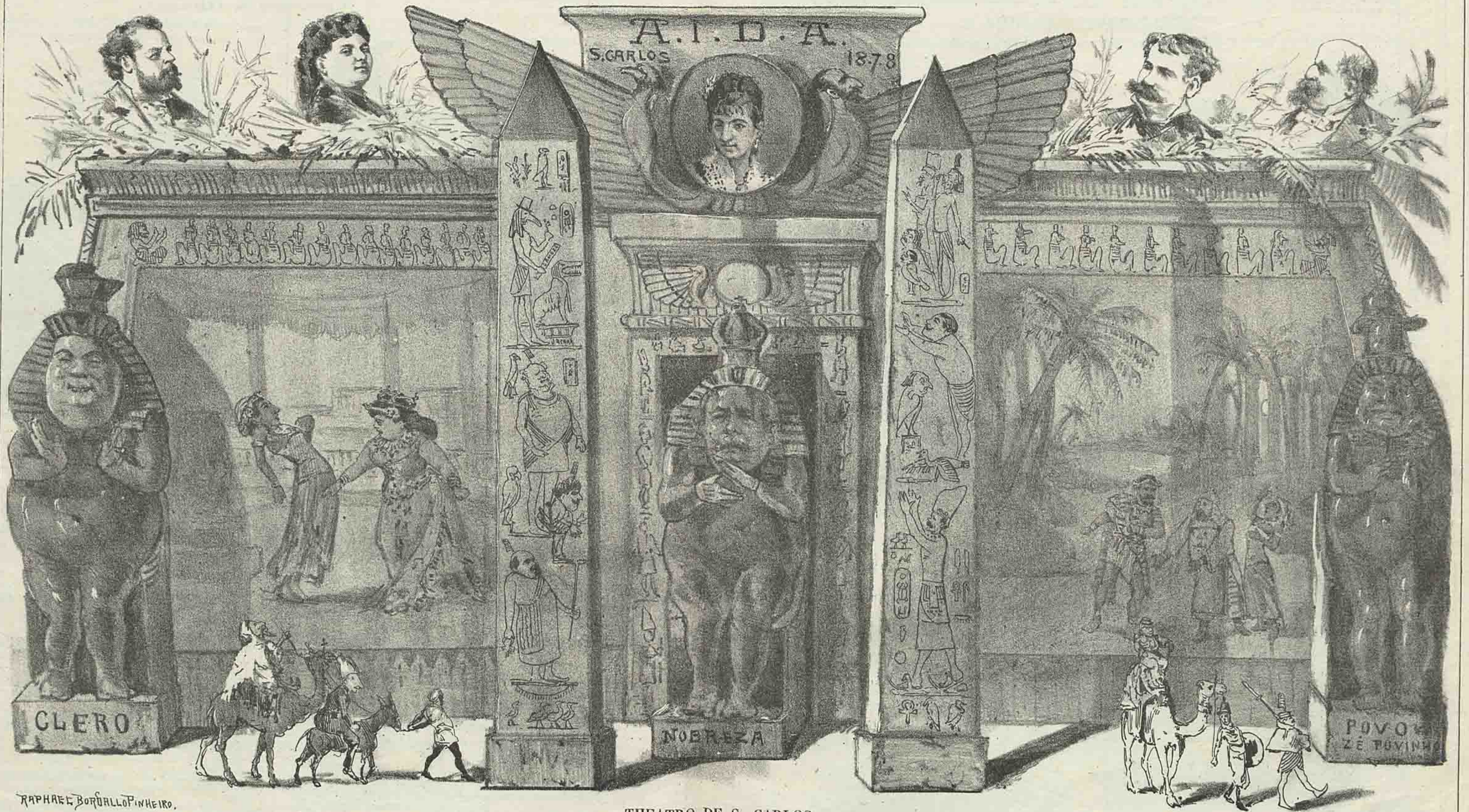
Com relação á feira da ladra nada está por enquanto resolvido, mas ousamos propôr o alvitre de que, em attenção a ser a referida feira uma feira de roupa suja, não se faça nem no Campo de Santa Clara nem no Campo de Sant'Anna.

Deve ser feita no logar hoje occupado pelos artigos de fundo.

Os jornaes hespanhoes, queixam-se já da abundancia de donativos em cofre e da falta d'elles na pessoa dos inundados.

Tal qual o que ainda não ha muito se deu em Portugal: No auge da afflicção o grande comité de soccorros enviou 50000 réis para Aldeia Gallega e 30000 para Vallada, conjunctamente com uma onça de bacalhau a cada inundado effectivo, e quando já tudo estava em secco, distribuiu ás duzentas libras pelos inundados honrarios.





RAPHAEL BORBALLE PINHEIRO.

THEATRO DE S. CARLOS
Primeira representação da 'Aida'—Fantazia egypcia

O entusiasmo communicou-se a todas as almas: clero, nobreza e povo.
 O Antonio Maria, tocado pela voz arrebatadora da Borghi-Mamo, resolve não a dar de perfil.

Ainda a proposito da AIDA

RECLAME A PROPOSITO DA TRANÇA DE M.^{tes} FRICCI

— Tanto cabelo! O que fizestes?
— Puz-lhe o oleo do Egypto.

BENEFICIO DE CARLOS COHEN



Leitores, Antonio Maria é menos má thesoira, mas Cohen, que amanhã realisa a sua festa artistica com o Barba Azul, em que Anna Pereira faz o antigo papel de Carlota, ainda é melhor.

LEMBRANÇA PARA UM FUTURO SCENARIO DO TERCEIRO ACTO



O sacerdote Minhava sahindo do Nilo montado n'um jacaré.

Uma folha do dia declara que a actriz Carolina Pereira estava *um tanto falsa* no papel de Luiz XIV, no drama *Cog-Hardy*.

Pudera: é o mesmo que havia de succeder ao *rei sol*, se o obrigassem a fazer de D. Carolina.

O dia 1 de dezembro deslisou, conforme é costume, cheio d'aquelles moderados entusiasmos patrios de que a Hespanha se não arreceia, e antes se aproveita para dar mais luzimento aos seus espectaculos de zarzuela.

Nos *Recreios* o maestro Catalá foi o primeiro a pôr se á frente do hymno da restauração, e por um pouco que não se veste de padeira d'Aljubarrota para imprimir mais bravura á orchestra.

Parecia que era elle o João Pinto Ribeiro e que Migueis de Vasconcellós eramos nós!

Vejam como a Hespanha é insidiosa!

— Vamos a elles, rapazes! — parecia dizer Catalá apontando para as fronteiras; entretanto no seu intimo o que elle dizia era — *vamos a ellas*.

O maestro no seu grito não se referia aos castelhanos, referia-se ás *seguidillas*.

D. MARIA II.—O Coq Hardy
Tradução litteral — O GALLO ATREVIDO

RETRATO DO GALLO



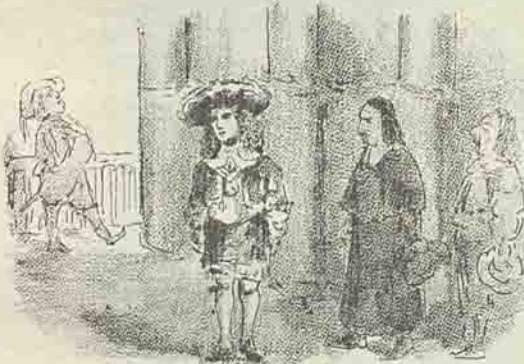
Brazão, protagonista cantou antes da meia noite.

RETRATO DA GALLINHA APOSENTADA



Está choca; não cantou antes nem depois;— cacarejou.

O QUEI LUIZ CATOGUEZE



—É pgeciso salvá a Fgança!

VARIOS PERSONAGENS DA PEÇA



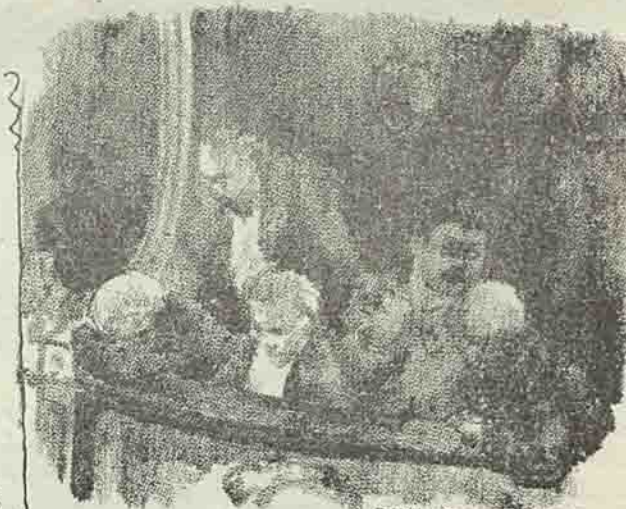
Todos muito bem, muito obrigado.

UMA REMINISCENCIA DA «AIDA»



Processo para tirar ainda alguns sons da primeira tragica portugueza.

JUIZO DO «COQ-HARDY»
Pela commissão Primeiro de Dezembro na noite da 3.ª recita



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

1.º Vogal.—Que bella sonéca que eu tenho feito.
2.º Vogal.—Se nós, para nos vingarmos dos hespanhoes fossemos representar a peça á fronteira?...



Festejos reaes em Madrid, vistos de longe

Os boleros pulam sem se importarem que ao longe se oiçam ainda os gemidos da malaqueña.

Lith: Guedes: R. de Vasco da Gama 9.

Theatro do Gymnasio

O «DIZ-SE» de Gervazio Lobato



Antonio Maria diz o que já está dito, o Diz-se é uma meada de bom torçal mas muito embrulhada. Seu Gervazio, quem tem uma meada d'estas nas mãos, não se distrae.



ORNA-SE urgente estudar o *diletantismo* portuguez, debaixo do seu aspecto litterario e da banha que o cobre. É uma tarefa que aconselhamos aos phisiologistas e aos *naturalistas*, convictos de que lhe apontamos uma verdadeira *mina* a explorar.

No *Diario Illustrado* de terça-feira manifesta-se um d'estes *dilettanti* n'um folhetim encomiastico a proposito de madame Fricci, de quem o folhetim resa o seguinte:

Que madame Fricci esteve em Lisboa *menina e moça*, desabrochando em S. Carlos no *Marino Faliero*.

Mais tarde o *dilettanti* applaudiu-a no seu *meio dia* festivo.

Mais tarde o *dilettanti* applaudiu-a no seu *meio dia* festivo.

E agora applaude-a na creação de *Amneris*.

Aqui o *dilettante* abstem-se prudentemente de fazer rhetorica nocturna ou diurna, pois que dizendo que madame Fricci esteve cá ha muito tempo no *meio dia* festivo, seria forçado a confessar que volta agora na sua *meia noite* gloriosa.

Mas um pouco mais além sustenta que Ovidio teria dito á distincta cantora uma phrase da sua *Arte de amar: Veteres heroidas, equas*.

Isso tambem é de mais: madame Fricci é apenas contemporanea da sr.^a Pusich: querel-a tornar contemporanea de Ovidio parece-nos, pelo menos, uma falta de attenção.

Emfim, meus senhores. Estudemos o *dilettanti* portuguez debaixo dos seus variados aspectos e investiguemos a causa que dá logar ás centenas de folhetims lyricos que durante o inverno flagellam a população lisbonense.

Na França, aonde ha arte muzical, apparecem como criticos da especialidade Fetis e mais dois ou tres collegas. E a França já acha de mais.

Aqui, na platêa de S. Carlos, ha quasi um Fetis por cadeira. São quasi tantos como assentos de palhinha.

Theophilo Ferreira, clinico e vereador, considera na sua qualidade de camarista que a idéa de importar professores do estrangeiro, attribuida por algumas folhas ao sr. ministro do reino, representa uma grave desconsideração para a classe dos pedagogos nacionaes.

E todavia Theophilo, clinico, em vez de estudar medicina pelos tratados de marca nacional, estudou-a provavelmente pelos compendios francezes!

Antonio Maria pede ao professor e camarista Theophilo, queira chamar a uma conciliação a trindade resumida na sua pessoa—vereador, facultativo e mestre de meninos.

Se o pedagogo pensa que é uma desconsideração importar professores do estrangeiro, o medico deve ser d'essa opinião a respeito dos livros de sciencia, e o camarista applaudil-os na sua resolução, encarregando o collega e vereador Guerra Santos de, pelo pelouro da lim-

peza, a seu cargo, se encarregar de escrever os tratados medicos necessarios ás diversas escolas do paiz.

A abegoaria da camara vae naturalmente ter mais trabalho, mas salvam-se os brios nacionaes.

As *inundações de Murcia* já cá chegaram. Foram postas em muzica pelo menino Motta que uma noite d'estas, n'um concerto familiar, executou esta peça caracteristica ao piano, com agrado de todos os assistentes,—diz um jornal.

Dentro em pouco sentiremos pois estas *inundações* por muzica marulhando por cima das nossas cabeças, nos pianos a que as meninas da visinhança vão abrir o dique.

Aconselhamos aos leitores que ouvirem a referida peça caracteristica, mettam requerimentos á commissão de soccorros aos inundados.

Ha quem tenha recebido indemnisações por menos.



EMOS nos jornaes hespanhoes que madame Rattazzi offereceu á Virgem de Malaga um rico manto bordado que estreiou por occasião do *penultimo* casamento do rei D. Affonso XII.

Não sabemos se em compensação madame Rattazzi passou a andar coberta com o manto de Nossa Senhora; entretanto quando uma dama vota as suas *toilettes* á Virgem, não está muito longe de lhe votar a alma.

E desde esse dia começou para os seus convivas a triste viuvez do champagne!

Antonio Maria envia o seu *peçame* aos antigos convivas do Hotel Central, aconselhando-os a deporem, como offrenda piedosa, a casaca dos festins aos pés do Senhor dos Afflictos.

Nos festejos reaes de Madrid nada faltou. Arcos triumphaes, fogos de vistas, illuminações, paradas, *regia comitiva*, corridas de touros, rainha-mãe, augustas princezas, tudo emfim que pôde concorrer para tornar aprazivel uma grande solemnidade.

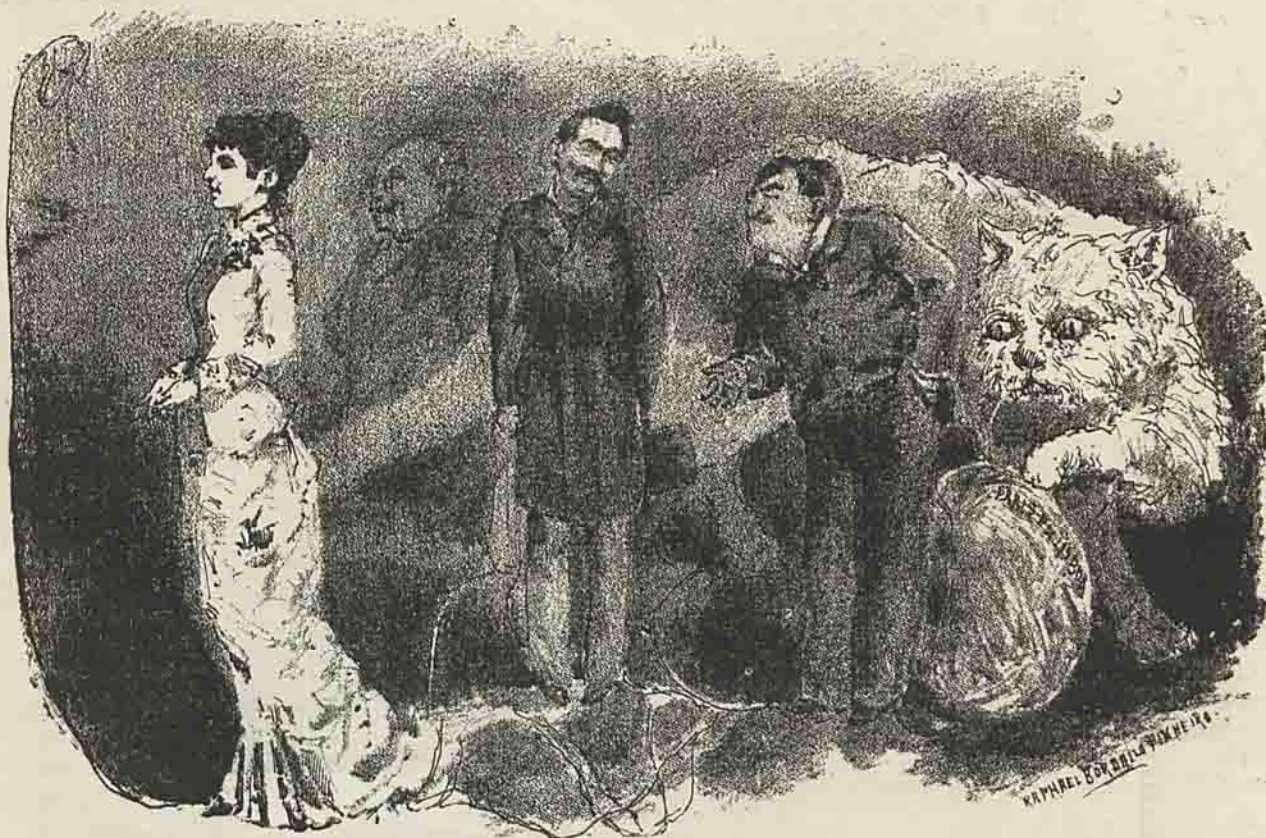
Sómente o *Antonio Maria* nota uma lacuna. Comparando a *rainha-mãe*, o que demonio fez a Hespanha do *rei-pae*, no qual ninguem pensou?

Dar-se-ha caso que este rei pae seja do feitio d'alguns em quem se falla nas operas comicas, mas que nunca chegam a ser vistos pelos espectadores?

Hespanhoes, o que fizesteis do *rei-pae*?... respondei!...

Triste posição a d'um *rei-pae* nas condições do real consorte de D. Isabel II! Nem sequer os correspondentes estrangeiros se lembram de citar o seu nome! É menos do que um *rei-pae* honorario. É um *rei-pae* que chegou depois de dar a hora!

Theatro do Gymnasio



PARIS EM LISBOA

A comedia de Moura Cabral, segundo lá se diz, *tem a linha*. Beatriz, um dos personagens da peça, *tem a linha*, o actor Mello tambem *tem a linha*.

Paris em Lisboa parece-nos um bonito novello que se desembrulha melhor do que o *Diz-se* de Gervasio Lobato.



AVIA muito que o caldo das praças de pret nadava n'um mar de delicias e os feijões solitarios no caldo das praças de pret.

Sabendo isto, o nobre ministro da guerra, receioso de que o exercito prevaricasse no quinto mandamento, ordenou moderação nas panellas regimentaes. D'ora ávante será determinado d'antemão o maximo do preço a que póde attingir cada marmitta da força armada.

Diz-se que vae ser nomeada uma comissão de homens de letras e cozinheiros encarregada de estudar a composição e fabrico do caldo negro de Sparta, a fim de ver se conyem adoptal-o desde já nos corpos da capital.

A avaliar pelo denodo e valor spartano, ha quem supponha, entretanto, mais substancial uma escudela do referido caldo do que o melhor jantar do Hotel Central, ou do de Bragança.

Historia de dois anjinhos de Ponte de Lima, e de como os anjinhos fugiram com as arrecadas e os cordões que os devotos lhes tinham posto.

A procissão ia sahir.

Os devotos chamaram a si d'ois anjos da terra, e depois de os carregarem d'oiro, assim lhes fallaram: Ide e acompanhae os passos do Senhor,

E os anjinhos foram.

E dois peccadores chegaram.

E pegaram nos anjinhos e fugiram com elles.

E a policia começou a correr atraz dos anjos.

E os devotos ainda agora estão lacrimosos á espera dos seus cordões e das suas arrecadas de oiro de lei.

P. S. Recommenda-se aos devotos de Ponte de Lima que não se fiem nos anjos.

É raro o anjo que se enfeita com cordões de oiro, que depois não dê mau pago á gente.

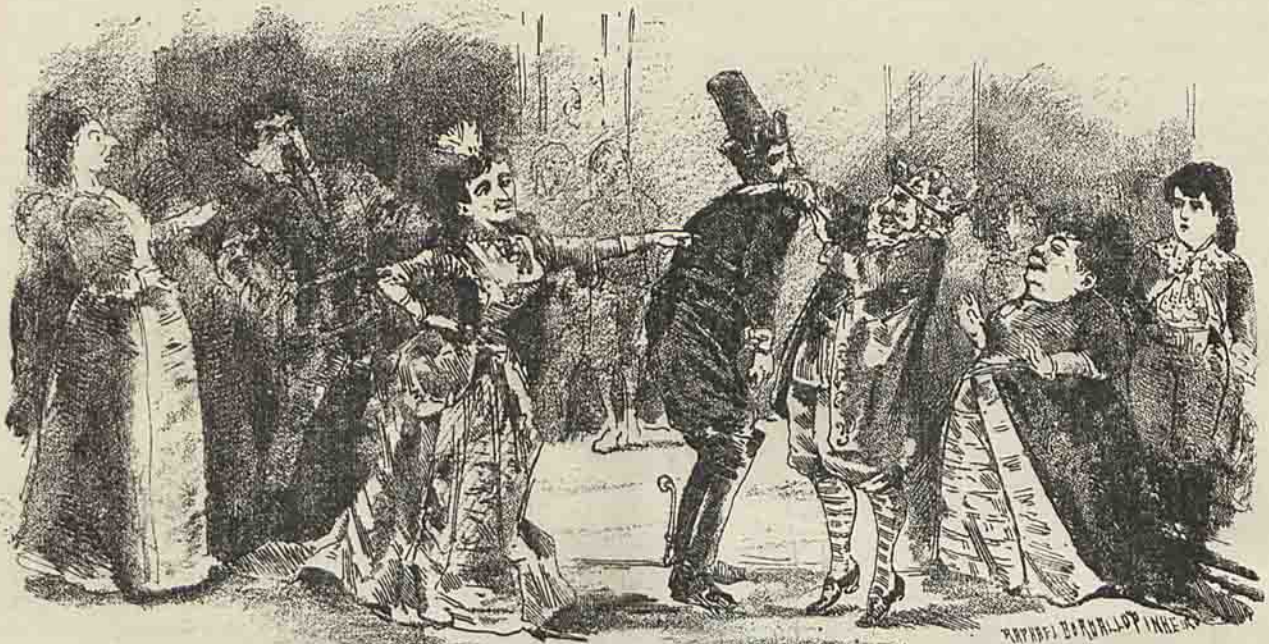
Uma operação financeira internacional



—Minha querida Hespanha: tive noticia de que me fuzilaste *um querido irmão* em Pinos Puentes; faço-te os meus cumprimentos.
—Querido Portugal, não ha de que. Dá cá vinte e cinco contos pelas redes dos meus pescadores que os teus romperam no Algarve, e ficamos quites.

N. B. A Hespanha, no afan d'equilibrar as suas finanças, quando precisa de 25 contos prega com um pescador no Algarve, quando precisa de 50 manda dois.

Theatro da Trindade



O BARBA AZUL

Anna Pereira reapareceu na popular opera de Offenbach. Repete-se com grande gaudio dos espectadores a scena do beija-mão, que só é possivel presenciar na opera-bufa ou nos paços reaes.

Um grão extraordinariamente grão!

No beneficio da actriz dramatica Beatriz, realisado ha poucos dias no Gymnasio, manifestou se n'uma quadra de onze syllabas o maior e mais fabuloso legume de que ha memoria na poesia e nas cearas portuguezas!...

A quadra é a seguinte :

D'um grão sahe a floresta! Brota a idéa
tão grande, que faz sombra á luz do sol!!
Na estreita urna d'um craneo se incendeia
a luz que ás trevas densas é pharol!

Intentamos representar pelo desenho este grão, mas os nossos esforços são baldados!...



Como o leitor deverá comprehender, um grão d'onde

póde sahir o pinhal de Leiria, não cabe verdadeiramente nos limites d'um jornal.

Entretanto, quando isto succede só com um grão, o que fará com dois!...

Com os pasteleiros lisbonenses dá-se n'este momento um caso que muitas vezes se tem repetido na politica.

Todos elles se dão como possuidores do segredo dos celebrados pasteis de Belem, todos elles convidam o publico a saborear, como o mais genuino, aquelle folhado que a par do Xaropé James fez durante os ultimos vinte annos a fortuna d um dos mais populosos suburbios de Lisboa, se bem que o xarope como producto de conservaria nos pareça muito mais innocente e de muito mais facil digestão. Folhas insuspeitas, adversas á politica Franco, representada nos rotulos dos respectivos frascos, são as primeiras a confessal-o.

Na politica dá-se uma contenda semelhante.

Diz o partido regenerador. — Meus senhores: a verdadeira nata da administração sou eu.

Brada o progressista. — Quem quer o melhor folhado financeiro que até hoje se tem descoberto?...

Grita o constituinte. — Sahiram agora do forno: Quem quer os meus principios quentinhos... a saltar?...

E ao longe ouve-se já a voz de Luciano Cordeiro que apregoa: — Sou eu que tenho a receita, sou eu! Quem os quer dos finos a derreterem-se na bocca!...

Sómente dois pasteleiros emeritos, um com balcão na

camara dos dignos pares e outro com balcão nas visinhanças de S. Nicolau, isto é,—o *pasteleiro* Bolama e o *pasteleiro* Rosa, continuam a fazer o seu negocio á antiga portugueza, sem annuncios nem *reclames*, certos que embora a freguezia os abandone um momento, a posteridade saberá fazer justiça á nata e ao folhado de que ambos possuem o segredo, um na politica e o outro na conservaria.

—•••—

A PERNA DE PAU

(REMINISCENCIAS D'UM GEOGRAPHO)

Agora que tanto se tem fallado na *tia Gertrudes da Perna de Pau* a proposito de, a esta honrada e popular creatura ter succedido a coisa mais natural e ao mesmo tempo a mais triste que póde succeder a qualquer de nós,—morrer; é occasião do *Antonio Maria* provar aos leitores que o seu lapis não se apara só em homenagem ás celebridades de S. Carlos e ás da politica.

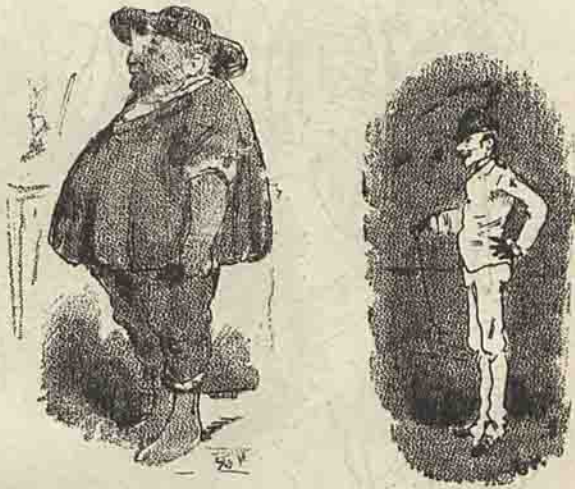
E a prova é a seguinte :



Eis aqui copiado do natural o retrato da *tia Gertrudes*. O *Antonio Maria* liga a memoria d'esta sympathica phisionomia á d'uns excellentes linguados fritos acompanhados d'uma fresca e viçosa salada, que no popular recinto devorou n'uma tarde de verão, ha cerca de tres mezes, ao realisar uma viagem de exploração pelos arredores de Lisboa, na companhia de alguns geographos eminentes da mais fina sociedade.

Não trouxemos de lá o segredo do Cubango, nem nenhuma carta amorosa de qualquer official de cavallaria; em compensação, porém, trouxemos a reminiscencia necessaria para podermos apresentar os traços phisionomicos da velha *tia Gertrudes*, que sempre se obstinou em não deixar retratar-se.

Agora mais duas figuras.



O typo do hortelão e o d'um dos mais assíduos frequentadores.

Um criado com a couve e o outro com o *sport*.

Prova-se por estas simples palavras e estes simples desenhos que os geographos lisbonenses sabem, pelo menos, guardar como bons alfacinhas a memoria da boa alface que comem.

Accusando a recepção do ultimo *Antonio Maria*, a *Correspondencia de Coimbra* aponta a caricatura de Valentim, a quem denomina—*aquelle porcalhão do Martinho*.

Valentim acaba de protestar perante nós, contra tão affrontoso epitheto. Sente-se, e com razão, offendido no que tem de mais intimo em caspa, e affiança-nos que a indisposição que a *Correspondencia* manifesta, provem de elle se não prestar a ser instrumento de odios partidarios.

A *Correspondencia*, quando ha pouco esteve em Lisboa, quiz subornar o Valentim, afim de ver se o levava a deitar no café uma descompostura politica, que a *Correspondencia* desejava que dois freguezes progressistas engulissem,

Mas, perante o café do Martinho, o Valentim não distingue côres. Nem o proprio café a tem.

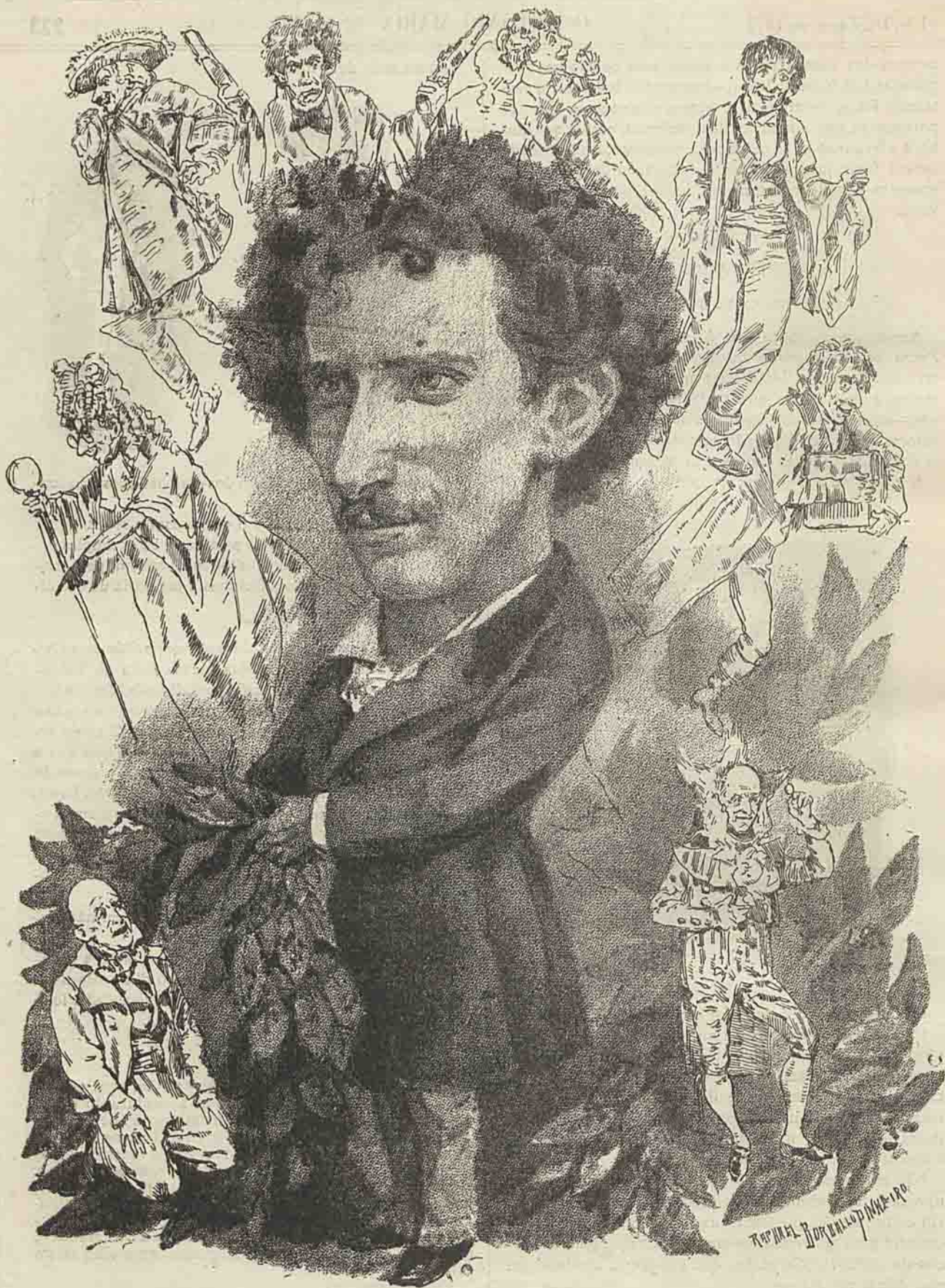
O unico a quem elle seria capaz de propinar a peçonha d'um artigo de fundo, seria a Pedro d'Alcantara—o imperador, o freguez que menos gorgeta tem dado, logo depois de Pedro d'Alcantara—o jornalista.

Na cidade, n'este momento, não se falla, nem no ministerio, nem no *Coq Hardy*, nem na fechadura do tribunal militar de Santa Clara, nem na inscripção de 500\$000 réis, nem na saia que a sr.^a Beatriz recebeu na noite do seu beneficio, nem no talento com que o *maestro* Antonio Duarte faz uma mayonaize de marisco, sem lhe metter nenhum trecho d'opera, nem finalmente no Tony-Grice, nem no partido novo—falla-se apenas na loteria hespanhola do dia 23 e no cambista Fonseca, que jura por todos os *boleros* de Hespanha, apanhar a sorte grande e repartil-a por todos os seus freguezes, quer elles sejam republicanos, quer não.

Vide o annuncio.

Theatro da Trindade

Hoje 11, festa artistica do actor Ribeiro com a MADAME FAVART



Assim como d'um grão, no dizer d'um poeta, póde sahir uma floresta, da cabeça d'este actor sae uma floresta de typos, que nós todos temos applaudido, e continuaremos esta noite a aplaudir.

NOVIDADES DA SEMANA



Papagaio real, para Portugal. Quem passa?
— É o rei que vae para a caça.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

Travessia pelo tribunal da Boa-Hora

(RECORDAÇÕES D'UMA TESTEMUNHA)



Conduzidos por este illustre advogado transporemos a porta do templo, sem os olhos tapados, porque o templo conhece-se bem pelo cheiro.

VENHA A ESPONJA PARA DESPEGAR ESTE SR.

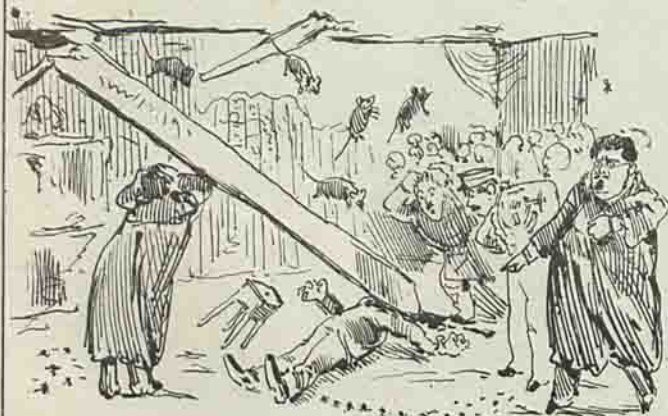
N'este templo quando uma pessoa se encosta á parede, fica pegada ao cebo que reveste o santuario da justiça.



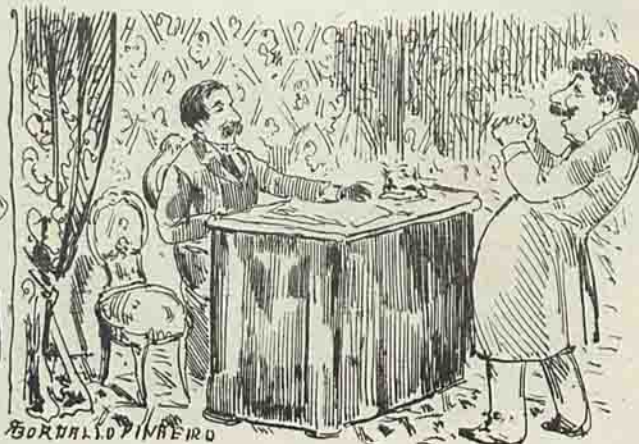
Os escrivães, quando se levantam para ler um processo, trazem a cadeira pegada ao fundo dos autos.



Um advogado, entusiasmado-se, grita: — Srs. jurados... — dá um murro na mesa e a mesa deita-se...



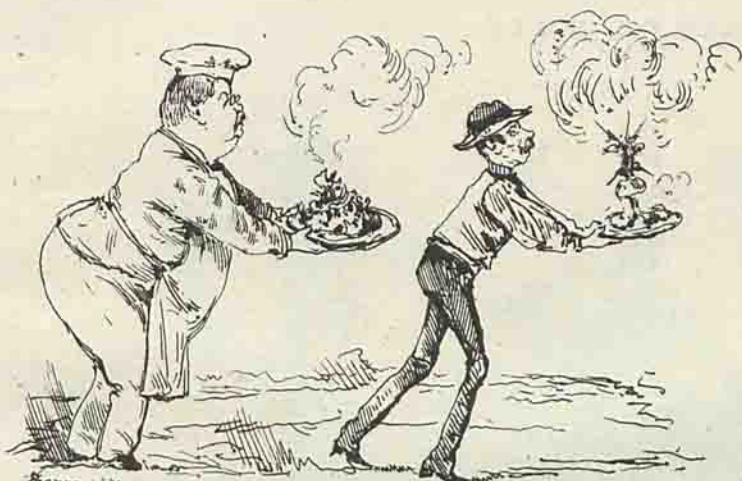
Conta-se que uma vez, uma taboa despegando-se do tecto matou um réo que ia ser condemnado. E dizem que acabou a pena de morte!...



Até continuarmos a travessia para a semana, descancemos um momento no oasis da 2.ª vara civil, o unico trato de terreno civilisado e limpo que existe no edificio.

BORNALDO VAREIRO

Erratas ao numero anterior



BORDALLO PINHEIRO

É cosinheiro muita gente boa,
Fidalgos cosinheiros tem Lisboa.

Podia ter dito Bocage, se não se lembrasse de dizer outra coisa.

Procuraram-nos dois *dilettanti* da cozinha portugueza, pedindo-nos para fazermos em seu nome a declaração de que não trabalham para publico na especialidade em que são simples *amadores*. Um está sómente resolvido a fornecer ao publico *mayonaise* de operas e o outro escabeche de folhetins.

Devemos confessar que no nosso ultimo numero não quizemos lançar um vituperio sobre o *maestro* Antonio Duarte, attribuindo-lhe a prenda de saber fazer alguns apetitosos manjares:



O nosso escriptorio foi invadido por uma turba de amigos indignados, querxando-se do retrato de Moura Cabral não ter sahido parecido.



Aqui está o auctor do *Paris em Lisboa* tal qual, com leves modificações, sahi das mãos do Creator. Se não acharem ainda bom, tenham a bondade de ir ao Filon.



Sobre a nossa cabeça cahiu uma verdadeira chuva de cartas e de photographias, enviadas por diversas damas, que pediam uma rectificação. Soceguem, minhas senhoras.



BORDALLO PINHEIRO

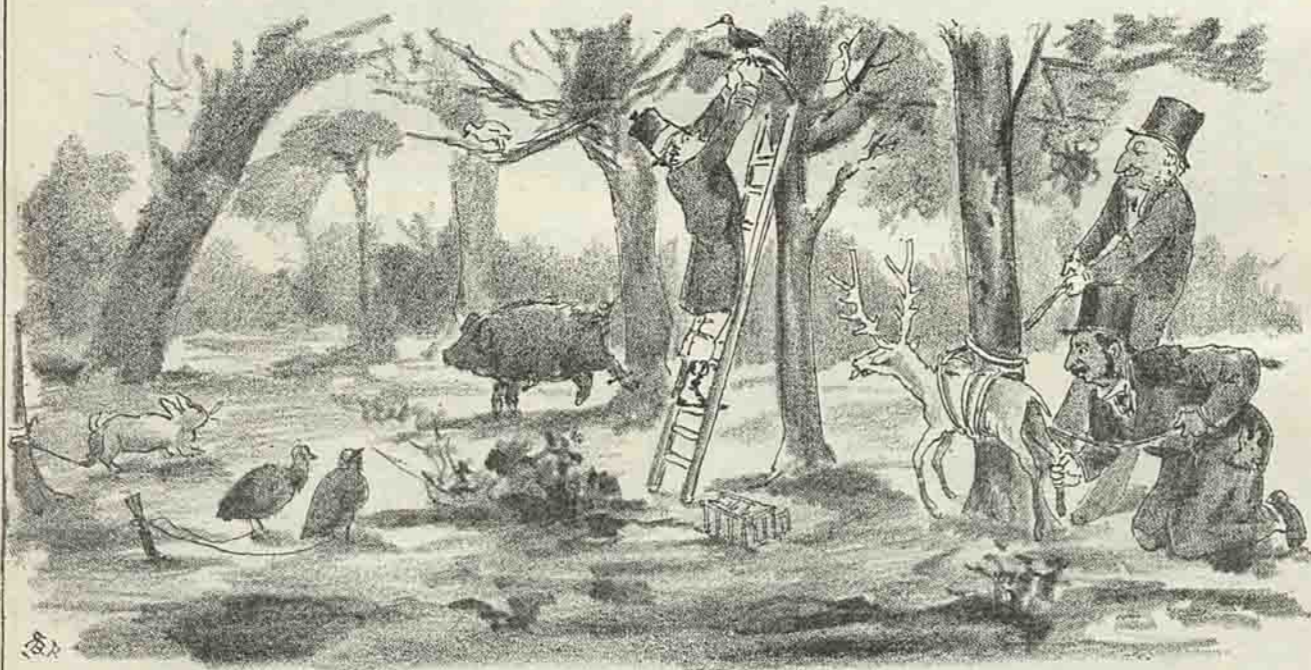
ONDE ESTÁ O GRÃO?

O auctor do *grão*, dedicado á gentil actriz dramatica Beatriz, pede-nos para declararmos que para a outra vez, em noite de beneficio, lenciona supprimir o legume e deixar só a inscripção.

A CAÇADA REAL



Partem os emissarios com os preparativos para a festa.



Adorna-se o bosque e collocam-se as rezes por cathogorias; os coelhos para a comitiva e as corças para os reaes caçadores. As rezes aguardam respeitosamente as ordens de sua magestade.

Secção das rapozas



A rapoza administradora da casa de Bragança assiste á caçada em logar seguro.



A rapoza do partido reformista continua guardando o gallinheiro ministerial, em logar mais seguro ainda.

A CAÇADA REAL



Começa a funcção. — Póde vossa magestade atirar, que o veado está prompto para cahir á primeira voz.



O que póde acontecer na caçada é sua alteza o archiduque enganar-se e matar o cavallinho do sr. commandante da municipal, suppondo atirar a um coelho portuguez.

Theatro de S. Carlos

A proposito do «Trovador»



Trovador foi pretexto para a platéa de S. Carlos entrar mais um baritono Mendioroz (leia-se *Mendes do Arroz*) já não pertence ao numero dos vivos; *foi mais um baritono que voou da terra*, como diria o sr. Cezar de Lacerda nos seus tempos de poeta!...

Entretanto a empreza de S. Carlos ahi anda outra vez á procura de baritono, que esteja em estado de ser pateado.

É uma diversão que a platéa de S. Carlos já não dispensa todas as semanas,—dar cabo d'um baritono.

Vamos lá que podia ser peor.

O tenor Bulterini puxou á feira quanto pôde a opera moída por todos os realejos e assobios do globo.

De *Mendes do Arroz* não podemos dizer *as botas lhe sejam leves*, porque na verdade lhe foram muito pesadas.

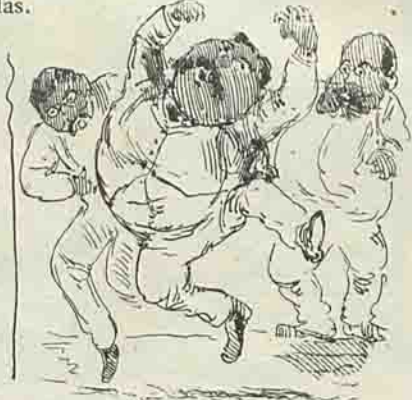


Reduzzi procurava consolal-o, dizendo-lhe que as pateadas, em os cantores se costumando a ellas, levam-se com uma perna ás costas.

—Aqui estou eu que em as não levando já estranho...



Madame Fricci, em compensação de mademoiselle Borghi-Mamo se apresentar branca, apresentou-se preta.



Grande alegria no seio do partido constituinte pelo exito que os pretos alcançam este anno em S. Carlos.



Foi uma revelação profunda para o Antonio Maria a nova metamorphose da prima-dona Erminia Borghi Mamo! Pois que Leonor? és tu a Selika da Africana?... és tu a celeste e preta Aida?...

— Sou isso de quando em quando — diz ella — mas agora abjurei; tiz-me branca!..

— *Molto bene. Mai più di naço.*



Theatro lyrico — O POLIUTO

O tenor Tamagno tem uma voz immensa como elle, e grande como o seu nome. No dueto com a Borghi Mamo todos os espectadores se julgaram no paraizo, excepto os do *paraizo*, que se julgaram na superior.

N. B. Alguns criticos affirmam que Tamagno canta um pouco pelo nariz; se assim é, cantando elle tão bem, deve forçosamente cantar pelo nariz da Borghi-Mamo.

O numero do PARIS-MURCIA



— Ora a fallar a verdade, ha reis que escrevem peor do que eu! ...

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

THEATRO DE S. CARLOS



Constipação lyrica dividida em duas partes. A empreza serviu a missa como um xarope, mas a larynge do tenor mostrou-se rebelde a todas as tentativas.

Missa do gallo para as familias e de gallinha para as bailarinas que a ouvem dos camarotes.

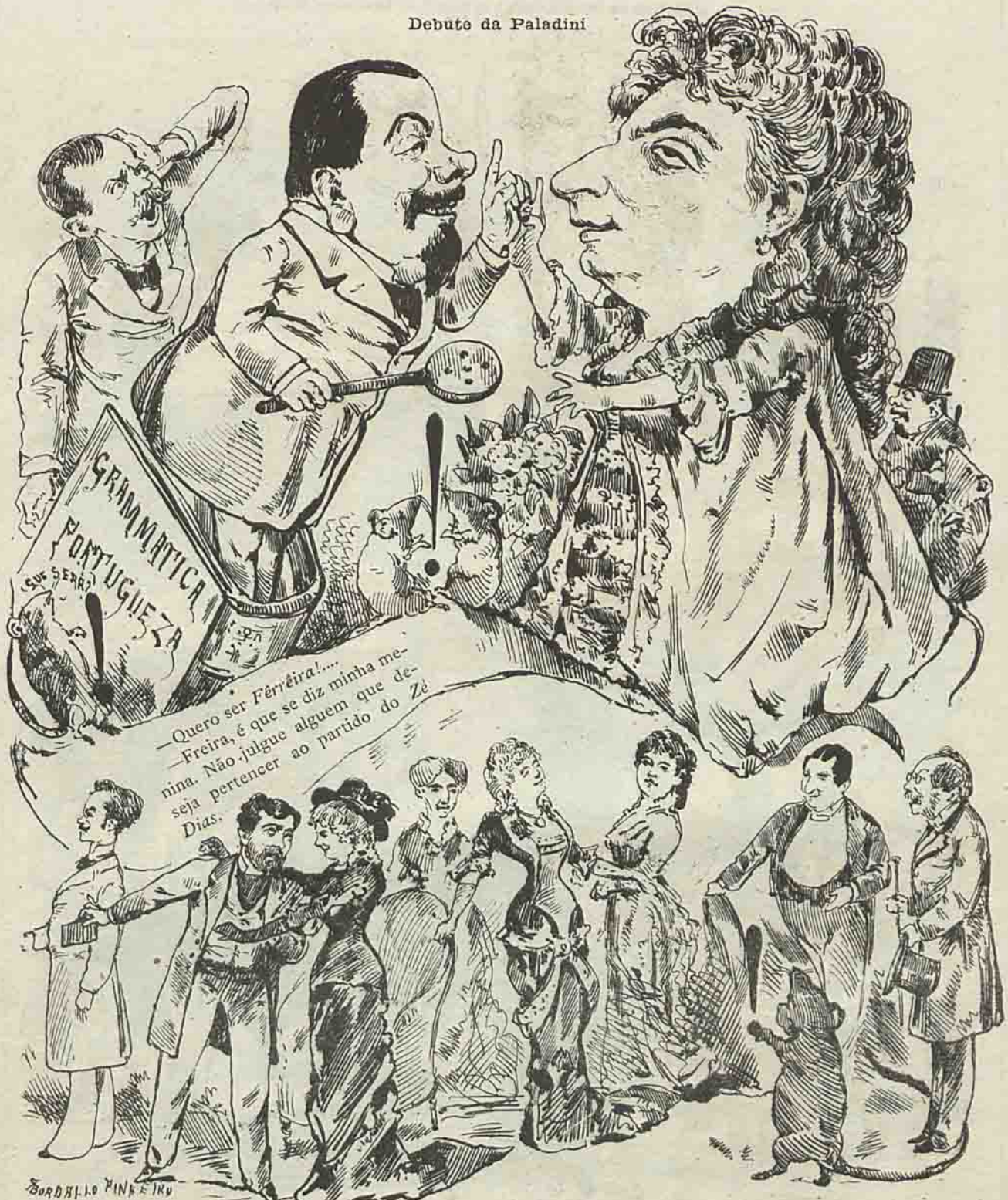
Pede-se ao sr. baixo que não torne a cantar senão de casaca, ainda que tenha de ser sacerdote no *Polito*. A sua corda de voz ageita-se muito melhor aos trajes profanos.

Na primeira parte um corista cantou de chinó, na segunda recantou calvo. Ignora-se se isto é reclame a cabelleireiro, ou a pomada para fazer cair o cabelo.

BOQUILLO MINH RIND 5

Theatro de D. Maria II

Debutê da Paladini



— Quero ser Fêrrêira!...
— Freira, é que se diz minha me-
nina. Não julgue alguém que de-
seja pertencer ao partido do Ze
Dias.

BORDALLO PINHEIRO

A Dora de Sardou admiravel! A Paladini um prodigio, mostrando que uma italiana pode aprender portuguez mais facilmente do que um deputado.

Desempenho esplendido communicando-se a *chamma*, a todos os actores. O sr. May, professor d'instrucção primaria de tragicas, partilha da ovação geral.

Os ratos admirados de tamanha enchente levantam-se nos bancos estupefactos requerendo para seu socego o Coq-Hardy, a Roça Miguel, ou arsenico.

O ULTIMO DIA DA CAÇADA REAL

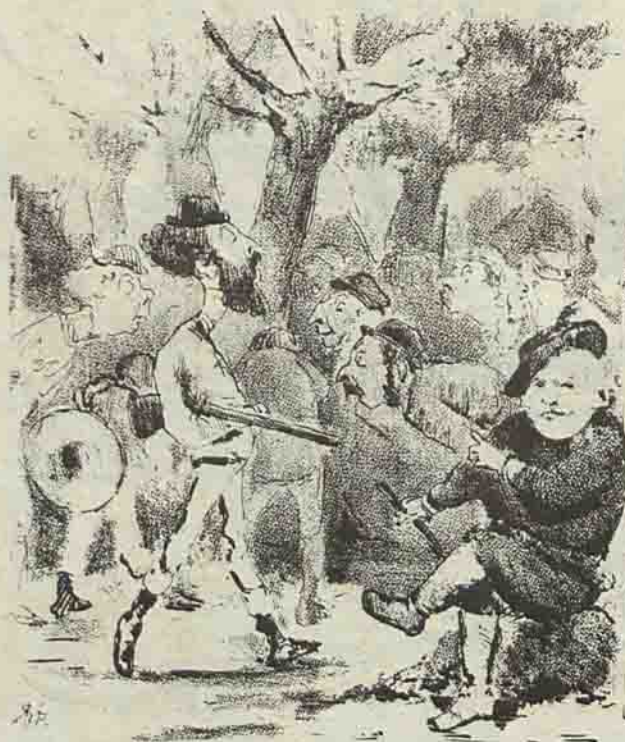
(SEGUNDO OS TELEGRAMMAS ENVIADOS AO DIARIO DE NOTICIAS)



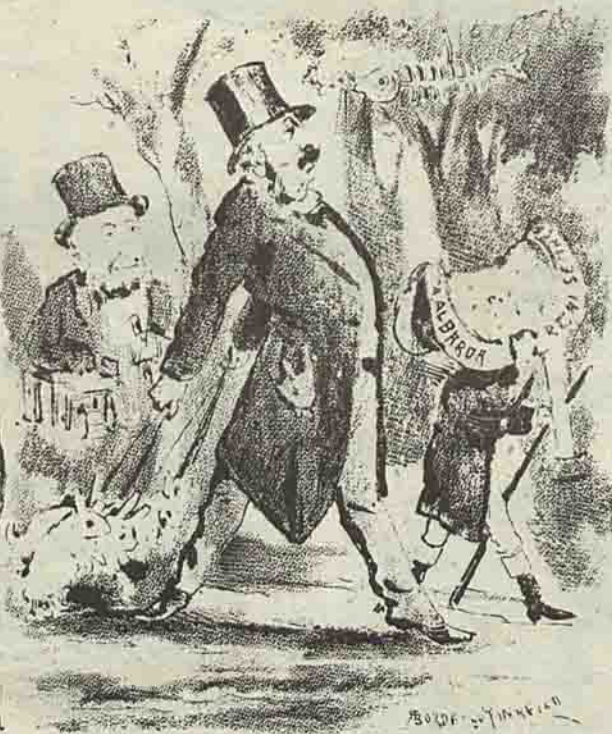
1.º O sr. administrador da coelheira real, a fim de proporcionar uma nova surpresa aos reaes caçadores, colloca n'uma arvore um d'esses passaros raros, vulgarmente conhecidos pelo nome de pargos.



2.º O principe depois de se admirar por ter morto uma lebre fóra da tapada, pois não fazia idea de que ellas corressem, atirou a um bibe e matou-o. Parece que o bibe estava dependurando n'uma arvore a enxugar.



3.º Sua magestade feriu um bufo e no dia seguinte manifesta desejo de saber aonde ella tinha cahido. A comitiva parte a cheirar por toda a parte. Todos sentem a ave, mas ninguem a vê.



4.º **Epilogo da festa**
O sr. Nazareth volta a pé, com o resto da caça miuda, em consequencia dos reaes atiradores lhe terem caçado o burro quando se acabou a caça grossa.

O PRESEPIO NACIONAL

(ALLEGORIA INNOCENTE AOS PRESEPIOS DE BARRO, SEM VISLUMBRE DE OFFENSA Á CRENÇA DOS ASSIGNANTES E COMPRADORES AVULSO, SALVO SEJA)



No presepió nacional adora-se o *Messias da Lapa*. Zé povinho é, como sempre, o burro á espera da albarda, real senhor!
Os reis pretos mostram-se d'esta vez dissidentes, o que não admira atento a que o *Messias* não é o verdadeiro.

NO TRIBUNAL DA BOA HORA
O PERCEVEJO E O JUIZ



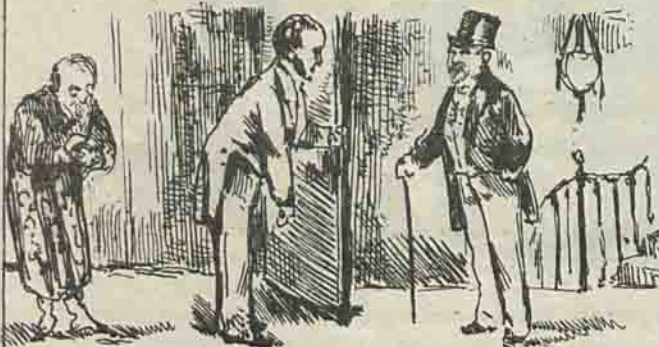
A razão de um estar gordo e o outro magro é que em quanto o juiz suga sómente os reus, o percevejo suga os reus e o juiz.

A CAÇADA REAL

OS QUE NÃO FORAM À CAÇADA E FINGEM TER IDO



Em quanto sua magestade caça bufos, varios membros da sociedade elegante, para se fingirem convidados, fecham-se em casa a caçar moscas.



— S. ex.^a está em casa?
— S. ex.^a está na caçada. Matou agora mesmo uma varejeira.



Dois brasileiros do Minho, ouvindo dizer que ha caçada em Villa Viçosa, partem para lá a ver se caçam uma comenda.

A NOSSA CAÇADA

Eram 11 horas da noite de segunda feira ultima. Reclinado sobre a sua meza de trabalho, phantasticamente illuminado pela chamma azulada de um ponche inspirador, o Antonio Maria desenhava vagarosamente a primeira pagina, quando de subito sente bater duas argoladas á porta.

Mandou abrir.

Em baixo havia um vozear confuzo de gente que discutia. O ruido foi-se aproximando. Pela escada sentiu-se o ruido estranho de gente que arrastava o quer que fosse, e não tardou que a porta do escriptorio se abrisse com estrondo dando ingresso a alguns homens que seguravam nos braços um vulto de fórmas estranhas!

O Antonio Maria ia a interrogar os recémchegados, quando estes balouçando no ar o fardo que seguravam o deixam cair bruscamente no chão, patenteando claramente á luz do ponche um enorme veado, nedio, hirto, diabolico e gordo!

Era uma scena digna de Hoffman—e do Matta!...

Sua Magestade dignava-se, das alturas do solio, enviar uma rez ao mais humilde dos seus caricaturistas!...

Se lhe enviasse um conselheiro, elle não o accitaria provavelmente. Que sua magestade nos perdoe, mas a carne de conselheiro, ainda que seja effectivo e tenro, não é das que mais apreciamos.

Gloria ao excelso soberano, bradou o Antonio Maria sentindo arder no peito a mais intensa chamma monarchica!

Antonio Maria sentiu-se n'aquella hora, ingenuamente o confessa, um pouco Rosa Araujo. Com mais outro veado ficava cocó legitimo!

Entretanto, com quanto não esteja ainda de todo abollamado, cumpre-lhe agradecer o brinde com que sua magestade provou ser antes de tudo um homem de espirito. Agora vamos provar o veado.

A NOSSA CAÇADA



PARA O TEMPERO É QUE EU F'RO DOU COMAG'N'O ASSIM, SE QUIZERM

O brinde de S. Magestade Fidelissima

O veado recebido pelo Antonio Maria é preparado por toda a litteratura portugueza segundo os diferentes processos. Concorde-se por unanimidade de votos que o traço d'união entre o romantismo e o naturalismo é o assado.

A curée constitucional

DEPOIS DA CAÇADA E ANTES



— Bon appétit, messieurs.
(Graças a Deos nosso senhor, o apetite é bom).

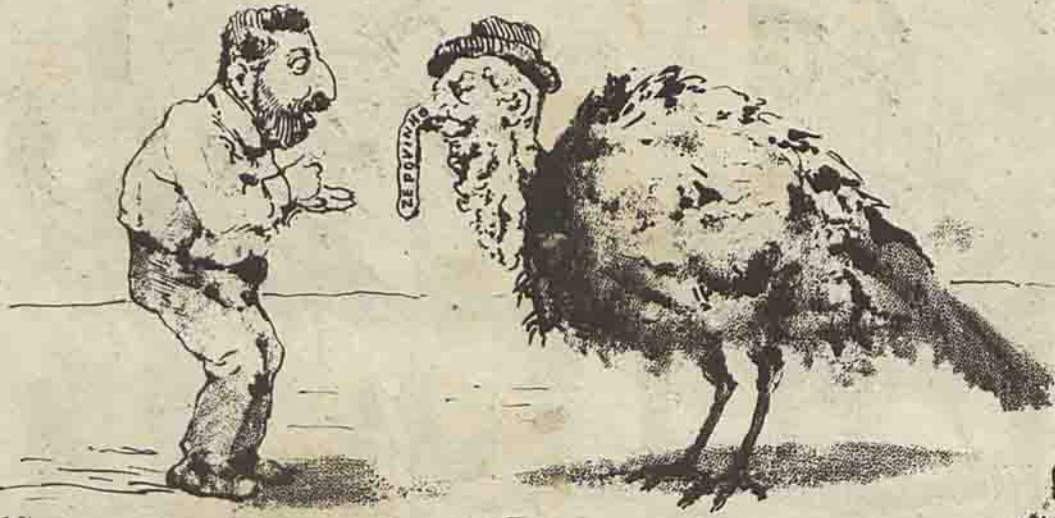
Revelação d'um financeiro

PEÇO A V.Ex.^a QUE RESERVE PARA MIM DOIS KILOS DOS QUARTOS DE TRAZ, SIM?



O sr. Burros Comes recebeu um veado de presente e em lugar de o comer vende-o aos kilos. Desmente assim o nome.

O NATAL



Perum velho, não ha de casar senão com um ministro que o ha de esfolar!

AS ARVORES DO NATAL



Arvore regeneradora que deu fructo o anno passado.

Arvore progressista que dá fructo este anno. Que tal será a do anno que vem?



DR. ALLO PINHEIRO

Antonio Maria pede desculpa aos leitores de qualquer offensa, mas não foi por mal. Para o anno que vem será peor.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

